

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
INCLUSIVA – MESTRADO PROFISSIONAL
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS E PROCESSOS
FORMATIVOS DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

**ENSINO COLABORATIVO: POSSIBILIDADES DE
INTERLOCUÇÕES E PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS ENTRE
PROFESSORES**

SIRLEI BATISTA FRANCO CARVALHO

**MARINGÁ
2022**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA –
MESTRADO PROFISSIONAL
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS E PROCESSOS FORMATIVOS DE
EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

**ENSINO COLABORATIVO: POSSIBILIDADES DE INTERLOCUÇÕES E
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS ENTRE PROFESSORES**

Dissertação apresentada por SIRLEI BATISTA FRANCO CARVALHO ao Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva – Mestrado Profissional da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para obtenção do título de mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Práticas e Processos Formativos de Educadores para Educação Inclusiva.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. NERLI NONATO RIBEIRO MORI

MARINGÁ
2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

C331e Carvalho, Sirlei Batista Franco
Ensino colaborativo : possibilidades de interlocuções e proposições pedagógicas entre professores / Sirlei Batista Franco Carvalho. -- Maringá, PR, 2022.
234 f.igs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Nerli Nonato Ribeiro Mori.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teoria e Prática da Educação, Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI), 2022.

1. Educação - Inclusão. 2. Educação - Ensino colaborativo. 3. Formação de professores. I. Mori, Nerli Nonato Ribeiro, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teoria e Prática da Educação. Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI). III. Título.

CDD 23.ed. 370.71

SIRLEI BATISTA FRANCO CARVALHO

**ENSINO COLABORATIVO: POSSIBILIDADES DE INTERLOCUÇÕES E
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS ENTRE PROFESSORES**

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Nerli Nonato Ribeiro Mori (UEM)

Profª. Drª. Dorcely Isabel Bellanda Garcia (Unespar-Paranavaí)

Profª. Drª Katia de Abreu Fonseca (SME – Bauru)

Profº. Drº Gilmar Montagnoli (Suplente interno)

Profª Drª Aline Tacon Dambrós (Suplente externo)

Data de Aprovação

DEDICATÓRIA

Aos meus colegas professores, que diariamente dedicam-se em busca de proporcionar acesso à aprendizagem dos alunos público-alvo da Educação Especial; que esta pesquisa possa trazer um pouco de luz para seguirmos caminhando e almejando uma educação pública de qualidade.

Aos alunos, público-alvo da Educação Especial, toda minha pesquisa é para que vocês possam se apropriar do conhecimento científico respeitando o ritmo, o tempo e as possibilidades de cada um.

Aos pais dos alunos com alguma deficiência, transtorno, altas habilidades/superdotação e ou dificuldade de aprendizagem, todo o meu respeito pela luta que travam diariamente para que seus filhos serem inclusos e terem o direito de aprender: vocês são verdadeiros heróis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me amparou nos momentos de angústia e desespero, concedendo-me sabedoria e discernimento para que pudesse realizar este trabalho;

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Nerli Nonato Ribeiro, pela paciência e confiança;

Ao meu esposo, Luciano Junior, companheiro e grande incentivador, que esteve ao meu lado participando e me auxiliando em cada momento; sem você não conseguiria;

As minhas filhas, Heloisa e Isadora, que apesar de serem tão pequenas entenderam a minha ausência e são minha motivação diária para viver e lutar por um mundo melhor;

À minha colega de trabalho, Simone Martins, que por inúmeras vezes ouviu, acolheu, estendeu a mão, me apoiou, aconselhou e dando forças para eu continuar meu trabalho; você é minha inspiração na vida e na profissão;

Aos professores doutores da Banca de Defesa: Dorcely Isabel Bellanda Garcia e Katia de Abreu Fonseca, pelas contribuições que certamente enriqueceram este estudo;

À coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva – PROFEI, Prof^a Dra. Meire Calegari Falco, e à coordenadora adjunta, Prof^a Dra. Gizeli Aparecida Ribeiro Alencar, que não mediram esforços para responderem nossas dúvidas e nos acolher nas horas de incertezas e angústias; exemplos de profissionais e seres humanos a serem seguidos;

Aos docentes do Curso de Mestrado, minha gratidão e respeito por compartilharem seus conhecimentos;

À turma do Mestrado, amigos inesquecíveis e parceiros nessa jornada;

A minha amiga de linha de pesquisa e para toda a vida, Maria Elizabeth Dumont Negrelli, com a qual compartilhei lágrimas, lamúrias, risadas e conquistas durante o período do mestrado e nos tornamos grandes confidentes e incentivadoras uma da outra;

À minha analista, Cândida Martins, todo o meu respeito e admiração, por me ouvir e me levar a perceber os caminhos que estava percorrendo e assim continuar encontrando forças para escrever;

Aos meus colegas professores, que participaram do curso proposto em Ensino Colaborativo e que tornaram possível a realização desta pesquisa;

Ao diretor Edmar da Silva, gestor do Colégio Tiradentes, de Umuarama – Paraná, colégio em que trabalho há algum tempo e pelo qual tenho muito carinho. A você todo o meu respeito e admiração e meu muito obrigada por permitir e colaborar com esta pesquisa;

A minha sogra, Maria José, que sempre me incentivou, ouviu e rezou por mim, um exemplo de mãe, avó, esposa, filha, profissional; sou sua fã;

A todos os meus amigos que compreenderam minha ausência em alguns momentos em que me dedicava à escrita, muito obrigada por me esperar;

Ao meu pai, Agnaldo, e a minha mãe, Neiva (*in memoriam*), que foram e sempre serão exemplos de humildade e perseverança e que sei que estão orgulhosos do meu esforço e trabalho;

Muito obrigada a todos que, direta ou indiretamente, incentivaram-me por meio de orações, gestos, palavras, orientações; sem vocês eu não conseguiria.

“Nunca sabemos, nem saberemos tudo, é sábio quem é humilde e quem deseja aprender na convivência com os demais” (ERLIN, 2011, p.29).

CARVALHO, Sirlei Batista Franco. **Ensino Colaborativo:** possibilidades de interlocuções e proposições pedagógicas entre professores. nº fls 235. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Profª Drª Nerli Nonato Ribeiro Mori. Maringá, 2022.

RESUMO

A presente dissertação tem como princípio norteador o que rege a Constituição Federal de 1988, a qual define que todos possuem direito à educação e a serem reconhecidos como cidadãos. Este estudo objetivou propor experiências visando à ampliação da participação do professor do ensino regular na elaboração de estratégias pedagógicas, juntamente com o professor especializado, que favoreçam os educandos, assim como a elaboração e a aplicação de práticas colaborativas para nortear o trabalho dos professores na promoção da aprendizagem dos alunos da educação básica. Para esse objetivo, se elaborou e implementou uma formação continuada sobre Ensino Colaborativo com o intuito de investigar se esta poderia beneficiar os professores do ensino comum buscando com que a educação inclusiva pudesse se efetivar. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, pesquisa-ação e pesquisa colaborativa, cujos estudos partiram das experiências das pesquisadoras Mendes, Cappelini, Zerbato, Vilaronga, Zanata, e Rabelo, consideradas precursoras dessa temática no Brasil. Participaram 32 professores da rede estadual de ensino do Estado do Paraná jurisdicionado ao Núcleo Regional de Umuarama, e a coleta de dados ocorreu através da aplicação e análise de formulários, atividades propostas e participação das *meets* realizadas pelas plataformas de aprendizagens *Classroom* e *Google Meet*. Os resultados desta pesquisa foram coletados por meio da compilação de dados a partir da formação continuada sobre o Ensino Colaborativo, em que se constatou que os profissionais participantes da formação perceberam que a parceria entre professor de ensino comum e professor de Educação Especial em sala de aula é de fundamental importância para que se efetive uma educação realmente inclusiva, e que o aluno, além do acesso à sala de aula, também possa ter acesso ao conhecimento sem a necessidade de adaptações complicadas e trabalhosas aos professores.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Ensino Colaborativo. Formação Continuada.

CARVALHO, Sirlei Batista Franco. **Collaborative Teaching: possibilities of interlocutions and pedagogic propositions between teachers.** nº fls.235. Dissertation (Professional Master in Inclusive Education) – State University of Maringá. Supervisor: Prof^a Dr^a Nerli Nonato Ribeiro Mori. Maringá, 2022.

ABSTRACT

This dissertation has as a guiding principle what governs the Federal Constitution of 1988, which defines that everyone has the right to education and to be recognized as citizens. This study aimed to propose experiences aimed at expanding the participation of the regular education teacher in the development of pedagogical strategies, together with the specialized teacher, that favor students as well as the elaboration and application of collaborative practices to guide the work of teachers in promoting the learning of basic education students. To this end, it developed and implemented a continuous training on Collaborative Teaching in order to investigate whether it could benefit teachers of common education seeking that inclusive education could take effect. The methodology used was bibliographic research, action research and collaborative research, whose studies started from the experiences of researchers Mendes, Cappelini, Zerbato, Vilaronga, Zanata, and Rabelo, considered precursors of this theme in Brazil. Participants were 32 teachers from the state school system of the State of Paraná jurisdictional to the Regional Center of Umuarama and the collection occurred through the application and analysis of forms, proposed activities and participation of the meets carried out by the learning platforms Classroom and Google Meet. The results of this research were collected through the compilation of data from the continued training on Collaborative Teaching, in which it was found that the professionals participating in the training realized that the partnership between common education teacher and special education teacher in the classroom is of fundamental importance for the effectiveness of a truly inclusive education, and that the student, in addition to access to the classroom, can also have access to knowledge without the need for complicated and laborious adaptations to teachers.

Keywords: Inclusive Education. Collaborative Teaching. Continuing Education.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1: Definição de Educação Especial, Educação Inclusiva e Inclusão | 27 |
| Quadro 2: Serviços de apoio especializados | 31 |
| Quadro 3: Estágios do Ensino Colaborativo..... | 37 |
| Quadro 4: Aspectos para que ocorra o Ensino Colaborativo | 37 |
| Quadro 5: Distinção entre os papéis dos professores do ensino regular e ensino especial | 40 |
| Quadro 6: Descrição das etapas da formação | 53 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1: Gênero dos participantes..... | 59 |
| Gráfico 2: Participantes de acordo com o Termo de Consentimento..... | 59 |
| Gráfico 3: Local de residência dos participantes..... | 60 |
| Gráfico 4: Nível de escolarização dos participantes | 60 |
| Gráfico 5: Nível ou modalidade de atuação dos participantes | 61 |
| Gráfico 6: Participantes que possuem formação em Educação Especial..... | 61 |
| Gráfico 7: Tipo de vínculo profissional na rede de ensino..... | 62 |
| Gráfico 8: Parceria entre professores..... | 82 |
| Gráfico 9: Alunos da Ed. Especial envolvidos nas atividades da turma..... | 83 |
| Gráfico 10: Possibilidades de planejamento entre professores..... | 83 |
| Gráfico 11: A aprendizagem pode ser beneficiada..... | 84 |
| Gráfico 12: Professores conseguem planejar de forma colaborativa..... | 93 |
| Gráfico 13: Execução de atividades junto ao plano de aula..... | 93 |
| Gráfico 14: Conteúdos apresentados de forma objetiva..... | 106 |
| Gráfico 15: Motivos para fazer o curso..... | 106 |

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

APADA – Associação de Pais e Amigos de Deficientes Auditivos

CF – Constituição Federal

COPEP/UEM – Comitê de Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá

DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais.

DEX – Diretoria de Extensão

ESAP – Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação

LDB/96 – Lei de Diretrizes e Bases

PAEE – Público – alvo da Educação Especial

PROFEI – Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional

SRM – Sala de Recursos Multifuncional

SUED/SEED - Superintendência da Educação/ Secretaria de Estado da Educação

SEED/PR– Secretaria de Estado da Educação do Paraná

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UNICENTRO – Universidade do Centro Oeste

UNINTER - Centro Universitário Internacional

UNIPAR – Universidade Paranaense

APÊNDICES

| | |
|--|-----|
| APÊNDICE A - CRONOGRAMA DO CURSO | 126 |
| APÊNDICE B - ATIVIDADE 3: ESTUDO DE CASO | 128 |
| APÊNDICE C - MODELO DE PLANO DE TRABALHO DOCENTE | 132 |

ANEXOS

| | |
|---|-----|
| ANEXO A – TERMO DE CONCORDÂNCIA DO NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO PARA UNIDADE CEDENTE | 135 |
| ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP | 137 |
| ANEXO C – PROJETO DE EXTENSÃO: 4905/2021 | 141 |
| ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)..... | 147 |
| ANEXO E – FOTOS DOS ENCONTROS NA PLATAFORMA <i>GOOGLE MEET</i> | 151 |
| ANEXO F – PLANOS DE AULA | 153 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 20 |
| 2 PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA | 25 |
| 2.1 Educação Inclusiva – Retrospectiva histórica..... | 25 |
| 2.2 Serviços de apoio ofertados para atender o público-alvo da Educação Especial..... | 30 |
| 3 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DO ENSINO COLABORATIVO | 35 |
| 3.1 Ensino Colaborativo – construção ao longo do tempo..... | 35 |
| 3.2 Ensino Colaborativo no contexto escolar..... | 38 |
| 4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO COLABORATIVO | 44 |
| 4.1 Formação Continuada e os caminhos a serem percorridos | 44 |
| 5 METODOLOGIA | 50 |
| 5.1 Etapas da Formação | 53 |
| 5.2 Ambiente do curso | 53 |
| 5.3 Perfil dos cursistas..... | 54 |
| 5.4. Interlocução Síncrona via <i>Meet</i> | 55 |
| 5.4.1– Primeiro Encontro (17/02/2022) | 55 |
| 5.4.2. Segundo Encontro (03/03/2022) | 56 |
| 5.4.3- Terceiro Encontro (24/03/2022) | 56 |
| 5.4.4 - Quarto Encontro (07/04/2022) | 57 |
| 6. APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DAS ATIVIDADES | 58 |
| 6.1 Atividades Propostas..... | 58 |
| 6.1.2 Desenvolvimento das Atividades Propostas | 58 |
| 6.1.2.1 Atividade 01 – Ficha de identificação..... | 58 |
| 6.1.2.2 Atividade 02 – Entendendo sobre o assunto..... | 75 |
| 6.1.2.3 Atividade 03 – Estudo de Caso | 81 |
| 6.1.2.4 Atividade 04 – Elaboração de Estratégia Pedagógica pelos cursistas..... | 89 |
| 6.1.2.5 Atividade 05 – Relato da elaboração da estratégia pedagógica em colaboração..... | 90 |
| 6.1.2.6 Atividade 06 - Aplicação da Estratégia Pedagógica Elaborada em Sala de Aula | 96 |

| | |
|--|-----|
| 6.1.2.7 Atividade 07– Relato dos cursistas de como foi aplicação da estratégia pedagógica em sala de aula através do <i>Google Forms</i> | 97 |
| 6.1.2.8 - Atividade 08 – Avaliação Final | 105 |
| 7 ANÁLISE DOS RESULTADOS | 112 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 115 |
| REFERÊNCIAS | 120 |
| APÊNDICES | 125 |
| ANEXOS | 134 |

APRESENTAÇÃO

Filha de caminhoneiro e professora, iniciei minha vida profissional aos quatorze anos, em uma escola para alunos surdos (Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos – APADA) na cidade de Toledo-PR, onde exercia a função de auxiliar de professora em sala de aula.

Ao concluir o ensino fundamental, ingressei no curso de Magistério, em nível médio, motivada pelas minhas vivências, por ser filha de professora e estar trabalhando na educação. Após concluir o Magistério, aos dezoito anos, me tornei docente de uma turma de alunos surdos da educação infantil na mesma escola em que já atuava como auxiliar.

Na graduação, optei por cursar Psicologia, pois tinha o desejo de unir minhas duas paixões: Educação e Psicologia. Durante o curso, continuei trabalhando com alfabetização e estimulação precoce na escola de educação básica para surdos APADA de Toledo-PR, onde atuei por sete anos como professora.

Concluí a graduação em Psicologia na Universidade Paranaense (UNIPAR) no final do ano 2000, e fui trabalhar como Psicóloga Escolar em duas escolas de Educação Especial (APAE), nas quais atuei por três anos.

Em 2003, fui aprovada em um concurso público e fui trabalhar como psicóloga em todas as áreas de atuação desse campo do saber, visto que o município era pequeno e eu era a única profissional. Porém, a minha paixão maior sempre estava relacionada com a educação (Psicologia Escolar).

Em 2007, preparando-me para casar, mudar de cidade, necessitava ir em busca de um novo emprego, e prestei concurso para professora de Educação Especial no Núcleo de Umuarama, Paraná, no qual fui aprovada, assumindo em 2009.

Destaco que durante a minha trajetória profissional, sempre primei pelos estudos em busca de aprimoramento e qualificação profissional: fiz pós-graduação em Psicopedagogia pela Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO), em Educação Especial (ESAP) e em Educação Infantil com foco nas Práticas Escolares em Sala de Aula (Faculdade São Braz).

No ano de 2020, sentindo a necessidade de uma nova graduação e de me aprofundar nas questões pedagógicas, concluí minha segunda graduação no curso de Pedagogia (Uninter), e ao término da graduação fui aprovada no Mestrado

Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI. O mestrado, que era um sonho, enfim se tornou realidade.

A esse respeito, cito Zerbato e Mendes (2018, p.148) quando afirmam que “[...] a inclusão escolar de estudantes público-alvo da Educação Especial, requer uma reconstrução do ensino e das formas de ensinar para que se efetive atendimento e educação de qualidade para todos”.

É por essa reconstrução do ensino e das formas de ensinar que sempre me interessei. Devido à minha trajetória e vontade de saber mais sobre como ocorrem os processos de ensino-aprendizagem e as inovações pedagógicas, sigo há trinta e dois anos tentando e com uma história marcada por muitos desejos, decepções e conquistas. Acreditando em uma educação para todos e de qualidade, embarco em mais uma aventura pelo mundo do conhecimento, sempre aprendendo, desaprendendo e refletindo sobre o fazer pedagógico no cotidiano escolar.

Convido os leitores deste estudo para juntos, conhecermos e dialogarmos acerca do Ensino Colaborativo, suas possibilidades e desafios no contexto escolar.

1 INTRODUÇÃO

Em âmbito nacional, a educação brasileira é assegurada pela Constituição Federal de 1988, garantindo os direitos fundamentais e sociais do cidadão. Seu Artigo 208 determina o direito à educação, bem como à matrícula efetivada a todas as pessoas, preferencialmente na rede regular de ensino.

Ao corroborar com a igualdade de direitos disposta na Carta Magna, a Declaração de Salamanca (1994) esclarece e ratifica o compromisso de assegurar a democratização da Educação, independentemente das diferenças dos alunos, assumindo uma proposta inclusiva.

Ao refletirmos sobre o disposto nos dois documentos citados, percebemos que, atualmente, temos uma educação que ainda é insuficiente no que compete as suas atribuições, pois apresenta dificuldades no entendimento e na ação concreta relativas à valorização das diferenças. Diante disso, destacamos que, por ora, as atividades escolares, na maioria das vezes, acontecem em salas de aulas homogêneas, solicitando e reforçando um parâmetro de igualdade no desempenho dos estudantes.

Atualmente, muitas escolas dispõem de uma organização pedagógica, e os professores se queixam de que o aluno público-alvo da Educação Especial não consegue acompanhar os conteúdos repassados. Observamos o desespero desses profissionais sobre o desenvolvimento do trabalho pedagógico (planejamento, instrumentos e avaliações), bem como em atribuir notas e valores a essa parcela de estudantes visto que foram acostumados e formados para trabalhar com grupos homogêneos.

Nessa direção, o desejo de que uma turma aprenda em ritmo semelhante não é alcançável, visto que cada aluno tem sua experiência de vida, limitações e motivações internas diferenciadas, ou seja, cada um aprende de forma diferente do outro. Todavia, ao se depararem com essa realidade, muitos professores ficam desgastados e frustrados ao não autenticar esse desejo. Por isso, segundo Carvalho (2000, p.155), é importante “[...] observar o aluno ao longo de seus processos interativos, nas diferentes situações que a escola propicia”. Defendemos que o professor deva ser capaz de perceber o que o educando traz consigo, assim como se dá a relação entre ele e o aluno, já que ambos possuem referências afetivas e bagagem cultural próprias e distintas.

Paralelamente a essas questões, existe a figura do professor de Educação Especial que, por sua vez, é fundamental na escola e em sala de aula, cujo trabalho deve estar totalmente articulado com as ações do professor do ensino regular. Nessa direção, Vilaronga e Mendes (2014, p.140) enfatizam que “[...] os profissionais da escola que atuam individualmente nas salas de aula não possuem respostas para a maior parte das dificuldades apresentadas pelos estudantes”. E acrescentam que quando trabalham individualmente, não são capazes de realizar os reais processos de ensino para os alunos com deficiência.

Nesse sentido e a partir das reflexões que abarcam a temática da educação inclusiva e o Ensino Colaborativo, nesta pesquisa discorreremos sobre as possibilidades e percalços da organização do Ensino Colaborativo entre o professor de Educação Especial e o professor do ensino comum. Ao partirmos dessa premissa, buscamos propor experiências de trabalho pedagógico que propiciem a ampliação da participação do professor do ensino regular, em conjunto com o professor especializado, na elaboração de estratégias pedagógicas, que favoreçam todos os alunos em sala de aula. Além disso, objetivamos desenvolver práticas colaborativas para nortear o trabalho dos professores e promover a aprendizagem dos alunos da educação básica via elaboração de um plano de intervenção pautado no Ensino Colaborativo para ser desenvolvido em sala de aula pelos professores cursistas com todos os estudantes.

Este estudo ocorreu por meio de um projeto de extensão desenvolvido no formato de ensino remoto, com encontros síncronos e assíncronos através das Plataformas *Google Meet* e *Google Classroom*, com conteúdo ministrados de forma expositiva. Os encontros on-line tiveram início em dezessete de fevereiro de dois mil e vinte dois e término em sete de abril de dois mil e vinte e dois, perfazendo um total de sete semanas, foram ministrados pela pesquisadora, docente Sirlei Batista Franco Carvalho e o último encontro contou com a convidada, professora doutora Kátia de Abreu Fonseca, para encerrar o curso. No primeiro encontro, apresentamos o cronograma de atividades propostas para o curso e um breve Panorama da Educação Inclusiva no Brasil. Nos encontros subsequentes, estudamos, junto aos cursistas, o conceito de Ensino Colaborativo e como implementá-lo, possibilitando ambientes inclusivos nos espaços escolares. Propomos ainda atividades de leitura e preenchimento de formulários utilizando a plataforma *Google Classroom* e *Google*

Forms com vistas a coletar informações sobre as principais dúvidas dos cursistas em relação à temática.

A proposta metodológica teve como princípio norteador a pesquisa-ação e a pesquisa colaborativa, que contou com a participação de 32 professores da rede regular de ensino. Assinalamos que os cursistas são aqui denominados como C1 a C32 para preservar suas identidades. A intenção da formação continuada proposta foi contribuir para a reflexão crítica do professor em relação ao processo de ensino-aprendizagem de seus estudantes. Em relação à natureza da pesquisa-ação, citamos Bandeira (2016, p. 67), para o qual “o potencial da pesquisa-ação com vistas à resolução de problemas advindos da prática social contribui para entender a atuação do professor”.

Como referencial teórico-metodológico, recorreremos aos documentos norteadores¹ da educação brasileira e às seguintes fontes primárias e secundárias: “O que é Ensino Colaborativo”, “Ensino Colaborativo como Apoio à Inclusão Escolar”, “Estratégias Educacionais Diferenciadas para Alunos com Necessidades Especiais”, entre outros.

As etapas deste trabalho consistiram em revisão de literatura; curso de formação continuada aos docentes da rede estadual de ensino, equipe gestora e funcionários da rede pública estadual de ensino do Estado do Paraná jurisdicionado ao Núcleo Regional de Umuarama.

Ao término da formação continuada, realizamos as compilações dos resultados obtidos. Com esta pesquisa, buscamos salientar a importância do Ensino Colaborativo entre o professor especialista e o professor do ensino regular, desenvolvendo ações e estratégias para melhorar a aprendizagem do aluno público-alvo da Educação Especial.

Com esse intuito, pautamos este trabalho na formação continuada de professores e nos estudos referentes ao contexto educacional do público-alvo da Educação Especial de inclusão e suas especificidades. Nosso propósito foi promover reflexões sobre as práticas pedagógicas dos educadores, além de provocar a percepção do Ensino Colaborativo como uma alternativa de trabalho que envolve a cooperação entre o professor do ensino comum e o do ensino especial. Ressaltamos,

¹ Lei de Diretrizes e Base 9394/96; Constituição Federal/88; Diretrizes Curriculares Nacionais.

ao longo da pesquisa, que nessa perspectiva é possível beneficiar todos os alunos, bem como tornar o trabalho do professor do ensino comum menos desgastante e sem a necessidade de realizar o empobrecimento do currículo e/ou ajustes pedagógicos custosos.

Na concepção da educação inclusiva como possibilidade que estimule o Ensino Colaborativo, esta dissertação é composta por seis seções. A primeira seção, iniciamos com a Introdução, possibilitando ao leitor entrar em contato com o tema e a forma como é desenvolvido ao longo do trabalho.

Na segunda seção, abordamos a Educação Inclusiva, seus avanços e os serviços de apoio ofertados de acordo com a legislação vigente no Brasil.

Apresentamos na terceira seção, um levantamento bibliográfico referente ao Ensino Colaborativo; sua construção ao longo do tempo e seu percurso no contexto educacional no Brasil. Atentamos para a relevância de uma pesquisa aplicada quanto às experiências exitosas, em que procuramos aplicar o Ensino Colaborativo no contexto escolar.

Tratamos na quarta seção da importância da formação continuada para uma educação de qualidade e possibilitadora de acesso à aprendizagem.

Discorremos na quinta seção, sobre o percurso pensado para o desenvolvimento da pesquisa utilizando como metodologia e princípio norteador a pesquisa bibliográfica, a pesquisa-ação e a pesquisa colaborativa.

Na sexta seção, realizamos a apresentação dos dados e análise das atividades realizadas pelos cursistas. Optamos por manter as respostas na íntegra, pois são subjetivas e muito importantes para entendermos como o Ensino Colaborativo se dá nos espaços escolares.

Na sétima seção, versamos acerca dos resultados da investigação mediante a análise de dados dos instrumentos utilizados na pesquisa de campo (respostas das atividades) e na pesquisa-ação (elaboração do plano de intervenção). Ao nos pautarmos no arcabouço bibliográfico, diagnosticamos critérios que levantaram as possibilidades e os percalços da educação inclusiva visando às ferramentas e metodologias que promovam o Ensino Colaborativo.

Nas considerações finais, tecemos reflexões sobre as informações contidas nos resultados da pesquisa, no diálogo entre orientanda e orientadora, bem como na colaboração da Banca de Qualificação, as quais subsidiaram o tema.

Esperamos que as discussões propostas neste estudo possam contribuir com a reflexão e a formação dos profissionais, conscientizando-os da importância do Ensino Colaborativo para a efetivação de uma educação verdadeiramente inclusiva.

2 PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Conforme a “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva” (BRASIL, 2008, p.14), por muito tempo perdurou o entendimento de que a Educação Especial, organizada de forma paralela à educação comum, seria mais apropriada para a aprendizagem dos alunos que apresentavam deficiência, ou qualquer inadequação com relação à estrutura organizada pelos sistemas de ensino. Essa concepção exerceu impacto duradouro na história da Educação Especial, resultando em práticas que enfatizavam os aspectos vinculados à deficiência em contraposição à dimensão pedagógica.

Empreendemos, nesta seção, uma retrospectiva histórica da Educação Especial no Brasil e dos serviços ofertados para o público-alvo da Educação Especial na legislação brasileira, o que nos levou a vislumbrar possibilidade para educação inclusiva.

2.1 Educação Inclusiva – Retrospectiva histórica

No século XIX, as escolas particulares e de cunho filantrópico tornaram-se referência no atendimento dos alunos com deficiências, dando ênfase a uma educação homogênea na qual estes estudavam com seus iguais, e alunos sem diagnóstico ou sem anormalidade aparente estudavam com seus pares, reforçando o cunho separatista do ambiente escolar da época. Ao refletirmos sobre esse contexto histórico, indagamos: será que após dois séculos houve mudanças significativas no tocante à homogeneidade pensada no contexto educacional e no que tange à separação como critério para formação de turmas/salas de aula?

Sinalizamos que uma pequena mudança ocorreu no século XX, com o advento da Constituição Federal de 1988, na qual foi previsto o atendimento de alunos público-alvo da Educação Especial preferencialmente na rede regular de ensino, conforme previsão expressa no Artigo 208, III:

Art. 208 - O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de:

III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

Em 1990, o Brasil participou da “Conferência Mundial sobre Educação para Todos” em Jomtien (Tailândia), em que coube ao país, como signatário da declaração decorrente da Conferência em questão, garantir e assegurar a universalização da educação para todos. Desse compromisso assinado nasce o Plano Decenal de Educação para todos, o qual foi concluído em 1993 e que objetiva assegurar, até o final de sua vigência, “conteúdos mínimos de aprendizagem que atendam necessidades elementares da vida” a todos os brasileiros (BRASIL, 1993).

No ano de 1994, o Brasil participou, na Espanha, da “Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade”, que deu origem à Declaração de Salamanca, instituindo que, diante dos altos custos em manter instituições especializadas para atendimento dos alunos com necessidades educacionais especiais, as escolas comuns deveriam acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, linguísticas ou outras (KASSAR, 2011). Essa Declaração evidencia que a preocupação dos conferencistas estava centrada nos altos custos da Educação Especial, a qual beneficiava uma minoria de alunos, e não em proporcionar experiências educacionais transformadoras a todos os sujeitos.

Apesar da adesão do Brasil aos documentos internacionais e de diversas políticas implantadas com o intuito de fomentar a inclusão nas escolas de ensino comum, fica notório que há uma discrepância entre os direitos previstos e o que realmente ocorre no cotidiano escolar. A realidade do dia a dia das escolas é que alunos público-alvo da Educação Especial frequentam, ou seja, vão até as escolas, estão em sala de aula; contudo, no que diz respeito a fazer parte/ser parte da educação, ser enxergado e entendido como indivíduo é bem diferente.

Impera no ambiente escolar uma ideia voltada à normalização da pessoa com deficiência. Políticas públicas foram pensadas e criadas para esse público, porém observamos que por trás de tais políticas públicas há interesses voltados à produção, à diminuição de gastos, não percebendo o público-alvo da Educação Especial como indivíduo desejante, mas como “algo” que precisa ser ajustado para chegar o mais perto possível do modelo de ideal que a sociedade impõe.

Sobre essa questão, citamos Kassar, para quem:

[...] a preocupação econômica foi determinante para adoção de políticas públicas na história da educação brasileira e que, muitas

vezes, as escolhas e ações realizadas são incompatíveis para a garantia de direitos sociais (KASSAR, 2011, p. 76).

Temos uma cultura pautada na homogeneidade, normalização, na contenção de despesas, na produção e lucratividade. Quem não corresponde a esse ideal de sujeito imposto culturalmente por uma classe dominante e determinante necessita cotidianamente encontrar forças para ter garantidos seus direitos e seu espaço na sociedade.

Ao relembrarmos a trajetória de luta da pessoa com deficiência, observamos que pouco evoluímos no que se refere à educação como um todo. A esse respeito, Fernandes (2011, p. 133) escreve: “cultura e educação estão associadas e a maneira com que a cultura evolui irá definir o processo de educação de um povo”. Assim, percebemos que pouco evoluímos culturalmente, observamos uma estagnação.

Os documentos legais normatizam que a educação é direito de todos e para todos, e que o público-alvo da Educação Especial deve estar preferencialmente matriculado no ensino comum. Pontuamos que eles até estão, porém será que ocorre uma educação inclusiva e/ou temos um sistema inclusivo?

Julgamos conveniente destacar alguns significados de Educação Especial, Inclusão, Educação Inclusiva em meio a tantos referenciados na vasta literatura e por renomados pesquisadores e documentos normativos. É o que fazemos no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Definição de Educação Especial, Educação Inclusiva e Inclusão
Educação Especial, Educação Inclusiva, Inclusão

| | |
|--------------------|---|
| Educação Especial | A Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, em seu capítulo V, trata da Educação Especial como uma modalidade de educação escolar, sendo oferecida preferencialmente pelo ensino regular, para alunos com necessidades especiais, oferecendo quando necessário serviço de apoio especializado, para atender às peculiaridades da clientela de Educação Especial, sendo dever constitucional do Estado oferecer Educação Especial (BRASIL, 1996). |
| Educação Inclusiva | A educação inclusiva tem como objetivo garantir o direito de todos à educação. Ela pressupõe a igualdade de oportunidades e a valorização das diferenças humanas, contemplando, assim, as diversidades étnicas, sociais, culturais, intelectuais, físicas, sensoriais e de gênero dos seres humanos. Implica a transformação da cultura, das práticas e das políticas vigentes na escola e nos sistemas |

| | |
|------------------------------------|--|
| | de ensino, de modo a garantir o acesso, a participação e a aprendizagem de todos, sem exceção ² . |
| Inclusão da pessoa com deficiência | Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015, Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Para Mendes (2006, p.395) a inclusão passa a ser defendido como uma proposta da aplicação prática ao campo da educação de um movimento mundial, denominado inclusão social, que implicaria a construção de um processo bilateral no qual as pessoas excluídas e a sociedade buscam, em parceria, efetivar a equiparação de oportunidades para todos, construindo uma sociedade democrática na qual todos conquistariam sua cidadania, na qual a diversidade seria respeitada e haveria aceitação e reconhecimento político das diferenças. |

Fonte: Elaboração da autora.

Bueno (2008, p. 49) argumenta que a “inclusão escolar refere-se a uma proposição política em ação, enquanto educação inclusiva é objetivo a ser alcançado”. Mas, em uma sociedade completamente excludente e competitiva, como alcançaremos uma educação inclusiva?

Para termos uma educação e sociedade inclusivas, será necessária a reestruturação escolar, pedagógica, humana, política e social, em que todos os alunos poderão se beneficiar e ter o acesso, a permanência e a aprendizagem (acesso ao currículo), independentemente de suas condições físicas, psíquicas, cognitivas, motoras e sociais.

Assinalamos que no Brasil é muito recente a preocupação com a pessoa com deficiência (seus direitos, suas possibilidades). Recorremos a Mori e Cerezuela quando afirmam que

[...] o atendimento educacional especializado ocorreu ou por caridade e misericórdia social ou pelo benefício da força de trabalho que se poderia obter com a formação das pessoas com alguma deficiência ou transtorno. A discussão sobre a possibilidade de aprendizagem e desenvolvimento do aluno, público-alvo da educação inclusiva, data de poucas décadas, e ganha força recentemente, no terceiro milênio da era cristã (MORI; CEREUZUELA, 2021, p. 20).

Nesse âmbito, o discurso ouvido no ambiente escolar é que não há preparo para trabalhar com os alunos público-alvo da Educação Especial, pois ainda é muito

² <https://diversa.org.br/educacao-inclusiva/o-que-e-educacao-inclusiva/>. Acesso em: 06.02.2022.

recente a inclusão no contexto escolar, já que por muito tempo perdurou a institucionalização e a segregação desse alunado em instituições de cunhos filantrópicos. De acordo com Fernandes:

[...] as escolas devem estar preparadas para trabalharem com todos os alunos, independente das diferenças ou características individuais de cada um deles, e, a inclusão é a oportunidade de todos terem educação de qualidade em salas heterogêneas, onde se aprende com as diferenças, com as limitações, com as habilidades, com respeito” (FERNANDES, 2011, p. 142).

Ainda se pensam em salas de aulas homogêneas, nas quais os alunos aprendem em ritmo semelhante, e se não fazem, ali não deveriam estar. As atividades são desmotivadoras e desinteressantes, e o alunado da Educação Especial é um “peso”, pois necessitam de adaptação de atividade ou são alunos apenas da professora de Educação Especial.

Recorremos a Zerbato e Mendes (2018, p.147) ao enunciarem ser “[...] preciso ampliar a participação de todos e reduzir a necessidade de adequações personalizadas custosas que dificultam as práticas inclusivas do professor da classe comum”.

Como vemos, no século XXI abre-se espaço para uma Educação Especial na perspectiva inclusiva. Em 2008, o documento denominado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem do aluno da Educação Especial nas escolas regulares. O documento em questão aponta que:

Por muito tempo perdurou o entendimento de que a Educação Especial organizada de forma paralela à educação comum seria mais apropriada para a aprendizagem dos alunos que apresentavam deficiência, problemas de saúde, ou qualquer inadequação com relação à estrutura organizada pelos sistemas de ensino. Essa concepção exerceu impacto duradouro na história da Educação Especial, resultando em práticas que enfatizavam os aspectos relacionados à deficiência, em contraposição à dimensão pedagógica (BRASIL, 2008).

Ao analisarmos a citação, verificamos que não seria correto realizar o atendimento pedagógico ao público-alvo da Educação Especial de forma paralela, já que o documento define que a Educação Especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis e etapas da escolaridade. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala

de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Dessa forma, esse percurso da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva nos leva a pensar: qual seria a dificuldade em incluir alunos, já que sabemos que não há homogeneidade e todos os indivíduos têm seu próprio ritmo, estilo e tempo para aprendizagem?

O impedimento para a efetivação de uma educação inclusiva está relacionado às políticas públicas assertivas e efetivas de formação continuada para a comunidade escolar, à falta de respeito às individualidades, sejam do público-alvo da Educação Especial ou não. Acreditamos que somente quando houver um olhar voltado para a educação como prioridade política e social possamos realmente ter a efetivação da educação que vá além do acesso e da permanência, mas proporcione a aprendizagem a todos os educandos. Nesse viés, novamente recorreremos a Kassar quando declara:

No Brasil, o atendimento educacional direcionado às pessoas com deficiências foi construído separadamente da educação oferecida à população que não apresentava diferenças ou características explícitas que a caracterizasse como anormal (KASSAR, 2011, p. 62).

A separação relatada pela autora se materializou na existência de um sistema paralelo de ensino. O fato de os alunos público-alvo da Educação Especial receberem atendimento em lugares separados dos demais alunos perdura até os dias de hoje.

De acordo com Mori e Cerezuela (2021, p.36), “[...] estudar no mesmo espaço físico não caracteriza a inclusão. A inclusão só pode ser assim considerada se houver a oferta de uma educação de qualidade, onde todos se apropriem do conteúdo escolar”.

Fica evidente, na leitura dos documentos legais, que a Educação Especial é pensada como um modelo de trabalho ainda separado dos demais alunos do ensino comum. Na sequência, discorreremos sobre os serviços de apoio para o público-alvo da Educação Especial, ofertados de acordo com documentos normativos.

2.2 Serviços de apoio ofertados para atender o Público-Alvo da Educação Especial

As Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001, p.50) propõem que sejam ofertados serviços de apoio pedagógico especializado nos espaços escolares. No Quadro 2, apresentamos esses serviços.

Quadro 2 – Serviços de apoio especializados ofertados ao público-alvo da Educação Especial

| Serviços de apoio especializado | |
|---------------------------------|---|
| Classes comuns | Serviço que se efetiva por meio de trabalho em equipe, abrangendo professores de classe comum e da Educação Especial, para atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos durante o processo de ensino aprendizagem. Pode contar com a colaboração de outros profissionais, como psicólogos escolares etc. |
| Sala de Recursos Multifuncional | Serviço de natureza pedagógica, conduzido por professor especializado, que suplementa (no caso de superdotados) e complementa de acordo com as necessidades para os demais alunos o atendimento realizado na classe regular. Esse serviço deve ser realizado em local adequado, com equipamentos e recursos pedagógicos necessários para o desenvolvimento do educando em horário contrário ao que o aluno estuda. Alunos da escola, bem como das proximidades podem frequentar. O atendimento é realizado por cronograma e pode ser individual ou em pequenos grupos, de acordo com a necessidade de cada estudante. |
| Itinerância | Serviço de orientação e supervisão pedagógica desenvolvida por professores especializados que fazem visitas periódicas para trabalhar com os alunos que apresentam necessidade educacionais especiais e com seus respectivos professores de classe comum. |
| Professores – intérpretes | Professores especializados para apoiar alunos surdos e surdo-cegos. |

Fonte: BRASIL, 2001.

Tais serviços, citados pelas Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica, nos trazem uma questão: será que acontecem no cotidiano escolar? E mais: O serviço Classe Comum, que deve ocorrer por meio de trabalho em equipe, abrangendo professores de classe comum e de Educação Especial, acontece no cotidiano escolar? O serviço de itinerância, de orientação, supervisão, e acrescentamos que deveria ser de planejamento desenvolvido pelos professores especializado e de ensino comum existe nos espaços escolares? O que ocorre no dia a dia da escolar é o serviço – Sala de Recursos Multifuncional, em período contrário ao que o aluno estuda. Não afirmamos que tal serviço não seja importante ou não deva ser ofertado, porém se acontece em contraturno, nos parece um pouco separatista.

As políticas públicas preveem esse suporte pedagógico nas escolas para os professores e entre os professores, mas não é isso o que ocorre no contexto escolar. Apesar das leis contemplarem um trabalho colaborativo, ainda predomina nas

instituições escolares o pensamento de que os alunos público-alvo da Educação Especial devem ser ensinados por um especialista em Educação Especial, pois é esse profissional que tem o “dom” de ensiná-los e que estudou para com eles trabalhar.

Em 2008, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva passou a direcionar como serviço prioritário o atendimento em Sala de Recursos Multifuncionais. Os municípios e estados deveriam aderir ao programa para obter Salas de Recursos Multifuncionais com os equipamentos adequados. O Artigo 5 da Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, prevê que os alunos público-alvo da Educação Especial devem prioritariamente estar matriculados nessas Salas.

A Resolução ainda define, no Artigo 13, a atuação do professor de Atendimento Educacional Especializado – AEE. Destacamos os incisos IV, VI e VIII, que preveem que cabe aos docentes:

IV- acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e da acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes escolares;

VI – orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade;

VIII - o professor de AEE deve estabelecer articulação com o professor da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovam a participação dos alunos nas atividades escolares (BRASIL, 2009).

No Estado do Paraná, a Instrução nº 09/2018–SUED/SEED (Superintendência da Educação/ Secretaria de Estado da Educação) estabelece critérios para o AEE por meio da Sala de Recursos Multifuncionais nas áreas da deficiência intelectual, deficiência física neuro motora, transtornos globais do desenvolvimento³ e para os estudantes com transtornos funcionais específicos nas instituições de ensino do Sistema Estadual de Ensino. No item 6, que se reporta às atribuições do professor na sala de Recursos Multifuncionais, salientamos:

e) Estabelecer a articulação com os professores da sala de aula comum e com demais profissionais da escola, visando à disponibilização dos serviços e recursos e o desenvolvimento de

³ O termo utilizado atualmente é Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas optamos por manter a fidedignidade do documento orientador da Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

atividades para a participação e aprendizagem dos estudantes nas atividades escolares.

f) Orientar os demais professores e as famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelos estudantes de forma a ampliar suas habilidades, promovendo sua autonomia e participação (PARANÁ, 2018).

A partir da leitura desses documentos norteadores, questionamos: Como os professores farão essa articulação se trabalham em período de contraturno com os alunos, e na maioria das vezes, não encontram os professores do ensino comum, pois trabalham em mais de uma instituição? Como poderia ser feito esse atendimento, em que o professor de Educação Especial trabalharia de forma concomitante com o aluno público-alvo da Educação Especial, bem como com o professor do ensino comum? Haveria a possibilidade de realizar um trabalho de colaboração entre professores com diferentes conhecimentos?

Como respostas a tais indagações, argumentamos que os serviços ofertados poderiam estar no turno do aluno, pois possibilitaria aos professores planejar e implementar, após serem traçados o perfil do educando e a dificuldade apresentada com toda a equipe escolar (equipe pedagógica, professor dos componentes curriculares e professor especialista). Outra forma de efetivação do Ensino Colaborativo seria a disposição, o interesse dos profissionais envolvidos e a percepção de que quando planejamos e pensamos em algum aluno com dificuldade, seja ela de cunho cognitivo, motor, sensorial, emocional ou social, entre outras tantas dificuldades, todos os demais alunos serão beneficiados.

Inquirimos ainda sobre o que nos impede de realizar essa ação se as legislações preveem que haja a articulação entre os professores. Respondemos que resta saber com realizá-la, pois temos uma cultura de trabalho individualista e solitária e uma história de segregação do aluno da Educação Especial ainda não superada. O diferente nos causa estranhamento, impedimentos emocionais que nos paralisam, não avançando para uma educação emancipatória e equitativa. Além disso, a aprendizagem e o desenvolvimento dependem do estreitamento das relações e das oportunidades de aprender mediante vínculos realizados entre professor e aluno e vice-versa.

Aos educadores, não é tarefa fácil trabalhar com a diversidade encontrada em sala de aula. Mas se a educação é direito de todos e para todos, não há como negar a presença das diferenças e da diversidade no contexto.

Observamos que a escola ainda mantém o modelo baseado na relação dupla entre professor e aluno, em que um professor ensina simultaneamente muitos alunos em classe (grupo heterogêneo de alunos), e a imagem que este tem do aluno, na maioria das vezes, é uma interpretação sua, ou seja, um aluno idealizado. Como o ideal não existe, que lugar o aluno público-alvo da Educação Especial ocupa?

Defendemos ser de crucial relevância ouvir o aluno em sua individualidade para que a palavra seja resgatada em toda a sua autenticidade a partir das diferenças. O professor, diante da realidade cotidiana, poderá ajudá-los a avançar diante das muitas questões que encontram no curso de sua trajetória escolar.

A história da Educação Especial é marcada pela separação, porém estudos relativos à parceria entre os professores de Educação Especial e da sala comum, objetivando quebrar esse modelo separatista, começam a ganhar força no início do século XXI no Brasil e muitas pesquisas passam a ser realizadas. Baptista (2013, p. 56), por exemplo, enuncia que: “talvez seja necessário reconhecemos que toda aprendizagem complexa exige ação como motor primordial”. E continua o mesmo autor (2013, p. 59) assinalando que: “[...] não se conformar com as receitas de organização de espaços e de intervenções poderiam constituir um começo para nosso agir como educadores”.

O Ensino Colaborativo, como estratégia pedagógica, passa a ser pesquisado como meio para diminuir o distanciamento entre professores especialistas em Educação Especial e professores do ensino comum, para que juntos possam planejar, elaborar e implementar ações efetivas para o público-alvo da Educação Especial, e para que todos os alunos tidos como “normais” também sejam beneficiados. Ademais, para que os professores não necessitem realizar adaptações individualizadas, tornando o trabalho cansativo e inviável.

Na próxima seção, descrevemos o Ensino Colaborativo como estratégia pedagógica inclusiva, em que professores de Educação Especial e de ensino comum em parceria buscam trabalhar os conteúdos curriculares com todos os educandos respeitando o ritmo, o estilo e o tempo de cada um deles, em um contexto escolar no qual não há homogeneidade entre os sujeitos.

3 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NO ENSINO COLABORATIVO

Pensar em práticas inclusivas que vão além da adaptação e adequação de materiais e atividades não é um trabalho fácil se levarmos em consideração a cultura de trabalho individualizado e solitário no contexto escolar, ou seja, cada um trabalhando com sua especificidade.

Nesta seção, contextualizamos e propomos uma reflexão acerca do Ensino Colaborativo ao longo do tempo e como este se configura no contexto escolar.

3.1 Ensino Colaborativo – construção ao longo do tempo

Ao longo da história, a Educação Especial sempre foi organizada e ofertada de maneira recortada do contexto geral dos debates e formulação de políticas para a educação (RABELO, 2012). Não havia uma preocupação em integrá-la aos demais componentes da educação mais ampla. Isso porque a visão sobre a população de alunos “especiais” era sustentada pelas descrenças nas possibilidades ou ainda de que melhor aprendiam em grupos que apresentavam as mesmas características, e, assim, seguia-se o paradigma da segregação como modelo ideal. Por muito tempo a Educação Especial foi pensada e organizada de forma paralela e com um currículo empobrecido, enfatizando a incapacidade e não as capacidades dos educandos.

Rabelo (2012, p. 47) explana que com o advento do Paradigma da Inclusão, e “com os princípios da educação inclusiva tomados como política educacional, os papéis dos professores do ensino especial e comum precisaram ser redefinidos e reorganizados na escola regular”. Então a presença do professor de Educação Especial torna-se fundamental na escola e na sala de aula. Todavia, para que ocorra uma educação de qualidade, com aprendizagem, é importante que o trabalho do professor de Educação Especial esteja articulado ao professor do ensino regular, colaborando nas adaptações e elaborações de atividades que em muito auxiliarão na apropriação de conteúdo por todos os alunos da classe, quer sejam alunos público-alvo da Educação Especial ou não.

Em consonância com Zerbato e Mendes (2018, p. 148), a inclusão escolar “[...] requer uma reconstrução do ensino e das formas de ensinar para que se efetive atendimento e educação de qualidade para todos”. Por meio dessa reconstrução pode-se propor um atendimento de qualidade e colaborativo não só aos educandos

com necessidades educacionais, mas para os demais estudantes, em que todos se beneficiarão.

No Brasil, os estudos referentes ao Ensino Colaborativo vêm ganhando força por meio de pesquisas acadêmicas que apontam que como estratégia pedagógica este contribui para a melhoria da qualidade do ensino dos alunos público-alvo da Educação Especial. Segundo Vilaronga,

[...] o Ensino Colaborativo é um dos apoios necessários para se fortalecer a proposta de inclusão escolar, defendendo que o aluno PAEE tem o direito de ensino diferenciado no espaço da sala comum, sendo a colaboração entre o profissional da Educação Especial com o da sala comum essencial para construção desse espaço inclusivo, levando em consideração as especificidades de cada profissional e o caráter formativo dessas trocas cotidianas (VILARONGA, 2014, p. 179).

Conforme Capellini, Zanata e Pereira,

“O Ensino Colaborativo é uma estratégia didática inclusiva, em que um professor do ensino comum e um professor de Educação Especial planejam, elaboram e implementam, de forma colaborativa, procedimentos de ensino para contribuir no aprendizado de um grupo heterogêneo de estudantes em classes comuns” (CAPELLINI, ZANATA E PEREIRA 2012, p. 17).

As autoras delimitam as características do Ensino Colaborativo: os alunos, público-alvo da Educação Especial, recebem Educação Especializada no contexto da sala de aula comum da escola regular; é um trabalho de parceria entre dois profissionais, licenciados para ensinar, que atuam em conjunto; ambos participam plenamente do processo ensino e aprendizagem, embora de formas diferentes; os professores devem estar firmemente comprometidos com a ideia de que todos os alunos são “nossos alunos” e não os “meus” e/ou os “seus” estudantes; no processo Ensino Colaborativo todos os profissionais da escola e a comunidade externa devem estar envolvidos para que o mesmo aconteça de forma efetiva.

Gately; Gately (2001) organizam o Ensino Colaborativo em três estágios, como ilustramos no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Estágios do Ensino Colaborativo

| Estágios do Ensino Colaborativo | |
|---------------------------------|--|
| Estágio inicial | Os dois professores se comunicam superficialmente, criando limites e tentativas de estabelecer um relacionamento profissional entre si, mas a comunicação é formal e infrequente, e corre-se o risco de a relação profissional ficar estagnada nesse primeiro estágio. |
| Estágio de comprometimento | A comunicação entre eles se torna mais frequente, aberta e interativa, o que possibilita que eles construam um nível de confiança necessário para a colaboração, e gradualmente o profissional da Educação Especial deve passar a assumir um papel mais ativo na sala de aula. |
| Estágio Colaborativo | Os dois profissionais se comunicam e interagem abertamente, sendo que a comunicação, o humor e um alto grau de conforto são vivenciados por todos, e como resultado, eles trabalham verdadeiramente juntos e a prática docente de um complementa a do outro. |

Fonte: Adaptado de Gately e Gately (2001).

Para a implementação do Ensino Colaborativo, é necessário ter ciência de que ele não nasce do dia para noite, que o seu objetivo central é a aprendizagem de todos os alunos; não pode haver sobreposição de conhecimento entre os profissionais de educação; deve haver diálogo e respeito entre os profissionais. Para que haja sucesso do Ensino Colaborativo, alguns aspectos são necessários, como os que demonstramos no Quadro 4.

Quadro 4 – Aspectos para ocorrer o Ensino Colaborativo



Fonte: Elaboração da autora.

Para o sucesso e a manutenção do Ensino Colaborativo, Keefe, Moore e Duff (2004, p.37) asseveram que quatro saberes são fundamentais para os professores o praticarem: (1) conhecer a si mesmo; (2) conhecer o seu parceiro; (3) conhecer o estudante e (4) conhecer seu ofício.

Ibiapina acresce que

O trabalho em colaboração constitui abordagem relacional em constante movimento de ida e volta entre teoria e prática, ou seja, como agimos, pensamos e que possibilidades o contexto colaborativo potencializa por meio da reflexão crítica na explicitação da unidade teoria-prática (IBIAPINA, 2016, p. 68).

No Ensino Colaborativo não há hierarquias, é o resultado do trabalho mútuo, da partilha de conhecimentos, da responsabilidade e da clareza de seu papel. Também tem papel formativo, pois permite ao professor da sala comum se arriscar e buscar novas metodologias, produção de novos conhecimentos e formação continuada na própria prática em sala de aula, possibilitando aos profissionais troca de saberes e experiências. Contudo, alguns entraves podem ser encontrados para que não ocorra o Ensino Colaborativo, tais como os professores não acreditarem na proposta; falta de tempo para planejamento conjunto; ausência de formação continuada; ausência de polícias públicas que entendam o Ensino Colaborativo como prática pedagógica adequada para aprendizagem de todos os alunos.

Silva (1994, p. 38) pontua que “a multiplicidade das emoções envolvidas na formação gera uma pluralidade de debates e polêmicas, possibilitando encontros, reconhecimento, ao invés de gerar uma relação de aprendizagem desvitalizada e vazia.”

A seguir, versamos sobre como o ocorre ou deveria ocorrer o Ensino Colaborativo no contexto escolar.

3.2. Ensino Colaborativo no contexto escolar

Mendes; Vilaronga; Zerbato (2014) afirmam que a proposta de Ensino Colaborativo não é a do trabalho centrado no aluno com deficiência. Seu pressuposto é que ambos os professores trabalhem com os alunos em sala, adequando as atividades para que todos os alunos tenham acesso e possam participar da atividade planejada para dar alcance ao currículo.

No cotidiano escolar, contudo, observamos a separação entre os professores. O aluno que apresenta alguma deficiência, transtorno ou altas habilidades é percebido como sendo responsabilidade do professor especialista. Diante disso, indagamos: se o foco do Ensino Colaborativo é no trabalho conjunto entre professores, como poderá ocorrer tal trabalho, visto que os horários não são compatíveis para planejamento entre os docentes? Da mesma forma, como implementar o Ensino Colaborativo se a ideia ainda está centrada no aluno com deficiência e não na aprendizagem de todos os alunos?

Sabemos que ser professor é desafiador diante de tantas intempéries no cotidiano escolar: salários defasados, salas superlotadas, falta de tempo para planejar adequadamente, estrutura física escolar inadequada, falta de acesso à biblioteca, tecnologia precária e tantas outras situações. Alguns professores sentem-se sobrecarregados e ainda com dificuldade em aceitar que a inclusão para todos é um direito constitucionalmente garantido.

Para que a efetivação desse direito de fato ocorra, fazem-se necessárias uma mudança de postura e uma reestruturação da escola. Mas qual disposição os professores terão diante de tantas adversidades e/ou acúmulo de trabalho e funções que realizam no dia a dia escolar?

Segundo Oliveira, para que a efetivação desse direito de fato ocorra:

[...] é necessário muita dedicação, envolvimento e trabalho, a fim de rever concepções e, a partir delas, mudar relações e estabelecer uma cultura inclusiva, a qual reconheça a diversidade como a maior riqueza da humanidade, por romper com padrões normativos e práticas pedagógicas homogeneizadoras (OLIVEIRA, 2018, p. 9).

Na escola, é sentida e visível o trabalho solitário dos professores especialistas em Educação Especial, já que o sistema ainda é fragmentado e não prevê que o professor de Educação Especial se encontre com o professor de ensino regular para planejar, pensar estratégias e ações para o aluno da Educação Especial que está incluído. A falta de conhecimento e definições de papéis e funções dos professores também é um dos agravantes, o que dificulta na hora de planejar e executar as ações.

Mendes, Vilaronga e Zerbato (2018, p. 90) asseveram que French realiza a distinção entre os papéis dos professores, o que pode acarretar a fragmentação e a disputa entre a equipe escolar, ao invés de trabalho colaborativo.

No Quadro 5, demonstramos a distinção de papéis realizado em relação à função dos professores no contexto escolar.

Quadro 5 – Distinção entre os papéis dos professores do ensino regular e ensino especial

| Distinção entre os papéis dos professores do ensino regular e ensino especial | |
|--|---|
| Professor especialista | Professor do ensino regular |
| Planejar os objetivos individuais do aluno público-alvo da Educação Especial | Planejar atividades das aulas de acordo com o componente curricular de sua alçada. |
| Prescrever adaptações necessárias para os alunos e discutir as orientações com o professor de ensino regular | Incorporar e sugerir adaptações dentro dos conteúdos do currículo escolar, discutindo as orientações. |
| Avaliar o progresso individual do aluno. | Avaliar o progresso acadêmico das turmas de alunos. |

Fonte: Mendes, Vilaronga e Zerbato (2018, p.90).

Podemos verificar, no Quadro 5, que não sabemos qual é o papel do professor da Educação Especial no contexto escolar. Alguns professores de ensino regular acreditam que eles são auxiliares, que apenas atendem os alunos público-alvo da Educação Especial; assim o trabalho continua ocorrendo de forma fragmentada, individual e solitária. No Ensino Colaborativo, de acordo com Mendes, Vilaronga e Zerbato:

[...] os dois professores devem compartilhar as mesmas responsabilidades no ato de ensinar todos os alunos, não havendo hierarquia de papéis, pois ambos são responsáveis pela aprendizagem em sala de aula e devem propiciar estratégias para que todos os alunos tenham conhecimento (MENDES, VILARONGA, ZERBATO, 2018, p.97).

Assim, quando planejam juntos (professor especialista e professor da sala regular), todos os alunos são beneficiados.

Realçamos que lidar com o diferente não é uma tarefa nada fácil e necessita de muito trabalho; implica em dispor de maiores recursos didáticos e, conseqüentemente, humanos; ler sobre o assunto, sair do comodismo, querer saber mais sobre o aluno, pensar em modos de avaliação diferenciados, justificar a forma de avaliação, preencher e/ou fazer relatórios relativos ao desenvolvimento do aluno que está com dificuldade no momento, ou seja, o movimento é grande para a efetivação de uma Educação/Escola Inclusiva e principalmente de um pensamento inclusivo. Nessa direção, citamos Capellini, Cristovam e Queiroz, para os quais,

[...] ao falar em educação como direito constitucional inalienável, e como tal direito de todo cidadão, pensa-se não ser necessário

nomear de qual educação trata-se ou para quem se destina esta educação. Mas, em se tratando do contexto dos sistemas educacionais brasileiros, quando da busca por este direito amplamente expresso em lei, ainda se faz necessário adjetivar a educação, nomeando os sujeitos a que a ela fazem jus, quando, na verdade, o objetivo maior dessas legislações deveria ser o de garantir que os sistemas educacionais se organizem para acolher a diversidade (CAPELLINI, CRISTOVAM e QUEIROZ, 2022, p.22).

Temos ciência de que é direito do aluno e dever do professor trabalhar com currículo adaptado à realidade e necessidade do aluno. O currículo prioriza princípios e fundamentos que contemplam o que se espera da escola diante de seu processo de educação permanente. Espera-se, portanto, formar cidadãos autônomos e críticos perante a realidade. Porém, no Brasil a adaptação, a adequação e a flexibilização curricular, na maioria das vezes, não é realidade.

A Resolução CNE/CEB, nº 2 de 11 de setembro de 2001, no Artigo 8º, incisos III e IV, prevê:

- III - a flexibilizações e adaptações curriculares dos conteúdos básicos, metodologias de ensino e recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação adequados ao desenvolvimento dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais.
- IV - os serviços de apoio pedagógico especializado, realizado, nas classes comuns,
 - a) devem acontecer através da atuação colaborativa de professor especializado em Educação Especial,
 - b) proporcionar condições para reflexão e elaboração teórica da educação inclusiva, com protagonismo dos professores, articulando experiência e conhecimento com as necessidades/possibilidades surgidas na relação pedagógica, inclusive por meio de colaboração com instituições de ensino superior e de pesquisa e proporcionar sustentabilidade do processo inclusivo, mediante aprendizagem cooperativa em sala de aula,
 - c) trabalhar em equipe na escola e na constituição de redes de apoio, com a participação da família no processo educativo, bem como de outros agentes e recursos da comunidade (BRASIL, 2001).

No dia a dia, o que percebemos é a prática escolar rotineira, em que o professor é o detentor do saber e os alunos meros receptores. Nem sempre os alunos acompanham o ritmo, o estilo e o tempo do professor, ficando aquém do conhecimento que deveriam obter através da instituição escolar e da mediação do professor. Sobre isso, Fonseca adverte que

[...] devemos proporcionar ao estudante a aprendizagem e seu desenvolvimento por meio de práticas eficazes que avalizem uma educação de qualidade, que contemple estratégias que favoreçam a aprendizagem dos estudantes (FONSECA, 2021, p. 26).

Aquele que ensina deve sentir prazer na diferença, nas divergências de ideias convivendo com elas e transformando-as para seu próprio desenvolvimento. De acordo com Silva,

[...] a paixão de formar é uma atividade atravessada por tensões poderosas. Há uma luta permanente entre as pulsões de vida e as pulsões destrutivas que organizam e estabilizam toda a atividade da formação (SILVA 1994, p.32).

Não há receitas do fazer pedagógico, pois se houvesse, implicaria na homogeneização do ensino e em um retrocesso educacional. Os alunos público-alvo de Educação Especial não precisam o tempo todo de atividades adaptadas, pois quando se pensam em atividades, estratégias pedagógicas, utilização de recursos diferenciados para implementação de um conteúdo e em suportes pedagógicos como uso de calculadora, consulta a material impresso, caderno, livros, uso da tecnologia, como fonte de acesso ao conhecimento, todos os alunos se beneficiam.

Capellini e Zerbato (2019, p.43) enunciam que “[...] não há um modelo único para organização de ensino”. No Ensino Colaborativo, a forma como o trabalho será implementado dependerá do contexto escolar em que os profissionais ensinam, da relação dos dois professores em sala de aula, das características das turmas, dos recursos e do tempo disponível para o trabalho conjunto.

A organização dos espaços escolares (salas de aulas) seria uma grande aliada no acesso ao conhecimento. No atual contexto escolar em que convivemos diariamente, poderíamos propor várias formas de organização dos alunos: duplas, trios, estações de ensinos, assim entre colegas discutiriam ideias, aprenderiam uns com os outros, sob a mediação do professor.

Para o planejamento desses momentos e organização dos espaços, os professores do ensino regular e o especialista devem planejar e replanejar, observando se os objetivos propostos serão e/ou foram atingidos. Mas o que observamos, na maioria das vezes, é que não há esse encontro para planejamento, elaboração, discussões e implementações de ações que poderiam beneficiar a todos os alunos.

Com as reflexões manifestadas na primeira, segunda e terceira seções deste trabalho, seguimos para a próxima seção, em que discorreremos sobre a importância da formação continuada para iniciarmos o Ensino Colaborativo.

4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO COLABORATIVO

Nesta seção, tratamos da importância da formação continuada para uma educação de qualidade e possibilitadora de acesso à aprendizagem.

4.1 Formação Continuada e os caminhos a serem percorridos

A formação continuada é uma importante ferramenta para refletirmos sobre a prática escolar. O Artigo 7º da Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada), visa que a Formação Continuada tenha impacto positivo quanto à sua eficácia na melhoria da prática docente, devendo atender as características de: “foco no conhecimento pedagógico do conteúdo; uso de metodologias ativas de aprendizagem; trabalho colaborativo entre pares; duração prolongada da formação e coerência sistêmica”.

Segundo Michels (2017, p.31), no final dos anos 1960 e início dos 1970, a formação de professores para atender os alunos considerados deficientes⁴ era calcada no princípio da normalização, ou seja, foi durante a década de 1970 que a integração passou a tomar força nas discussões relativas à Educação Especial e passou a direcionar a formação dos professores para a área. O advento da Constituição Federal promulgada em 1988, e os acordos políticos internacionais levaram a Educação Especial a tomar um novo caminho em direção ao Paradigma da Inclusão. Desde então, ficou entendido que os alunos da Educação Especial deveriam ser preferencialmente matriculados na rede regular de ensino.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, documento citado em seções anteriores, orienta os sistemas de ensino a promover respostas às necessidades educacionais. O referido documento, cujo objetivo é o acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, garante: “formação de professores para o atendimento

⁴ Optamos por manter o termo utilizado pela autora.

educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar” (BRASIL, 2008, p.10).

A formação continuada pode ser uma maneira, um espaço para que possamos desenvolver estratégias, pensar em possibilidades, aliviar nossas angústias e compartilhar nossos medos, porque através do conhecimento e investimento nos profissionais de educação do ensino comum, bem como de Educação Especial, a inclusão pode se efetivar.

A esse respeito, Capellini e Mendes asseveram que:

O desenvolvimento profissional permite redimensionar a prática profissional do professor. Os professores tornam-se mais atentos à necessidade de melhoria em sua prática, quando se viabiliza para eles e com eles a análise e a observação de seu próprio perfil e das características de seu trabalho. Desta forma, eles aprendem apoiados na delimitação e solução de problemas, por meio da reflexão sobre seus sucessos e fracassos (CAPELLINI; MENDES, 2007, p.114).

O processo de formação continuada tem a finalidade de propor aos docentes refletir sobre as práticas educativas no cotidiano escolar, desenvolver e criar situações que tragam à tona as contradições de um agir que os preocupa e que queiram modificar e/ou transformar. Nas palavras de Fonseca:

[...] o exercício de reflexão sobre a prática, não é simples e nem fácil, porém necessário e colabora para que o professor possa, coletivamente e em equipe, reconstruir e reorganizar sua prática pedagógica e, da mesma forma, para que a escola crie ambientes de aprendizagem coletivos e compartilhados para estudantes e professores (FONSECA, 2011, p.35).

Os documentos normativos da legislação brasileira indicam que a formação inicial e a continuada são necessárias em todo o território brasileiro, direito de todos e dever da União, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios, em regime de colaboração, os quais devem promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais do magistério (Art. 62, § 1º, Lei nº 9.394/1996).

Em continuidade e como modo de afirmação, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assim estabelece as diretrizes e bases da educação nacional:

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

§ 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância (BRASIL, 1996).

Defendemos que a formação deve ser a mola propulsora para um fazer pedagógico inclusivo. Todavia, com cargas horárias exaustivas para compensar os salários baixos, turmas superlotadas, além da falta de estrutura e orientação, a formação continuada em meio a tantos afazeres pedagógicos e pessoais acaba não sendo efetivada, gerando, assim, um enfraquecimento dos profissionais da educação. Porém, mesmo diante de tantas dificuldades, a formação inicial e a continuada devem ser fomentadas como fonte de busca do saber e para nos fortalecer enquanto profissionais. Conforme Ibiapina,

[...] convocar os docentes para participarem de projetos de pesquisa que almejam a produção conjunta de análises-síntese de determinado objeto de conhecimento é, também, fazê-los vivenciar processos de formação sobre a prática educativa que eles consideram como problemática. Dito de outra maneira, a organização de contextos de pesquisa colaborativa proporciona condições para que os docentes reflitam e questionem as práticas educativas (IBIAPINA, 2016, p.45).

Por muito tempo, ouvimos o discurso de que não há formação e preparo para trabalhar com os alunos público-alvo da Educação Especial. Cursos de formação continuada são ofertados, porém nem sempre são colocados em prática pelos profissionais que os fazem. Nesse viés, Carmo *et al.* (2019) escrevem:

[...] no campo da educação da pessoa com deficiência, um dos caminhos mais eficazes para o sucesso da inclusão escolar é a formação de professores, que parece relegada a um segundo plano nas políticas públicas (CARMO *et al.*, 2019, p.15).

As pesquisadoras enfatizam que o processo de inclusão escolar no Brasil foi pensado de maneira fragmentada, no qual, em um primeiro momento, a preocupação foi apenas a inserção dos alunos com deficiência nas instituições de ensino, sem a observância de critérios mínimos de garantia de qualidade, como a preparação dos docentes que os receberiam. Aí pode estar a causa de os professores dizerem que não estavam preparados para trabalhar com o público-alvo da Educação Especial.

O Brasil realizou acordos internacionais para implantação da educação inclusiva, mas o suporte pelo país oferecido para atendimento aos educandos público-alvo da Educação Especial ocorre por meio de serviços que podem ser caracterizados como separatistas, perpetuando a ideia de que os alunos devem ser atendidos em outra sala e por professores especialistas.

Em 2008, Estados e Municípios aderiram às Salas de Recursos Multifuncionais com serviço de apoio ao aluno público-alvo da Educação Especial. O atendimento aos alunos passou a ser organizado em contraturno, mas quando estão em sala de aula, como aprendem e o que aprendem se continuam sozinhos, sem o apoio do professor especialista?

A mudança de postura dos profissionais de educação no tocante ao acesso e ao conhecimento dos alunos pode ser ampliado, a partir do momento em que puderem refletir sobre a prática educacional e a importância do acesso ao conhecimento a todos os educandos através de estratégias pedagógicas que possibilitem aos alunos aprenderem de acordo com seu ritmo, estilo e tempo. Essas reflexões e mudanças de atitudes são possíveis quando nos dispomos a conhecer e a compartilhar nossos afazeres diários com nossos pares.

Nesse sentido, Milanesi (2018) enuncia que: “[...] tenho a certeza de que é um erro cultivar distâncias, concorrências e disputas. Essa barreira entre a gente, precisa ser superada, pela qualidade na inclusão escolar do aluno, que juntos temos que buscar e construir”. Essa superação pode ocorrer através da formação continuada, de trocas de saberes, de contato com nossos não saberes e angústias diárias do nosso fazer pedagógico. Rabelo reforça essa ideia ao assinalar que

[...] a formação de professores se processa nas relações concretas que estabelecem de forma intersubjetiva, ou seja, no encontro com outros sujeitos/subjetividades que medeiam o processo formativo, e, portanto, educativo. E no caso de processos de formação continuada de professores, existe uma intencionalidade na experiência de provocar apropriações de conhecimentos que são objetivados (RABELO, 2016, p.64).

Sabemos, contudo, que a formação vai além da obrigatoriedade, ela precisa ser um desejo do sujeito em querer continuar conhecendo, aprendendo, realizando trocas e se atualizando. Deve ser a mola propulsora para um fazer pedagógico inclusivo. Sobre essa questão, Magalhães e Azevedo ponderam que:

[...] a formação de um docente não se faz acumulando cursos, conhecimentos ou técnicas— apesar de serem acréscimos positivos— mas, sim pela reflexão do trabalho educativo e sua identidade pessoal e profissional, levando em conta as dificuldades na busca do significado no interior de suas aprendizagens ou do que aprende com suas práticas (MAGALHÃES; AZEVEDO, 2015, p.31).

Fonseca (2021) colabora com a proposição desta pesquisa ao defender a figura do professor como peça fundamental no processo de inclusão e aprendizagem, conforme aponta:

O professor, como elemento fundamental no estabelecimento do vínculo entre a criança-escola, currículo-aprendizagem, conhecimento-relações interpessoais, deve ser capacitado para promover novas estratégias integradoras e inclusivas que propiciem ao estudante a objetivação e apropriação do conhecimento, tomando para si algo que está no plano coletivo e, portanto, atuando em esferas mais elaboradas do funcionamento intelectual (FONSECA, 2021, p. 39).

No contexto escolar, a educação ainda está pautada na responsabilização do aluno, ou seja, o aluno tem que se adequar às normas das instituições para ali estar; as avaliações também são pautadas pelo que a maioria dos alunos realizam, assim, o aluno que não copia precisa copiar, o que não verbaliza precisa verbalizar. As provas são realizadas uniformemente e se os alunos não forem bem, devem realizá-las no contraturno. com os professores especialistas em Educação Especial.

Aí vem a reflexão: se pudéssemos pensar sobre os alunos público-alvo da Educação Especial, planejar, adaptar as atividades e as ações em parceria, será que haveria algum tipo de benefício para os alunos e para todos os profissionais envolvidos?

Nessa concepção, Cappellini (2004, p.53) assegura que “[...] a escola inclusiva não deve ser construída só de boas intenções deve ser feita de ações concretas que possibilitem a todas as crianças o aprendizado”. Mas como realizar ações se no dia a dia escolar não há possibilidade de realizarmos planejamento entre os professores, pois os horários são incompatíveis?

Recorremos a Capellini ao pontuar que

A unidade escolar deve ser o lugar estratégico para mudança do sistema. Para tanto faz-se necessário resgatar no seu interior a humanidade nas relações. Entretanto sujeitos deste

cenário que são capazes de esperar, de desejar, de propor mudanças, precisam tomar iniciativas, mas muitas vezes impregnados pela rotina, caem no comodismo do “não adianta nada”, “sempre foi assim”, “mudar para que”? (CAPELLINI, 2004, p.40).

Como não cair no comodismo diante de tantos afazeres e de uma realidade profissional de muito trabalho?

Defendemos que a formação continuada como espaço de reflexão, acesso ao conhecimento e busca de novos horizontes pode ser um caminho para esse encontro, com um olhar voltado para a educação inclusiva e acesso à aprendizagem.

Observamos, no contexto escolar, que são poucos os professores cientes do que se trata o Ensino Colaborativo e o que este poderia proporcionar ao ambiente escolar. Desse modo, pensamos, como produto desta pesquisa, em um curso de formação continuada que pudesse favorecer o acesso ao conhecimento sobre o Ensino Colaborativo e sua prática no ambiente escolar.

Na seção seguinte, relatamos acerca das etapas do curso de formação continuada, o ambiente em que ocorreu o curso, o perfil dos cursistas, as atividades propostas e como foram desenvolvidas.

5 METODOLOGIA

Nesta seção, discorreremos sobre o percurso desta pesquisa, utilizando como metodologia e princípio norteador a pesquisa bibliográfica, a pesquisa-ação e a pesquisa colaborativa. Citamos Ibiapina (2016, p. 47) ao referir que “[...] nos trabalhos colaborativos, os partícipes devem se colocar como aprendizes, apreendendo com as experiências, os conhecimentos, as reflexões, objetivos e organização cognitiva e afetiva do outro”.

Com este estudo, objetivamos contribuir para a reflexão crítica do professor em relação ao processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Ibiapina nos ensina que é possível:

[...] convocar os docentes para participarem de projetos de pesquisa que almejam a produção conjunta de análises-síntese de determinado objeto de conhecimento é, também, fazê-los vivenciar processos de formação sobre a prática educativa que eles consideram como problemática. Dito de outra maneira, a organização de contextos de pesquisa colaborativa proporciona condições para que os docentes reflitam e questionem as práticas educativas (IBIAPINA, 2016, p.45).

Com essas premissas refletidas ainda na pesquisa bibliográfica, propomos como produto deste trabalho uma formação continuada sobre Ensino Colaborativo: possibilidades de interlocuções e proposições pedagógicas entre professores, para professores da rede estadual de ensino do Ensino Fundamental e Médio jurisdicionado ao Núcleo Regional de Umuarama organizada por meio da plataforma *Google Meet* e *Classroom*, com interações assíncronas e síncronas

Segundo Negrelli, Mori e Carvalho (2022, p. 119), “as novas concepções de realidade trazidas pela pandemia do coronavírus levaram à vivência de um novo normal, mudando a rotina e o cotidiano. Devido a essa situação, passou-se a buscar outras saídas para a continuidade dos afazeres habituais”. As autoras ainda afirmam “que todos os grupos de pessoas foram afetados com a situação, sendo necessárias adaptações e recursos para os novos modelos de ensino” (2022, p.112). Assim, as plataformas digitais como forma de acesso às interações ficaram como legado de uma fase tão difícil que a humanidade viveu e foi utilizada para o desenvolvimento dos encontros com os professores cursistas.

Nesta pesquisa, lançamos um desafio: verificar se a formação continuada sobre Ensino Colaborativo poderia beneficiar os professores do Ensino Comum, para

que a educação inclusiva pudesse realmente se efetivar. Com a finalidade de analisar as possibilidades e os percalços da organização do Ensino Colaborativo entre professor de Educação Especial e professor do ensino comum. Como objetivos específicos, definimos: propor experiências para ampliação da participação do professor do ensino regular na elaboração de estratégias pedagógicas juntamente com o professor especializado que favorecessem todos os alunos de sala de aula; a elaboração e desenvolvimento de práticas colaborativas para nortear o trabalho dos professores e promoção da aprendizagem dos alunos da educação básica e a elaboração de um plano de intervenção pautado no Ensino Colaborativo.

Ao entrarmos em contato com a literatura referente ao Ensino Colaborativo, questionamentos e reflexões surgiram: Seria possível ocorrer o Ensino Colaborativo nos espaços escolares? O Ensino Colaborativo pode contribuir para que o aluno público-alvo da Educação Especial tenha acesso ao currículo escolar? Os demais alunos se beneficiariam com o Ensino Colaborativo nas escolas públicas? O que os professores achariam de trabalhar de forma colaborativa? Por que é tão difícil acontecer o Ensino Colaborativo nos espaços escolares?

Nesse arcabouço de questionamentos, consideramos como metodologia a ser utilizada para desenvolver essa etapa a utilização da pesquisa-ação. Esta, em conformidade com Franco (2005):

[...] tem sido utilizada, nas últimas décadas, de diferentes maneiras, a partir de diversas intencionalidades, passando a compor um vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas, o que nos instiga a refletir sobre sua essencialidade epistemológica, bem como sobre suas possibilidades como práxis investigativas (FRANCO, 2005, p.485).

Juntamente com a pesquisa-ação, utilizamos a pesquisa colaborativa, que tem como princípios o processo de construção do conhecimento entre os envolvidos; o desenvolvimento profissional dos docentes e contribui para a aproximação e mediação entre a comunidade de pesquisa e a escolar.

Na pesquisa colaborativa, os participantes são colaboradores de acordo com suas possibilidades frente às atividades coletivas, que consistem em espaços de discussões de participação conjunta, nos quais se expressam ideias, questionamentos, discordâncias, avaliações referentes às teorias que subsidiam as práticas e os papéis dos sujeitos. Nesse âmbito, Gava ensina que:

[...] as implicações da pesquisa colaborativa vêm ao encontro de inúmeras demandas educacionais nos trazendo expectativas de construções e soluções coletivas. No entanto, as propostas colaborativas não se consolidam de forma natural, é preciso possibilitar esse aprendizado de escuta e partilha de práticas, percepções e perspectivas. Espaços que se constroem por meio da mediação de conflitos e ideias e do respeito aos processos de cada membro, considerando essas premissas, para colaborar é preciso aprender (GAVA, 2018, p.75).

Sendo assim, a partir da escuta e da partilha de práticas, percepções e perspectivas teve início a formação continuada. O primeiro passo foi entrar em contato com a literatura e aprofundarmo-nos no conceito de Ensino Colaborativo. Apesar de os estudos datarem de algum tempo, no início do século XXI começaram a ganhar visibilidade com Mendes (2004), Cappelini (2004), Zerbato (2014), Vilaronga (2014), Zanata (2004), Rabelo (2012), entre outros, como expressam Pinto e Fantacini:

[...] os estudos sobre Ensino Colaborativo corroboram a urgência das políticas públicas para alavancar a formação de professores, otimizar os tempos pedagógicos, dentre outras ações profícuos e que contribuem para melhoria da qualidade do ensino dos alunos público – alvo da Educação Especial (PINTO, FANTACINI, 2018, p.11).

Com o intuito de construirmos as categorias de análise mediante o resultado desta pesquisa, julgamos fundamental a análise desse conteúdo, que se classifica em três tipos de estudos, conforme Janis (1982) aborda ao elencar as relações entre determinada característica (conteúdo) das comunicações, pressupostas em características do comunicador; (b) características da audiência; ou (c) alguma outra característica (de conteúdo ou não) da comunicação (JANIS, 1982, p.53).

Portanto, além desses aspectos, a principal questão determinante para a classificação das categorias se deve à natureza desse tipo de análise, que no caso desta pesquisa, é considerada qualitativa, porque possibilita o levantamento das características e as qualidades dos conteúdos resultantes do levantamento de dados, partindo da interação dos cursistas, bem como das atividades propostas durante a formação.

5.1 ETAPAS DA FORMAÇÃO

Para maior clareza dos passos percorridos, delimitamos, no Quadro 6, as etapas da formação continuada do curso por nós ofertado intitulado: Ensino Colaborativo: possibilidades de interlocuções e proposições pedagógicas entre professores. O curso, oferecido em formato de extensão, foi desenvolvido na modalidade de ensino remoto com o uso da Plataforma *Google Meet*, *Classroom*, cujos encontros foram realizados de forma on-line.

Quadro 6 – Descrição das etapas da formação

| | |
|----------------|--|
| Primeira Etapa | Elaboração do projeto e o envio para a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR) (ANEXO A) |
| Segunda Etapa | Elaboração do projeto e envio para o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (COPEP/UEM) (ANEXO B) |
| Terceira Etapa | Encaminhamento do projeto para Diretoria de Extensão (DEX) para análise e aprovação do projeto, com intuito a certificação dos participantes (ANEXO C) |
| Quarta Etapa | Divulgação do curso através de <i>e-mail</i> , <i>WhatsApp</i> e redes sociais (<i>Facebook</i> e <i>Instagram</i>). |
| Quinta Etapa | Período de inscrição - 07/02/2022 a 11/02/2022 – através da plataforma <i>Google Forms</i> |
| Sexta Etapa | Início da formação continuada – 17/02/2022 |
| Sétima Etapa | Encontros síncronos realizados 15 em 15 dias através do <i>Google Meet</i> (fotos – ANEXO E) e atividades realizadas na plataforma <i>Google Classroom</i> pelos cursistas |
| Oitava Etapa | Encerramento dos encontros - 07/04/2022 |

Fonte: Elaboração da autora.

5.2 AMBIENTE DO CURSO

O ambiente do curso foi criado através da plataforma *Google Classroom* para acesso dos cursistas às atividades propostas. Dividimos as atividades em dez tópicos, as quais foram assim organizadas:

- Informações gerais, disponibilizadas por intermédio do cronograma do curso (Apêndice A);
- Slides utilizados nos encontros síncronos via *Meet*, para que todos os cursistas pudessem ter acesso para a retomada dos conteúdos;
- Biblioteca Espaço Conhecer, com materiais adicionais para complementação dos conteúdos;
- Atividades propostas, com oito proposições aos cursistas, que pudessem estabelecer interação entre a teoria e a prática.

5.3 PERFIL DOS CURSISTAS

O curso teve como objetivo propiciar aos professores da rede estadual de ensino da Educação Básica (Ensino Fundamental – anos finais e médio) encaminhamentos teóricos e metodológicos aplicáveis em sala de aula para trabalhar com alunos público-alvo da Educação Especial, com vistas a desenvolver práticas de Ensino Colaborativo para efetivação da educação inclusiva.

A maioria dos inscritos foram profissionais que atuam na Educação Especial, professores do ensino médio e ensino fundamental anos finais, gestores, pedagogos e professores da educação profissional. Observamos que apesar do avanço, o maior interesse na formação continuada nesse momento ainda é de professores especialistas em Educação Especial.

O público que participou reside, em sua maioria, no município de Umuarama/PR. Também verificamos que pelo fato de o curso ter sido realizado via *Meet* e na plataforma *Google Classroom*, professores de outros municípios jurisdicionados ao Núcleo Regional de Educação de Umuarama puderam se inscrever.

Quanto à formação dos participantes, o curso de Pedagogia aparece em destaque, porém outras licenciaturas, como Matemática, Ciências, História, Geografia, Letras também foram indicadas como graduação por eles cursada.

Dos cursistas inscritos, a maioria compõe o quadro próprio do magistério, ou seja, tem vínculo empregatício efetivo. Isso é um ponto positivo, pois estão inseridos nas instituições escolares e podem realizar o compartilhamento das atividades do curso e as experiências vivenciadas.

5.4 INTERLOCUÇÃO SÍNCRONA VIA *MEET*

Os encontros síncronos via *Meet* (Fotos – Anexo E) traz à tona reflexões e discussões e à troca de experiências entre os cursistas, além da interação e conhecimento abordado e discutido, trazendo a realidade de cada professor para análise do grupo. A seguir, descrevemos cada encontro.

5.4.1 – Primeiro Encontro (17/02/2022)

No primeiro encontro, informamos aos participantes que o curso possuía acessibilidade em Libras, sendo interpretado pela mestrandia Maria Elizabeth Drumond Negrelli, professora do Quadro Próprio do Magistério da rede estadual do Paraná e professora guia – intérprete no Instituto de Educação Estadual de Maringá. Também como forma de acessibilidade, realizamos nossa autodescrição.

Na sequência, informamos que o Curso de Formação Continuada se intitulava “Ensino Colaborativo: Possibilidades de Interloquções e Proposições Pedagógicas entre Professores” e que faz parte da pesquisa para conclusão do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI) da UEM, sendo devidamente aprovado pela SEED/ NRE Umuarama, pelo Comitê de Ética da UEM e pela Diretoria de Extensão – UEM (DEX).

Informamos também o principal objetivo do curso, a saber: propiciar encaminhamentos teóricos, metodológicos e aplicáveis em sala de aula para trabalhar com alunos público-alvo da Educação Especial e com demais alunos através da estratégia pedagógica de Ensino Colaborativo para efetivação de uma educação inclusiva.

Agradecemos a presença da orientadora, professora doutora Nerli Nonato Ribeiro Mori, da professora doutora Meire Calegari Falco, coordenadora do PROFEI, e da professora doutora Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar, coordenadora adjunta do PROFEI.

Esclarecemos que o curso seria ministrado pela pesquisadora Sirlei Batista Franco Carvalho e que ocorreriam quatro encontros de forma síncrona, ou seja, através de *meet*, para repasse teórico e sanar dúvidas quanto às atividades postadas na sala de aula do *classroom*, bem como pelos canais de comunicação com o grupo no aplicativo *WhatsApp*, mural e e-mail.

O curso teve início no dia 17/02/2022 e se encerrou no dia 07/04/2022. Os cursistas puderam se organizar através do cronograma disponibilizado pela pesquisadora na plataforma *Google Classroom*.

Principiamos o curso com a apresentação de slides; empreendemos um breve panorama da Educação Especial no Brasil e do conceito de Ensino Colaborativo. Finalizamos o encontro agradecendo a presença de todos e orientando sobre as atividades propostas.

5.4.2- Segundo Encontro (03/03/2022)

No segundo encontro, refletimos sobre os textos:

- Uma escola em transformação: reflexões essenciais de uma educação inclusiva para estudantes com deficiência – Iván Carlos Curioso Vílchez – (Capítulo I do livro *Inclusão Escolar perspectivas e práticas pedagógicas contemporâneas* (PAPIM, ARAUJO, PAÍXÃO E SILVA, 2018);
- Ensino Colaborativo como prática de inclusão escolar (MARIN e BRAUN, 2013) – capítulo III do livro *Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais* (organizado por Rosana Glat e Márcia Denise Pletsch, Rio de Janeiro, 2013).

Explicamos as atividades 3 e 4 e reforçamos a data do próximo encontro síncrono. Os cursistas puderam tirar suas dúvidas e expor suas ideias.

5.4.3 - Terceiro Encontro (24/03/2022)

No terceiro encontro, retomamos as atividades realizadas pelos participantes e propusemos um debate indagando os cursistas sobre:

- a. Como foi elaborar um plano de aula pensando no público-alvo da Educação Especial?
- b. Quem já havia aplicado o plano? Como foi aplicá-la?
- c. Quem não elaborou o plano, qual a dificuldade encontrada.

O objetivo desse encontro foi ouvi-los, procurar esclarecer dúvidas e propor reflexões acerca do Ensino Colaborativo.

5.4.4 - Quarto Encontro (07/04/2022)

O quarto e último encontro contou com a presença da orientadora, professora doutora Nerli Ribeiro Mori, e com a palestra da professora convidada, professora doutora Kátia de Abreu Fonseca, que palestrou sobre o Ensino Colaborativo. Salientamos que os cursistas participaram com entusiasmo, expuseram sobre o trabalho realizado no decorrer da formação continuada.

Na próxima seção, apresentamos os dados e a análise das atividades desenvolvidas no curso de formação continuada em Ensino Colaborativo: possibilidades de interlocuções e proposições pedagógicas entre professores, realizado através de ensino remoto utilizando as plataformas Google *Classroom* aos professores da educação básica jurisdicionado ao Núcleo Regional de Umuarama no período de dezessete de fevereiro de dois mil e vinte dois a sete de abril de dois mil e vinte dois, como pontuamos.

6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

6.1 ATIVIDADES PROPOSTAS

Dividimos as atividades propostas e as apresentamos aos cursistas para melhor compreensão da seguinte forma:

- 1ª Atividade – Ficha de identificação.
- 2ª Atividade - Entendendo sobre o assunto.
- 3ª Atividade - Estudo de caso.
- 4ª Atividade – Elaboração de estratégia pedagógica pelos cursistas.
- 5ª Atividade – Relato dos cursistas de como foi a elaboração da estratégia pedagógica através do *Google Forms*.
- 6ª Atividade – Aplicação da estratégia pedagógica elaborada em sala de aula.
- 7ª atividade - Relato dos cursistas de como foi aplicação da estratégia pedagógica em sala de aula, através do *Google Forms*.
- 8ª atividade – Avaliação final.

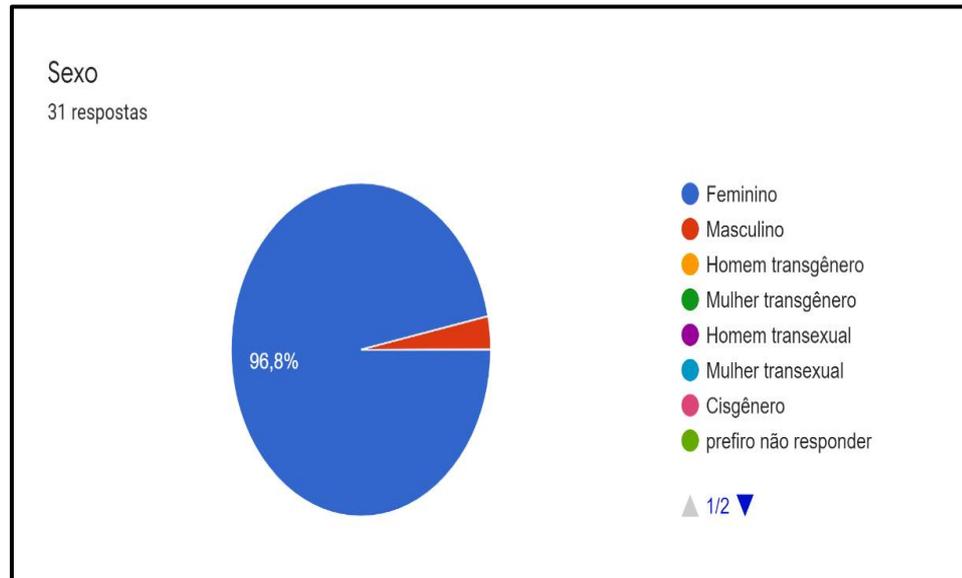
6.1.2 Desenvolvimento das Atividades Propostas

6.1.2.1 – Atividade 01 – Ficha de identificação

Na primeira atividade, solicitamos aos cursistas o preenchimento de uma ficha de identificação por meio do *Google Forms*, dividida em quatro seções. Na primeira seção, organizamos o espaço para identificação (nome, sexo, telefone, e-mail e se acessavam e-mail com frequência).

Os Gráficos 1 a 15 validam as respostas dos participantes; 97% responderam que acessam e-mail regularmente; e a maioria dos participantes é do sexo feminino.

Gráfico 1 - Gênero dos participantes



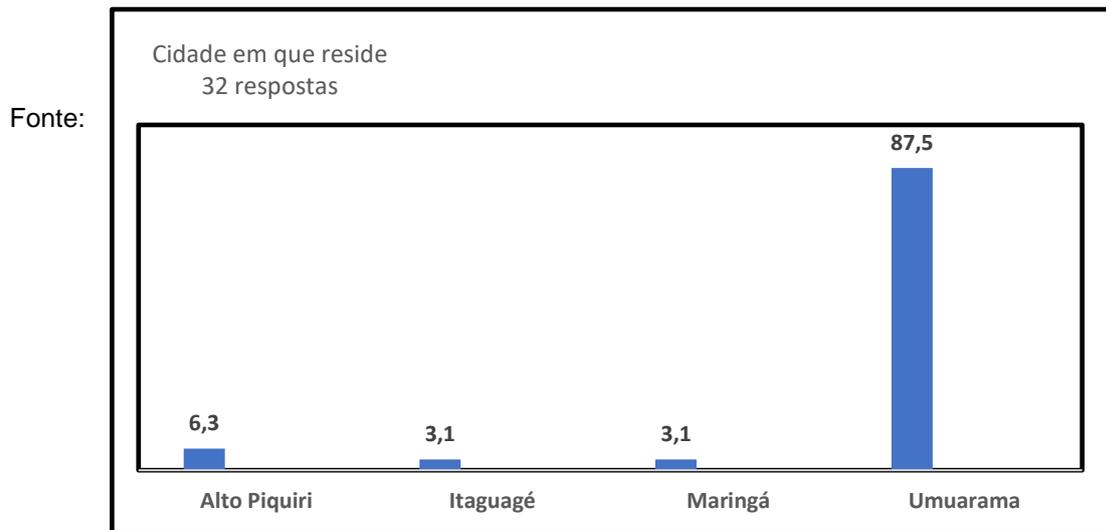
Na segunda seção do formulário, disponibilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e 100% dos participantes estavam de acordo em participar da pesquisa.

Gráfico 2 – Participantes de acordo com o Termo de Consentimento



Na terceira seção do formulário, as questões estavam relacionadas a saber qual público participaria (cidade que residiam, escolaridade, tempo de atuação na educação). Conforme o Gráfico 3, a maioria dos participantes residem no município de Umuarama.

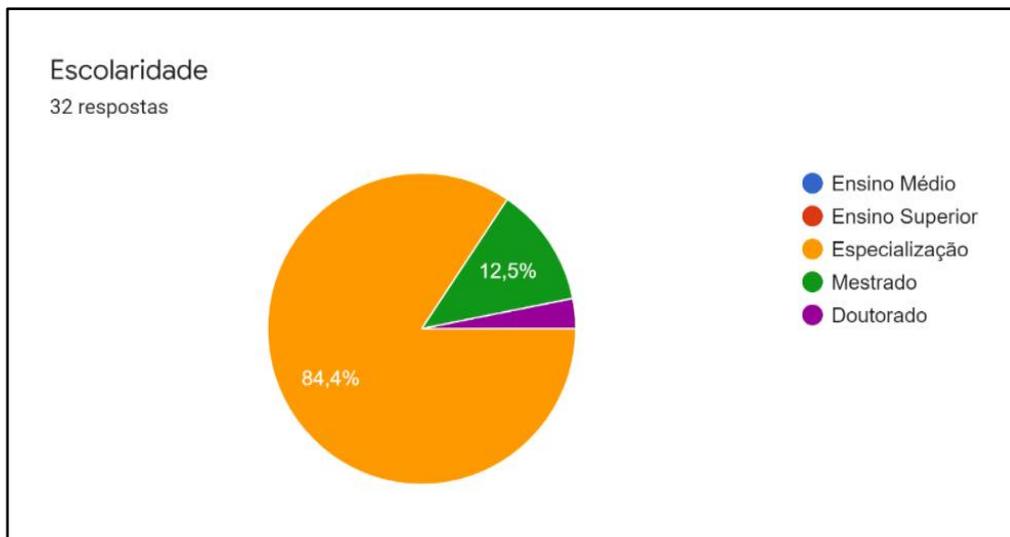
Gráfico 3 – Local de residência dos participantes



Elaboração da autora.

Quanto à escolarização dos participantes, 84% possuem especialização, como apontamos no Gráfico 4.

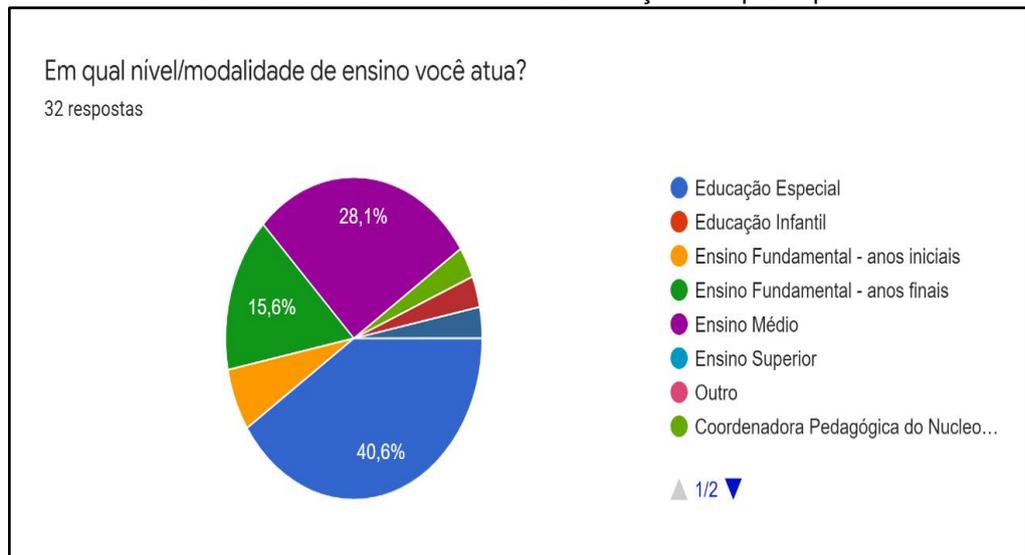
Gráfico 4 – Nível de escolarização dos participantes



Fonte: Elaboração da autora.

O nível/modalidade de ensino variou entre 40% dos participantes atuando na Educação Especial; 15% no ensino fundamental – anos finais; e 28% no ensino médio. Os demais em outras funções, de acordo com o Gráfico 5.

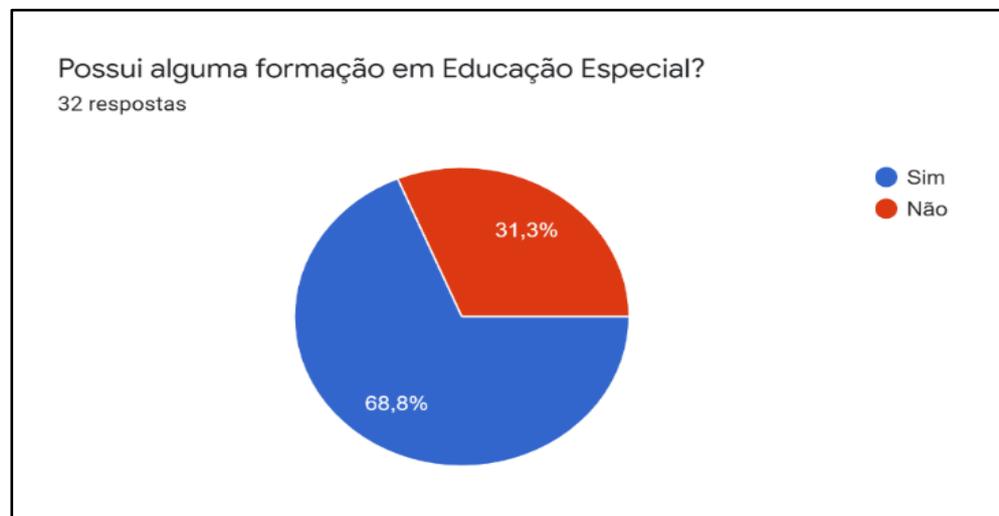
Gráfico 5 – Nível ou Modalidade de atuação dos participantes



Fonte: Elaboração da autora.

Entre os participantes, 68% disseram que possuíam formação em Educação Especial, como mostramos no Gráfico 6.

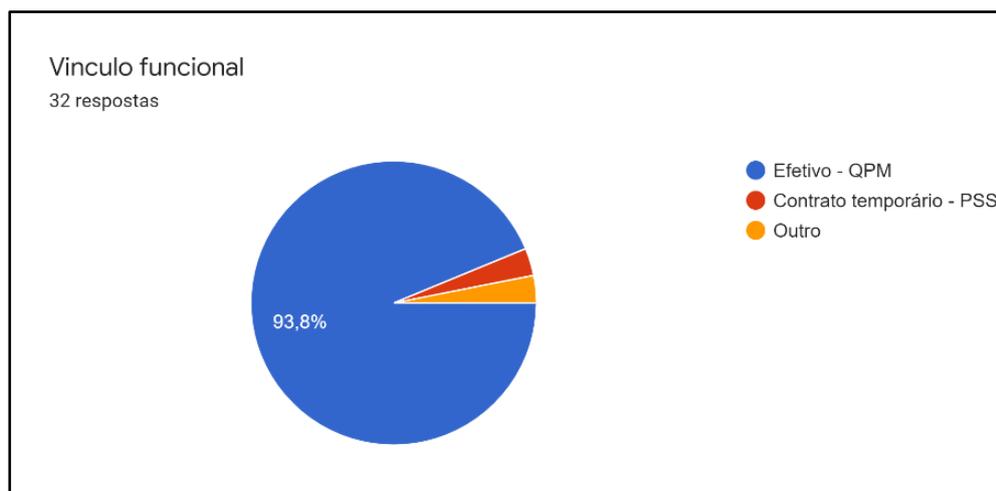
Gráfico 6 – Participantes que possuem formação na Educação Especial



Fonte: Elaboração da autora.

No tocante ao vínculo funcional, a grande maioria dos cursistas faz parte do Quadro Próprio do Magistério do Estado do Paraná, alcançando 93% dos participantes. É o que indicamos no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Tipo de vínculo profissional na rede de ensino



Fonte: Elaboração da autora.

Ainda na terceira seção do formulário, os cursistas deveriam descrever em poucas palavras sobre a rotina de seu trabalho. Nosso objetivo foi entender em quais espaços estavam inseridos e como se organizariam para realizar as atividades propostas e participar das *Meets*.

Através dos relatos, percebemos que estavam inseridos em diversos contextos, que havia professores do ensino comum, gestores, equipe pedagógica, professores do atendimento especializado e que a rotina de todos era permeada por várias atividades.

Seguem excertos dos relatos dos participantes:

Atualmente estou em uma Escola de Ensino Integral como professora AEE, ainda me adaptando. (C1)

Manhã trabalho na sala de recursos e tarde direção. (C2)

Atualmente estou trabalhando no período da tarde com a sala de recursos tipo1. Até o momento com 15 alunos sendo atendidos. (C3)

Organização de ações para o atendimento aos estudantes com deficiência, matriculados na rede de ensino pertencente ao NRE de Umuarama. (C4)

Trabalho com os alunos de Altas Habilidades/Superdotação no período vespertino e como pedagoga no noturno, está sendo um ano de desafios para mim em relação a turma de AH - porque nunca trabalhei com este público. (C5)

Estou atendendo uma aluna com TEA, na escola Integral. Neste momento, minha aluna está sendo atendida no sistema remoto e eu estou fazendo o trabalho de flexibilização dos conteúdos para serem enviados semanalmente para sua casa. (C6)

Trabalho 40h como professora, atuo nos anos finais do Ensino Fundamental, na 2.ª série do Ensino Médio e com alunos da Socioeducativa, leciono em 4 escolas. (C7)

Sou pedagoga no período noturno, coordenadora de prática de formação no período da tarde e professora de prática também. (C8)

Trabalho em uma escola tempo integral como professora do AEE-I. (C9)

Sou professora do componente curricular de História, com alunos do Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano e do Ensino Médio. (C10)

Sou Graduada em Geografia, mas atualmente estou na direção auxiliar de um Colégio. (C11)

Trabalho 40 horas na instituição de ensino e mais algum tempo em casa preparando aula, corrigindo atividades fora as formações. (C12)

Manhã/tarde -Trabalho na Escola Integral com o AEE-I - no trabalho colaborativo em sala de aula do regular. (C13)

Trabalho 20 horas como Professora Pedagoga e 20 horas com Sala de Recursos. (C14)

Minha rotina é dedicada, no período da manhã com a Sala de Recursos Multifuncionais de segunda a quinta feira e no período da tarde estou atuando como pedagoga de segunda a sexta feira. É uma rotina intensa entre aulas no período da manhã e atendimento de professores, pais e alunos no período da tarde e atualmente também estou participando de três curso de formação continuada dois são voltados para Educação Especial e um na minha disciplina de concurso (pedagoga). (C15)

Tenho praticamente 40 horas. Sou professora de matemática, educação financeira e sala de apoio a aprendizagem em uma mesma instituição e trabalho com alunos maravilhosos. (C16)

Sou professora de Sala de Recursos Tipo I e professora formadora no tema Educação Especial. (C17)

Atuo como professor no Ensino Fundamental na disciplina de Ensino Religioso e Disciplinas Técnicas no Curso Técnico em Administração (C18)

Trabalho 40 horas - 20 horas professora do Ensino Fundamental – componente curricular matemática; 20 horas professora de Sala de Recursos Multifuncional – Tipo I. (C19)

Presto serviço voluntário na Escola Rafael Costa da Rocha, Educação Infantil e Ensino Fundamental, Modalidade Educação Especial (APAE), como parte da equipe diretiva, com ênfase no caráter pedagógico. A demanda é contínua, porém com diferentes aspectos, em função do ingresso constante de novos alunos. Isto exige muito diálogo, leituras e compartilhamento de possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem. A cada dia um desafio, uma constatação de involução ou de evolução a ser trabalhado.! (C20)

Sou professora de ciências e biologia, atuo com alunos do Ensino Fundamental e Médio. (C21)

Trabalho com alunos do ensino médio com o componente curricular química em duas escolas. (C22)

Das 8:00 horas às 11:40 atuo na Escola Bilíngue, das 13:10 às 17:55 Sala de Recursos Multifuncional – Tipo I. (C23)

No período matutino sou pedagoga do Colégio Cívico Militar Doutora Zilda Arns, responsável pelas turmas do ensino fundamental de 6º e 7º ano e sala de apoio a aprendizagem. No período da tarde sou professora da disciplina prática de formação no curso de Formação de Docentes, a rotina semanal é composta de 40 horas aula. (C24)

Verificação de horário de aula com a presença dos professores, coordenação pedagógica com orientações discentes, aulas no período noturno. (C25)

Atualmente realizo acompanhamento pedagógico em 8 escolas jurisdicionadas ao Núcleo Regional de Educação de Umuarama. Um trabalho direcionado ao desenvolvimento pedagógico da equipe gestora com o objetivo de melhorar o processo de ensino e aprendizagem, combater o abandono escolar e diminuir os índices de reprovação. (C26)

Trabalho em uma Sala de Recursos Multifuncional – Tipo I no Centro de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA) e sou pedagoga em uma Escola de Educação Especial (APAE). (C27)

Sou professora de Língua inglesa. Este ano estou trabalhando em 3 escolas, com turmas de 6º ao 9º ano fundamental. (C28)

Atuo em 2 colégios com turmas de Ensino Fundamental e Programa Mais Aprendizagem, tenho uma rotina um pouco cansativa, pois acredito que a hora atividade não é suficiente para planejar tudo que gostaria e para trocar experiências com outros professores. (C29)

Trabalho como professora tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras/Língua Portuguesa - TILS. (C30)

Acompanhamento das diversas demandas do NRE da Educação. (C31)

É gratificante a troca de aprendizagem entre professor/aluno. (C32)

Os cursistas revelaram o que entendiam sobre Ensino Colaborativo, demonstrando compreensão. Em sua acepção, o Ensino Colaborativo é a parceria entre os professores do Ensino Comum e da Educação Especial de uma instituição escolar. Apenas a C3 pontuou que ele não acontece na prática.

Ensino em que o professora da disciplina trabalha em conjunto com professor da Educação Especial seja acompanhando um aluno com necessidades educacionais especiais ou na sala de recurso multifuncional. (C1)

Ensino Colaborativo para mim é a possibilidade de especialistas da área da ed. especial contribuírem com os professores das várias áreas dando sugestões de possibilidades do trabalho com o aluno que possui algum laudo se desenvolver melhor. É a parceria entre os professores do ensino regular e os especialistas. (C2)

Que é uma forma de interação entre o professor da sala de recurso e o professor da sala de aula, que quase nunca acontece na prática. (C3)

Ensino que todos os envolvidos no processo participam e elaboram estratégias para um melhor aprendizado. (C4)

Ensino Colaborativo é o planejamento das ações, definição dos objetivos para o trimestre com relação ao aluno público-alvo da Educação Especial e a troca de informações sobre avanços, potencialidades e dificuldades. (C5)

Quando o professor da Educação Especial se une ao professor do ensino regular, colaborando. (C6)

É um trabalho em parceria do professor especialista e professores do ensino comum. (C7)

Entendo como sendo um ensino de trocas de conhecimento, estudos e sugestões de metodologias e adaptações se necessário tanto do professor especialista, quanto do professor da classe regular. (C8)

Um trabalho conjunto com professores das disciplinas e equipe pedagógica para planejar, flexibilizar objetivando uma mediação organizada, sistematizada e intencional. (C9)

É o que procuro fazer há tempo com os professores da classe comum sobre as potencialidades e dificuldades dos estudantes. (C10)

Trabalho realizado entre professor do ensino regular, equipe pedagógica e SRM em favor da aprendizagem dos alunos, buscando meios e formas para que a aprendizagem aconteça. (C11)

Parceria entre professor do atendimento especial (SRM), com os professores da sala de aula comum (regular), onde os trabalhos pedagógicos devem primar pela adequação qualitativa das atividades pedagógicas dos alunos especiais. (C12)

Vejo como uma prática pouco valorizada no cotidiano, que bem trabalhada, trará benefícios em lugar da "angústia" que todo Educador sente frente às constantes dificuldades em sala de aula e fora dela! (C13)

O Ensino Colaborativo já realizamos em nossa instituição há anos, no entanto o termo só fui me apropriar mesmo no mestrado. (C14)

Trabalho que possibilita novas estratégias de ensino e troca de experiência com necessidade de facilitar o aprendizado do educando. (C15)

Vejo o Ensino Colaborativo como uma forma de trabalho de parceria principalmente com os professores que atuam na Sala do Ensino Regular com a professora especialista da Sala de Recursos Multifuncional a fim que podemos juntos observar as dificuldades do nosso aluno considerando as especificidades, os ritmos e os estilos de aprendizado, para favorecer o acesso e a aprendizagem aos alunos que necessitam, realizando as intervenções necessárias. (C16)

Compreendo que o Ensino Colaborativo é um trabalho em conjunto com os demais professores com o objetivo de atender o aluno de acordo com suas especificidades. (C17).

É a colaboração /interação e ação entre todos os profissionais da educação. (C18)

Acredito que o Ensino Colaborativo é sairmos da nossa caixinha e aprendermos a olhar o todo. O Ensino está muito além das paredes da sala de aula, e nesse processo todos somos protagonistas. (C19)

Imagino ser um trabalho realizado em equipe pelos profissionais envolvidos. (C20)

Acredito que o Ensino Colaborativo seja uma formação integral, onde meus alunos consigam entender onde os conteúdos da minha disciplina se aplicam nas outras disciplinas e no seu cotidiano. (C21)

Entendo o Trabalho colaborativo como uma estratégia pedagógica do professor especialista na Educação Especial e professores da rede regular de ensino para garantir a inclusão, a permanência e a aprendizagem dos alunos com necessidades especiais. (C22)

Troca de experiências, trocas de materiais, adaptações de conteúdos, etc. (C23)

Ensino Colaborativo surge como um trabalho de parceria entre o professor de ensino comum e o professor de Educação Especial, dividindo a responsabilidade do ensino, considerando as especificidades, os ritmos e os estilos de aprendizado, para favorecer o acesso e a aprendizagem de todos. (C24)

Uma parceria entre professores que atuam diretamente com alunos que tem necessidades especiais. (C25)

Trabalhar em conjunto com os professores do ensino regular. sempre pensando o melhor para o estudante. (C26)

O Ensino Colaborativo é o trabalho em conjunto entre os professores do ensino regular e os professores especialistas na Educação Especial com o objetivo de promover a melhor forma de aprendizagem. (C27)

Acredito que Ensino Colaborativo seja o trabalho em conjunto entre todos os profissionais da escola. (C28)

É uma parceria entre o professor da sala comum e o professor de Educação Especial para favorecer a aprendizagem de todos. (C29)

Ensino Colaborativo é um trabalho conjunto, na qual professores buscam construir um plano de atendimento à pessoa com deficiência, colaborativamente. (C30)

Para mim seria um ensino onde professor regente de sala, trabalha em parceria com demais profissionais da escola, em busca de alcançar objetivos comuns. (C31)

E o trabalho em que o professor da sala comum e professor especialista trabalham em parceria. (C32)

Ao seguirmos com as reflexões propostas, indagamos os cursistas se a escola onde trabalham utiliza o modelo de Ensino Colaborativo; caso utilizasse, como acontecia. Obtivemos as seguintes respostas:

Devido aos moldes organizacionais da SEED/PR (Secretaria de Educação do Estado do Paraná) não é fácil até mesmo encontrar o professor que atende a Sala de Recursos Multifuncional, e se houver algum aluno acompanhado o professor de Educação Especial auxilia acompanhando e muitas vezes produzindo material para facilitar a aprendizagem. (C1)

Sim, pedindo auxílio para dois especialistas que temos no colégio, elas fazem sondagens e sugerem possibilidades de adaptação dos conteúdos de acordo com o laudo do aluno. (C2)

Sim, mas penso que ele pode ser mais explorado. Ainda é pouco usado, e acredito que por falta de conhecimento. (C3)

Não ocorre. (C4)

É um dos temas que mais tenho interesse e gosto de realizar. Realizo o trabalho colaborativo, através do contato com a pedagoga que tem vínculo de 40 horas no colégio. Com os professores, além do contato via WhatsApp e e-mail. Também é realizado através de uma pasta que fica na sala dos professores contendo orientações de sugestões de adaptações, objetivo de aprendizagem (taxonomia de Bloom), além de outras informações pertinentes. No momento, estamos estudando para ser compartilhado no drive. (C5)

Não. (C6)

Sim, nos dias de estudos e planejamentos e nas horas atividades. (C7)

Geralmente nos conselhos, reuniões e através de sugestões em apostilas. (C8)

Estamos estudando essa nova forma de atendimento. Existe por parte dos professores em sala de aula, uma interação, no entanto o planejamento e adaptações não estão sendo realizadas em conjunto. Precisamos de subsídios e mais estudos a respeito. (C9)

Troca com os professores da hora atividade, conselho de classe, e na sala dos professores. (C10)

Não ocorre. (C11)

Sim, mas há muita resistência dos professores do ensino regular. Acontece na hora do intervalo, por WhatsApp, telefone e por meio da equipe pedagógica. (C12)

Não. (C13)

Sim. Penso que na Educação Especializada, não há como ser diferente, porém é preciso fundamentá-lo, sistematizá-lo e adequá-lo a cada situação que a escola ou o aluno apresenta. (C14)

Sim. Sempre que possível, porque nem sempre as horas atividades permitem seja planejado e executado atividades de forma colaborativa. (C15)

Troca de experiência, estratégias de atividades, trabalhos em grupos. (C16)

O Ensino Colaborativo acontece da seguinte forma: Como eu trabalho no período da manhã e também trabalho a tarde tenho contato com a maioria dos professores e dessa forma estou sempre dialogando principalmente sobre os pontos positivos e negativos que os meus alunos apresentam na sala de aula em relação principalmente ao processo ensino aprendizagem através da fala dos professores, faço as intervenções necessária e procuro fazer com que o aluno tenha uma atitude ativa e integrada, de forma ativa para que se torne mais independente do que dependente e procuro encaminhar eles para construir novas situações de aprendizagem. E sempre falo para os professores o que está dando certo e o que está dando errado, procuro passar para os professores como deve ser acompanhado esse aluno na Sala do Ensino Regular. (C17)

O Programa Paraná Integral já vem utilizando parcialmente o Ensino Colaborativo. (C18)

Sim. Busco diariamente interação com os demais professores e equipe pedagógica e diretiva ações em relação ao educando. (C19)

Na medida do possível tento dialogar com meus pares, identificando desafios a serem superados com práticas coletivas. (C20)

Muitos professores procuram realizar um trabalho interdisciplinar com os demais colegas para facilitar a compreensão dos alunos em suas disciplinas. (C21)

Não sei com certeza, mas muitas vezes vejo professores se organizando para trabalhar determinados assuntos. (C22)

Não é comum nas escolas que acompanho, infelizmente. (C23)

Sim na hora atividade, troca de experiências. (C24)

Sim, tento me manter em parceria com os professores que atuam na Educação Especial. (C25)

Sim! Colaboramos com recuperação de conteúdos iniciais como: adição, subtração e interpretação. (C26)

Sim. O Ensino Colaborativo ainda é um grande desafio, mas com paciência, diálogo e interação com os professores do ensino regular conseguimos traçar estratégias e atividades direcionadas às necessidades de aprendizagem dos alunos. (C27)

Sim, articulação com os professores regentes e acompanhamento do aluno em sala de aula. (C28)

No NRE, buscamos trabalhar colaborativamente, pois cada equipe atua em conjunto com as demais, somando forças e esforços. (C29)

Sim, com professores PAEE. (C30)

Sim, trocando informações sobre as estratégias de trabalho em prol do estudante. (C31)

O Ensino Colaborativo não ocorre, pois nem vejo o professor de Educação Especial da escola que trabalho. (C32)

Nas respostas dos cursistas C4, C6, C11, C13, C23, C32, estes afirmam que não ocorre Ensino Colaborativo; os demais descrevem as tentativas de realizar tal ensino. Na resposta do C26, fica evidente que apesar de saberem a definição de Ensino Colaborativo, ainda não sabem como fazer, pois recuperar conteúdos de adição, subtração e interpretação não configura Ensino Colaborativo, o trabalho como é descrito nos relatos demonstra que estamos no campo das tentativas e descobertas.

Indagamos aos participantes sobre o papel do professor de Educação Especial de acordo com eles e as respostas foram:

Acompanhar o aluno, seja em sala ou seja na sala de recurso multifuncional orientando o professor e auxiliando o aluno conforme cada necessidade. (C1)

Ser agente de tentativas de mudar uma rotina pré-estabelecida fazendo com que o grupo observe a necessidade das mudanças para auxiliar alunos que necessitam. (C2)

Apresentar possibilidades de atendimento para alunos com dificuldades, para que possam aprender nas aulas do ensino comum. (C3)

Elo importante e papel importante no processo de aprendizagem entre o aluno - conhecimento - professor. (C4)

Identificar as potencialidades e dificuldades através de documentos na pasta do aluno, com a família e o aluno para orientar os colegas no planejamento das ações e objetivos para o trimestre. (C5)

Orientar a melhor maneira do professor regular trabalhar com o aluno de inclusão. (C6)

Dar suporte aos professores do ensino comum sempre que necessário. (C7)

Ser ponte de acesso e intervenções para os professores. (C8)

O professor do AEE é um agregador no trabalho colaborativo, identificando, elaborando recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias, considerando as necessidades específicas do estudante, como seu estilo de aprendizagem, verificando os pré-requisitos que possui em função dos conteúdos do ano escolar em que se encontra, e juntamente com o professor do ensino comum, e de forma articulada, mediante ajustes, flexibiliza o conteúdo e acompanha seu desempenho de forma que possa avaliar se ocorreu aprendizagem significativa. (C9)

Apoiar os professores de todas as áreas. (C10)

Colaborar com o professor do ensino regular com estratégias diversificadas na adaptação das atividades para que a aprendizagem aconteça. (C11)

Contribuir com a qualidade da aprendizagem do estudante, auxiliando os professores da sala regular nas questões pedagógicas das quais os estudantes AEE apresentam limitações. (C12)

O professor deve estabelecer uma conexão constante com os demais profissionais que atendem seu aluno, identificar estratégias de aprendizagem e compartilhá-las, inclusive com a família, porém sem engessamento de tempo e resultado, pois cada caso é um caso. (C13)

O professor especialista, também ensina, criar estratégias diferenciadas de aprendizagem, dá suporte metodológicos necessários aos alunos, etc. (C14)

Proporcionar aprendizado do estudante, facilitador de conhecimento. (C15)

A função principal do professor da Sala de Recursos Multifuncionais é proporcionar o desenvolvimento de práticas pedagógicas que propõem uma parceria de trabalho entre profissionais da Educação Especial e profissionais da educação comum desencadeando estratégias e operacionalização do plano de ação/intervenção. E vejo como objetivo principal o trabalho colaborativo é o desenvolvimento de metodologias de ensino diferenciadas para o acesso ao currículo, enriquecimento curricular e formas diferenciadas de avaliação para melhoria no desempenho acadêmico do aluno. (C16)

Encontrar estratégias para o ensino e apoio, para que haja melhor desenvolvimento dos alunos assistidos pelo AEE. (C17)

Fazer a ponte entre estudante e professor regente. (C18)

Um facilitador de todo o processo, interligando os diferentes saberes. (C19)

A mesma situação, pois os professores deverão realizar um trabalho coletivo visando a melhoria da aprendizagem do aluno que acompanham. (C20)

Acredito que o professor da Educação Especial dá o suporte necessário para o aluno "especial" superar alguma limitação que prejudique sua aprendizagem. (C21)

Atender as especificidades do seu aluno de acordo com o conteúdo trabalhado. (C22)

Adaptar as metodologias ativas. (C23)

Para que o trabalho colaborativo dos professores especialistas e das diferentes disciplinas ocorra com sucesso, é necessário que os profissionais envolvidos mantenham um diálogo constante, somem suas responsabilidades quanto ao processo de ensino, e após conhecer as necessidades e potencialidades do estudante. (C24)

Dar suporte ao professor para que juntos encontremos a melhor metodologia para o aluno obter conhecimento. (C25)

Estar sempre atento as dificuldades dos estudantes e somar para melhor aprendizado em toda a escola. (C26)

Ser receptivo, acolhedor e transmitir tranquilidade ao professor do ensino regular, estando atento e disponível para o diálogo e desenvolvimento de estratégias de aprendizagem em conjunto. (C27)

Orientar o professor do ensino regular e auxiliar nas adaptações das atividades. (C28)

Articulador (aluno, família, professores e comunidade escolar). (C29)

Tem um papel importantíssimo de especialista que domina as especificidades dos estudantes com deficiência, suas habilidades/potencialidades e o melhor caminho/estratégias para levar o estudante a desenvolver-se. (C30)

Colaborar no planejamento de uma aula mais produtiva para o alunado em questão. (C31)

Buscar estratégias de aprendizagem dos alunos em conjunto com o professor do ensino regular. (32)

Os cursistas C13 e C22 referiram-se ao público-alvo da Educação Especial como seu, comprovando a visão de que o aluno é do professor especialista. O cursista C15 manifestou que o professor especialista deve proporcionar conhecimento ao aluno, e que o acesso ao conhecimento deve ser uma soma do trabalho planejado pelo professor do ensino comum juntamente com o professor especialista. E por fim, verificamos ser unânime entre os cursistas a importância do professor especialista como parceiro e articulador de estratégias pedagógicas para o acesso ao conhecimento dos estudantes.

Pontuamos que no Ensino Colaborativo, o papel do gestor é fundamental. E com a intenção de verificar o que os cursistas sabiam sobre a função do gestor e seu papel, obtivemos as seguintes respostas:

Acompanhar o professor e como está ocorrendo o processo de ensino aprendizagem. (C1)

Dialogar, ver o que é possível fazer para com os alunos que necessitam de auxílios. (C2)

Proporcionar momentos de planejamento em conjunto e estimular para que esses momentos aconteçam. (C3)

Participante ativo no desenvolvimento de estratégias efetivas que colaborem com o trabalho da equipe escolar. (C4)

Acompanhar e dar suporte para que as ações sejam implementadas. (C5)

Acompanhar o processo colaborativo de ensino, mediando as informações. (C6)

Colaborar com as ações dos professores em relação a educação inclusiva. (C7)

Importantíssimo, afinal de contas se o gestor não trabalhar junto com ambos e acompanhar a sequência do trabalho enfrentaremos muitas barreiras. (C8)

O papel do gestor, diante de uma escola inclusiva e de um trabalho colaborativo, se inicia pelos objetivos da instituição, que deve ser de aprimoramento, capacitação e fortalecimento do trabalho da equipe pedagógica e professores, para que se possa dar apoio às intervenções necessárias ao processo ensino aprendizagem. (C9)

De respeito (C10)

Dar condições para que a aprendizagem aconteça. (C11)

Acompanhar ambas as partes, envolvidas no Ensino Colaborativo, dispondo-se para atender as necessidades que de apresentam. (C12)

Sem dúvida, apoiar em todos os aspectos que envolvam a relação professor/gestor, acompanhar a metodologia aplicada e criar "espaços e tempos" para o diálogo e a compartilhamento de necessidades e dificuldades. (C13)

O gestor tem que acompanhar o desenvolvimento de todos os alunos, bem como dar os suportes necessários (físicos e/ou metodológicos) para que o professor possa realizar seu trabalho. (C14)

Ter olhar investigador, lançar desafios. (C15)

Ele exerce um papel fundamental para garantir o sucesso de uma instituição de ensino. Seu papel é de assegurar o bom desempenho da escola e de encontrar soluções para os desafios que prejudicam o

aprendizado dos alunos. É importante que no trabalho colaborativo crie um ambiente que incentive a participação ativa de todos e que garanta a melhoria da qualidade de ensino. (C16)

Possibilitar o envolvimento de todos os professores e familiares para o processo de aprendizagem do aluno com necessidade educacional especial. (C17)

Informar, conscientizar a sua equipe sobre as necessidades e atenção específica sobre o estudante da Educação Especial. (C18)

É fundamental que esteja articulando todos os envolvidos no processo. (C19)

Proporcionar meios para que essa interação entre os profissionais aconteça. (C20)

Dar o suporte necessário para o bom andamento do processo de ensino e aprendizagem. (C21)

Possibilitar e estimular o trabalho colaborativo. (C22)

Ensinar a aplicar as metodologias ativas. (C23)

A parceria colaborativa estabelecida entre o professor da sala comum e o professor da Educação Especial, planejando, instruindo e avaliando o ensino em sala de aula dos estudantes é conhecido como Ensino Colaborativo. (C24)

Buscar uma metodologia adequada para cada caso, para que o ensino e aprendizagem seja significativo. (C25)

Proporcionar encontros para interação sobre o trabalho colaborativo. (C26)

Incentivar, apoiar e promover o trabalho colaborativo na escola. (C27)

Promover espaço de diálogo para que os professores possam realizar o Ensino Colaborativo (C28)

Estimular e dar suporte ao trabalho dos professores e alunos. (C29)

O gestor é quem orchestra o trabalho colaborativo, quem incentiva, promove e participa desse processo tão importante. (C30)

Ajudar com recursos, organizar o ambiente escolar, favorecer o acesso, oferecer ferramentas, entre outros. (C31)

O gestor tem o papel de gerenciar a escola de modo a alcançar os objetivos planejados. (C32)

Os cursistas concordam que o papel do gestor é essencial para que o Ensino Colaborativo ocorra nas instituições educacionais. Acerca dessa questão, recorreremos a Capellini e Zerbato (2019) ao assinalarem que

[...] uma das dificuldades para tornar o Ensino Colaborativo um trabalho efetivo, enquanto serviço de apoio especializado à inclusão escolar é a falta de suporte administrativo da equipe que gere a escola e daí equipe gestora do sistema educacional de um determinado contexto. Todos os profissionais que trabalham no sistema de ensino, incluindo a gestão administrativa, devem ter clareza dos princípios da educação inclusiva.” (CAPELLINI e ZERBATO, 2019, p.71).

Para finalizarmos essa primeira atividade, inserimos quarta seção no formulário. A partir da leitura do relato, os participantes deveriam se posicionar em relação à atitude da professora Joana, ali descrita.

Segue o relato constante no formulário repassado aos cursistas:

Joana é professora de matemática e relata para professora de Educação Especial que Marcos do 8º ano, com diagnóstico de autismo não compreende os conceitos básicos e códigos matemáticos. Ela pede para que a professora de Educação Especial atenda o aluno fora de sala de aula enquanto trabalha com os demais alunos. Qual é sua opinião sobre essa situação?

Obtivemos os seguintes posicionamentos dos cursistas, após a leitura:

O aluno está em sala para socializar, se desenvolver cognitivamente e isso vai para além de conteúdo. A aprendizagem deve acontecer conforme as possibilidades educacionais de cada sujeito e não tem como foco principal o conteúdo e sim o trabalho com desenvolvimento de cada sujeito em suas habilidades, seja de conteúdo, mas em especial neste caso, sociais. (C1)

Confusa, pois a professora detentora do conhecimento é Joana, ela que deve explicar o conteúdo e a professora da ed. especial irá conduzir o conteúdo com estratégias diferenciadas, porém se o aluno precisa para se concentrar menos alunos, o auxílio individual não é descartado neste exemplo, as duas precisam se unir e achar as melhores estratégias, mas o lugar de Marcos é junto aos demais alunos. (C2)

Que o aluno não deve ser separado dos demais alunos, mas sim, juntamente com a professora da Educação Especial, planejar a melhor forma de atendê-lo junto com os demais, pois na sala de recurso serão desenvolvidas outras habilidades e não os conteúdos das disciplinas. (C3)

A professora em questão apresenta uma conduta errônea e fora da Lei. O aluno possui o direito de receber conhecimento dentro da sala de aula juntamente com os demais alunos. (C4)

A professora Joana deverá receber orientações de que o aluno é também dela e que retirar o aluno da sala de aula não é inclusão e sim integração ou exclusão. (C5)

Isso não é Ensino Colaborativo, esse aluno deve ser atendido juntamente com os outros. (C6)

Essa atitude da professora está incorreta, isso não é a inclusão que o aluno autista tem direito. (C7)

Não aprovo essa atitude, acredito que o aluno especial com o grande grupo terá maiores chances de socialização e conseqüentemente de aprendizagem. (C8)

Os estudantes com autismo podem apresentar dificuldades em generalizar habilidades e conhecimentos relacionados a cálculos, necessitando que todo professor realize uma intervenção utilizando o concreto, para que visualize e receba estímulos visuais, táteis, que interfiram positivamente numa melhor recepção, percepção e compreensão dos conteúdos. Muitas vezes o professor acredita que a solução de cálculos matemáticos só é válida quando seguida por algoritmos e pela resolução que ele apresenta, desconsiderando o raciocínio do estudante. É preciso entender a maneira como o estudante percebe o “fazer matemática”, pois seus erros podem não significar que ele não tenha capacidade resolver situações problemas. Assim, de posse do conhecimento matemático, o professor é capaz de

auxiliar o estudante a compreender a lógica dessa habilidade. Muitas vezes não sabemos a forma como o estudante raciocina, que pode ser de maneira diferente da esperada, devendo ser trabalhada pelo professor, e assim, verificar como se processa o passo a passo, que o estudante utiliza para solucionar suas atividades. Ou seja, através da investigação, compreender a forma como o estudante formula o conhecimento matemático, uma vez que a maior dificuldade do estudante pode estar relacionada à esquematização do seu raciocínio, e não a realização de cálculos aritméticos. (C9)

Acredito que o professor da Educação Especial tem que atender, dar suporte ao aluno na sala de aula, porque o professor do ensino regular é o detentor dos conteúdos em sala. (C10)

O aluno não deve ser retirado da sala de aula, tendo em vista o conceito de educação que pretendemos e necessitamos no século XXI. A questão salientada não aborda nenhum problema que envolva os aspectos comportamentais do estudante, pois alguns casos de TEA, muitas vezes necessita, de fato, ser retirado do ambiente para que possa se acalmar. Nesse caso, a situação envolve somente a compreensão do conteúdo, portanto não há justificativa para que o estudante seja retirado da sala de aula. (C11)

Depende de como e inúmeras são as condições e particularidades de cada caso. Precisa retornar a conteúdos prévios? Se sim, é preciso identificar o que trará melhor resultado. O fato de ser atendido fora da sala de aula (e não fora da escola) neste contexto não é desmerecedor e sim enriquecedor a meu ver. Ilustro que fatos semelhantes ocorrem no Ensino Regular, seja no Público ou no Privado. (C12)

Orientaria a professora que este procedimento não condiz com a inclusão e que retirar o aluno da sala não será benéfico a sua aprendizagem. Sentaria junto a ela e planejaríamos ações/atividades/conteúdos que ajudassem o aluno em suas dificuldades. O trabalho pode ser planejado de forma a contemplar a todos os alunos, utilizando estratégias e recursos necessários a aprendizagem. (C13)

Professora Joana necessita observar seu aluno como um integrante do contexto escolar e de sua sala de aula, juntamente com Professora especial traçarem estratégias que favoreça o aprendizado do aluno dentro da própria sala de aula, não fora...nunca excluir. (C14)

Na minha opinião eu não o atenderia fora da aula dele, mas orientaria a professora sobre a importância de que ele possa estar na sala com os alunos aprendendo o mesmo conteúdo em sala de aula. Se o ritmo do aluno for mais rápido ou mais lento, pode-se fazer adaptações. (C15)

Creio que o aluno tem o direito de compreender o conteúdo dentro da sala e que professora precisa buscar formas adaptadas ou com metodologias que atenda o aluno nas suas especificidades. (C16)

Acredito que primeiramente a professora de sala de aula deveria desenvolver uma metodologia que tentasse alcançar esse aluno, identificando suas principais dificuldades, para depois, em conjunto com a professora da sala de recursos multifuncional desenvolverem estratégias para esse aluno. (C17)

Essa professora está totalmente equivocada, pois as duas professoras deverão trabalhar em conjunto, fazendo adaptações das atividades a fim de proporcionar ao aluno os conteúdos essenciais e necessários ao referido aluno. (C18)

Essas professoras, de matemática sempre dando trabalho. Acredito que o papel principal da educação inclusiva seja o aluno junto aos seus

colegas de sala. Todos nós, independe da condição temos limitações, o da professora neste caso é de enfrentar o que ela não domina, que é a dificuldade desse aluno. Como a professora de Educação Especial pode não ser especialista em matemática, a professora regular deveria pedir para que a professora de Educação Especial a ajudasse a ensinar os conceitos básicos e fazer isso para toda a turma. Sendo da área eu tenho certeza de que não é apenas ele que não domina certos conceitos que para ela seja básico da Matemática. (C19)

Cruel... A professora Joana não conhece a intencionalidade do trabalho colaborativo. (C20)

O atendimento ao aluno, penso que deveria ocorrer dentro da sala de aula com conteúdo adaptado a realidade do aluno. (C21)

Nunca trabalhei com diagnóstico de autismo, mas acho que não pode retirá-lo da sala de aula. (C22)

Não concordo em retirar este aluno da sala de aula, eu como professora, vou ensinar o que acho importante para que este aluno obtenha o conhecimento, vou explicar de forma simples e objetiva, se não conseguir que ele compreenda de forma geral juntamente com todos os alunos da sala, explicarei individualmente até que ele obtenha o conhecimento necessário para o seu aprendizado. (C23)

Totalmente relevante! Nossos estudantes têm que dominar a base dos conteúdos para melhor compreensão do todo. (C24)

O aluno Marcos tem o direito e deve permanecer na sala de aula junto com seus colegas e professora da disciplina de Matemática. O trabalho colaborativo deve acontecer para que ele aprenda junto com seus colegas. (C25)

Acredito que tudo depende da situação, do ambiente dentro da sala de aula. Se ele é favorável para o bom desempenho do aluno autista. Se esse aluno está se sentindo bem e consegue realizar a atividade dentro de sala, deve sim permanecer, mas se o aluno não consegue desenvolver a atividade, seria melhor estar em um ambiente mais tranquilo. (C26)

A meu ver o professor seja especialista ou não na área da deficiência deve cumprir um papel de mediador e de empatia, buscando a participação ativa dos estudantes em sala de aula com e sem deficiência no processo ensino e aprendizagem. (C27)

Caso a professora faça o que foi solicitado, não trabalhará colaborativamente e atuará contrariamente à inclusão. (C28)

Não concordo, a meu ver, o aluno deve estar inserido a todo momento no ambiente escolar comum, não sendo ele retirado para solucionar um problema imediato e criar um problema posterior com essa ação. (C29)

Essa forma de trabalho seria contribuir para a exclusão do estudante. (C30)

A professora talvez tenha se expressado mal, ou está sem saber como e o que o aluno necessita saber. Assim o professor de Educação Especial, tem um papel fundamental de orientá-la e planejar ações junto com a professora se ela estiver disposta, para que o estudante possa participar de suas aulas e ter acesso aos conhecimentos de sua disciplina. (C31)

A escola necessita estar em total sintonia para que a inclusão do aluno com TEA ocorra, a professora precisar de orientação pedagógica e planejar em parceria com professor de Educação Especial para superar a dificuldade de trabalhar com o aluno e questão. (C32)

As respostas a essa questão foram subjetivas; alguns cursistas enfatizaram a importância de incluir o aluno e seu direito garantido constitucionalmente, além do acesso à escola e do direito à aprendizagem. Nesse sentido, Capellini e Zerbato (p.70, 2019) enunciam que a “escola inclusiva reconhece o estudante como o centro de sua aprendizagem e o ensino é construído a partir das suas potencialidades, e não das suas dificuldades”.

6.1.2.2 - Atividade 02 – Entendendo sobre o assunto

Na segunda atividade, propomos a leitura de dois textos que trazem reflexões essenciais referentes à educação inclusiva. Os textos propostos foram:

- Uma escola em transformação: reflexões essenciais de uma educação inclusiva para estudantes com deficiência – Iván Carlos Curioso Vílchez (Capítulo I do livro *Inclusão Escolar, perspectivas e práticas pedagógicas contemporâneas* (PAPIM, ARAUJO, PAIXÃO E SILVA, 2018);
- Ensino Colaborativo como prática de inclusão escolar (MARIN e BRAUN, 2013) – (Capítulo III do livro *Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais* (organizado por Rosana Glat e Márcia Denise Pletsch, Rio de Janeiro, 2013).

Após a leitura dos textos, os professores deveriam responder ao questionamento: “Que educação pensam e querem para os estudantes com ou sem deficiência?”. As respostas deveriam ser inseridas em *Forms do Google*, previamente disponibilizado aos cursistas.

Os relatos dos professores evidenciaram que estes querem uma educação de qualidade, inclusiva, emancipatória, em que todos devem ser respeitados e tenham acesso ao conhecimento. Os cursistas C14, C15, C25, C28, C32 mencionaram a importância da formação continuada para a efetivação de uma educação que almejam. E sinalizaram acreditar que políticas públicas são essenciais para que o Ensino Colaborativo ocorra no contexto escolar. Reproduzimos as falas dos participantes:

Penso que a educação não deve e nem pode ser limitada a fazer nossos estudantes meros repetidores de informações. Precisamos pensar na educação que transforma vidas e desenvolva o pensamento

crítico, a fim de colaborar para a construção de uma sociedade consciente de seu papel neste processo. É necessário ainda reconhecer as diferentes formas de aprendizagem. Somos diferentes, aprendemos diferente. Portanto, não podemos ter uma única forma de ensinar, engessada e preocupada apenas em transmitir conteúdo. Precisamos compreender as especificidades e trabalhar com elas, a fim de atingir o máximo possível em cada estudante, que lembro, também possuem limites diferentes uns dos outros. Por isso tanto se ouve falar em adaptar o currículo, para que todas essas especificidades sejam atendidas. Nesse sentido, penso a educação como um processo de inclusão do sujeito na sociedade, e por ser inclusiva, deve atender às mais variadas necessidades por eles apresentadas. (C1)

Uma educação que realmente faça os alunos saírem do senso comum, que realmente seja inclusiva, porém numa análise de maior amplitude as políticas públicas educacionais precisam ser repensadas, pois para incluir é preciso recursos, formações de qualidade e muitos aspectos precisam ser repensados. Alunos precisam de conhecimento científico, de atenção, porém como incluir alunos com deficiência com qualidade possuindo turmas regulares com muitos alunos? A meu ver a inclusão é fundamental, é direito e estudantes com ou sem deficiência precisam ser assistidos, precisam de atenção e o sonho, a utopia é ver que realmente nas escolas regulares isso acontecerá devidamente, com uma equipe que tenha um olhar diferenciado, que estuda, que busca o melhor para cada situação e com políticas públicas que amparem também o trabalho de toda a equipe escolar. (C2)

Uma educação com práticas pedagógicas para ensinar e responder ao desafio da diversidade dos alunos, garantindo o atendimento à diversidade humana provendo uma educação de alta qualidade a todos os estudantes com a igualdade de oportunidades, garantindo o acesso, a participação e a aprendizagem de todos, sem exceção. Respeitando a liberdade de cada aluno para aprender do seu modo de acordo com as suas limitações. (C3)

Uma educação onde o aluno realize atividades que o fazem crescer como ser humano, que produza conhecimento relacionado ao conteúdo ali ensinado e as práticas diárias relacionadas a sua vivência. (C4)

Uma educação de respeito e colaboração, onde todos possam aprender juntos, independentemente de sua especificidade. Com encaminhamentos pedagógicos adequados à perspectiva da inclusão, capazes de contemplar os processos de ensino e aprendizagem de todos os alunos numa sala de aula comum. (C5)

Uma educação de qualidade em que sejam respeitadas suas singularidades. (C6)

Uma educação onde não haja preconceitos, que o convívio entre alunos com ou sem deficiência seja de respeito e amor, favorecendo o desenvolvimento intelectual e emocional de todos os estudantes. (C7)

Uma educação de qualidade que respeite as diferenças e oportunize a todos os mesmos direitos. (C8)

Uma educação inclusiva e satisfatória, em que o aluno possa ter vontade e curiosidade em aprender cada vez mais. (C9)

Como professora e mãe gostaria de ter uma educação respeitosa para todos os alunos e inclusiva efetiva para os alunos da Educação Especial e alunos de todas as outras especificidades, pois acredito que cada sujeito que está em formação seja um universo, com suas limitações, pontos fortes e particularidades. Padronizar, não seria a palavra na minha opinião. Não basta estar na escola, é preciso agir, interagir, evoluir dentro das suas possibilidades. Acredito que não deveríamos criar uma caixa ou um único método para incluir todos, mas sim termos vários recursos em conjunto com a família e se possíveis profissionais de outras áreas dentro da escola, como psicólogos, fonoaudiólogos, professores de musicalização, para que os alunos cresçam no conhecimento, autoconhecimento, saúde emocional, física e social. E então se sintam pertencentes e ativos no processo de interação/aprendizagem. (C10)

Todos nós profissionais de educação desejamos que todos nossos alunos, principalmente da escola pública uma educação de qualidade e especialmente inclusiva, onde todos tenham a oportunidade de avançarem em suas aprendizagens e conhecimento, proporcionando aos alunos com necessidades especiais meios para que consigam se desenvolverem e alcancem o objetivo maior da escola que é o conhecimento científico sistematizado pela humanidade. (C11)

Uma educação de qualidade, que respeite suas singularidades e valorizem as suas potencialidades. Com escolas preparadas fisicamente e com material humano para receber e acolher a todos para que nunca deixem de sonhar. (C12)

Eu penso em uma Educação onde os estudantes com deficiência, TEA e altas habilidades tenham a mesma possibilidade de formação integral ofertada aos demais alunos. (C13)

Uma educação que seja inclusiva que possa proporcionar condições eficientes para que todos os alunos tenham desenvolvimento social e psicológico, respeitando as individualidades dos estudantes com ou sem deficiências, que identifique suas potencialidades, que todos possam aprender independente de seu tipo de deficiência ou condição social, com professores treinados e capacitados, com diversidades de práticas didáticas, com aprendizagens diferenciadas e materiais adaptados, que potencialize as habilidades dos estudantes com ou sem deficiência e com conteúdo que estejam de acordo com suas experiências, onde proporcione um ambiente que não se iguale todos os alunos com ou sem deficiência, uma vez que existe diversas maneiras de pensar, sentir e agir. (C14)

Uma educação em que os estudantes com deficiência ou não recebam um apoio efetivo governamental e da sociedade geral. Apoio necessário para que a prática se realize respeitando cada indivíduo no processo de ensino aprendizagem. Respeito ao aluno que precisa de

um ambiente favorável para sua aprendizagem com menos ruído, uma sala com menor número de alunos, seguindo as normas de ergonomia em sala de aula e a presença de um professor especialista. Respeito ao professor que precisa de um número de horas aulas que efetivamente consiga realizar adequadamente o planejamento para seus alunos com deficiência ou não. Capacitações de qualidade para a qualificação periódica desse professor, quantidade suficiente de recursos financeiros destinados aos materiais de apoio produzidos pelos professores durante seus planejamentos. Seja garantido o respeito a todos os funcionários/educadores escolares, que a sociedade geral participe e ajude a construir uma educação de qualidade respeitando a individualidade de cada indivíduo. Que a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade consigam realmente ocorrer entre os professores, garantindo assim uma educação transformadora. (C15)

Devemos estabelecer uma convivência para uma aprendizagem colaborativa dos alunos com e sem deficiência, com seus professores (professores regulares e professores especialistas da Educação Especial), além de outros atores sociais como os diretores, coordenadores, gestores, cuidadores e familiares ou responsáveis, visando uma educação inclusiva, sem preconceitos ou discriminação. (C16)

Uma educação que possa respeitar as diferenças e permitir uma convivência respeitosa e diversificada no contexto escolar. (C17)

Que todos sejam respeitados na sua construção pessoal e intelectual, que tenham a oportunidade de adquirirem conhecimento e se tornarem transformadores do meio em que vivem. (C18)

Educação que "liberte" de todo e qualquer tipo de condicionamento, isto é, que por meio dos conteúdos e do processo de ensino, possibilite conhecimento, criticidade, autonomia, reflexão, tomada de atitude e oportunidades sociais. Que saibam argumentar com conhecimento apropriado, estruturado e fundamentado, ratificando o conhecimento adquirido. (C19)

O processo educacional é desafiador. Pensar a educação de forma individualizada requer estudo constante e uma vontade transformadora. Estamos vivenciando um momento de tomada de decisões importantes na educação, nadando contra uma correnteza que quer acabar com a inclusão na escola, que não quer identificar a necessidade de cada aluno. Porém, eu como professora, quero uma educação que ajude a identificar como o aluno pode aprender melhor, quero que meu aluno entenda o porquê está estudando determinado conteúdo e que aquela aprendizagem seja válida para a vida dele. Quero que meu aluno se sinta motivado a buscar o conhecimento e reconheça a importância de estudar e de estar na escola. (C20)

A Educação como direito de todos precisa deixar de ser não apenas documento (seja lei, decreto ou orientação documental oficial). Direitos e liberdades humanas precisam ser mais que um direito legal e passar a implantação/implementação real. Os esforços para sua efetivação

precisam partir de todos os agentes do processo, sejam docentes, equipe diretiva, secretarias de educação ou mesmo familiares. Essa educação deve ser meio para emancipação, autonomia e formação de cidadão, para a vida e para o mundo do trabalho. No entanto abarcar tantas diversidades de alunos acaba por tornar o ambiente educacional extremamente complexo. Para que a aprendizagem seja efetivada é necessário envolvimento de todos e preparação para lidar com essas diferentes formas, níveis e ideias sobre a função da escola e como ela deve intervir nos sujeitos. A escola precisa ser em primeiro lugar amorosa (Paulo Freire) e deixe de ser pensada como uma instituição em que as diversidades são "atrapalho" para evolução dos alunos que tem chances reais de serem profissionais de sucesso. Essa escola sonhada por mim precisa ver as diferenças (sejam por alunos com diversas necessidades especiais, diversidades culturais, de gênero, sexuais, étnicas ou qualquer que seja a diferença) como enriquecimento em que os diversos sujeitos tornem o todo mais rico e apesar das dificuldades que isso impõe, que estas sejam impulso para entender a escola com funções mais voltadas para os diversos, para além do mercado (para muitos a escola é refúgio, sobrevivência, porto seguro e mesmo única forma de sonhar com futuro mais feliz). É essa variedade, a partir da realidade social, que pode tornar a visão de mundo oportunidades tanto no futuro profissional como na convivência que é principal para muitos dos alunos, sejam os com necessidades educacionais específicas ou não. Educação para todos. (C21)

Uma Educação, realmente, inclusiva, em que as individualidades dos estudantes são consideradas e sejam utilizadas as potencialidades de cada professor (através do trabalho colaborativo) e estudante para alcançar o desenvolvimento dos alunos com e sem deficiência. (C22)

Quero que meus alunos independentemente de ter alguma necessidade especial possam aprender juntamente com seus colegas e professores, troquem experiências, socializem, interajam, desenvolvam habilidades, se desenvolvam emocionalmente e intelectualmente, assim, obtendo os conhecimentos necessários para seguirem seu caminho escolar. (C23)

São muitos os desafios no processo ensino aprendizagem, principalmente na inclusão dos estudantes com deficiência. É fundamental a identificação dos problemas e dos potenciais intervenções para melhorar o ensino e o acesso à educação, em função da falta de capacitação para atuar com os estudantes com deficiência. São muitos os problemas e dificuldades e o despreparo dos professores, a falta de metodologias pedagógicas específicas, como também a carência na estrutura e materiais adequados nas escolas. É importante a sensibilização dos atores da escola envolvidos na inclusão – acerca das fragilidades e potencialidades - tanto de estudantes com deficiência, como também para aqueles estudantes, cuja especificidade, necessitem de uma intervenção intencional e sistematizada, que contribua na adequação e aprimoramento das mediações realizadas, para que os estudantes possam ter acesso ao

conhecimento e uma aprendizagem significativa para seu desenvolvimento. (C24)

A educação que almejamos, deve proporcionar recursos econômicos e humanos necessários para oferecer ensino e aprendizagem de qualidade, que considere e respeite grau de deficiência ou dificuldades dos alunos. Para isso é necessário que os professores sejam capacitados com ferramentas que as auxiliem, na elaboração de planejamento com encaminhamentos metodológicos, objetivos de aprendizagens e instrumentos de avaliação, que considere o potencial dos alunos e suas individualidades, habilidades e competência. Pensamos que tanto os professores especialistas como os professores do ensino comum, devam cumprir seu papel de mediador, de empatia procurando dar oportunidades aos alunos com ou sem deficiências, num percurso onde todos aprendam de forma ativa dentro de seus ritmos e possibilidades. (C25)

Na minha opinião vejo que o mais importante é alcançar a qualidade na educação, mas sabemos que não é tão simples, envolve muito fatores que influenciam a aprendizagem de cada aluno com ou sem deficiência porque cada aluno é único e cada um tem o seu limite e potencial para aprender, para que nessa caminhada possamos conseguir que eles sejam cidadãos e possam crescer na vida pessoal e também na vida profissional, temos uma missão muito significativa que é estimular o conhecimento nos alunos, vejo como um ponto significativo o comprometimento de todos envolvidos, para que aconteça esses estudos prazerosos precisamos de profissionais que sejam bons pesquisadores e criativos perante as situações que realmente acontecem em cada sala de aula tornando as aulas mais atrativas com metodologias significativas e explorando conteúdos de qualidade aquilo que vai ter importância para a vida do aluno porque na nossa educação o professor é a figura mais importante porque está presente na vida do aluno diariamente. (C26)

Uma educação de qualidade e de equidade para todas. (C27)

Consideramos que importantes avanços em relação a educação brasileira se sucederam após a aprovação da Constituição Federal de 1988, com a asserção do direito de todos a educação. Neste contexto as pessoas com deficiências também tiveram seus direitos consolidados, mas nem sempre efetivados, pois mesmo que as políticas públicas contemplem a necessidade de atender a todos, muitas vezes as demandas não são atendidas, tendo em vista os inúmeros desafios, em meios a avanços e retrocessos das políticas e ações governamentais. A educação que necessitamos é aquela que está contemplada nas políticas públicas, nos planos nacionais de educação que insere a todos num contexto de aprendizagem significativa, que seja contemplada a formação de professores tanto para atender os alunos do ensino regular, quanto os que necessitam do Atendimento Educacional Especializado, que tenha recursos financeiros destinados as adaptações físicas e pedagógicas, que ofertem uma educação bilíngue para os alunos surdos e com

deficiência auditiva da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que os alunos sejam acolhidos nos ambientes escolares e que se sintam realmente parte deste contexto, permanecendo na escola e que possam ser afastados os [...] rótulos ou das etiquetas de preconceito em relação aos estudantes com deficiência e que, em consequência, trazem consigo qualificações negativas e situações de vulnerabilidade, discriminação e intolerância [...] (CANGUILHEM, 2011; CARVALHO, 2015). Que a escola seja realmente um espaço prazeroso, que exala conhecimentos e que não objetive apenas atingir os Índice de desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), a alcançar metas que nem sempre condizem com a realidade, mas que seja palco de transformações, criatividade, cultura, socializações e acima de tudo desenvolvimento intelectual. (C28)

Pensamos em uma educação mais humanizada, que considere a inclusão escolar como direito de todos sem distinção. Uma educação que leve em consideração essa nova perspectiva de práticas pedagógicas contemporâneas. Pois consideramos que, uma educação de todos os alunos com ou sem deficiências, precisa dar condições para responder as necessidades deles. Promovendo assim um desenvolvimento psicológico, cognitivo, afetivo e emocional, de acordo com o contexto sócio-histórico-cultural dos educandos. Uma educação para ser inclusiva precisa reconhecer as diferenças, e ao mesmo tempo dar condições de participação ativa, promovendo o desenvolvimento social e psicológico, por meio de atividades que priorizem as habilidades e capacidades de todos. De acordo com a proposta de efetivação desse processo de educação inclusiva, consideramos a necessidade de agregar a convivência de um trabalho colaborativo com os alunos, com seus professores do ensino comum, professores especialistas da Educação Especial, com participação de outros atores sociais, como gestores, cuidadores, famílias ou responsáveis. (C29)

Uma educação que pressupõe o direito e o acesso ao saber aos educandos para que ele possa ser agente de transformação da cultura, das práticas e das políticas em nossa sociedade. (C30)

Educação equitativa e emancipatória. (C31)

A educação que quero para todos, é aquele em que o aluno além do acesso à educação, possa participar de forma ativa e responsável do contexto escolar. Que haja investimento em infraestrutura, valorização e qualificação de profissionais educacionais (C32).

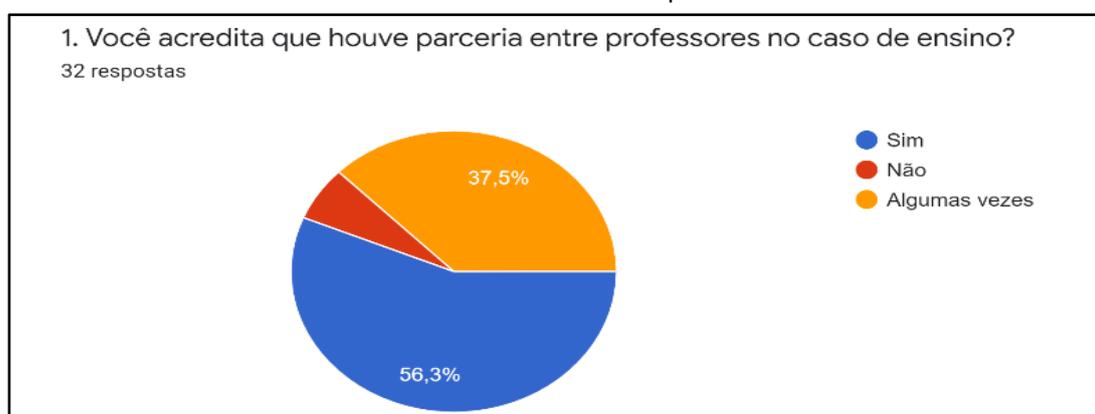
6.1.2.3 - Atividade 03 – Estudo de Caso

Na terceira atividade, propomos um Estudo de Caso envolvendo a experiência do Ensino Colaborativo com um aluno selecionado do 6º ano do Ensino Fundamental da rede pública que possui laudo médico CID10 – F.84.0 (Transtorno do Espectro

Autista), que denota escrita lenta, coordenação motora ampla e fina comprometida, dificuldade de habilidade social, obsessão por alguns objetos, ritos, manias e dificuldade na fala (Apêndice B).

Nessa atividade, disponibilizamos um formulário do *Google Forms* para que os cursistas pudessem postar sua análise do caso. Após leitura e análise, deveriam responder se acreditavam que houve parceria entre os professores no caso de ensino. A maioria dos professores respondeu que sim, totalizando 56%; e 37% responderam que algumas vezes, conforme mostramos no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Parceria entre professores



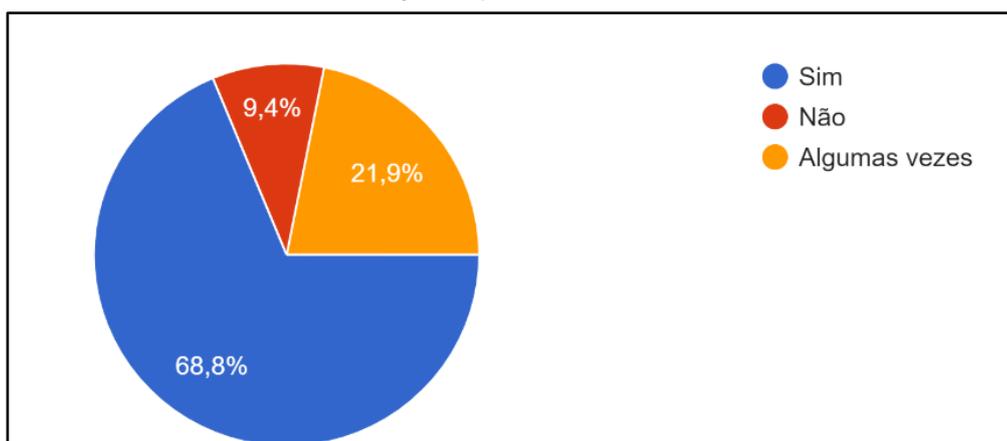
Fonte: Elaboração da autora.

As respostas revelam que para 56% dos cursistas houve parceria, o que deve estar atrelado ao interesse e participação do professor de Educação Especial e do professor de arte, 37% dos participantes responderam que o Ensino Colaborativo aconteceu algumas vezes, que pode estar relacionado ao planejamento, já que foi feito somente pela professora de arte. Desse modo, se o ensino colaborativo está relacionado ao planejar, implementar e executar, ficou faltando uma parte dessa ação.

A segunda questão estava relacionada à escola em que os cursistas atuam e se haviam observado situações em que o aluno público-alvo da Educação Especial não era envolvido nas atividades.

No Gráfico 9, apontamos que 68% dos cursistas afirmaram que os alunos público-alvo da Educação Especial muitas vezes não são envolvidos nas atividades e são tidos como responsabilidade dos professores de Educação Especial, confirmando os achados nesta pesquisa.

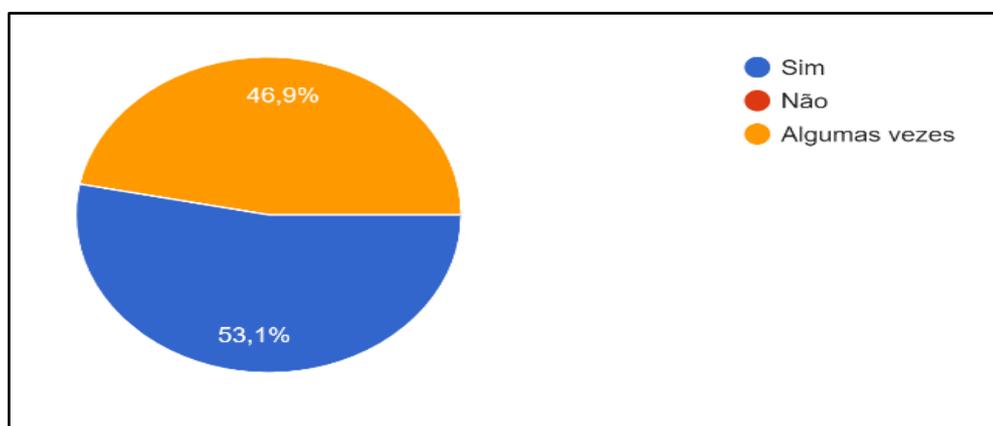
Gráfico 9 – Alunos da Educação Especial envolvidos nas atividades da turma



Fonte: Elaboração da autora.

A terceira pergunta estava relacionada às possibilidades do planejamento em parceria entre professores, e 53% dos professores responderam que era possível e 46% às vezes. Nenhum cursista respondeu que não haveria possibilidade de não planejar juntos, demonstrando que há vontade e interesse em planejar em parceria, conforme o Gráfico 10.

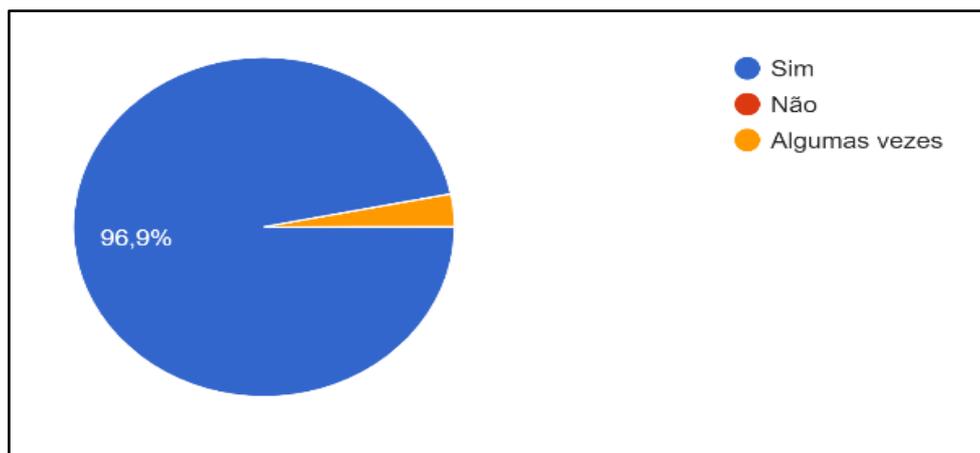
Gráfico 10 – Possibilidades de planejamento entre professores



Fonte: Elaboração da autora.

Na quarta pergunta, o assunto estava relacionado ao planejamento em parceria entre professor de Educação Especial e professor do ensino regular, e se esse planejamento poderia trazer benefícios para aprendizagem dos alunos com ou sem deficiência. No Gráfico 11 apresentamos os resultados das respostas dos cursistas.

Gráfico 11– Aprendizagem pode ser beneficiada



Fonte: Elaboração da autora.

A ampla maioria, 97% dos cursistas, responderam que a aprendizagem poderia ser beneficiada, e apenas 3% responderam que somente algumas vezes poderia trazer benefícios, porém não foi questionado os cursistas que responderam algumas vezes o porquê da resposta.

Para finalizar as reflexões, ponderamos junto aos cursistas que planejar junto não é tarefa fácil, pois as ideias são diferentes, os horários não são compatíveis. Intencionamos ainda saber se eles teriam alguma opinião/ideia para que fosse possível realizar o planejamento entre professor de ensino comum e professor especialista. A seguir, reproduzimos seus relatos:

Algumas trocas de experiências podem se dar durante as aulas mesmo, aproximando-se mais deste aluno e do professor da Educação Especial, sabemos que não é fácil, pois as salas são sempre muito numerosas e temos alunos com diferentes dificuldades, podemos também tentar esta troca de experiências nas horas atividades, assim tentando nos manter conectados, professor de sala de aula e professor da Educação Especial. (C1)

Não. São muitas disciplinas e pouco tempo. Seria maravilhoso planejarmos juntos, as orientações são repassadas para que sejam planejados juntos nos dias de planejamento. No entanto, esbarramos no tempo novamente. Assim, procuro repassar as informações, como objetivos e sugestões de adaptações em uma pasta que fica disponível na sala dos professores, também repasso para a pedagoga da SRM, que quando trabalha 40 horas no estabelecimento consegue fazer essa ponte com os professores do ensino comum. Durante cinco anos, trabalhei como professora da SRM na mesma instituição e vejo que suprir o professor do AEE, 40 horas seria o caminho para solucionar parte desse problema. (C2)

Formas para se planejar sempre acontecem, há sim alguns entraves, acredito o maior seria a incompatibilidade de horários, porém em

reuniões, formações, via aplicativos é possível sim trocar ideias para organização do planejamento, porém ambos os lados precisam querer em prol do aluno que mais precisa dessa parceria. Outro entrave para o especialista é que este ato de planejar envolve muitas disciplinas, muitos profissionais para conversar, uma alternativa vejo que seria uma reunião com todos via algum aplicativo para trocar ideias e sugestões. (C3)

O AEE e o ensino comum devem estabelecer um trabalho colaborativo, pois, se de um lado o Atendimento Educacional Especializado dispõe de serviços e recursos para o atendimento das especificidades dos estudantes com deficiência, por outro, o ensino comum responsabiliza-se pela escolarização desses estudantes. Por isso, é imprescindível uma relação de parceria e colaboração entre os níveis de escolarização e a modalidade de Educação Especial, interdependentes entre si. Assim os profissionais envolvidos, a partir de um diálogo contínuo, conheçam as necessidades e potencialidades dos estudantes, agreguem suas responsabilidades quanto ao processo de ensino e aprendizagem, - com objetivos comuns, possibilitando o acesso e a flexibilização curricular, a avaliação diferenciada, a organização de metodologia e estratégias pedagógicas, de forma a atender a todos os estudantes. (C4)

Acredito que apenas alinhando os profissionais na mesma escola e com hora atividade suficiente de encontro para elaboração dos planos, troca de ideias e experiências. A formação continuada com mais frequência envolvendo professores especialistas e das disciplinas como fizemos agora também seria uma grande contribuição. (C5)

No meu caso sim, porque estou nos dois períodos no colégio e conheço os professores somos parceiros, mas percebo que alguns ainda que atuam individualmente nas suas aulas e muitas vezes não dão importância as intervenções que podem ser feitas em relação a dificuldade do aluno e como diz no texto percebemos que muitos professores colaboram com o Ensino Colaborativo e alguns precisam melhorar e aceitar. A parceria contribui muito e vejo que alguns professores são ainda muito negativos, sempre achando que não vai dar certo. O importante seria que todos pudessem entender que o aluno da Educação Especial não é só do professor de Educação Especial, ele é de todos que estão envolvidos no processo ensino aprendizagem de cada escola, o momento de planejar em parceria contribuiria, mas precisa de comprometimento e de aceitação porque é comprovado que quando acontece a parceria é muito melhor. (C6)

Sim, já acontece essa troca de “figurinhas”, mas nunca foi realizado um planejamento. Estou diretora e acompanho os professores na hora atividade e nas observações de sala de aula. (C7)

Teria a possibilidade sim, caso as políticas educacionais servissem ao desenvolvimento dos educandos, aprendizagens, emancipação dos sujeitos, superação das adversidades impostas pela sociedade. No entanto a falta de comprometimento do governo em diversos níveis dificulta que as políticas educacionais sejam efetivadas e revistas de maneira séria. Planejar juntos depende de vários fatores para ocorrer, dentre elas: mais tempo de dedicação as horas atividades, menor carga horária em sala, formação que realmente traga aos professores e professoras não somente formas de estruturar suas aulas para todos os estudantes, tentando abarcar as diversidades e repensar estratégias para efetivação de suas propostas, ter um corpo docente preparado e fixo. A interdisciplinaridade precisa ser construída, com

trabalho em equipe e todos os sujeitos envolvidos no processo, mas de que forma se a rotatividade dos professores é imensa e a falta de tempo e formação dificulta. (C8)

Não é fácil. Estando na direção, pude observar o quanto a teoria é sensacional, mas a prática pouco se efetiva. Seria simples resolver o problema do planejamento em conjunto, concentrando as horas-atividades dos professores das disciplinas e do professor especialista. Porém, isso é quase impossível. Não temos hora atividade suficiente para isso, os professores lecionam em diversas escolas, e na maioria das vezes, as horas atividades são usadas para o seu deslocamento, até mesmo entre municípios da região. Falta, a meu ver, iniciativa do poder público em proporcionar esse planejamento colaborativo, que deve acontecer no ambiente escolar, e não por aplicativos de mensagens fora do horário de trabalho. (C9)

Só se for durante as aulas, pois na minha hora atividade a professora está na sala, com outro professor então a possibilidade de um trabalho conjunto, fica difícil, uma vez que tenho apenas uma aula com esse aluno que é Educação Financeira. (C10)

Sim, aproveitando a hora atividade sempre que possível e quando não for possível fazer essa comunicação via WhatsApp. Porque esse comprometimento traz resultado não apenas de um professor é de todos envolvidos no processo ensino/aprendizagem. Porque quando acontece o planejamento com as disciplinas fortalecem o trabalho colaborativo entre professores da Educação Especial e professores de disciplinas”, apostando que o benefício de uma cultura colaborativa se apresenta como uma proposta para garantir o acesso, permanência com participação e a qualidade de ensino. (C11)

O ideal seria o professor especialista ter o momento de hora atividade, porém, no cotidiano da sala de aula sempre que possível planejam. (C12)

Acredito que, apesar das inúmeras dificuldades encontradas no planejamento entre o professor do ensino comum e professor especialista, é possível realizar um trabalho em parceria para que o aluno especial possa se sentir incluído na aprendizagem da sala comum, demonstrado seu conhecimento sobre o assunto como relata o estudo de caso. (C13)

Sim, com a criação de um espaço na escola para expor e discutir as contribuições. (C14)

Acho que planejar junto (professor de ensino comum e professor especialista) a aprendizagem pode ser atingida com maior eficácia, porém esbarramos nos horários que não são compatíveis. (C15)

Planejar juntos é essencial, porém como já destacado é difícil conciliar os horários dos professores do ensino comum e do especialista. Porém se faz necessário, todo o coletivo escolar como direção, equipe pedagógica e professores envolvidos com o aluno procurarem meios para que estes encontros se efetivem. Talvez com flexibilização de horários de hora atividades em horários e até períodos se for necessário para que estes professores possam conversar e acontecer a reflexão de como facilitar a aprendizagem deste aluno. Em minha opinião, deve acontecer também um maior comprometimento de todos os professores para que estes encontros aconteçam e isso só irá acontecer se mudarem a concepção de que o aluno não é responsabilidade deles e sim do professor especialista e da escola. Se houver este comprometimento será possível achar um meio destas trocas acontecerem, pois quem quer faz acontecer. (C16)

Penso que realmente esta ação é questão de querer fazer principalmente pelos professores regentes das disciplinas que são bastante resistentes e até sobrecarregados demais. Esse jeito de planejar junto ainda não sei como fazer de forma mais completa. (C17)

Sim. O planejamento poderia ocorrer na hora atividade de cada professor, no entanto, o professor especialista deveria ter um tempo destinado semanalmente (de forma rotativa), para que assim, pudesse ter acesso a todos os professores da turma. (C18)

Sim, por mais que as ideias e os horários são diferentes sempre há um jeito de planejar juntos, depende muito do comprometimento do professor do ensino comum e professor especialista. (C19)

Com a carga horária atual do professor da educação básica é praticamente impossível. Não há carga horária suficiente para esse fim (planejamento em conjunto). O que ocorre são trocas informais de "ideias" entre os professores, ocorridas entre uma aula e outra, para conseguir alinhar melhor o trabalho de ensino aprendizagem de seus alunos. (C20)

A meu ver, este planejamento só ocorreria com a intervenção da direção/pedagogas, ajustando esses encontros durante a hora atividade (H/A) dos professores e deixando claro sobre a importância e obrigatoriedade. Talvez de início esta ação possa ser radical, mas não vejo outro caminho, pois os professores do ensino comum não conseguem entender que o aluno com deficiência é da escola e são de todos. (C21)

Sim, porém a organização do trabalho pedagógico solicita tempo destinado ao planejamento para ambas as partes. No caso descrito, a impossibilidade do planejamento em conjunto justifica-se na ausência "desse tempo" para o professor especialista, pois não tem carga horária destinada ao planejamento. Desse modo, entendendo a necessidade dessa parceria (professor da sala de aula e professor PAEE), a carga horária dos professores especialistas deveriam ser (re)pensadas, com o intuito de auxiliar na obtenção dos resultados esperados pelos professores, isto é: alcançarem a qualidade da aprendizagem do estudante, considerando suas limitações. (C22)

Sim, é preciso engajamento entre professores do ensino comum e professor especialistas para aproveitarem os momentos de estudos e planejamentos, para planejar juntos. (C23)

Sim, porque através do nosso diálogo sobre a aprendizagem podemos elencar pontos de atenção para usar metodologias significativas para o aprendizado do aluno e traz muito benefício porque contribui para o processo da educação inclusiva com qualidade onde podemos contribuir e pensar junto o que é melhor para o aluno no ambiente escolar. (C24)

Creio que seria necessário ações da escola para planejar o momento da hora atividade dos professores do regular com o professor especialista de forma que possam trabalhar colaborativamente desde o planejamento de atividades e ações, principalmente em relação as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática para que haja trocas de informações, orientações, adaptações curriculares e flexões quando necessário. (C25)

Haveria sim jeito, porém não seria simples, necessitaria de dedicação e vontade de ambas as partes. Poderia utilizar plataformas online, onde os dois professores teriam como visualizar a aula que seria apresentada e os dois poderiam colaborar no planejar da atividade - exercício ou aula prática -, já nas questões teóricas, seria mais

complexo a realização do trabalho em conjunto, justamente porque cada professor conhece o seu conteúdo e para o professor especialista pode ser também um aprendiz. (C26)

Talvez em todas as atividades seja difícil esse encontro para o planejamento, porém, a partir de conversas e trocas de ideias, o professor especialista pode “desenhar” junto com o professor do ensino comum estratégias para alcançar o aluno com deficiência, como no Estudo de Caso, no qual faltava a professora do ensino comum chegar até o aluno, incentivá-lo a desenvolver a atividade, para que de fato ele participasse ativamente, não apenas trazendo o isopor. Claro que algumas atividades precisam ser amplamente reelaboradas, porém, em outros momentos, um olhar especial da professora do ensino comum para as particularidades desse aluno, pode ser um grande diferencial na aprendizagem. Não é uma questão só de tempo. Existe também a questão de mudarmos nossa visão e nossa prática, nos habituarmos a olhar cada aluno em sua condição especial de aprendizagem. (C27)

Como já disse ali no texto, os horários são incompatíveis, professor trabalha em várias escolas. Mas acontece muitas vezes ali na sala de aula, e no intervalo troca de experiência dos conteúdos já programados pela professora a serem trabalhados, estratégias e atividades, compartilhamos ideias. (C28)

Sim. Há possibilidade de planejar junto. Pode-se buscar o contato, quando os professores atuam em turnos contrários, nos momentos de hora atividade dos professores, através de chamada de vídeo ou Meet, além da sequência desse planejamento por mensagem, via WhatsApp ou trabalho compartilhado para edição no google drive. (C29)

Sim ... para o bem do aluno é necessário que ocorra um planejamento, que é possível de acontecer, desde que os professores envolvidos se disponham, até mesmo fora de horário escolar, ou através de *Meets*. (C30)

Devemos lutar sempre para que possamos planejar e dividir estratégias com os demais professores. (C31)

Não é possível. Alguns professores do ensino regular são muito resistentes, dificultando o nosso trabalho. É bonito do papel, mas a realidade é outra. (C32)

A maioria dos cursistas acredita que é possível, necessário e importante planejar junto, ou seja, que ocorra Ensino Colaborativo no contexto escolar, mas admitem que é uma tarefa que envolve fatores como vontade pessoal, organização dos tempos escolares (hora atividade concentrada e compatíveis entre professores) e principalmente ações políticas concretas. A tecnologia também foi bastante citada como acesso entre os colegas para planejarem colaborativamente. Nos relatos, fica perceptível a angústia de como realizar / executar o planejamento de forma colaborativa.

6.1.2.4 - Atividade 04 – Elaboração de Estratégia Pedagógica pelos cursistas

Na quarta atividade, apresentamos o exemplo de um plano de aula (Apêndice C) para que os cursistas pudessem empreender uma estratégia pedagógica em colaboração, e, se possível, aplicar em sala de aula. Duas professoras da mesma instituição realizaram o plano de aula em parceria e entregaram o plano elaborado e executado juntas, e somente um cursista não entregou o plano de aula; os demais apresentaram seus planos de aulas (Anexo F).

Os planos de aulas elaborados e os relatos realizados pelos professores evidenciam a importância do planejamento pensado para os alunos. Nessa direção, citamos Capellini, para quem:

A escola como uma instituição deve procurar a institucionalização do saber da ciência da técnica e das artes produzidas socialmente deve estar comprometida politicamente e ser capaz de interpretar as carências reveladas pela sociedade direcionando as em função de princípios educativos capazes de responder às demandas sociais (CAPELLINI, 2004, p.50).

Através do planejamento podemos revisar e criar estratégias para alcançar os objetivos educacionais, otimizando a gestão do tempo e os recursos a serem utilizados. Quando a comunidade escolar se debruça para observar a problemática socioeconômica, política e cultural que envolve toda a escola para elaborar um plano de aula, conseguimos alcançar resultados positivos quanto à aprendizagem dos alunos. Para Gama e Figueiredo (2009, p.3), “[...] planejar pode ser obra de um indivíduo, de um grupo ou mesmo de uma coletividade social bem mais ampla, como no caso do planejamento participativo dentro de uma rede de ensino”.

Com a intenção de que os professores planejassem juntos, em parceria, propusemos a elaboração de planos de aulas com estratégias pedagógicas pensadas para o aluno público-alvo da Educação Especial, mas que os demais alunos também pudessem se beneficiar. Pontuamos que os resultados foram muito satisfatórios e interessantes, e podem ser visualizados no Anexo F.

6.1.2.5 - Atividade 05 – Relato da elaboração da estratégia pedagógica em colaboração

Na quinta atividade, disponibilizamos um formulário do *Google Forms* para que os cursistas pudessem relatar como fora a elaboração da estratégia pedagógica respondendo à pergunta: Como foi sua experiência na elaboração da atividade/plano de aula?

Após a elaboração, os participantes relataram suas dificuldades relativas à elaboração da aula em colaboração com outros professores. Mesmo com as barreiras encontradas entenderam a relevância de trabalhar com metodologias diferenciadas, em que todos os alunos poderiam participar e ter acesso ao conteúdo, sem o empobrecimento do currículo ou adaptações custosas e individualizadas. Seguem seus comentários:

Foi prazeroso propor uma metodologia diferenciada a partir do aluno da sala de recurso para todos os demais, fazendo o caminho contrário que sempre fazemos. Dessa forma, primeiro foi pensado na aprendizagem desse aluno envolvendo a todos. (C1)

A elaboração ocorreu normalmente como nas outras aulas, porém com um olhar mais voltado para as necessidades dos alunos da Educação Especial e com a colaboração da professora de Educação Especial. (C2)

Foi tranquila, uma vez que eu sou a professora do ensino regular e professora especialista da Sala de Recursos Multifuncional. (C3)

Foi um conhecimento agregador, pois foi possível perceber que a elaboração do plano de aula é fundamental no processo de aprendizagem do estudante. (C4)

Foi complexa, por ter que fazer diversas reflexões sobre como e o que avaliar. (C5)

Foi uma experiência complexa, no Colégio que atuo como professora a tarde não possui especialista na área da Ed. Especial (sala de recursos) para auxiliar. Portanto a elaboração do meu plano de aula foi realizando trocas com uma colega que possui a mesma turma, pensamos nas possibilidades de uma aula utilizando momentos práticos para favorecer todo o grupo de alunos. (C6)

Na verdade, eu não me senti tão confortável, cada professor tem sua forma de pensar, agir, ensinar..., mas, aos poucos fomos trocando ideias, planejando juntas e acabamos excluindo várias atividades por conta do tempo. (C7)

Foi muito bom ter a possibilidade de trabalhar os conteúdos propostos em minha disciplina com este olhar para a inclusão e o Ensino Colaborativo. (C8)

Quando pensei nesta atividade pensei que seria algo muito simples e que não seria atrativo para todos os alunos, no entanto, ao aplicar percebi que a participação foi de toda turma, pois eles gostam de

aplicar os conhecimentos estudados de forma prática, assim foi possível concretizar a aprendizagem. (C9)

Fiquei apreensiva, preocupada em realizar e não ser bem daquele jeito. (C10)

Foi muito positiva e enriquecedora. (C11)

Apesar de acreditar e aceitar muito bem a proposta do trabalho colaborativa ainda temos muita preocupação com os professores que não a consideram. Pensar no aluno que necessita de um atendimento diferenciado e elaborar atividades diferenciada além de prazeroso é ter a certeza da possibilidade da aquisição da aprendizagem. (C12)

O tempo foi fundamental para que ocorresse a elaboração do plano. Todas as estratégias foram elaboradas durante a hora atividade da professora. Eu fui expondo as minhas ideias e a professora foi aprimorando, através dos seus conhecimentos metodológicos e didáticos. A atividade foi desenvolvida para a disciplina de português, onde foram trabalhados vários aspectos da disciplina, como figura de linguagem, interpretação, oralidade e escrita. Tivemos o tempo de duas aulas geminadas para aplicação e desenvolvimento do conteúdo. Os alunos tiveram boa participação, principalmente no momento da atividade oral, onde dois alunos tiveram que fazer a recontagem e dramatização do texto de apoio. A aula foi muito produtiva e todos participaram. (C13)

Aprendi a fazer um trabalho colaborativo. (C14)

Foi ótimo, pois ao elaborar entramos em contato com os desafios de "pensar" as limitações e possibilidades que o estudante pode e consegue atingir. Conseguimos analisar outras formas de ensinar, colocando os demais estudantes em ação colaborativa. (C15)

Gratificante. (C16)

Foi muito gratificante, pois a união de esforços impulsionou para que nosso estudante com TEA fosse beneficiado. (C17)

Foi bacana, pois pensei no aluno com dificuldades e o como a aula poderia ser realizada para que ele apropriasse o conteúdo. (C18)

Foi ótimo poder planejar com a professora do ensino comum. As aulas da professora são bem dinâmicas, ela procura dar atividades envolvendo os alunos em grupo, isso facilita a participação dos alunos da Educação Especial. (C19)

Experiência foi maravilhosa, sempre aprendemos e ganhamos experiências, junto com os amigos de trabalho trocamos informações e a respeito da atividade e como executá-lo. (C20)

Foi uma experiência boa e bem aceita, a professora o Ensino Regular realizou ajustes no planejamento usando metodologias que contribuiu no aprendizado de todos os alunos. (C21)

Acredito que positiva. No entanto, cada vez mais sinto a necessidade de se ter o profissional Especialista em período integral nas escolas. Facilita o acompanhamento, a comunicação e o planejamentos das atividades priorizando a aprendizagem do estudante. (C22)

Foi uma experiência nova, pois o trabalho colaborativo é realizado para adequar as atividades escolares, estimular os projetos entre o professor especializado e do ensino comum, onde o plano efetivamente concluído e aprovado passa por erros e acertos, objetivando o desenvolvimento de metodologias de ensino para o acesso ao currículo, enriquecimento curricular e formas diferenciadas de avaliação visando melhor desempenho escolar do estudante. (C23)

Quanto a organização das ideias e o trabalho junto ao professor foi tranquilo. (C24)

O plano de aula sugerido não foi aplicado pois estou na direção. Mesmo assim, é um tema utilizado sempre em minhas aulas. Quando falamos do consumismo, geralmente não temos a noção da quantidade de lixo que produzimos, nem como o descarte incorreto das embalagens podem gerar problemas ambientais. Trabalhar com os 4R's desperta nos alunos consciência da consequência dos seus atos. (C25)

Foi uma experiência muito boa e rica. Pretendo continuar a realizar sempre. (C26)

Realizei o meu plano de aula e enviei por *WhatsApp* para professora de Sala de Recursos Multifuncional, que me indicou várias possibilidades de adequações e metodologias para que o aluno da Educação Especial pudesse participar ativamente. (C27)

Meu plano foi pensado, a partir do conteúdo que estava trabalhando, a metodologia foi pensando para trabalhar com todos os alunos, a professora de Educação Especial foi convidada a participar, porém no dia não conseguiu ir. (C28)

A elaboração do plano sem a participação do professor de Educação Especial, na escola que atuo não há nenhum especialista. (C29).

Achei complicado e difícil realizar o planejamento de aula com o professor de Língua Portuguesa, ao explicar a proposta, percebi que a professora achou que estava querendo verificar o que ela estava trabalhando. Imediatamente, abriu os slides propostos da aula e mostrou qual o conteúdo iria trabalhar com os estudantes. Me senti desconfortável. (C30)

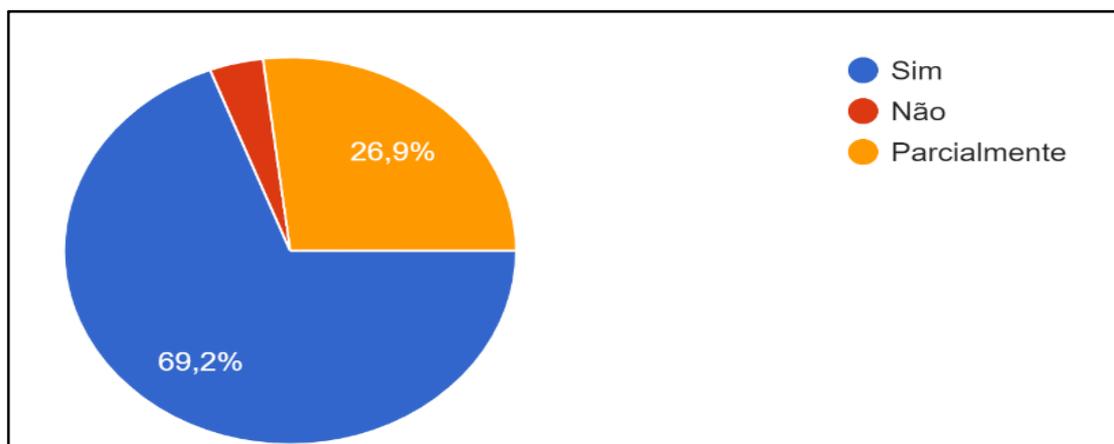
Não realizei plano colaborativo. (C31)

Acredito que há um longo caminho para percorrermos, somos acostumados a trabalhar sozinhos, e no nosso tempo e espaço, mas foi produtivo, apesar da dificuldade encontrada (como horário para planejarmos juntas). (C32)

A atividade realizada pelos cursistas necessitou de muito investimento de energia e coragem, pois alguns relataram a dificuldade que ainda ocorre em planejar de forma colaborativa, uma vez que muitos colegas de trabalho não conhecem a proposta e como pode ser realizada essa parceria, o trabalho é muito solitário e necessita de muita compreensão para que aconteça.

A segunda pergunta proposta aos participantes na atividade cinco abordou a ocorrência da colaboração no planejamento da atividade entre professores de ensino comum e Educação Especial. Os cursistas responderam que 69,2% conseguiram planejar de forma colaborativa; 26,9% parcialmente e 3,9% não planejaram colaborativamente. É o que apontamos no Gráfico 12.

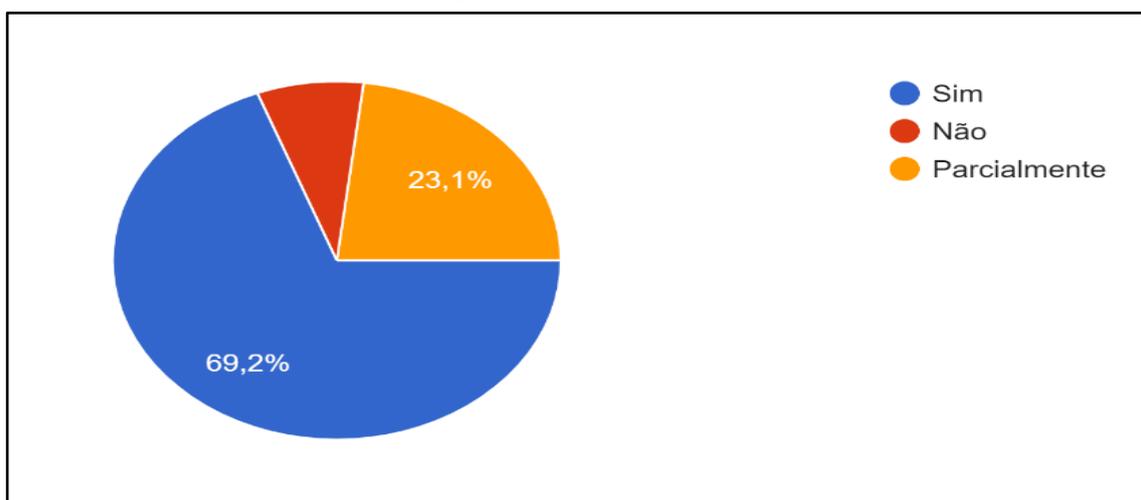
Gráfico 12 – Professores conseguem planejar de forma colaborativa



Fonte: Elaboração da autora.

Na pergunta três, ainda relacionada ao Ensino Colaborativo (parceria entre professores), inquirimos os cursistas se na execução da atividade ou atividades os professores tinham atuado juntos na elaboração do plano de aula. As respostas revelaram que 69,2% atuaram colaborativamente, um percentual bom de participação, evidenciando que o Ensino Colaborativo começa a ganhar os espaços escolares, conforme mostramos no Gráfico 13.

Gráfico 13 – Execução de atividades junto ao plano de aula



Fonte: Elaboração da autora.

Encerrando a atividade cinco, propusemos aos cursistas relatar como fora elaborar uma atividade para o aluno de Educação Especial em colaboração com o professor especialista. Seguem as considerações realizadas pelos cursistas:

Na verdade, houve uma conversa sobre a intenção da atividade, de como ela seria desenvolvida juntamente com a professora especialista, trocamos experiência e práticas exitosas. A partir daí, fiz a elaboração do plano sozinha, pois não tínhamos horário para formularmos juntas. A atividade ainda não foi realizada com os alunos, estamos nos organizando para a próxima semana. (C1)

Foi uma ótima experiência, pois a professora trouxe ideias que poderiam atrair a atenção dos alunos da Educação Especial e ajudou a incluí-los de forma ativa nas atividades propostas. (C2)

Foi bom, de acordo com as leituras disponível no curso tive a oportunidade de refletir sobre as minhas práticas. Tentei fazer em língua portuguesa com a professora da disciplina, mas ela me disse que neste momento não poderia participar porque estava assoberbada com as redações. (C3)

Foi necessário compreender a dificuldade específica do aluno. (C4)

A elaboração foi feita por mim e me comuniquei via recado no caderno do próprio aluno para que ele levasse o recado de como seria a proposta detalhada para a professora de sala especial. ele elaborou juntamente com a professora a maquete proposta e explicação. (C5)

Não houve a participação do professor especialista, organizei o plano de aula pensando em propiciar momentos de produtividade tanto para os alunos sem dificuldades e para os que apresentam as limitações. (C6)

Foi ofertado a mesma atividade para todos da turma e para a aluna com DI foi dado explicações complementares, individual e ela pode utilizar material de apoio (tabuada). (C7)

Ao decidir o que iria fazer, conversei com professores especialista da minha escola para troca de experiência da melhor maneira para eu realizar minha atividade que me auxiliou na execução. Portanto, foi proveitoso esta troca que fazemos constantemente no espaço escolar. (C8)

Foi um desafio, eu imaginava que ao elaborar uma atividade para os alunos da Educação Especial teria que ser algo específico só para eles, mas, durante a aplicação pude perceber que quando se planeja pensando nas habilidades dos alunos da Educação Especial todos os outros se beneficiam, como nesta atividade em que todos puderam concretizar o que aprenderam na teoria. (C9)

Após uma avaliação pedagógica, constatei defasagem significativa em todas as áreas do conhecimento, a partir disso elaborei um plano de atendimento condizente para melhor atendê-la. (C10)

Foi um desafio ter o olhar da Educação Especial dentro da disciplina. Mas é enriquecedor. (C11)

A troca de informações entre os professores enriquece a aprendizagem do aluno. O que interferiu no planejamento foi a falta de tempo para a colaboração. (C12)

A atividade foi elaborada para atender as necessidades especiais de uma aluna do 9º ano que possui laudo de dislexia. Devido à grande dificuldade em reconhecer as letras, escrever e de produção, fizemos a atividade de forma oral e expositiva. Fizemos perguntas orais e pedimos para que ela relatasse alguns acontecimentos do cotidiano, relacionado ao tema do texto. A estudante percebeu a ironia do texto através de explicações e exemplos e ainda identificou falhas na oralidade dos alunos que fizeram a apresentação do texto, como as repetições de palavras da própria oralidade, tais como “aí, daí, então

e etc. A aluna participou do começo ao fim da aula, demonstrando muito interessada. (C13)

Como foi a primeira vez, senti orgulho de vê-lo interagindo e participando. (C14)

Foi muito gratificante, pois podemos ajustar as estratégias de ensino pensando o aluno como um "todo" no desenvolvimento de suas potencialidades. Houve muita parceria, a professora da Educação Especial que acompanha o aluno que trabalho é fantástica. (C15)

Foi desafiador, mas com o desfecho exitoso foi gratificante também. (C16)

Eu preparei o conteúdo e passei para a professora de Sala de Recursos, para que ele averiguasse se havia ou não a necessidade de adaptações, após ter recebido seu parecer, apliquei em sala o conteúdo. (C17)

Foi uma experiência ótima. A professora foi parceira na escolha dos conteúdos e da metodologia aplicada. (C18)

A professora foi incentivadora para que o estudante surdo apresentasse o trabalho para a turma, passando muita segurança e incentivo na elaboração da atividade. (C19)

Foi muito importante porque os professores já estão entendendo que o aluno da Sala de Recursos Multifuncional. (C20)

Sala de Recursos não é somente do professor especialista e sim de todos da Instituição Escolar. Na elaboração da atividade percebi a importância e o esforço dos professores que tive contato que foi o de Matemática e o de Língua Portuguesa, percebi várias ações que demonstraram os esforços desses educadores em ensinar a turma juntamente com o meu aluno que está presente e assim representam um conjunto valioso de experiências no tratamento que os nossos educadores têm com os alunos. (C21)

As mensagens foram trocadas via WhatsApp, a professora se colocou à disposição para realizara a atividade em parceria com a professora especialista e assim conseguimos realizar a atividade. (C22)

Todos os estudantes têm direito ao mesmo currículo e ao mesmo conjunto de saberes. Por isso, o professor regente da sala comum, responsável por todos os estudantes - é quem faz o planejamento para todo o grupo com ou sem deficiência. Sendo que essa tarefa pode, – e deve ser compartilhada com o professor especialista, pois sua participação oportuniza novas atividades e estratégias relevantes, que levam em consideração os interesses e as necessidades de cada estudante, como no caso de identificação de possíveis barreiras à aprendizagem. (C23)

Foi uma experiência muito boa e produtiva. Houve engajamento muito bom por parte de todos, foi possível trabalhar o conteúdo de uma forma diferenciada. (C24)

Nessa atividade, todos os alunos conseguem participar. Trabalhar com imagens e vídeos enriquecem as aulas, exemplificam os conteúdos e ajudam na construção do conhecimento. Analisar o próprio comportamento e o da família em relação ao consumo é uma atividade pensada de forma a atender também os alunos de Educação Especial. Dependendo ainda do grau de comprometimento, o que foi visto em sala pode ser trabalhado na prática com as lixeiras disponíveis pelo pátio do colégio, que estimulam o descarte correto de tudo o que é produzido de lixo. (C25)

Foi uma troca de experiências enriquecedora. (C26)

Ao realizar o planejamento em parceria senti mais segurança em relação ao meu trabalho. (C27)

Elaborei o plano, mas por causa do tempo, pedi para a professora realizar com o aluno na Sala de Recursos. (C28)

Achei muito difícil a realização de planejar colaborativamente, não encontro a professora de Educação Especial, pois atuo somente 1 dia da semana na escola. (C29)

É muito gratificante ver todos os alunos participante juntos, e isso foi possível através de trocas que fiz com a professora de Sala de Recursos, ela me apontou atividades que o aluno poderia realizar. (C30).

Fiquei um pouco envergonhada em abordar o professor para explicar sobre o Ensino Colaborativo e o trabalho que deveríamos realizar juntas. (C31)

Não realizei colaborativamente o planejamento, pensei sozinha em estratégias para trabalhar com todos os alunos. (C32)

Após a leitura dos relatos dos participantes, observamos que os cursistas C28, C29, C31 e C32 manifestaram não terem achado uma tarefa fácil, porém a maioria dos professores gostaram muito de realizar o planejamento voltado ao aluno público-alvo da Educação Especial, pois estão acostumados a realizar o inverso: planejam para uma sala toda, sem levar em consideração a especificidade de dado aluno. Com isso, perceberam grandes possibilidades em trabalhar com estratégias e metodologias em que todos os alunos poderiam se beneficiar. Alguns professores também enfatizaram a relevância da troca de conhecimentos entre professores e quanto é formativo esse encontro.

Nesse viés, Capellini, Cristovam e Queiroz ressaltam que

[...] ao falar em escolas inclusivas, necessariamente inclui-se práticas docentes que estejam pautadas em princípios inclusivos, com uma organização que valorize, conheça a todos e a cada um de seus estudantes, que rompa com tradicionalismos ineficientes, que se concretize em uma prática reflexiva, organizada com clareza de objetivos a serem atingidos por todos os atores do processo educativo. Práticas estas planejadas intencionalmente a serviço do máximo desenvolvimento do potencial de todos os indivíduos (CAPELLINI; CRISTOVAM E QUEIROZ, 2022, p.10).

6.1.2.6 – Atividade 06 – Aplicação da Estratégia Pedagógica Elaborada em Sala de Aula

Destacamos que o período de aplicação dos planos de aula elaborados pelos professores do ensino comum e Educação Especial foi tranquilo para alguns cursistas

e para outros nem tanto; alguns relataram, através de mensagens, a angústia de não saber se estavam no caminho certo. Buscamos ajudá-los, e durante esse período de aplicação em sala de aula nos propusemos a ir até a escola caso fosse necessário, entretanto todos fizeram com conhecimento e propriedade e ao final da aplicação enviaram fotos e relatos emocionantes, como o manifestado pelas cursistas na atividade sete.

De acordo com Capellini e Zerbato (2019),

[...] a educação dos indivíduos PAEE não pode recair apenas sobre a responsabilidade de um profissional quer ser o professor de Educação Especial ou somente do professor do ensino comum e considerando que não é possível um único profissional dar conta de saber sobre todas as metodologias para o atendimento das especificidades de cada estudantes verifica-se que o trabalho em parceria pode ser um caminho muito valioso para o favorecimento do aprendizado ao estudante” (CAPELLINI e ZERBATO, 2019, p.34).

6.1.2.7 – Atividade 07 – Relato dos cursistas de como foi aplicação da estratégia pedagógica em sala de aula através do *Google Forms*

Na atividade sete, solicitamos aos cursistas o relato da atividade proposta em colaboração com o professor de Educação Especial ou não, com enfoque no que observaram em relação à turma com as seguintes reflexões:

- Como foi a participação da turma na atividade?
- Como foi a participação do aluno de Educação Especial na atividade?
- Você percebeu se houve algum benefício para turma a atividade proposta?

Reproduzimos o relato da implementação do plano de aula elaborado pelos cursistas, assim como a participação da turma na atividade:

Os alunos visam notas, realizaram as atividades de forma normal, mas quando a professora da classe disse que valeria nota, passaram a desenvolver com mais atenção e criatividade. (C1)
Houve interação e participação de todos da equipe, se interessaram em saber como seria a comunicação do aluno surdo, eu expliquei: que ele faria LIBRAS e eu faria a leitura do texto, uma turma receptiva. (C2)
Foi uma boa participação, todos se envolveram. (C3)
De forma geral, a turma se envolve na atividade, a princípio comparando as embalagens trazidas pelos colegas e compartilhando informações de consumo. Em seguida, conseguem analisar até

mesmo as diferenças de consumo entre eles (que tipo de embalagem, tipo de produto, etc.) (C4)

A turma participou com entusiasmo e dedicação, pois puderam construir o conhecimento através da pesquisa e confecção de um jogo. O que atraiu muito essa faixa etária. (C5)

A turma participou de forma organizada e alguns alunos que conheciam a estudante, auxiliou na hora da produção. Todos conseguiram desenvolver a atividade. (C6)

A turma foi muito presente e participativa, quando perceberam que na aula teríamos atividade prática, ficaram entusiasmados. (C7)

Todos participaram ativamente das atividades propostas. (C8)

Houve a participação de todos, observou-se que os alunos estavam animados com a atividade. (C9)

Ótima. (C10)

Foi boa a participação porque foi usado um material de apoio que ainda não era conhecido dos alunos. (C11)

Foi interativa e colaborativa. Todos participaram com entusiasmo e comprometimento, visto que foi uma atividade prática que possibilitou outra forma de "experiência" aos alunos. (C12)

Todos os alunos participaram e adoraram a dinâmica. (C13)

A turma toda participou ativamente. (C14)

A participação foi ótima. (C15)

Os alunos se envolveram de forma positiva na realização da atividade proposta. (C16)

A turma participou ativamente da atividade proposta. (C17)

A atividade foi proposta para toda a turma, pois os alunos têm muitas fragilidades quando a concepção de conteúdos básicos independentemente de pertencerem ou não à sala de recursos multifuncional ou precisarem de algum tipo de atendimento educacional especializado. Muitos têm dificuldades de realizar as atividades, de entender os conceitos até mesmo pelo próprio processo da pandemia e do isolamento que tornaram mais deficitária ainda a compreensão e ensinamentos de qualquer etapa e em especial do ensino fundamental-anos finais. (C18)

Toda a turma participou e se envolveu no desenvolvimento da atividade. (C19)

Foi ótima, gostaram das estratégias que beneficiaram a todos. (C20)

A participação foi boa, dentro do esperado na proposta do planejamento colaborativo. (C21)

A princípio os alunos ficaram muito curiosos e apreensivos com a apresentação da aula, pois mantivemos um certo mistério ao retirar dois alunos da sala para passar os comandos e explicar o que seria feito durante a aula. No entanto, durante o direcionamento das atividades, os alunos ficaram motivados e com vontade de participar, pois o tema do texto é atual e envolveu a rotina e comportamentos dos alunos com relação à família, principalmente com relação à mãe. (C22)

Todos participaram e se envolveram na atividade. (C23)

Todos os alunos participaram ativamente da prática. (C24)

Todos realizaram e participaram dentro de suas limitações e entendimento. (C25)

Os alunos adoram atividades diferenciadas que envolvem a matemática, principalmente quando tem que colorir. (C26)

Todos os alunos participaram com entusiasmo, a atividade proposta pensada a partir da dificuldade do aluno englobou os demais da sala, que compreenderam o conteúdo. (C27)

Muito interessante, nunca tinha pensado que planejar em colaboração com algum colega, principalmente de Educação Especial, me senti mais leve e segura. (C28)

Devemos lutar sempre para que possamos planejar e dividir estratégias com os demais professores. (C29)

Todos participaram e interagiram muito bem. (C30)

Foi tranquilo, a atividade prazerosa, os alunos gostaram e me fez refletir sobre o envolvimento dos alunos da Educação Especial. (C31)

Muito bom, os alunos participaram. (C32)

Através dos relatos, os cursistas pontuaram que os alunos gostaram das atividades propostas e delas participaram ativamente; os docentes perceberam ser possível incluir o aluno público-alvo da Educação Especial sem realizar adaptações custosas, visto que trabalharam o mesmo conteúdo com todos os educandos.

Questionamos acerca da participação do aluno de Educação Especial na atividade e os cursistas assim responderam:

Uma participação tímida. (C1)

Ele se sentiu acolhido e feliz na execução da atividade. (C2)

Foi excelente, ele se envolveu na atividade. (C3)

Nesta atividade, os alunos da Educação Especial têm o contato físico com embalagens, analisam imagens projetadas, assistem vídeos, contemplando assim, uma série de formas de aprendizagem. Estimulando os diversos sentidos, até mesmo para os alunos que não são da Educação Especial, a aprendizagem torna-se mais prazerosa. Além disso, para o aluno da Educação Especial, conseguir analisar seus hábitos e de sua família, trazendo assim o assunto o mais próximo possível da sua realidade, facilita o processo de aprendizagem. (C4)

Os alunos da Educação Especial tiveram participação ativa, principalmente na hora da pintura, recorte e colagem das peças do jogo. Se mostraram interessados e dedicados durante a aula. (C5)

Na produção de texto, A.R.S., não compreendeu o que era para ser realizado, demonstrando não entender o comando da professora, ficou agitada, nervosa, se levantou e foi atrás da professora. A professora a orientou novamente e pediu que fosse para o seu lugar, porém, a estudante virava para trás tentando pegar informações com os colegas. A professora voltou novamente para A.R.S. e percebeu que a estudante estava realizando a atividade em outra disciplina, no caderno. Direcionou-a para a matéria no caderno e colocou algumas informações escritas. A estudante começou a escrever e necessitou novamente de alguns comandos da professora para finalizar a atividade. (C6)

As alunas se envolveram na atividade e conseguiram compreender os comandos e participar ativamente da aula, sem a necessidade de a professora a todo momento ficar chamando a atenção. (C7)

A princípio tímida, após explanado os objetivos houve maior participação. (C8)

Os alunos da Educação Especial, participaram das atividades em grupos e interagem com os colegas e a professora. (C9)

Tranquila, por ser aluno autista não manifestou reação. (C10)

Participou com os demais. (C11)

Foi positiva e motivadora, ele participou com interesse e vontade, demonstrando satisfação na realização das atividades e na interação com os demais colegas da turma. (C12)

Assim como os demais alunos adoraram participar, duas alunas no início não queriam, houve intervenção no sentido de deixá-las seguras, logo interagiram e demonstraram ter gostado. O aluno adorou, respeitou as regras e normas estabelecidas para a dinâmica. (C13)

O aluno da Educação Especial participou de todas as etapas do trabalho, desde a configuração do grupo, entrega dos materiais e confecção do trabalho. (C14)

Fez os trabalhos de acordo com o objetivo.

Foi positiva e acolhedora, pois todos interagiram igualmente. (C15)

Os alunos que observamos apresentar déficit de atenção e hiperatividade conseguiram se concentrar melhor quando a atividade a atividade manual foi proposta e conseguiram desenvolver sem grandes dificuldades. (C16)

Como a carga horária da minha disciplina é reduzida e as aulas são no último horário, é mais um agravante, nesse sentido precisei criar um grupo de watts para orientação pós aula e postar possibilidades de propostas e orientação. A participação de todos foi difícil pelas fragilidades na aprendizagem, porém trabalhar com atividades práticas materializa também as dificuldades podendo ser mais bem trabalhadas. (C17)

Inicialmente, como muitos alunos ficaram um pouco tímidos, com medo de errar o que era perguntado, mas durante a aplicação todos se envolveram e conseguiram compreender o que estava sendo estudado. (C18)

Foi excelente. Consegue focar com atividades curtas e intercalando com mediação do professor e estudo independente em seu celular. (C19)

Inicialmente o aluno teve um pouco de resistência, mas no decorrer das aulas participou das atividades e produziu juntamente com seus pares, tendo uma participação bem maior do que costumeiramente apresenta. (C20)

A aluna demonstrou-se interessada. Houve momentos que relatou acontecimentos da sua vida pessoal, ouviu com atenção a explicação da professora sobre a importância em falar com clareza e ter uma boa apresentação ao falar em público. Em nenhum momento ela ficou dispersa, riu várias vezes, pois o texto contém ironia e humor e trocou relatos da sua vida familiar com outros colegas da sala. (C21)

Também participou e se envolveu na atividade. (C22)

Participou e contribuiu com a atividade expondo suas hipóteses. (C23)

Foi efetiva, já que dividi em grupos de 4 alunos, e quando não consegui apoiar o aluno especial na atividade, tive a colaboração dos outros alunos da sala. (C24)

Ele adorou fazer a atividade juntamente com os demais colegas de sala, se sentiu incluído em todo o processo! (C25)

A sala toda participou e o podia ver na expressão do aluno sua felicidade em fazer parte da atividade. (C26)

Nas minhas aulas sempre procuro incluir, então para R., não foi novidade, pois já faz parte da rotina. (C27)

A sala ficou surpresa, quando perceberam que o aluno da Educação Especial participou da aula, dando sua opinião e respondendo às perguntas que foram feitas a ele. (C28)

A participação foi boa. (C29)

O aluno ficou andando pela sala, demorou para interagir, mas depois de alguns minutos, a professora do componente curricular o chamou para ajudar na atividade, foi quando ele começou a participar da atividade. (C30)

Como a atividade foi em grupo, os colegas foram direcionando o aluno na confecção do cartaz. (C31)

Muito interessante ver a como interagem e se sentem acolhidos quando entendem o conteúdo. (C32)

Os relatos evidenciaram que os alunos público-alvo da Educação Especial participaram das atividades propostas pelos cursistas em suas respectivas turmas e sentiram-se parte do processo de aprendizagem. Chama atenção quando os cursistas manifestaram que os demais colegas descobriram que tais alunos participam, fazem parte do grupo e podem ser incluídos (C28). As atividades em grupos também aparecem como recurso para auxiliar no trabalho de inclusão.

Sobre essa questão, Capellini, Cristovam e Queiroz acenam que:

[...] é oportuno possibilitar aos docentes a discussão de estratégias educacionais visando à participação ativa e consciente de todos os alunos no processo de educativo, não bastando apenas fornecer conhecimentos acerca do PAEE, é preciso garantir que o conjunto de professores se apropriem e transformem suas práxis pedagógicas (CAPELLINI, CRISTOVAM e QUEIROZ, 2022, p. 22).

Na terceira pergunta, solicitamos aos cursistas se perceberam algum benefício para turma a partir da atividade proposta. Seguem as suas respostas:

Sim, com aula bem planejada ela fica clara de fácil compreensão. (C1)

Sim, ficaram todos atentos na hora da apresentação e admirados do potencial do aluno e como sua comunicação é diferenciada e importante para seu desenvolvimento pessoal. Muitos se interessaram em saber alguns sinais, o acolheram muito bem na turma. (C2)

Sim. Todos os alunos participaram da atividade, não houve distinção de aluno especial e regular. (C3)

Sim, mesmo elaborando uma atividade com adaptações, a turma consegue compartilhar ideias, e os alunos da Educação Especial são incluídos neste processo. (C4)

Sim. O trabalho em grupo, interação e aprendizagem de forma lúdica. (C5)

Sim. A professora necessitou retomar mais vezes a explicação e colocou mais informações no quadro. Facilitando na hora da execução e elaboração do texto. (C6)

Com certeza sim, pois a partir do momento que a atividade prática foi executada favoreceu a turma toda, tanto em participação como em aprendizado. (C7)

Sim, aprenderem o conteúdo apresentado de várias formas. (C8)

Sim. Porque as atividades práticas deram oportunidades para a participação de todos. (C9)

Sim, o conteúdo já vinha sendo trabalhado com a turma, com a experiência prática enriqueceu ainda mais a aprendizagem. (C10)

Sim, porque foi uma aprendizagem significativa ajuda o aluno a compreender melhor o processo de associação que há entre a adição e a multiplicação. (C11)

Sim. A atividade possibilitou o contato dos demais estudantes com uma "prática concreta", onde puderam trocar experiências, compararem as medidas, opinarem sobre as diferentes medidas e formas de medir, fazendo com que todos interagissem e participassem com comprometimento e satisfação. (C12)

Sim, pois com essa dinâmica foi possível fazer uma avaliação diagnóstica do conteúdo multiplicação (tabuada). A dinâmica foi aplicada na aula de Estudo Orientado com o professor da disciplina e juntos repassamos ao professor de matemática o resultado da turma referente a multiplicação. (C13)

Sim. A atividade proposta foi prática e os alunos puderam visualizar como era a escrita dos primeiros povos. (C14)

Sim, analisaram possibilidades de gerar renda. (C15)

Sim, todos os alunos se beneficiaram. (C16)

Sim, uma vez que a turma auxiliava os que apresentavam dificuldades durante a execução por não terem a coordenação motora fina bem desenvolvida. (C17)

Atividades práticas quando bem planejadas sempre trazem benefício e na idade escolar dos alunos é mais que necessária a organização dessa forma. (C18)

Acredito que quando pensei nesta atividade para os alunos da Educação Especial todos se beneficiaram, pude perceber que quando estávamos apenas nas aulas teóricas muitos não conseguiam entender de fato o que significava velocidade, mas quando terminamos a atividade, todos tiveram clareza que a velocidade envolve, espaço percorrido e tempo gasto. (C19)

Houve muito benefício, pois entenderam que todos possuem habilidades e dificuldades e se respeitarmos a todos, a aprendizagem e o envolvimento de todos acontece. (C20)

Sim. Porque foram levantadas questões importantes em relação a convivência, respeito, conviver com as diferenças, verificar veracidade de fatos e principalmente a socialização de informações e aprendizado e aceitação. (C21)

Com certeza!! Todos participaram fazendo seus relatos, compartilhando experiências e acontecimentos através da convivência familiar. O conteúdo é atual e algo que está presente na vida de todos os alunos. (C22)

Sim, pois trabalhar com material concreto faz com o aluno efetive a aprendizagem em relação quando se trabalha só com o abstrato. (C23)

Sim, a atividade contribuiu para o aprendizado de um conteúdo muito abstrato. (C24)

Sim, pois trabalhei o conteúdo previsto no planejamento do ano letivo. (C25)

Sim, eles vão aprendendo a matemática, memorizando a tabuada de forma leve, divertida, trocando ideias com os colegas, colorindo, interagindo. (C26)

O benefício foi enorme, pois além da interação a aprendizagem foi significativa. (C27)

Toda turma se beneficiou e me senti, grata com o resultado obtido. (C28)

Foi muito satisfatório planejar e ver toda a sala participando e interessados. (C29)

Os alunos gostam de atividades diferentes, quando propomos coisas novas eles adoram e participam. (C30)

Foi muito bom porque assimilaram o conteúdo que é abstrato. (C31)

O curso possibilitou que pensássemos e planejássemos atividades envolvendo todos os alunos. (C32)

As respostas dadas pelos participantes demonstraram que planejar é fundamental, que uma aula bem planejada traz benefícios a todos.

Para finalizar, os cursistas emitiram suas opiniões referentes às metodologias e estratégias pedagógicas diversificadas aplicadas em sala de aula e quais benefícios trouxeram aos alunos.

Todos os alunos se beneficiam. (C1)

Todos foram beneficiados. Através da metodologia aplicada, foi possível atender as necessidades de todos os alunos. (C2)

Todos os alunos se beneficiam. Quando falamos de atividades diversificadas, pensamos a princípio em atender, de forma adaptada, os alunos da Educação Especial. Porém, os benefícios podem ser usufruídos por todos os alunos, uma vez que essas metodologias diversificadas tornam as aulas mais atrativas, participativas e o resultado é a aprendizagem com mais qualidade. (C3)

A todos os alunos, pois quando trabalhamos de forma prática e no concreto, a interação de todos os alunos é melhor. (C4)

Acredito que a todos os alunos. (C5)

Sim, experienciar atividades práticas, aulas com jogos, games, metodologias ativas, com certeza favorece o grupo todo de alunos e não somente aos alunos da Educação Especial. (C6)

As várias formas de ensinar não abrange somente os alunos da Educação Especial, acaba facilitando a compreensão de todos os estudantes. (C7)

Os benefícios são para todos os alunos, a flexibilização curricular beneficia os alunos com ou sem deficiência. (C8)

Com certeza para todos, é o aprender a fazer, conhecer, conviver e ser. (C9)

Sim traz muito benefício porque incentiva os alunos para que aprendam de forma autônoma e participativa, a partir de situações que o aluno participa ativamente e assim ele passa a construir mais conhecimentos. (C10)

Acredito que os benefícios são para todos, pois os estudantes da Educação Especial, precisam de adaptações e, os demais estudantes da turma, se beneficiam quando as adaptações solicitam práticas pedagógicas ou recursos que favoreçam a compreensão ou a fixação dos conteúdos para os demais. Os estudantes buscam formas diferenciadas de aprender, e infelizmente nem todos os profissionais utilizam formas diferenciadas de ensinar no cotidiano da escola. (C11)

Acredito que a todos os alunos, pois metodologias e estratégias pedagógicas diversificadas deixam as aulas mais dinâmicas e estimulam as diferentes formas dos alunos aprenderem. (C12)

Todos os alunos participaram ativamente da atividade e atingiram o resultado esperado. (C13)

A atividade foi preparada com metodologia ativa para todos. (C14)

Acredito que pode contribuir para que todos os alunos possam aprender com igualdade, considerando as diferenças existentes na sala de aula. (C15)

Metodologias diversificadas trazem benefícios para toda turma e não somente ao aluno considerado da Educação Especial. (C16)

Sempre que proponho atividades em sala penso no coletivo e no grau de aprendizagem possível para turma, incluindo a todos. Ao menos uma atividade por trimestre procuro fazer de forma lúdica e que gere um produto para que eu possa perceber melhor a compreensão dos alunos seja da Educação Especial ou não sobre o tema. Até mesmo pela disciplina exigir um grau de abstração que nem sempre os alunos têm condições de demonstrar e o lúdico auxilia nesse processo. (C17)

Realmente, as estratégias diversificadas contribuem para que todos os alunos se desenvolvam, entendam e posteriormente apliquem o que está sendo estudado. (C18)

Traz benefício, com certeza, para todos os estudantes. (C19)

Com certeza, há um maior envolvimento de todos quando as atividades propostas têm como foco o aluno como protagonista do seu conhecimento. Percebe-se que são muito criativos e produzem melhor quando socializam nas elaborações das propostas das atividades. (C20)

Tudo foi elaborado para atender não só a aluna PAEE, mas também todos os alunos. A participação foi muito boa, com metodologias ativas, envolvendo todos os estudantes. (C21)

Benefícios foi para todos. (C22)

As metodologias diversificadas trazem benefícios a todos os alunos. Todos ganham quando existe a possibilidade de aplicar novas técnicas. (C23)

A todos os alunos, já que há participação de toda a turma no realizar da atividade proposta. (C24)

Para todos os alunos com certeza, é muito importante para o aluno da Educação Especial se sentir parte daquele grupo de alunos, assim como também acho muito importante ele estar interagindo com os amigos da sala, todos dentro de um mesmo propósito. (C25)

Todos se beneficiam, quando existe o estudante especial incluso em sala, pois além das atividades propostas, podemos contar também com o valor humano, olhar diferente para a vida. (C26)

Trouxe benefícios para todos, bem como para os professores. (C27)

Com certeza todos foram beneficiados, quando oportunizamos atividades diferentes os alunos aprendem melhor. (C28)

Foi ótimo ver a participação de todos. (C29)

É trabalhoso realizar atividades diferentes, pois os alunos se agitam, mas aprendem. (C30)

Com certeza foram beneficiados. (C31)

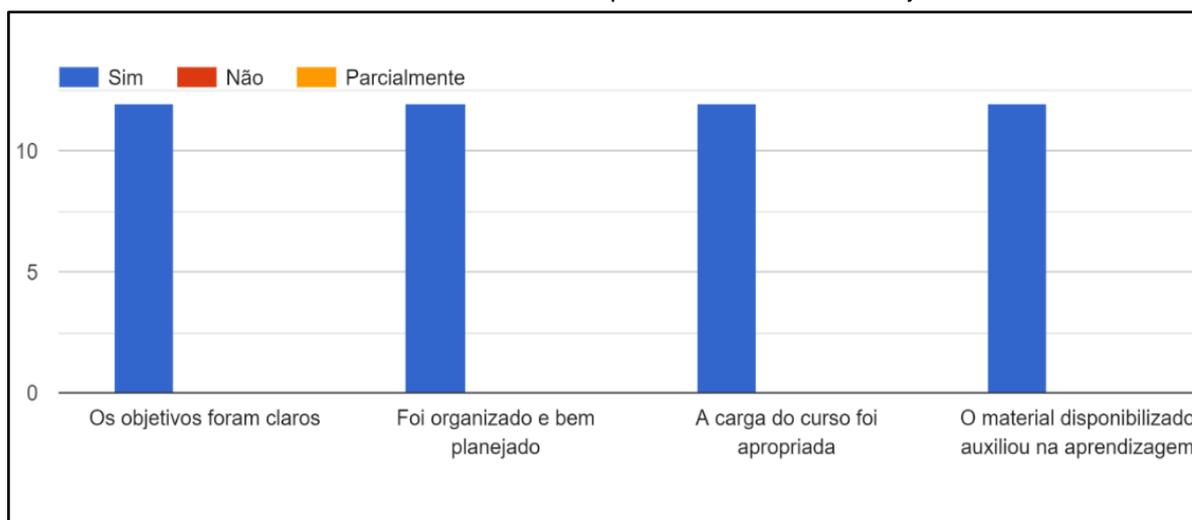
Achei muito bom realizar a parceria com a professora de Educação Especial, me motivou realizar mais aulas interativas, os alunos gostaram e participaram. (C32)

As reflexões empreendidas pelos cursistas destacaram que quando as atividades são organizadas com metodologias e/ou recursos diferenciados, todos os alunos se beneficiam. A esse respeito, Prais (2016, p. 165) escreve que: “Um dos aspectos principais para a inclusão educacional é o do planejamento pelo professor das suas atividades pedagógicas, que representem intenções e práticas inclusivas”.

6.1.2.8 - Atividade 08 – Avaliação Final

Na oitava e última atividade, propomos, via *Google Forms*, que os cursistas avaliassem o processo do curso, expressando, por meio de questões abertas e fechadas. Estes deveriam informar se os objetivos do curso haviam sido claros, se o curso havia sido bem-organizado e planejado, se a carga horária foi adequada e o material disponibilizado no curso havia contribuído com a aprendizagem do cursista, em que os cursistas que responderam informaram que todos os itens apontados foram apresentados de forma objetiva, como demonstramos no Gráfico 14.

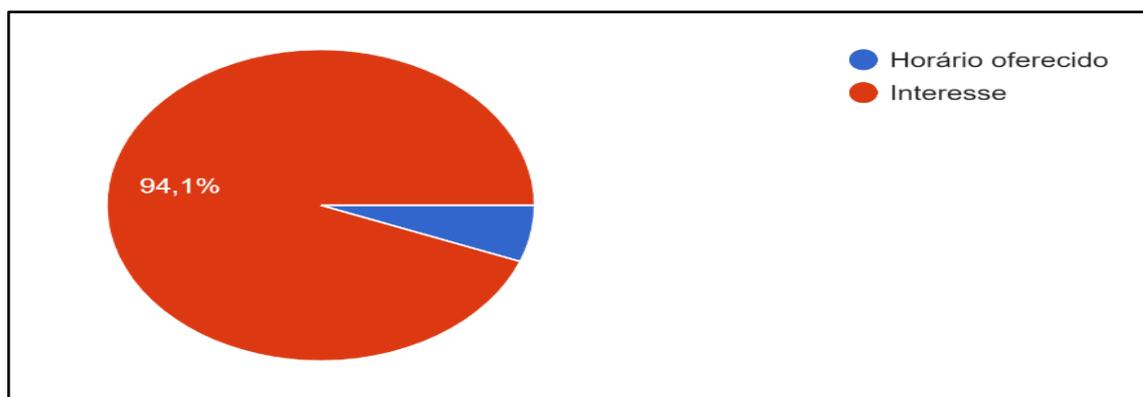
Gráfico 14 – Conteúdos foram apresentados de forma objetiva



Fonte: Elaboração da autora.

Quanto aos motivos que cada cursista teve para participar do curso, a maioria respondeu ser por interesse, conforme mostramos no Gráfico 15.

Gráfico 15 – Motivos para fazer o curso



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto aos aspectos de utilidade do curso, cada cursista também elencou de forma subjetiva suas respostas:

O curso me despertou um novo olhar sobre a Educação como um todo. Estar mais atenta as especificidades dos meus alunos, ampliar o contato e ter trocas mais significativas com o professor da Educação Especial. (C1)

Considero importantíssimo o curso realizado e as intervenções que foram propostas, faz parte do nosso cotidiano escolar e nos faz repensar práticas e aprofundar os nossos conhecimentos. (C2)

O Trabalho Colaborativo. (C3)

Todos os aspectos foram importantes, pois a temática é importantíssima para o efetivo trabalho com o estudante com deficiência, Transtornos ou AH/SD. (C4)

Todo o conteúdo que nos motivou ao Ensino Colaborativo. (C5)

O trabalho colaborativo com o professor do ensino comum, o conteúdo abordado a clareza e objetividade da docente durante as aulas. (C6)

Todos os aspectos foram úteis e de grande aprendizado para trabalharmos com nossos estudantes, principalmente a experiência do Ensino Colaborativo que deu certo. (C7)

Material de apoio e a explanação do conteúdo pela professora. (C8)

As práticas e sugestões repassadas. (C9)

Elaboração de um plano de aula em conjunto com o professor regente da sala. (C10)

Troca de experiências, novos saberes, aplicação de nova metodologias. (C11)

Ressaltarmos a importância do Ensino Colaborativo, nesta ponte entre: professor regente, aluno e professor da Educação Especial. (C12)

A aprendizagem dos estudantes. (C13)

Troca de experiências, estudo colaborativo. (C14)

O curso foi uma oportunidade para aprofundarmos nossas reflexões e estudos a respeito do trabalho colaborativo, principalmente quando o AEE – I (Atendimento Educacional Especializado – Integral) possui um novo formato de atendimento – onde os professores especialistas realizam sua mediação no contexto de sala de aula. É preciso alinhar as intervenções, combinar as adequações do conteúdo e trocar experiências para um atendimento efetivo. O trabalho colaborativo é um método inovador que pode contribuir muito para a melhoria da aprendizagem. Está sendo buscado em vários setores, principalmente na educação, como um método de trabalho sistematizado, organizado e intencional, que tem por objetivo partilhar, de modo que os professores das disciplinas e do AEE, trabalhem de forma articulada, na medida em que suas percepções se apropriem e experimentem abordagens alternativas e dinâmicas facilitadoras da aprendizagem. É preciso compreender o trabalho partilhado, no planejamento estabelecido entre os professores do ensino regular e os professores do AEE, como um exercício que permite a experimentação de dinâmicas que contribuam para uma aula rica e que movimente as funções mentais de todos os estudantes. (C15)

Compreender um pouco mais da importância do trabalho colaborativo, um pouco mais de conhecimento e troca de relatos com profissionais especialistas da área da Educação Especial. Foi muito enriquecedor. (C16)

Aprender como trabalha com o público-alvo da Educação Especial. (C17)

Oportunidade de planejar em parceria. (C18)

O curso foi um momento de reflexão sobre o meu fazer pedagógico. (C19)

O Ensino Colaborativo ainda é novo para nós, então todo conhecimento é importante. (C20)

Participar de formações não é fácil, mas precisamos sempre ficar atentos a novos conhecimentos. (C21)

O curso foi muito bom, mas tem uma grande distância entre a realidade. (C22)

Não sabia que era possível planejar com o professor de Educação Especial. A partir do curso vou procurar conversar mais com os colegas da Educação Especial. (C23)

Muito útil para ampliação do conhecimento e o planejamento em pares. (C24)

Aprendi muitas coisas interessantes, adorei as *lives* disponibilizadas, assisti todas. (C25)

Nunca havia planejado pensando em meu aluno com surdez, achava que só a professora intérprete bastava para ele. No curso aprendi a conversar e ver o trabalho da intérprete e o potencial do estudante com outro olhar. (C26)

Quanta coisa ainda precisamos avançar para planejar de forma colaborativa, uma estratégia nova e muito instigante. (C27)

O curso foi muito interessante, os materiais disponibilizados muito didáticos e utilizarei no meu trabalho como pedagoga. (C28)

No dia a dia escolar não acontece o Ensino Colaborativo, os professores estão sempre correndo, mal tem tempo para conversar, o curso proporcionou saber como seria bom se fosse possível realizar o Ensino Colaborativo e pudéssemos estar em uma ou duas escolas e não em várias como é a realidade. (C29)

Foi muito importante para percebermos que devemos planejar juntos para obter uma melhor qualidade de ensino. (C30)

Foi muito útil para o meu crescimento profissional, bem como pessoal, é muito bom trocar ideias com os colegas e descobrir novas formas de ensinar. (C31)

Vou usar muitas coisas que aprendi no curso, uma delas é compartilhar minhas ideias e planejamento com os professores de Educação Especial. (C32)

De maneira geral, os cursistas compreenderam a importância do Ensino Colaborativo e a necessidade de ser implantado no cotidiano escolar, apesar dos percalços encontrados pelo caminho da educação.

Quanto à experiência em participar do curso, cada um teve espaço para sugerir, criticar ou apontar caminhos para novas formações nessa área.

Participar do curso foi de suma importância, pois como professora não tive ainda muitas oportunidades como está para me aprofundar no universo da Educação Especial. A possibilidade de participar de forma remota fez ainda mais possível a minha participação. Acredito que há ainda um longo caminho a ser percorrido, onde a capacitação de nós, profissionais deveria ser prioridade. (C1)

Quero aqui expressar minha profunda admiração e respeito pela sua organização, conhecimentos, mediação nas atividades da proposta do curso e principalmente a forma como foi conduzido, desejo sucesso sempre a você. Abraços (C2)

Em relação ao trabalho colaborativo é uma forma também que os professores do Ensino Regular possam compreender que o aluno que frequentam as Sala de Recursos não é só do professor especialista, e que é de todos que fazem parte do contexto escolar. (C3)

E esta forma de trabalho constitui um contexto favorável à mudança, já que promove mais reflexão e mais discussão entre os professores, e conduz, muitas vezes a introdução de mudanças significativas no aprendizado de cada aluno. (C4)

Participar do curso da professora Sirlei foi maravilhoso. Excelente organização, respaldo aos cursistas, embasamento teórico e prático muito bem planejados. Muito obrigada por ter proporcionado esse momento de formação e encontro entre nossos pares! (C5)

O curso foi ótimo, à docência da professora Sirlei foi excelente, bem como das professoras convidadas. Parabéns. (C6)

Foi muito proveitoso o curso todo, as trocas de experiências enriqueceram nossa prática docente. (C7)

Foram muitas reflexões que nos levaram a repensar nossa atuação em SRM e aprimorarmos o trabalho colaborativo com os professores do ensino comum. (C8)

Foi um momento de reflexão do nosso trabalho como um todo e valorização do professor AEE que às vezes passam despercebidos sem ser vistos. (C9)

Ótima experiência de crescimento profissional e muito mais de crescimento pessoal. (C10)

Gostei muito da formação, foi muito enriquecedora a minha prática docente, já comecei compartilhando também, pois não devemos ficar com conhecimentos só conosco, a partir do momento que repassamos contribuímos para ele não desaparecer e fará a diferença na vida de muitas pessoas. (C11)

O trabalho colaborativo é muito importante, no entanto precisa ser entendido por todos. As vezes na escola me sinto sozinha e percebo os olhares dos professores com relação ao nosso trabalho, pois muitos não conseguem compreender a nossa função na escola e sobre a importância do nosso trabalho com os estudantes que precisam de atendimento especial. Espero que um dia nossas dificuldades sejam vistas de uma forma diferente e todos possam trabalhar no sentido de melhorar a educação e ajudar nossos alunos que tanto necessitam de apoio. (C12)

O curso foi muito bom, muito aprendizado, troca de experiências, relatos enriquecedores e debates construtivos. O formato do curso foi excelente, não foi cansativo. O tempo foi muito bem aproveitado. (C13)

Adorei participar deste curso, ele foi esclarecedor e muito importante para nossa vivência! (C14)

O curso me fez refletir sobre a importância do Ensino Colaborativo. (C15)

Foi ótimo o curso. (C16)

Este curso, trouxe luz sobre a necessidade de formação dos professores especialistas para que possam desenvolver um trabalho colaborativo junto aos professores do ensino comum, visando o processo de inclusão dos estudantes com necessidades especiais. Além de capacitação teórica e metodológica, é fundamental estabelecer relações profissionais baseados na colaboração entre professores das disciplinas e professor especialista. Promover o trabalho colaborativo, socializar práticas pedagógicas reflexivas de intervenção em sala de aula, pela professora do AEE em parceria com os professores das disciplinas curriculares, deve ser uma rotina diária para se propor um planejamento que atenda todos os estudantes. Os resultados desse curso, evidenciam a relevância do processo de intervenção no desenvolvimento do trabalho colaborativo, como também indica a necessidade do acompanhamento da equipe pedagógica da escola para dar sustentação ao trabalho colaborativo. Ou seja, é necessária uma formação pontual e continuada aos professores com o intuito de melhorar o processo de inclusão dos

estudantes e a função dessa parceria. Assim, o planejamento deve ser realizado com a presença tanto do professor da disciplina quanto do professor especialista, para que este possa tomar conhecimento do conteúdo não somente no horário da aula. Momentos de discussão, troca de experiências e diálogo, evitam atropelos e atividades descontextualizadas ou complexa para o nível dos estudantes. Por isso, ciclos de estudos, práticas reflexivas, planejamento da prática e participação direta na sala de aula possibilitam uma interação, uma apropriação e empoderamento dos professores, para discutir estratégias, refletir e trocar experiências, elaborar atividades que atendam a todos os estudantes, respeitando a diversidade e as especificidades, contribuindo para aulas mais dinâmicas. (C17)

O curso foi ótimo, essa formação além da disponibilização do material teórico, a docente sempre muito organizada, disposta a auxiliar nas dúvidas e paciente com todos os cursistas. Com certeza participar agregou conhecimento e a certeza de que este assunto sobre o trabalho colaborativo precisa cada vez mais se expandir. (C18)

O curso apesar de não conseguir acompanhar todos os momentos presenciais foi muito útil, pois o material disponibilizado foi excelente e as atividades propostas também. Só tenho elogios. (C19)

O curso foi tranquilo e a professora deu o suporte necessário para realização das tarefas e nos oportunizou refletir sobre nosso trabalho. (C20)

Penso que esta caminhada nunca terá fim. A cada tempo talvez mudemos de parceiros/companheiros nesta causa especial. É certo, porém que vamos deixando muito de nós neste tempo que estamos juntos e levando conosco um pouco de cada um que esteve "junto e misturado" nesta bela proposta. E o mais importante: sentimos que, estamos distantes geograficamente não estamos sós neste desafio. Até breve! (C21)

Foi um grande prazer estar com todos vocês com a missão de aprender mais para um melhor resultado no nosso trabalho! Obrigada a todos e todas! (C22)

Foi muito bom estar com colegas de todas as áreas e compartilhar as angústias e incertezas que nos rodeiam diariamente. (C23)

Participar de formação continuada é sempre muito bom, apesar de ser cansativo devido a tantas atividades diárias. (C24)

Gostei muito de participar, refletir sobre nossas ações pedagógica é sempre importante e necessário. (C25)

O curso foi bem-organizado, as atividades propostas e material interessantes e servirão para nossa prática escolar diária. (C26)

Gostei muito de participar do curso, mas a proposta de Ensino Colaborativo e a nossa realidade escolar tem um grande distanciamento, muito difícil que ocorra, mas sugiro que formações como essa aconteçam com maior frequência, para que mais professores possam conhecer sobre Ensino Colaborativo e a proposta atinja mais colegas. (C27)

Um assunto instigante e necessário, os encontros e atividades forma adequados a nossa realidade e a docente estava preparada. Os encontros foram planejados de maneira que conseguíamos aplicar sem desgaste e correria, fizemos no nosso tempo e no nosso trabalho. (C28)

Quando iniciei o curso, pensei que era só mais um que utilizaria para elevação de carreira, sempre os mesmos assuntos e coisas fora da nossa realidade, mas depois gostei do material e achei útil. A

docente demonstrou entusiasmo e prontidão em explicar o assunto e as atividades estavam acessíveis e gostosas de serem feitas, sempre aprendemos algo que podemos acrescentar na nossa ação pedagógica, gostei de ter participado, e sugiro que mais cursos sejam propostos para que possamos refletir sobre o Ensino Colaborativo. (C29).

Muito bom o curso, não sabemos muito bem qual é o papel do professor de Educação Especial nas escolas, a professora Sirlei, oportunizou que fossemos em busca desse contato e aproximação, e que olhássemos para os alunos com necessidades especiais de uma maneira diferente, valorizando as possibilidades e não o que eles não conseguem fazer. Achei muito legal! (C30)

Fiquei pensativo em perceber que nunca havia parado para observar como meu aluno surdo podia participar da aula, expondo suas ideias. Foi muito emocionante quando vi sua participação e atenção dos colegas enquanto ele explicava a atividade proposta. As atividades, textos disponibilizados no curso e a trocas com colegas trouxeram importantes reflexões pessoais e profissionais. (C31)

Os cursos online nos oportunizam maiores condições, o formato nos auxilia estudarmos sem precisa sair de nossas casas, o conteúdo muito atual e interessante. Parabéns aos idealizadores e até um próximo. (C32)

Pensamos a formação para propiciar aos cursistas encaminhamentos teóricos, metodológicos e aplicáveis em sala de aula para trabalhar com alunos público-alvo da Educação Especial e com demais alunos, utilizando estratégias pedagógicas com embasamento teórico sobre Ensino Colaborativo. Ao considerarmos as respostas dos participantes, notamos que compreenderam a relevância de realizar parceria entre colegas e que o Ensino Colaborativo pode trazer benefícios quando bem entendido e colocado em prática.

7 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa tiveram como princípios basilares três aspectos, que se pautaram em:

- a) Compreender o sentido do Ensino Colaborativo pelos professores cursistas;
- b) Aplicar estratégias do Ensino Colaborativo em Sala de aula;
- c) Ressaltar a importância do Ensino Colaborativo para aprendizagem do aluno.

O curso de extensão intitulado “Ensino Colaborativo: possibilidades de interlocuções e proposições pedagógicas entre professores” teve início no dia 17 de fevereiro de dois mil e vinte dois às 19h30, horário de Brasília, e término no dia sete de abril de dois mil e vinte e dois, como assinalamos, com carga horária de trinta e duas horas. Foi ministrado no formato de ensino remoto, com uso da plataforma *Google Meet*, *Google Classroom*, e o objetivo foi propiciar aos professores da rede estadual de ensino fundamental e médio da educação básica encaminhamentos teóricos e metodológicos aplicáveis em sala de aula para trabalhar com alunos público-alvo da Educação Especial, com vistas a desenvolver práticas de Ensino Colaborativo para efetivação de uma educação inclusiva.

Os conteúdos apresentados foram desenvolvidos de maneira expositiva, com encontros on-line, ministrados pela pesquisadora. Os encontros e as atividades propostas foram destinados ao estudo do conceito de Ensino Colaborativo e como implementá-lo no contexto escolar, as possibilidades de implementação no contexto educacional e seus percalços.

As atividades de leitura e preenchimento de formulários utilizando a plataforma *Google Forms* serviram para ampliar o conhecimento dos participantes sobre a importância do Ensino Colaborativo e da parceria em sala de aula entre professor de Ensino Comum e professor de Educação Especial para trabalhar com alunos público-alvo da Educação Especial, bem como para coleta de informações sobre o conhecimento dos cursistas em relação à temática. Através da análise das atividades realizadas pelos cursistas e das discussões ocorridas nos encontros virtuais sobre Ensino Colaborativo, observamos que as reflexões durante esse processo foram fundamentais para que os cursistas pudessem compreender a proposta do Ensino

Colaborativo e estabelecer a parceria entre professor de Educação Especial e os professores dos componentes curriculares no planejamento e na prática pedagógica na sala de aula.

Os resultados evidenciam a relevância do processo de intervenção através da formação continuada em serviço sobre Ensino Colaborativo para efetivação da educação inclusiva. Nessa direção, citamos Capellini (2004, p. 81), para quem

[...] nenhum educador, com todos os saberes e competências necessárias, conseguirá efetuar uma prática com base na ação reflexão-ação com qualidade, se não houver vontade política para garantir as condições adequadas para uma formação inicial e permanente de qualidade bem como infraestrutura necessária para uma prática pedagógica criativa e transformadora.

Fica evidente que a formação continuada é espaço de diálogo, troca de experiências, de união e reflexão sobre o fazer pedagógico e de nossa ação enquanto professor, como pontuam Sá e Faccioli:

[...] reconhecemos que a produção científica é muito importante para o desenvolvimento escolar do aluno quando relacionada a formação do professor, pois é por meio destes que o professor pode avançar seus conhecimentos e buscar novos métodos e metodologias para ir de encontro ao desenvolvimento de seus alunos, sendo eles com ou sem deficiência e que estejam incluídos na sala de aula regular (SÁ e FACCIOLI, 2022, p.45).

Analisamos as atividades desenvolvidas pelos cursistas e após a leitura, realizamos individualmente o *feedback* a todos os participantes, dialogando e refletindo juntos sobre a importância da formação continuada, do conhecimento científico e do Ensino Colaborativo, ou seja, do trabalho em parceria entre professores para a efetivação de uma educação inclusiva. Nessa direção, Prais e Vitalino (2018)

[...] defendem que é necessário oferecer subsídios teóricos e práticos aos professores para que possam atingir suas intenções inclusivas por meio de uma planificação que contemple ações didáticas e recursos pedagógicos adequados a necessidades educacionais de seus alunos (PRAIS E VITALINO, 2018, p.53).

Intencionamos, com a formação continuada ofertada, subsidiar os professores participantes; as reflexões durante os encontros e as atividades realizadas serviram

para iniciarmos o Ensino Colaborativo nos espaços escolares, ou seja, para o fortalecimento da parceria entre professores do ensino comum e Educação Especial, possibilitando uma verdadeira educação inclusiva.

Na próxima e última seção, visando ao fechamento ou ao recomeço de novas reflexões acerca do Ensino Colaborativo, versamos sobre suas possibilidades e percalços no cotidiano escolar observadas ao longo da pesquisa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ora realizada está relacionada a uma história de vida pessoal e profissional. Imbuída de muitos questionamentos, anseios, angústias, busca por conhecimento e respostas para tantas questões que surgem no dia a dia vinculadas à Educação Especial/Educação Inclusiva. E na tentativa de ampliar o conhecimento sobre a temática, buscamos estudar e nos aprofundar através do presente estudo.

Por trabalharmos com Educação Especial há trinta e dois anos, presenciamos tantas evoluções e retrocessos, mas seguimos firmes na crença de que a educação é o único meio de transformar vidas. E isso nos move a pensar em uma educação por meio da qual todos tenham o direito e o acesso à aprendizagem de qualidade, com respeito às diferenças, pois acreditamos que dadas as devidas condições, todas as pessoas são capazes de aprender e se desenvolver.

Diversos lugares, cidades, instituições escolares foram por nós percorridos lecionando, formando, informando, compartilhando e aprendendo. Há 12 anos atuamos em sala de aula como professora de Educação Especial do Quadro Próprio do Magistério da Rede Pública de Educação do Estado do Paraná exercendo a função de professora de apoio de alunos com Transtorno do Espectro Autista e professora de Sala de Recursos Multifuncional – Tipo I. Nesse percurso, percebemos que, apesar de um grande avanço em relação à Educação Especial/inclusiva, ainda sentimos a solidão e o peso de lutar diariamente pela inclusão dos alunos público-alvo da Educação Especial.

Há algum tempo nos questionamos acerca do serviço de atendimento da Sala de Recursos Multifuncional, ofertado em contraturno e extremamente solitário, em que são encontradas várias dificuldades como a baixa frequência dos alunos, falta de contato com o professor dos componentes curriculares, entre outros. Ressaltamos que isso não significa que esse serviço não seja oferecido, ou que não seja necessário, a questão é como poderíamos beneficiar o público-alvo da Educação Especial além da Sala de Recursos Multifuncional e como fazê-lo.

Ao entrarmos em contato com a literatura e pensarmos em como o aluno da Educação Especial poderia ser incluso verdadeiramente, ou seja, ter acesso não somente à matrícula, mas ao conhecimento e fazer/ser parte do contexto escolar, adentramos ao mundo do Ensino Colaborativo como estratégia pedagógica.

Pontuamos que o sistema educacional e os documentos normativos orientadores trazem o termo Ensino Colaborativo, abordam a necessidade de este ocorrer nos espaços escolares, mas não oportunizam a articulação entre o professor de Educação Especial e o professor do ensino regular; reconhecem a importância desse trabalho em equipe no intuito de proporcionar a plena participação e aprendizagem dos alunos nas atividades escolares, porém os professores não recebem a formação e as orientações específicas para trabalharem com o Ensino Colaborativo no contexto escolar.

Dessa maneira, assim definimos o problema norteador desta pesquisa: Uma formação continuada sobre Ensino Colaborativo poderia beneficiar os professores do ensino comum para que a educação inclusiva pudesse se efetivar?

Para respondermos a essa pergunta, o caminho percorrido consistiu em relatar de forma breve, na segunda seção desta pesquisa, os aspectos históricos da educação inclusiva, seus avanços e serviços ofertados para atender o público-alvo da Educação Especial.

Na terceira seção, buscamos contextualizar o Ensino Colaborativo e suas nuances no contexto escolar. Ao entrarmos em contato com a literatura que versa sobre o assunto, entendemos que o Ensino Colaborativo é uma estratégia pedagógica em que professores de ensino comum e professores de Educação Especial planejam e executam atividades relacionadas ao conteúdo da série em que o aluno está inserido, sem o empobrecimento ou a infantilização do objeto de conhecimento. Quando ocorre o Ensino Colaborativo nos espaços escolares, todos os alunos são beneficiados, bem como os professores, pois o Ensino Colaborativo também tem um papel formativo, como podemos observar no relato do cursista C19: “Experiência foi maravilhosa, sempre aprendemos e ganhamos experiências junto com os amigos de trabalho, trocamos informações a respeito da atividade e como executá-la”.

Destacamos, na quarta seção, a importância da formação continuada na trajetória profissional e que o caminho realizado culminou em uma formação continuada, produto desta pesquisa.

Na quinta seção, versamos sobre a metodologia utilizada para o desenvolvimento e aplicabilidade desta pesquisa.

Na sexta seção, apresentamos os dados e a análise das atividades propostas na formação continuada aos cursistas. Realizamos a formação continuada junto a

32 professores da rede estadual de ensino jurisdicionada ao Núcleo Regional de Educação de Umuarama - Paraná, o qual é responsável por 69 escolas/colégios estaduais de 19 municípios da região, como assinalamos. Os encontros foram marcados por reflexões e muita vontade de incluir os alunos público-alvo da Educação Especial pelos professores participantes. A relevância do tema também ficou evidenciada nos relatos feitos pelos cursistas, os quais foram transcritos ao longo da pesquisa.

Na sétima seção, analisamos os resultados obtidos na formação continuada, sua importância para aquisição do conhecimento e reflexões sobre a educação inclusiva utilizando o Ensino Colaborativo como estratégia pedagógica.

Ressaltamos, contudo, que este é um trabalho que ainda está no campo do ideal, e como sabemos que o ideal não existe, levará algum tempo para se tornar real, aplicável no dia a dia do cotidiano escolar. Assim, reiteramos que a formação inicial e continuada é um importante caminho para que possamos refletir sobre nossas ações e atitudes frente à aprendizagem dos alunos.

Defendemos que a formação deve ocorrer desde o início, nos bancos acadêmicos, e ter continuidade ao longo da nossa trajetória profissional e pessoal. Porém, apenas isso não basta: precisamos de políticas públicas assertivas, efetivas, que cooperem para que o Ensino Colaborativo faça parte do cotidiano educacional e esteja presente nas formações pedagógicas.

Ao analisarmos os resultados desta pesquisa, observamos que os professores cursistas se encontram no estágio inicial do Ensino Colaborativo, como explica Capellini e Zerbato (2019), ou seja, os professores se comunicam superficialmente, criando limites e tentativas de estabelecer um relacionamento profissional entre si, mas a comunicação é formal e infrequente, correndo o risco de a relação profissional ficar estagnada nesse primeiro estágio. Exemplificamos com o relato de um cursista:

Com a carga horária atual do professor da educação básica é praticamente impossível. Não há carga horária suficiente para esse fim (planejamento em conjunto). O que ocorre são trocas informais de "ideias" entre os professores, ocorridas entre uma aula e outra, para conseguir alinhar melhor o trabalho de ensino aprendizagem de seus alunos (C20).

Salientamos que ainda não temos cultura colaborativa nas instituições escolares: o trabalho é individualizado, solitário e rotineiro.

Por meio da formação continuada ofertada na realização desta pesquisa, analisamos algumas categorias como:

- a) compreender o sentido do Ensino Colaborativo pelos professores;
- b) a aplicabilidade da estratégia do Ensino Colaborativo em Sala de aula e;
- c) a importância do Ensino Colaborativo para aprendizagem do aluno.

Durante os encontros e as atividades realizadas, foi possível observarmos que o Ensino Colaborativo tem uma função e importância significativa no trabalho pedagógico, porém ainda não se sabe como realizá-lo. Os professores da Educação Especial e ensino comum não compreendem como realizar o planejamento em parceria, visto que os horários para planejamento não são compatíveis.

Para que os cursistas pudessem praticar o planejamento em parceria entre professor de ensino comum e professor de Educação Especial propusemos, na formação continuada, que planejassem colaborativamente. Ficou nítido que os professores que realizaram o planejamento em conjunto tiveram experiências exitosas e observaram que quando se planeja colaborativamente não apenas o aluno da Educação Especial se beneficia, mas também os demais.

A formação continuada e as reflexões decorrentes dos estudos do Ensino Colaborativo nos levam a perceber que para que a educação inclusiva se materialize com qualidade para além do direito previsto na lei os professores devem estar em constante formação e contato com seus parceiros.

Durante o percurso desta pesquisa, observamos ainda que a formação continuada é a ponte entre o fazer pedagógico e o desenvolvimento dos educandos. Recorremos a Rabelo (2016, p.221) ao enunciar que “acredita-se que os processos de formação continuada são necessários, desde que contribua com o aprimoramento e reconstrução de conhecimentos teóricos e práticos”.

Vale salientar que são necessários mais estudos e formação continuada para que os professores possam desenvolver trabalhos pedagógicos e compartilhar com seus pares, produzindo e levando conhecimento para todos. Reiteramos que o Ensino Colaborativo tem papel formativo, beneficiando professores e alunos. Citamos Gava, *et al.* (2018, p.75) quando afirmam que “[...] as propostas colaborativas não se consolidam de forma natural, é preciso possibilitar esse aprendizado de escuta e partilha de práticas, percepções e perspectivas”.

Nesta pesquisa, intencionamos proporcionar aos professores cursistas discussões e reflexões sobre as possibilidades de interlocuções e proposições

pedagógicas entre eles, para que se efetive o Ensino Colaborativo nos espaços escolares como estratégia pedagógica. Observamos que o curso de formação continuada ofertado impactou de forma direta e indireta os participantes. Os planos de aulas com estratégias metodológicas diversificadas (Anexo F) evidenciam o olhar dos professores a respeito da individualidade e das possibilidades dos educandos. Ao longo das atividades relatadas, também é possível perceber o quanto os professores entendem a importância do Ensino do Ensino Colaborativo nos espaços escolares e o desejo de realizá-lo.

Nesse sentido, acreditamos que demos o pontapé inicial de um longo caminho a ser percorrido para que o Ensino Colaborativo se torne realidade no contexto escolar e a educação seja efetivamente inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 1998.

BRASIL. **Declaração de Salamanca**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: ago. 2020.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na educação básica**. Secretaria de Educação Especial. SEESP. MEC. 2001. 76p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: mar. 2022.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. Brasília: MEC/ CNE/CEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica**. Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020.

BANDEIRA, H. M.M. ARAUJO. Pesquisa colaborativa: unidade pesquisa-formação. In: IBIAPINA, I. M. L. de M.; BANDEIRA, H. M.M. ARAUJO, F. A. M. **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes**. Editora EUFPI. 1º ed. Teresina, 2016, p.63-74.

BAPTISTA, C. R. Ação Pedagógica e Educação Especial: para além do AEE. In: MEYRELES, D. de J., BAPTISTA, C. R, CAIADO, K.R.M. **Prática pedagógica na Educação Especial: multiplicidade do atendimento educacional especializado**. 1 ed. Araraquara: Junqueira Marins, 2013, p.43-63.

BECEVELI, I. R. da S.; GONÇALVES, A. F. S. G.; GOULARTE, S. F. da S.; COSTA, E. C. **VI Seminário Nacional de Educação Especial/XVII Seminário Capixaba de Educação Inclusiva** v. 3 n. 3 (2020).

BUENO, J. G.S. As políticas de inclusão escolar: uma prerrogativa da Educação Especial? In: BUENO, J. G. S, LUNARDI, G. M., SANTOS, R. A. dos. **Deficiência e**

Escolarização: novas perspectivas de análise. Araraquara - São Paulo. Junqueira & Marin, Brasília -DF. CAPES, 2008, p.43-63.

CAPELLINI, V. L. M. F. Avaliação das possibilidades do Ensino Colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental. **Tese** (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos: UFSCar, 2004, p.300.

CAPELLINI, V. L. M. F., ZANATA, E. M., PEREIRA, V. A. Ensino Colaborativo. In: CAPELLINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. (Org.). Recursos e estratégias pedagógicas que favorecem a inclusão. Bauru: UNESP/FC, 2012, p.11-43.

CAPELLINI, V. L. M. F & ZERBATO, A. P. **O que é Ensino Colaborativo?** São Paulo. Edicon, 2019.

CAPELLINI, V.L M. F; MENDES, E.G. O Ensino Colaborativo favorecendo o desenvolvimento profissional para inclusão escolar. Educere et Educare, **Revista de Educação**, v.2, n.4, p.113-128, 2007. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/educerreeteducare/article/view/1659>. Acesso em: mar. 2022.

CAPELLINI, V. L. M. F., CRISTOVAM, M. O. de C. F.; QUEIROZ, L. L. Contextualização dos Marcos Legais e Históricos para a Inclusão. In: FONSECA, K. de A.; et. al (Org.). **Práticas inclusivas:** antigas questões, novas possibilidades. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2022, p.8-31.

CARMO, B. C. M. do et.al. **Políticas públicas educacionais e formação de professores:** convergências e distanciamentos na área de Educação Especial. Arapiraca, Alagoas, Brasil. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/39223/html>. Acesso em: 22 de fev. 2022.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para aprendizagem:** educação inclusiva. 1 ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

DIVERSA. **O que é educação inclusiva?** São Paulo. Instituto Rodrigo Mendes. Disponível em: <https://diversa.org.br/educacao-inclusiva/o-que-e-educacao-inclusiva/>. Acesso em 06.02.2022.

ERLIN, L. **9 meses com Maria:** novena da Anunciação ao nascimento de Jesus. São Paulo. Editora Ave Maria, 2011, 160p.

FERNANDES, L. B; SCHLESENER, A.; MOSQUERA, C. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba, v. 2, 2011, p.132-144.

FONSECA, K. de A. Análise de adequações curriculares no ensino fundamental: subsídios para programas de pesquisa colaborativa na formação de professores. 2011. 126 f. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento). Programa de Pós – Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2011.

FONSECA, K. de A. Formação de professores do atendimento educacional especializado (AEE): inclusão escolar e deficiência intelectual na perspectiva histórico-cultural. 180 f. **Tese** (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2021.

FONSECA, K. de A.; et. al (Org.). **Práticas inclusivas: antigas questões, novas possibilidades**. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2022. 167 p.: il.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da Pesquisa-Ação Universidade Católica de Santos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez. 2005, p.483-502.

GAMA, A.S.; FIGUEIREDO, S.A.O. **O Planejamento no Contexto Escolar**. Revista Discursividades, Campo Grande – MS, nº 04, ago. 2009. Disponível em: <http://discursividade.cepad.net.br/EDICOES/04/Arquivos04/05.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

GAVA, F.G.; ROCHA, M.T.L.G.; GARCIA, V.F. Pesquisa colaborativa em educação. In: **Ensaio Pedagógico**. Sorocaba, vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.73-80.

GATELY, S.E.; GATELY, F. J. **Understanding Coteaching Components. Teaching Exceptional Children**, 2001, p.40-47.

IBIAPINA, I. M.L. de M; BANDEIRA, H. M.M. ARAUJO, F. A. M. **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes**. Editora EUFPI. 1º ed. Teresina, 2016.

JANIS, I. L. O problema da validação da análise de conteúdo. In: LASSWELL, H; KAPLAN, A. **A linguagem da política**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1982.

KASSAR, M. de C. M. **Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios da implantação de uma política nacional**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n.41, Editora UFPR. jul/set 2011, p.61-79.

KEEF, E. B., MOORE, V., DUFF, F. **The four “knows” of collaborative teaching, Teaching exceptional children**, 2004, p.36-42.

MAGALHÃES, L. K. C. de, AZEVEDO, L. C. S. S. **Formação continuada e suas implicações: entre a lei e o trabalho docente**. Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 95, jan. -abr., 2015, p.15-36.

MICHELS, M. H. (Org.). A formação de professores para a Educação Especial no Brasil. In: MICHELS, M. H. **A formação de professores para a Educação Especial no Brasil: propostas em questão**. Florianópolis: UFSC/CED/NUP. 2017, p.23-57.

MARIN, M., BRAUN, P. Ensino Colaborativo como prática de inclusão **escolar**. In: GLAT, R; PLETSCHE, M. D. (Org.). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidade especiais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p.49-64.

MENDES, E. G. **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, set./dez., 2006, p.387-405.

MENDES, E. G; VILARONGA, C. A. R; ZERBATO, A. P. **Ensino Colaborativo como Apoio à Inclusão Escolar**: Unindo Esforços entre Educação Comum e Especial. São Carlos, EdUFSCar, 2018, p.160.

MILANESI, J. B. Rede social virtual de professores especializados e a escolarização de estudantes com deficiência intelectual. 2018, 375 f. **Tese** (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2018.

MORI, N. N. R. **Metodologia da pesquisa**. Maringá: Eduem, 2011, p.121.

MORI, N. N. R.; CERZUELA, C. (Org.). **Inclusão e Educação Especial na educação básica**: um estudo nas cinco regiões brasileiras. Maringá: Eduem, 2021, 328 p.: il.

NEGRELLI, M. E. D; MORI, N. R.; CARVALHO, S.B.F. Família, Surdocegueira e Ensino Remoto Emergencial. In: SERRA, I. M. R.de S. (Org.). **Estudos Avançados sobre a Educação de Surdos**. Vol.1. São Luíz, Eduema, 2022, p.106-123.

OLIVEIRA, A. A. S. de; Prefácio. In: **Inclusão Escolar**: perspectivas e práticas pedagógicas contemporâneas. PAPIM, A. A. P.; ARAUJO, M. A. de; PAIXÃO, K. de M. G.; SILVA, G. de F. da (Org.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p.249.

PAPIM, A. A. P.; ARAUJO, M. A. de; P, K. de M. G.; SILVA, G. de F. da (Org.). **Inclusão Escolar**: perspectivas e práticas pedagógicas contemporâneas. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p.249.

PINTO, P. de S. e C. N.; FANTACINI, R. A. F. Ensino Colaborativo na escola: um caminho possível para a inclusão. **Research, Society and Development**, vol. 7, núm. 3. Universidade Federal de Itajubá. MG/Brasil. 2018, p.01-15.

PRAIS, J. L. de S. Formação inclusiva com licenciandas em Pedagogia: ações pedagógicas baseadas no desenho universal para a aprendizagem. 2016. 430 f. **Dissertação** (Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2016.

PRAIS, J. L. de S.; VITALINO, C. R. Contribuições do Desenho Universal para a Aprendizagem ao Planejamento do Processo de Ensino na Perspectiva Inclusiva. In: **Inclusão Escolar**: perspectivas e práticas pedagógicas contemporâneas. PAPIM, A. A. P.; ARAUJO, M. A. de; PAIXÃO, K. de M. G.; SILVA, G. de F. da (Org.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, (Série Diálogos Transdisciplinares em Educação), 2018, p.49-69.

RABELO, L. C. C. Ensino Colaborativo como estratégia de formação continuada de professores para favorecer a inclusão escolar. **Dissertação**. Programa de Pós-graduação em Educação Especial do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: UFSCar, 2012. 200 f.

RABELO, L. C. C. Casos de Ensino na Formação Continuada à Distância de Professores do Atendimento Educacional Especializado. **Tese** (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação Especial do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. SP, 2016. 304 f.

Sá K. F. C de; FACCIOLI. T. V. Ensino Fundamental e Educação Inclusiva: análise da produção científica 2015-2020. In: FONSECA K. A. **Práticas inclusivas: antigas questões, novas possibilidades**. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2022. 167 p.: il.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO/ SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO. Instrução Normativa 09/2018. Estabelece critérios para o Atendimento Educacional Especializado por meio da Sala de Recursos Multifuncionais. Curitiba, Paraná.

SILVA, M. C. P. **A paixão de formar: da psicanálise a educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

VILARONGA, C.A.R; MENDES, E. G. Ensino Colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (online), Brasília, v.95, n. 239, p. 139-151, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v95n239/a08v95n239.pdf>. Acesso em: 23. março. 2020.

ZERBATO, A.P.; MENDES, E. G. **Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar**. Educação, Unisinos v. 22 p.147-155, abril-junho 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CRONOGRAMA DO CURSO

| Temas ministrados | Data | Carga Horária |
|---|---|-------------------------------|
| <p>Aula síncrona:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecendo os cursistas; - Panorama da Educação Inclusiva no Brasil; - Conceito sobre Ensino Colaborativo; - Preenchimento do formulário. | <p>17/02/2022</p> <p>19h30 às 21h30</p> | <p>2 horas</p> <p>2 horas</p> |
| <p>Leitura e compreensão do texto:</p> <p>TEXTO I “Uma escola em transformação: reflexões essenciais de uma educação inclusiva para estudantes com deficiência” Iván Carlos Curioso Vílchez</p> <p>TEXTO II “Ensino Colaborativo como prática de inclusão escolar” Márcia Marin Patrícia Braun - Preenchimento de formulário</p> | <p>24/02/2022</p> | <p>4 horas</p> |
| <p>Aula síncrona:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Orientação sobre a elaboração de estratégias pedagógicas para alunos com necessidades especiais. - Análise de caso. | <p>03/03/2022</p> <p>19h30 as 21h30</p> | <p>2 horas</p> <p>2horas</p> |
| <p>Elaboração de estratégias pedagógicas – professor do ensino comum e professor de Educação Especial.</p> | <p>10/03/2022</p> | <p>4 horas</p> |
| <p>Aplicação da estratégia pedagógica em sala de aula.</p> | <p>17/03/2022</p> | <p>4horas</p> |
| <p>Aula síncrona:</p> <p>Apresentações das estratégias pedagógicas elaboradas pelos participantes do curso.</p> | <p>24/03/2022</p> <p>19h30 às 21h30</p> | <p>2 horas</p> |
| <p>Aplicabilidade do Ensino Colaborativo no contexto escolar.</p> | <p>30/03/2022</p> | <p>6 horas</p> |

| | | |
|---|----------------------------------|------------------------|
| Aula síncrona: Devolutiva e avaliação final do curso de extensão. - Preenchimento do formulário de avaliação | 07/04/2022 19h30 às 21h30 | 2 horas 2 horas |
| ----- | 17/02/2022 a 07/04 /2022 | Total: 32 horas |

APÊNDICE B – ATIVIDADE 3 – ESTUDO DE CASO



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO INCLUSIVA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA -
PROFEI

Caso de Ensino

Possibilidades e percalços do Ensino Colaborativo

O aluno selecionado está no 6º ano do Ensino Fundamental, possui laudo médico CID10 – F.84.0 além disso é possível observar: escrita lenta, coordenação motora ampla e fina comprometida, dificuldade de relacionamento social, obsessão por alguns objetos, ritos, manias e dificuldade na fala.

Escolhi o aluno por ele ter começado a frequentar a escola esse ano, vindo de um ensino remoto e da rede municipal de ensino. Como professora de Educação Especial procurei observar como poderíamos fazer para inserir o aluno nas atividades e possibilitar sua interação com os colegas.

Durante o período que estive na Sala, pude observar que os professores, ainda apresentam discursos de que não sabem lidar com o aluno e entendem que o aluno público-alvo da Educação Especial é um problema da equipe pedagógica, e, é o professor de Educação Especial que é o responsável pela aprendizagem dele.

Com a intenção de quebrar alguns paradigmas, convidei a professora de arte para realizarmos um trabalho juntas, pois foi possível sentir a receptividade da mesma em realizar parceria com a professora especializada em AEE. Porém, não tínhamos tempo para planejar juntas, visto que a mesma tem somente duas aulas por semana na turma. Assim, nossos encontros e trocas eram realizadas de forma informal, em sala de aula, enquanto os alunos realizavam alguma atividade de arte, bem como pelo WhatsApp.

A unidade temática escolhida pela professora de arte foi: Artes integradas. O objeto de conhecimento: Patrimônio cultural; e, o objetivo: **(EF69AR34)** analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira em específica a africana, de diferentes épocas, favorecendo

a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Assim, tivemos a ideia (professora de arte e professora especialista) de introduzir a parte teórica com imagens e explicações sobre a cultura africana, como eles chegaram ao Brasil, trazendo imagens de artistas e artes produzidas por eles.

Em um segundo momento a professora de Arte fez vários questionamentos sobre o que os alunos conheciam a respeito da cultura africana, momento em que todos puderam imitar sua opinião. O aluno do AEE, citou o exemplo da capoeira, foi ouvido pela professora e pelos demais alunos, e, elogiado. Nesse exercício, fiquei sentada ao lado do aluno e dei algumas dicas para ele falar, pois observei que ele se sentia motivado e os colegas percebiam que ele podia interagir tranquilamente na aula.

Durante o período de implementação foram compartilhadas ideias, informações e materiais pelos professores da classe comum e da Educação Especial. A professora de Educação Especial sugeriu vídeos ilustrativos sobre a cultura africana e material para utilizar na atividade.

Na construção do planejamento não foi oportunizado tempo suficiente para a troca de ideias, foi a professora de arte que propôs uma atividade que consistia em formar grupos de até 4 pessoas e estas deveriam ilustrar em um isopor de um metro de comprimento por cinquenta centímetros de largura e 5 de espessura uma imagem que representasse a cultura africana a partir das imagens visualizadas e do conhecimento adquirido nas aulas teóricas.

A atividade prática aconteceu no refeitório, por ter mesas grandes e os alunos poderem manusear as placas de isopor e tintas que seriam utilizadas. A professora de Arte deixou livre as composições dos grupos. Então, perguntei ao aluno em qual grupo gostaria de entrar, mas ele não se manifestou. Ficou andando, olhando e eu o deixei circular livremente. No primeiro dia da atividade não entrou em nenhum grupo, só ficou observando. Na segunda aula, como havia um grupo que ainda estavam sem definir a imagem e não tinham o material solicitado pela professora e faltavam duas alunas, sugeri que o aluno entrasse nesse grupo e para que ele trouxesse o isopor, fazendo com que ele contribuísse com a atividade e se sentisse motivado. Nesse momento tento mediar a situação colaborando com a professora da sala de aula comum. Então faço um bilhete pedindo à família se

poderiam providenciar o material (isopor) das medidas solicitadas e os pais prontamente acataram o pedido.

A família do aluno é muito envolvida no processo de ensino/aprendizagem do mesmo e participa de todas as atividades propostas com entusiasmo e motivação. A esse respeito, Beceveli, Gonçalves, Goularte e Costa declaram:

[...] o ensino organizado, dentro dessa visão compartilhada, favorece as soluções de questões que se apresentam no cotidiano escolar, muitas vezes específicas dos alunos com deficiência presente na escola e dos alunos como um todo, podendo responder às necessidades singulares da demanda educativa. (BECEVELI, et.al,2020, p.13)

Na terceira aula, agora com o material, foi iniciada a atividade. A imagem foi escolhida, e um colega a desenhou no isopor trazido pelo educando. Na mesma aula deram início à pintura, porém ele só ficou olhando, não quis pintar, apesar do incentivo dos colegas. Contudo, apesar do incentivo era perceptível que os colegas eram receosos em que de fato ele conseguisse realizar a pintura. Conversei com o aluno e falei que ele poderia pintar, mas ele não quis e ficou andando de um lado para o outro, somente olhando.

A coordenação, tanto motora ampla como fina do aluno são comprometidas, porém como o desenho era grande, ele conseguiria pintar facilmente. Então achei que deveria conversar com a professora regente de Arte para ela explicar ao aluno sobre a importância de sua contribuição na atividade. Nesse momento percebi que o Ensino Colaborativo ainda está no estágio inicial, ou seja, de acordo com Capellini e Zerbato (2019, p. 43): “o planejamento comum é inexistente, denominado de estágio inicial de reconhecimento do contexto e aproximação dos dois profissionais”.

Os professores do ensino regular não entendem que o aluno de Educação Especial é da escola, acham que ele é do professor de Educação Especial e que somente nós sabemos trabalhar, falar e ensiná-los. A professora de arte então conversou com o aluno e com o grupo sobre a importância de todos pintarem e se envolverem na atividade. Logo em seguida, fiquei por perto e pedi para ele pegar o pincel e pintar e assim ele fez. Aqui pode-se destacar, que o aluno estava aguardando o comando da professora da disciplina e não da professora

especialista, e, sua possibilidade e potencialidade são apresentadas quando ele realiza a pintura.

No cotidiano escolar observa-se que a dificuldade está em pensar atividades que envolvam os alunos de Educação Especial, que exaltem as suas possibilidades em detrimento as suas limitações. Assim, percebe-se a necessidade da formação continuada nos espaços escolares, pois ainda há um grande descompasso entre as políticas de educação inclusiva e a cultura escolar vigente. Além disso, a presença do professor de Educação Especial é fundamental na escola, na sala de aula, mas para tanto é importante que esteja articulado com o professor do ensino regular. Sobre essa questão, Vilaronga e Mendes enfatizam,

[...] os profissionais da escola que atuam individualmente nas salas de aula não possuem respostas para maior parte das dificuldades apresentadas pelos estudantes e não são capazes de realizar reais processos de ensino para alunos com deficiência quando trabalham individualmente (VILARONGA e MENDES, 2014, p.140).

A utilização do Ensino Colaborativo como estratégia de ensino entre professores do ensino comum e também da Educação Especial pode possibilitar a ampliação de intervenções metodológicas e, conseqüentemente, a aprendizagem de todos os educandos, pois ficou nítido que não era somente o aluno com espectro autista que não estava realizando a atividade proposta e que, pode-se dizer, um grupo se formou a partir dele: a atividade foi concluída com sucesso, apesar de todos os percalços e dos papéis não bem definidos e da falta de tempo para planejar.

REFERÊNCIAS

BECEVELI, Indiana Reis da Silva; GONÇALVES, Agda Felipe Silva Gonçalves; GOULARTE, Sirlei Ferreira da Silva; COSTA, Érica Castellari. **VI Seminário Nacional de Educação Especial/XVII Seminário Capixaba de Educação Inclusiva** v. 3 n. 3 (2020).

CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho.; ZERBATO, Ana Paula. **O que é Ensino Colaborativo**. São Paulo, 1.ed. Edicon, 2019.

VILARONGA, Carla Ariela Rios; MENDES, Enicéia. Gonçalves. Ensino Colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (online), Brasília, v.95, n. 239, jan./abr. 2014, p.139-151.

APÊNDICE C - MODELO DE PLANO DE TRABALHO DOCENTE

| PLANO DE TRABALHO DOCENTE | | |
|--|--------------|-----------------------|
| PROFESSOR DE GEOGRAFIA: XXXXXXXXX | TRIMESTRE:1º | ANO LETIVO: 2021 |
| PROFESSORA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL: XXXXXXXXX | | |
| DISCIPLINA: Geografia NÚMERO DE AULAS: 1 – (50min). | TURMA:9º ANO | ENSINO FUNDAMENTAL |

| |
|--|
| OBJETO DE CONHECIMENTO |
| Integração mundial e suas interpretações: globalização e mundialização. |
| OBJETIVO DE APRENDIZAGEM |
| (EF09GE05) Analisar fatos e situações para compreender a integração mundial (econômica, político, social e cultural), comparando as diferentes interpretações: globalização e mundialização. |
| <ul style="list-style-type: none"> • Compreender as continuidades e rupturas socioespaciais na transição do Feudalismo para o Capitalismo, bem como, suas afetações na organização do espaço geográfico; • Entender os fundamentos e características socioespacial do mundo capitalista em suas três fases, analisando criticamente, por meio do raciocínio geográfico, o modo de produzir a vida na organização capitalista vigente. |
| CONTEÚDO |
| Organização política e economia mundial da sociedade capitalista. |
| ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS |
| <p>Apresentação do vídeo: Eu e o lápis</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=fQnG7AGHHFI&ab_channel=InstitutoRothbard. Acesso em 09.02.2021.</p> <p>Após a exibição do vídeo será realizado a problematização pelo professor de geografia, e feito o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos que servirão de base para os conteúdos que serão abordados, através das seguintes questões:</p> |

O que os alunos entendem sobre capitalismo?
 Quais as principais características desse sistema econômico?
 Quais são os meios de produção dos pais dos alunos?
 Citar exemplo de meios de produção público e particular.
 Na sequência, o conceito de capitalismo será transcrito no quadro pelo professor, todos lerão juntos e para os alunos será entregue um recorte com a definição em que deverão colar no caderno, visto que nessa sala há um aluno com dificuldade motora e não realiza cópia.

“O capitalismo é um sistema econômico que visa ao lucro e à acumulação das riquezas e está baseado na propriedade privada dos meios de produção. Os meios de produção podem ser máquinas, terras, ou instalações industriais, por exemplo, e eles têm a função de gerar renda por meio do trabalho”.
<https://www.politize.com.br/capitalismo-o-que-e-o/>. Acesso. 09.02.2022

Atividades:

1. Os alunos deverão procurar ou desenhar figuras de empresas, indústrias instaladas no Brasil que operam gerando lucro e empregos.

As figuras serão recortadas, coladas ou desenhadas no caderno. (flexibilização de atividade).

2. Será disponibilizado questionário de múltipla escolha referente ao conteúdo trabalhado. (múltipla escolha favorece quando os alunos possuem dificuldade na escrita).

OBS: Nessa atividade enquanto os demais realizam as atividades, a professora lê para o aluno público-alvo da Educação Especial verificando o que o mesmo entendeu sobre o assunto.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de maneira contínua e sistemática, observando sua participação e compreensão do conteúdo, através da realização das atividades e trabalho proposto.

Os instrumentos avaliativos serão a realização das atividades propostas (participação da aula, desenho, execução do questionário).

Os critérios avaliativos serão:

- Apropriação do conceito de capitalismo;
- Análise crítica e raciocínio geográfico acerca dos conceitos básicos apropriados através da escolha das figuras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2017 Caderno de Expectativas de Aprendizagem. Organização: Departamento de Educação Básica. 2012. > acesso em 09.02.2022.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONCORDÂNCIA DO NRE PARA A UNIDADE CEDENTE

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED



ANEXO VI da RESOLUÇÃO N.º 406/2018 – GS/SEED
TERMO DE CONCORDÂNCIA DO NRE PARA A UNIDADE CEDENTE

Umuarama, 09 de agosto de 2021

Senhor (a) Coordenador (a),

Declaramos que este Núcleo Regional de Educação de Umuarama está de acordo com a condução do projeto de pesquisa "Ensino Colaborativo: possibilidades de interlocuções e propostas pedagógicas entre professores", a ser realizado pela pesquisadora Sirlei Batista Franco Carvalho com os professores da rede estadual de ensino do Núcleo Regional de Educação de Umuarama-PR, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá - UEM.

Estamos cientes que os participantes da pesquisa serão professores e funcionários pertencentes à Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, bem como de que o presente trabalho deverá seguir a Resolução 466/2012 (CNS) e o Decreto nº 7037, de 2009.

Da mesma forma, temos ciência que a pesquisadora somente poderá iniciar a pesquisa pretendida após encaminhar, a esta Instituição, uma via do parecer de aprovação do estudo emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá - UEM.

Umuarama, 09 de agosto de 2021.

Representante da CAA no NRE Umuarama

Chefia do NRE Umuarama

Assinatura Avançada realizada por: **Elizety Mleko Takace** em 13/08/2021 17:16, **Gilmara Ana Zanata** em 13/08/2021 17:28. Inserido ao protocolo 17.956.419-0 por: **Sirlei Batista Franco Carvalho** em: 09/08/2021 11:26. Documento assinado nos termos do Art. 38 do Decreto Estadual nº 7304/2021. A autenticidade deste documento pode ser validada no endereço: <https://www.aprotocolo.pr.gov.br/pt/web/validarAssinatura> com o código: 90410740e3c6877f90c3805ba26ab726.



ePROTOCOLO



Documento: **anexo_6.pdf**.

Assinatura Avançada realizada por: **Elizety Mieke Takace** em 13/08/2021 17:16, **Gilmara Ana Zanata** em 13/08/2021 17:28.

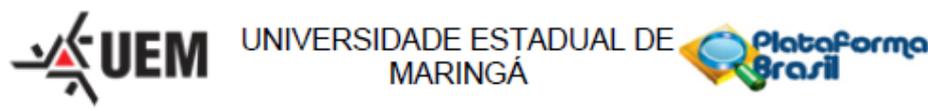
Inserido ao protocolo **17.956.419-0** por: **Sirlei Batista Franco Carvalho** em: 09/08/2021 11:26.



Documento assinado nos termos do Art. 38 do Decreto Estadual nº 7304/2021.

A autenticidade deste documento pode ser validada no endereço:
<https://www.eprotocolo.pr.gov.br/spiweb/validarAssinatura> com o código:
90410740e3c6877f00c3805ba26ab726.

ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Ensino Colaborativo: possibilidades de interlocuções e propostas pedagógicas entre professores.

Pesquisador: Nerli Nonato Ribeiro Mori

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 51075721.3.0000.0104

Instituição Proponente: CCH - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.983.175

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa proposto pela pesquisadora Nerli Nonato Ribeiro Mori, vinculada ao CCH - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e ao PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA - PROFEI da Universidade Estadual de Maringá.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar se a participação dos professores em uma formação continuada pode contribuir para uma prática pedagógica inclusiva.

Objetivo Secundário: • Relatar a importância do Ensino Colaborativo como experiência para ampliação da participação do professor do ensino regular juntamente com o professor especialista em educação especial. • Descrever sobre a importância da formação continuada como forma de assegurar um ensino de qualidade aos alunos. • Propor um curso de formação continuada sobre ensino colaborativo, para professores da educação básica da rede estadual de ensino do Núcleo Regional de Educação de Umuarama. • Realizar a coleta de dados do curso de formação continuada sobre Ensino Colaborativo e sua contribuição para práticas pedagógicas inclusivas. • Analisar se um curso de formação continuada pode contribuir para uma prática pedagógica inclusiva.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Acreditamos que a pesquisa não oferecerá riscos de saúde aos participantes, contudo, informamos que poderão ocorrer possíveis desconfortos em relação à participação nas atividades

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
 Bairro: Jardim Universitário CEP: 87.020-900
 UF: PR Município: MARINGÁ
 Telefone: (44)3011-4597 Fax: (44)3011-4444 E-mail: copep@uem.br



Continuação do Parecer: 4.983.175

propostas, assim, pontuamos que o participante tem o direito de se recusar a respondê-las. Um dos possíveis constrangimentos pode se dar em relação ao ambiente dos encontros da formação continuada, a qual será realizada através da plataforma Google Meet. Caso isso aconteça, o participante não será obrigado a participar. Esclarecemos que a participação é totalmente VOLUNTÁRIA, podendo o participante se recusar a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isso acarrete qualquer ônus ou prejuízo a sua pessoa.

Benefícios: Em relação aos benefícios diretos da participação na pesquisa, acreditamos ser imperiosa, pois objetiva ampliação do conhecimento sobre o tema Ensino Colaborativo e elaboração de práticas e estratégias pedagógicas inclusivas em que todos os alunos, bem como os professores, se beneficiarão. Estudos dessa envergadura visam contribuir para reflexões e aperfeiçoamento dos profissionais da Educação que atuam ou não com alunos público alvo da educação especial, bem como discutir os percalços que se fazem presentes nas instituições de ensino, e, por conseguinte, nas salas de aula.

AVALIAÇÃO DE RISCOS E BENEFÍCIOS:

Considera-se que os possíveis riscos a que estarão sujeitos os participantes da pesquisa serão suplantados pelos benefícios apontados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este projeto visa realizar uma análise da formação continuada de professores realizada por meio de uma pesquisa com abordagem qualitativa e de natureza aplicada. A formação será realizada com professores da rede estadual de ensino da educação básica do estado Paraná, do Núcleo Regional de Educação de Umuarama. Pretende-se investigar como uma formação continuada pode contribuir para uma prática pedagógica inclusiva. A proposta metodológica terá como princípio norteador a pesquisa –ação. Objetivando contribuir para reflexão crítica do professor em relação ao processo ensino aprendizagem do aluno. As etapas do projeto consistirão em: revisão literária; pesquisa de campo (questionário); curso de formação continuada aos docentes; equipe gestora e funcionários do Colégio e contará com 30 participantes e terá a duração de 32 horas. Será de forma síncrona e assíncrona, devido ao contexto pandêmico atual causado pelo Corona Vírus

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Cronograma é compatível com a proposta de projeto em tela. O orçamento estará a cargo dos pesquisadores. Apresenta folha de rosto datada, assinada e devidamente preenchida pela pesquisadora responsável e pela Coordenadora Adjunta do programa de Pós Graduação em Educação Inclusiva – PROFEI da Universidade Estadual de Maringá. Apresenta autorização do

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
 Bairro: Jardim Universitário CEP: 87.020-900
 UF: PR Município: MARINGÁ
 Telefone: (44)3011-4597 Fax: (44)3011-4444 E-mail: copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 4.983.175

diretor da Escola, o Sr Edmar da Silva para a realização da pesquisa. Apresenta autorização do Núcleo Regional de Educação assinada pelas Profas Elizety Mieke Takace, Gilmar Ana Zanata e Sirlei Batista Franco Carvalho. Apresenta TCLE em forma de convite, tem linguagem clara, simples, adequada e acessível aos participantes, esclarece sobre a participação de cada participante da pesquisa explicando a forma de participação e apresentando os riscos e benefícios, explica os objetivos que movem a pesquisa, apresenta informações sobre quem conduzirá a pesquisa, apresenta informações de com que entrar em contato no caso de dúvidas, explica que o participante pode, a qualquer hora, desistir da participação sem qualquer prejuízo ou custo. Esclarece que os dados serão utilizados apenas para fins da pesquisa e que serão mantidos sob a guarda do pesquisador responsável.

De acordo com as normativas, o orçamento deve ser detalhado, sendo assim, RECOMENDAMOS que tal detalhamento seja realizado.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com a análise realizada e as informações constantes nos arquivos anexados, baseado na legislação vigente, este Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos é de parecer favorável a aprovação do presente protocolo de pesquisa. Alerta-se a respeito da necessidade de apresentação de relatório final no prazo de 30 dias após o término do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|---------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1805589.pdf | 23/08/2021 21:14:00 | | Aceito |
| Outros | diretor.pdf | 20/08/2021 13:47:35 | Nerli Nonato Ribeiro Mori | Aceito |
| Declaração de concordância | autorizacaonucleodeeducacao.pdf | 20/08/2021 13:47:17 | Nerli Nonato Ribeiro Mori | Aceito |
| Cronograma | cronogramaformacaocontinuada.pdf | 20/08/2021 13:33:02 | Nerli Nonato Ribeiro Mori | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETOMESTRADOSIRLEI.pdf | 20/08/2021 13:32:41 | Nerli Nonato Ribeiro Mori | Aceito |
| Folha de Rosto | FOLHADEROSTO.pdf | 16/08/2021 20:41:05 | Nerli Nonato Ribeiro Mori | Aceito |

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
 Bairro: Jardim Universitário CEP: 87.020-900
 UF: PR Município: MARINGÁ
 Telefone: (44)3011-4597 Fax: (44)3011-4444 E-mail: copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 4.983.175

| | | | | |
|---|----------|------------------------|------------------------------|--------|
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf | 16/08/2021 20:39:21 | Nerli Nonato Ribeiro Mori | Aceito |
|---|----------|------------------------|------------------------------|--------|

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MARINGÁ, 17 de Setembro de 2021

Assinado por:

Tania Regina dos Santos Soares
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
 Bairro: Jardim Universitário CEP: 87.020-900
 UF: PR Município: MARINGÁ
 Telefone: (44)3011-4597 Fax: (44)3011-4444 E-mail: copep@uem.br

ANEXO C- PROJETO DE EXTENSÃO: 4905/2021



CURSO DE EXTENSÃO

NÚMERO DO PROCESSO 4905/2021

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 TÍTULO: Ensino Colaborativo: Possibilidades de Interlocuções e Proposições Pedagógicas Entre Professores

1.2 LOCAL DE REALIZAÇÃO: Plataforma Google Meet e Classroom

1.3 PÚBLICO ALVO: Professores da Rede Pública Estadual de Ensino, vinculados ao Núcleo de Educação de Umuarama/PR.

1.4 PROPONENTE

| | |
|-------------|--|
| Unidade: | CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES |
| Subunidade: | DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO |

1.5 OUTROS ÓRGÃOS ENVOLVIDOS

| Nome | Sigla | Órgão Interno |
|---|------------|---------------|
| PROGRAMA DE POS-GRADUACAO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA | CCH-PROFEI | SIM |

1.6 COORDENAÇÃO (apenas 1 (um) coordenador – docente ou técnico administrativo da UEM)

| | |
|--|------------------|
| Coordenador: Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar | Matrícula: 71150 |
| *Email: | Fone: |
| Possui Currículo LATTES/UEM (x)SIM () NÃO | |

*Após a aprovação o/a coordenador (a) receberá, via email, um link para cadastro dos participantes e atividades para emissão de certificados, posteriormente.

1.7 PERÍODO DE REALIZAÇÃO: 17/02/2022 à 07/04/2022

1.8 HORÁRIO

Dia (s) da semana: Turno (diurno, noturno ou integral)

| | | |
|---------|--------|-----|
| Horário | Início | Fim |
| | 19h | 23h |

1.9 QUANTIDADE DE VAGAS

1.10 INSCRIÇÃO

| | |
|---------|---|
| Local | Google Forms https://forms.gle/CZ8NJTWs5difDde7 |
| Data | 07/02/2022 à 11/02/2022 |
| Horário | 8h às 23h59 |
| Valor | ----- |

1.11 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

| |
|--------------------|
| Ordem de Inscrição |
|--------------------|

1.12 PROGRAMA PREVISTO

| Temas ministrados | Data | Carga Horária/Horas |
|--|------------|---------------------|
| Panorama da Educação Inclusiva no Brasil ; Conceito sobre Ensino Colaborativo. | 17/02/2022 | 4 horas |
| O Ensino Colaborativo favorecendo o desenvolvimento profissional para a Inclusão Escolar. | 24/02/2022 | 4 horas |
| Análise de caso e orientação sobre a elaboração de estratégias pedagógicas para alunos com necessidades especiais. | 03/03/2022 | 4 horas |
| Elaboração de estratégias pedagógicas – professor do ensino comum e professor de educação especial. | 10/03/2022 | 4 horas |
| Aplicação da estratégia pedagógica em sala de aula. | 17/03/2022 | 4horas |
| Apresentações das estratégias pedagógicas elaboradas pelos participantes do curso. | 24/03/2022 | 4 horas |
| Aplicabilidade do Ensino Colaborativo no contexto escolar. | 30/03/2022 | 4 horas |
| Devolutiva e avaliação final do curso de extensão. | 07/04/2022 | 4horas |

1.13 CARGA HORÁRIA

1.14 ÁREAS DE CONHECIMENTO – CNPq (marcar apenas uma opção)

- 1 () Ciências Exatas e da Terra;
- 2 () Ciências Biológicas;
- 3 () Engenharias;
- 4 () Ciências da Saúde;
- 5 () Ciências Agrárias;
- 6 () Ciências Aplicadas e Sociais;
- 7 (X) Ciências Humanas;
- 8 () Linguísticas, Letras e Artes;
- 9 () Outras.

1.15 ÁREA TEMÁTICA DA EXTENSÃO (marcar até 3 (três) opções, numerando de 1 a 3 por grau de afinidade)

- 1 () Comunicação;
- 2 () Cultura;
- 3 () Direitos Humanos e Justiça;
- 4 (X) Educação;
- 5 () Meio Ambiente;
- 6 () Saúde;
- 7 () Tecnologia e Produção;
- 8 () Trabalho.

2 O CURSO

2.1 OBJETIVO

Propiciar aos professores da rede estadual de ensino da Educação Básica e Ensino Médio encaminhamentos teóricos, metodológicos e aplicáveis em sala de aula para trabalhar com alunos público alvo da educação especial, objetivando desenvolver práticas de ensino colaborativo para efetivação da educação inclusiva.

2.2 METODOLOGIA

O curso de extensão será desenvolvido no formato de ensino remoto com uso do recurso de aula on-line pela plataforma Google Meet. Será dado início a formação com encontro on-line ministrada pela docente para conhecer os cursistas, apresentação do cronograma de atividades propostas para o curso e apresentação inicial do Panorama da Educação Inclusiva no Brasil e o conceito sobre Ensino Colaborativo. Ainda serão disponibilizadas atividades de leitura e formulários a serem preenchidos na plataforma google classroom. Os encontros serão semanais de forma síncrona e assíncrona.

2.3 SISTEMA DE AVALIAÇÃO (frequência mínima obrigatória de 75%, nota mínima opcional)

Será elaborada uma lista de frequência em que os participantes deverão ter frequência mínima de 75% para sua aprovação.

2.4 ENVOLVIDOS NA REALIZAÇÃO

| | |
|------------------|--|
| TIPOS DE ATUAÇÃO | 1 – Coordenador 2- Ministrante 3- Comissão Organizadora 4 – Participante |
|------------------|--|

Docente (s)

| | | |
|---|--------------------|--------------------|
| Nome: Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar | | |
| Cargo: | Matrícula: 71150 | |
| CPF: | Setor (Sigla): DTP | Tipo de Atuação: 1 |

| | | |
|--------|--------------------|------------------|
| Nome: | | |
| Cargo: | Matrícula | |
| CPF: | Setor (Sigla): DTP | Tipo de Atuação: |

Técnico (s) Administrativo (s):

| | | |
|--------|--------------------|------------------|
| Nome: | | |
| Cargo: | Matrícula | |
| CPF: | Setor (Sigla): DTP | Tipo de Atuação: |

| | | |
|--------|--------------------|------------------|
| Nome: | | |
| Cargo: | Matrícula | |
| CPF: | Setor (Sigla): DTP | Tipo de Atuação: |

Discente (s)

| | | |
|-------|--------|------------------|
| Nome: | | RA |
| CPF: | Curso: | Tipo de Atuação: |

| | | |
|-------|--------|------------------|
| Nome: | | RA |
| CPF: | Curso: | Tipo de Atuação: |

Aluno (s) da Pós-Graduação

| | | |
|--------------------------------------|---|------------------------|
| Nome: Sirlei Batista Franco Carvalho | | RA 403155 |
| CPF: 020.508.649 - 73 | Curso: Mestrado Profissional em Educação Inclusiva - Profei | Tipo de Atuação: 2 e 3 |

Docente (s) e ou Técnico (s) de outras IES ou Órgãos

| | |
|--------------------------|---------------|
| Nome: | CPF: |
| IES/Instituição (SIGLA): | Tipo Atuação: |

Comunidade Externa

| | |
|------------------------|--------------|
| Nome: | CPF: |
| Instituição de Origem: | Tipo Atuação |

| | |
|------------------------|--------------|
| Nome: | CPF: |
| Instituição de Origem: | Tipo Atuação |

| | |
|------------------------|--------------|
| Nome: | CPF: |
| Instituição de Origem: | Tipo Atuação |

| | |
|------------------------|--------------|
| Nome: | CPF: |
| Instituição de Origem: | Tipo Atuação |

| | |
|------------------------|--------------|
| Nome: | CPF: |
| Instituição de Origem: | Tipo Atuação |

3 ORÇAMENTO

3.1 Haverá Convênio específico para este curso? () Sim (x) Não
Qual? _____

3.2 Haverá recurso de projeto externo/convênio para este curso? () Sim (x) Não
Qual? _____

| 3.2 RECEITAS | |
|--|------------------|
| Valor Médio da Inscrição | R\$ - |
| Número Mínimo de Inscrições | 5 |
| Especificação | Valores (em R\$) |
| Valor das Inscrições ¹ | R\$ - |
| Órgão Proponente – Programa | R\$ - |
| Outras Receitas – Programa | |
| Outras Fontes (discriminar) | R\$ - |
| TOTAL | R\$ - |
| NOTA: ¹ Havendo valores diferenciados, efetuar o cálculo da receita pelo valor médio Memórias de Cálculo: a) Valor das Inscrições x nº mínimo de inscrições b) Havendo valores diferenciados, e efetuar o cálculo da receita pela média conforme exemplo: Valor para docentes = R\$ 20,00 | |
| 3.3 DESPESAS | |
| Especificação | Valores (em R\$) |
| Pessoal e Encargos Sociais (vínculo UEM) ¹ | R\$ - |
| SUBTOTAL (1) | R\$ - |
| Diárias ou Indenizações de Despesas com Alimentação e Pousadas (interno e externo) | R\$ - |
| Material de Consumo | R\$ - |
| Passagens e Despesas com Locomoção | R\$ - |
| Outros Serviços de Terceiros – Pessoa Física: | R\$ - |
| a) Serviços Técnicos Profissionais (Pessoal Externo) | R\$ - |
| b) Encargos Patronais | R\$ - |
| c) Outros Serviços de Terceiros | R\$ - |
| Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica: | R\$ - |
| a) Divulgação e Propaganda | R\$ - |
| b) Certificados - Emissão pela DEX (DEX não cobra para emissão de Certificados) | 0,0 |
| c) Fornecimento de alimentação | R\$ - |
| d) Serviços Gráficos e de Encadernações | R\$ - |
| e) Fotocópias (xerox) | R\$ - |
| f) Outros Serviços de Terceiros | R\$ - |
| SUBTOTAL (2) | R\$ - |
| Reserva Técnica (5% aplicados sobre o valor do subtotal 1 + subtotal 2) | R\$ - |
| Subtotal (3) – (Subtotal 1 + Subtotal 2 + Reserva Técnica) | R\$ - |
| Custos Imputados | |
| a) Fundo de investimento CAD vinculado a ASP/PAD (5% sobre o subtotal 3) | R\$ - |
| b) Órgão(s) Proponente(s) – (15% sobre o subtotal 3) | R\$ - |
| c) Custos Imputados (Institutos e Fundações), limitados em até 10% do valor das despesas de custeio e investimento do evento (Subtotal 3), conforme planilha/carta aceite. | R\$ - |
| Inserir a porcentagem cobrada pela Fundação ou Instituto | 0,00% |
| SUBTOTAL (4) | R\$ - |
| TOTAL DESPESAS | R\$ - |
| SALDO (RECEITA - DESPESAS) | R\$ - |
| NOTAS: ¹ Limite de até 20% da receita arrecadada Limite fica a critério de cada projeto, desde que sua receita seja suficiente para cobrir todos os custos. A somatória da remuneração de pessoal interno e externo não poderá ultrapassar 80% da receita do projeto. Quando houver remuneração apenas para pessoal externo, utilizando-se de recursos de órgão de fomento o percentual para pagamento fica a critério de cada projeto. A cotação de preços para elaboração do projeto é de responsabilidade do proponente, os materiais de consumo rotineiros têm os preços médios para consulta no Almoarifado. Eventual saldo positivo será creditado no orçamento do órgão proponente do curso (Resolução nº 515/07-CAD – Artigo 4º). | |

4.1 Divulgação e Contato do Curso

| | |
|----------------------|---|
| E-mail | sirlei.carvalho@escola.pr.gov.br |
| Redes sociais | Facebook, Instagram |
| Websites | http://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=66 |
| Telefones | (44) 99124-1368 |

Observações:

Maringá, 08 de novembro de 2021

Assinatura da coordenação

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) Envolvendo Seres Humanos da UEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "Ensino Colaborativo: possibilidades de interlocuções e proposições pedagógicas entre professores" a qual faz parte do trabalho do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI) da Universidade Estadual de Maringá/PR (UEM), orientado pela professora Dr^a Nerli Nonato Ribeiro Mori do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP/UEM).

O objetivo geral da pesquisa é investigar se a participação dos professores em uma formação continuada pode contribuir para a prática pedagógica inclusiva.

Além desse, traçamos alguns objetivos específicos tais como:

- Relatar a importância do Ensino Colaborativo como experiência para ampliação da participação do professor do ensino regular juntamente com o professor especialista em educação especial.
- Descrever sobre a importância da formação continuada como forma de assegurar um ensino de qualidade aos alunos.
- Propor um curso de formação continuada sobre ensino colaborativo, para professores da educação básica da rede estadual de ensino do Núcleo Regional de Educação de Umuarama.
- Realizar a coleta de dados do curso de formação continuada sobre Ensino Colaborativo e sua contribuição para práticas pedagógicas inclusivas.
- Analisar se um curso de formação continuada pode contribuir para uma prática pedagógica inclusiva.

Para a concretização desta pesquisa, a sua participação é muito importante, e ela se dará da seguinte forma:

1. Responder formulário via Google Forms;

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) Envolvendo Seres Humanos da UEM

2. Curso de formação continuada com carga horária de 32 horas através da plataforma Google Meet, sendo os encontros virtuais gravados para posterior transcrição e análise de dados.

Ressaltamos que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Após cinco anos da publicação da pesquisa, todo o material coletado por meio de registro escrito será descartado.

Acreditamos que a pesquisa não oferecerá riscos de saúde aos participantes, contudo, informamos que poderão ocorrer possíveis desconfortos em relação à participação nas atividades propostas, assim, pontuamos que o participante tem o direito de se recusar a respondê-las.

Um dos possíveis constrangimentos pode se dar em relação ao ambiente dos encontros da formação continuada, a qual será realizada através da plataforma Google Meet. Caso isso aconteça, o participante não será obrigado a participar. Esclarecemos que a participação é totalmente VOLUNTÁRIA, podendo o participante se recusar a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isso acarrete qualquer ônus ou prejuízo a sua pessoa.

Em relação aos benefícios diretos da participação na pesquisa, acreditamos ser imperiosa, pois objetiva ampliação do conhecimento sobre o tema Ensino Colaborativo e elaboração de práticas e estratégias pedagógicas inclusivas em que todos os alunos, bem como os professores, se beneficiarão.

Estudos dessa envergadura visam contribuir para reflexões e aperfeiçoamento dos profissionais da Educação que atuam ou não com alunos público alvo da educação especial, bem como discutir os percalços que se fazem presentes nas instituições de ensino, e, por conseguinte, nas salas de aula.

Caso haja dúvidas, ou ainda a necessidade de maiores esclarecimentos, é possível nos contatar por meio dos endereços a seguir ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta neste documento.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) Envolvendo Seres Humanos da UEM

Este termo deverá ser preenchido e assinado em duas vias de igual teor, sendo uma delas, da pesquisadora e a outra será entregue ao participante da pesquisa.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e pelo aluno, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isso deve ser feito por ambos a fim de garantir, às duas partes, o acesso ao documento completo.

Eu, _____
_____, declaro que recebi todos os esclarecimentos necessários e concordo em participar **VOLUNTARIAMENTE** da pesquisa coordenada pela Professora Doutora Nerli Nonato Ribeiro Mori.

Umuarama/PR, ___/___/___

Assinatura ou impressão datiloscópica

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) Envolvendo Seres Humanos da UEM

Eu, Sirlei Batista Franco Carvalho declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

Umuarama/PR, __/__/__

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida em relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Dra. Nerli Nonato Ribeiro Mori
Telefone: (44) 99133-1360
E-mail: nrmori@uem.br

Sirlei Batista Franco Carvalho
Endereço: Av. Duque de Caxias, 4410 – Umuarama- PR.
Telefone: (44) 99124-1368
E-mail: pg403155@uem.br

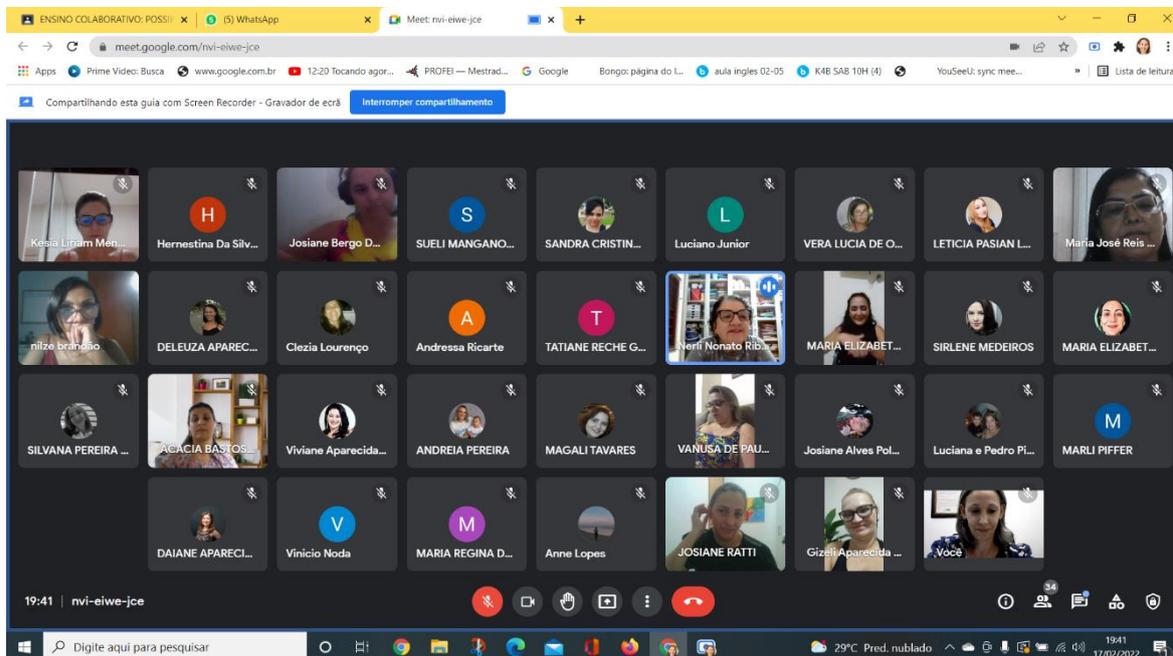
Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM (COPEP), no endereço abaixo:

Av. Colombo, 5790, PPG, sala 4.
CEP 87020-900. Maringá-Pr.
Fone/whatsapp: (44) 3011-4597
E-mail: copep@uem.br

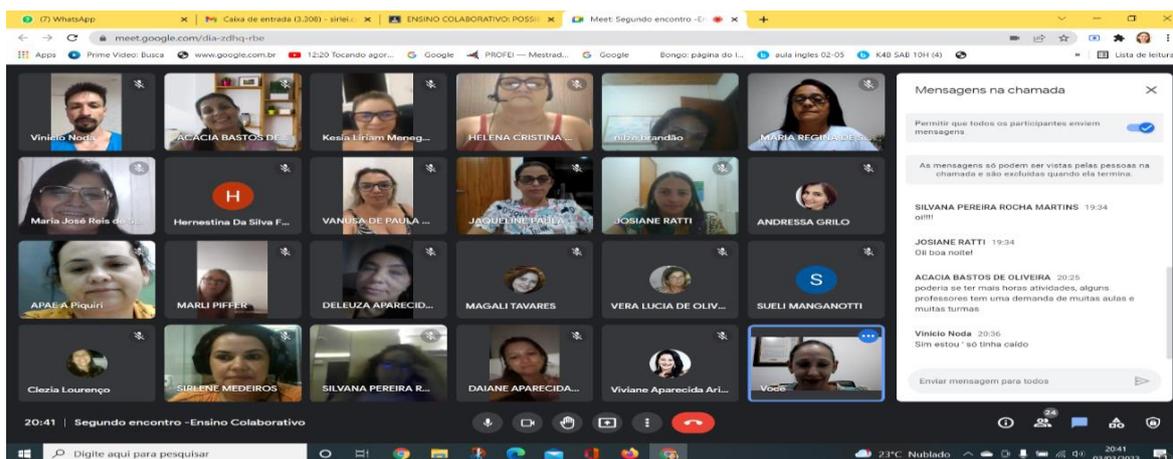
Atendimento por e-mail ou whatsapp (durante o distanciamento físico imposto pela pandemia), de segunda a sexta-feira, das 8 às 11h30 e 14h às 17h30

ANEXO E - FOTOS DOS ENCONTROS NA PLATAFORMA GOOGLE MEET

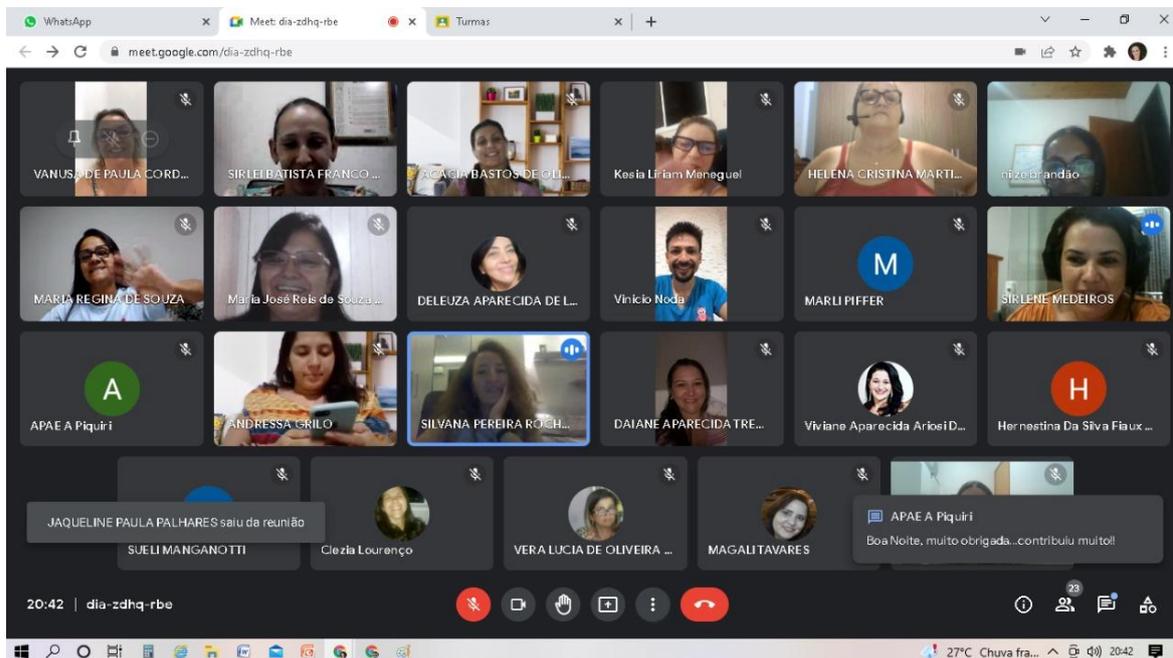
1º ENCONTRO (17/02/2022)



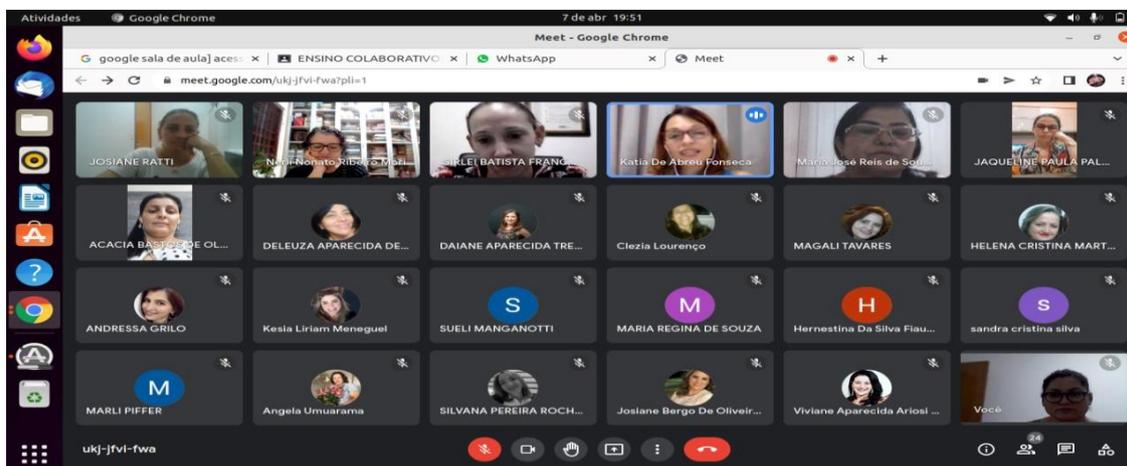
2º ENCONTRO (03/03/2022)



3º ENCONTRO (24/03/2022)



4º ENCONTRO (07/04/2022)



ANEXO F – PLANOS DE AULAS

PLANO DE AULA I

PLANO DE TRABALHO DOCENTE

| | | |
|--|---------------|--------------------|
| PROFESSOR DE INGLÊS: XXXXXXXXXX | TRIMESTRE: 1º | ANO LETIVO: 2022 |
| PROFESSORA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL: XXXXXXXXXXXXX | | |
| DISCIPLINA: INGLÊS | TURMA: 6º ANO | ENSINO FUNDAMENTAL |
| NÚMERO DE AULAS: 2 – (100min). | | |

OBJETO DE CONHECIMENTO

Identificar profissões em inglês.

OBJETIVO DE APRENDIZAGEM

PR. EF06LI05. s.6.39 - Aplicar os conhecimentos da Língua Inglesa para falar de si e de outras pessoas, explicitando informações pessoais e características relacionadas a gostos, preferências e rotinas, para efetivar a prática da oralidade com textos simples. Este objetivo pode articular-se com (EF06LI17) e (EF06LI18).

- Ser capaz de aprender profissões em inglês sendo feito um trabalho colaborativo com estudantes que é portador do Espectro Autista em uma turma do 6º ano.
- Conduzir ao reconhecimento das profissões e transmiti-las em inglês.
- Reconhecer o vocabulário em inglês.
- Responder oralmente questões a partir de imagens.

CONTEÚDO

Jobs and occupations (trabalhos e ocupações)

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Primeiramente, os alunos farão uma pesquisa sobre o novo vocabulário, através do dicionário e/ou tradutor online.

A professora fará a leitura juntamente com a turma, para que todos reconheçam e fixem a pronúncia correta dos vocábulos.

A turma também irá formar frases utilizando verbos previamente estudados nas aulas anteriores, para praticar a utilização das profissões.

Após a pesquisa, leitura e atividade, os alunos irão confeccionar um memory game (jogo da memória), fazendo pintura recorte e colagem das peças do jogo.

A professora passará um vídeo musical com o vocabulário estudado.

Esse trabalho será feito em grupos e ao fim da produção a turma poderá brincar com seu jogo, sempre utilizando o vocabulário em inglês para aquisição e aprendizagem efetiva.

Atividades:

1- Cópia, leitura e pesquisa do vocabulário.

2 - Formar frases com os verbos já estudados no trimestre e o novo vocabulário.

3- Pintar, recortar e colar as imagens e nomes das profissões em inglês para confecção do Memory game.

4- Assistir ao vídeo Alphabet for occupations-ABC- Jobs song for kids.

5- Formar duplas ou grupos para jogar.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de maneira contínua e sistemática, observando sua participação e compreensão do conteúdo, através da realização das atividades e trabalho proposto.

Os instrumentos avaliativos serão a realização das atividades propostas (participação na realização da pesquisa, atividade escrita e confecção e participação no jogo).

Os critérios avaliativos serão:

-Apropriação do vocabulário (escrita, compreensão e pronúncia.)

- Reconhecimentos das profissões em inglês através das imagens

REFERÊNCIAS

-Livro Way to English- Unidade 2 Livro Experience

https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-05/crep_lingua_inglesa_2021_anos finais.pdf

https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/profissoes-em-ingles/

PLANO DE AULA II

I. IDENTIFICAÇÃO

Professor da disciplina: XXXXXXXXXXXXX

Professor de Educação Especial: XXXXXXXXXXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): História

B – SÉRIE/ TURMA: 1º ano NEM B

| | |
|--|---|
| C - UNIDADE TEMÁTICA: Primeiras comunidades humanas e os povos da Mesopotâmia | |
| <p>Objetos do conhecimento (conteúdo):</p> <ul style="list-style-type: none"> - processo de humanização e o surgimento da escrita | <p>Objetivos de aprendizagem:</p> <p>Espera-se que o aluno</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreenda a importância da história enquanto ciência, com seus próprios métodos e objetos de estudo. - compreenda o tempo histórico, a partir das mudanças, permanências, rupturas, simultaneidades. - compreenda a importância do processo de desenvolvimento da escrita para as primeiras civilizações e no mundo atual. |

D – RECURSOS:

- Aula expositiva com slides
- cartolina
- carvão
- areia/barro
- erva mate / café / colorau
- argila
- laboratório de ciências

E – DESENVOLVIMENTO:

Desde as primeiras organizações humanas já é considerado importante a criação de uma forma de registro.

Os primeiros povos que se abrigavam nas cavernas, deixavam os registros nas paredes com cenas do cotidiano. A essa arte dá-se o nome de pinturas rupestres.

O surgimento das primeiras cidades fez surgir a necessidade de registro por meio dos códigos para controlar o comércio, a economia e a agricultura.

A escrita desenvolvida pela civilização sumeriana é conhecida como cuneiforme, por utilizar uma espécie de cunha para deixar marcas em placas de argila.

Após apresentação e explicação do conteúdo sobre os registros deixados por povos das primeiras comunidades e civilizações, os alunos serão motivados a deixarem seus registros utilizando técnicas parecidas com as utilizadas na pintura rupestre e na escrita cuneiforme.

1ª Etapa - Organização

- apresentação do conteúdo
- divisão de grupos (até 4 alunos)
- aquisição de materiais

2ª Etapa - Pintura Rupestre

- No laboratório de ciências, os alunos se organizarão nas bancadas para definirem a mensagem que querem passar através da pintura.
- Após, desenvolverão a arte rupestre, utilizando a cartolina, carvão, areia e outros materiais que julgarem necessários. Nela, transmitirão a mensagem por meio de desenhos que remetem à arte rupestre.

3ª Etapa - Escrita Cuneiforme

<https://www.youtube.com/watch?v=9YqGpXpq46k>

https://www.youtube.com/watch?v=09YTGj_0GKI

- Primeiramente, os alunos assistirão os vídeos acima sugeridos para terem noção de como a escrita cuneiforme pode ser desenvolvida
- Após, os alunos se organizarão nas bancadas do laboratório de ciências onde definirão qual mensagem gostaria de deixar para as civilizações futuras.
- Utilizando as técnicas apresentadas no vídeo, os alunos irão deixar suas mensagens nas placas de argila, utilizando madeira em forma de cunha para fazer o registro.

F - AVALIAÇÃO:

A avaliação será realizada de maneira contínua e sistemática, observando sua participação e compreensão do conteúdo, através da realização das atividades e trabalho proposto.

Os instrumentos avaliativos serão a realização das atividades propostas (participação da aula, organização dos grupos, desenvolvimento da atividade de pintura rupestre com a confecção do cartaz, criação das placas de argila com base na escrita cuneiforme).

Os trabalhos serão expostos para toda a escola.

Os critérios avaliativos serão:

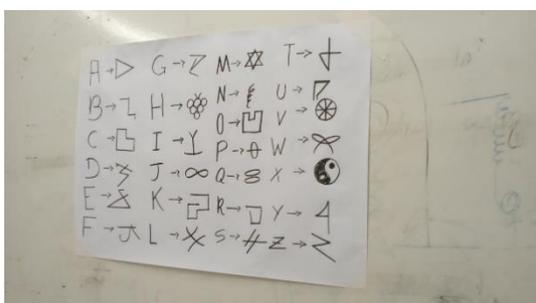
- Reconheça a importância do processo de desenvolvimento da escrita para o comércio e a vida das cidades.

- Identifique características das primeiras comunidades humanas.

G - REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2017
 Caderno de Expectativas de Aprendizagem. Organização: Departamento de
 Educação Básica. 2012. > acesso em 09.02.2022.

ANEXOS





PLANO DE AULA III

Plano de Trabalho Docente

| | | |
|------------------------------------|--------------------------------------|--------------------|
| Professor de Matemática: XXXXXX | 1º Trimestre | Ano Letivo: 2022 |
| Professora SRM: XXXXXXXX | 7º Ano B – Tarde – 1 Aula 50 min. | Ensino Fundamental |

| |
|---|
| OBJETO DE CONHECIMENTO |
| (EF06MA03) Resolver e elaborar problemas que envolvam cálculos (mentais ou escritos, exatos ou aproximados) com números por meio de estratégias variadas, com compreensão dos processos neles envolvidos com e sem uso de calculadora |
| OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM |
| <ul style="list-style-type: none"> - Relembrar da importância de associação que há entre a adição e a subtração nos cálculos por escrito e mentalmente. - Diagnosticar os conhecimentos que os alunos têm sobre a multiplicação. - Perceber padrões e desenvolver novas estratégias de cálculos de acordo com as situações que aparecem no cotidiano. - Resolver e elaborar problemas, extraídos de diferentes contextos e de situações diversificadas com o uso do quadro da descoberta. |
| CONTEÚDO |
| - Operações de matemática envolvendo a adição e a multiplicação com o uso da Tabuada Associativa e do Quadro da Descoberta. |
| ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS |
| <p>-No primeiro momento apresentei a Tabuada Associativa e o Quadro da Descoberta através da aula expositiva e dialogada com os alunos, expliquei como deveria ser usado cada um e como seria preenchido o Quadro da Descoberta. - Para atividade desenvolvida precisei de alguns alunos que participarem fazendo uso da tabuada associativa para o preenchimento do quadro da descoberta que cada aluno recebeu.</p> <p>- Depois expliquei como é importante o cálculo mental e o cálculo que registramos no caderno e logo em seguida fizemos as correções do quadro da descoberta que é de grande utilidade para realizar as atividades que estão presentes nas aulas de matemática do Ensino Regular.</p> |
| AVALIAÇÃO |
| - Foi através da participação dos alunos na fala e na escrita e também na correção da atividade proposta que seria completar o quadro da descoberta da multiplicação. |
| REFERÊNCIAS |
| <p>Nova Escola-</p> <p>https://planosdeaula.novaescola.org.br/fundamental/7ano/matematica/construindo-os-numeros-rationais/</p> |

Currículo da Rede Estadual Paranaense -

https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files_documento/2021-05/crep_matematica_2021_anos finais.pdf- visualizei das 09:00 até as 09:23 do dia 24/03/2022.



PLANO DE AULA IV

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXXX
 Professor da disciplina: XXXXXXXX
 Professor de Educação Especial: XXXXXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR: Matemática

B – SÉRIE/ TURMA: 6ºA

C - UNIDADE TEMÁTICA: Números

| C - UNIDADE TEMÁTICA: Números | |
|--|--|
| Objetos do conhecimento Sistema de numeração decimal | Objetivos de aprendizagem: Relacionar: unidade, dezena, centena e unidade de milhar. |

D – RECURSOS: Material Dourado, quadro de giz, giz.

E – DESENVOLVIMENTO: Apresentação do material dourado. Perguntar aos alunos: — O que é unidade? — O que é dezena? — O que é uma centena? — E o que é uma unidade de milhar? (Ouvir as respostas dos estudantes) Retome as respostas dadas pelos estudantes às perguntas realizadas na introdução. — Mas afinal, o que são unidades, dezenas, centenas e unidades de milhar? Explique que: — A palavra unidade nos lembra um, ou seja, o número 1. A unidade é considerada o valor individual, isolado ou sozinho. Um exemplo é ir à feira e comprar 20 laranjas. Cada laranja representa uma unidade do total da compra, ou seja, 20 unidades de laranjas! — A palavra dezena nos lembra o número dez (10). A dezena representa um grupo de 10 unidades, então a cada 1 dezena você tem 10 unidades. Se comprarmos 2 dezenas de abacaxis, isso significará que compraremos 20 unidades de abacaxis, ou, se comprarmos 40 unidades de limão, significa que compramos 4 dezenas de limões. — A palavra centena nos faz lembrar de cem (100). 1 centena representa um grupo de 100 unidades, ou 10 dezenas. A cada 100 unidades você tem 1 centena ou 10 dezenas, isso significa que comprando 100 unidades de telhas, teremos 1 centena de

telhas. — Já a unidade de milhar ela representa um mil (1.000). 1 unidade de milhar representa um grupo de 1.000 unidades, ou 10 centenas, ou 100 dezenas. Então, a cada 1.000 unidades nós temos 1 unidade de milhar, ou 10 centenas, ou 100 dezenas, isso significa que comprando 1.000 unidades de lajotas, teremos 1 unidade de milhar de lajotas. Conforme for explicando aos estudantes, escreva no quadro as palavras unidade, dezena, centena e unidade de milhar.

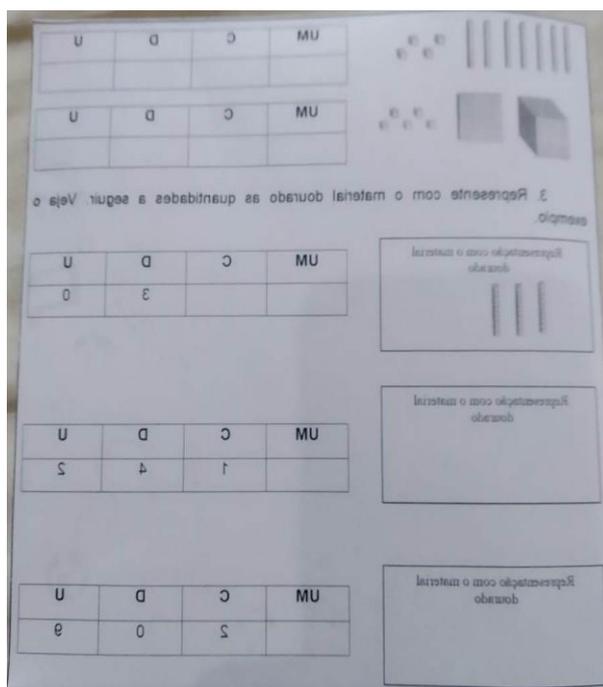
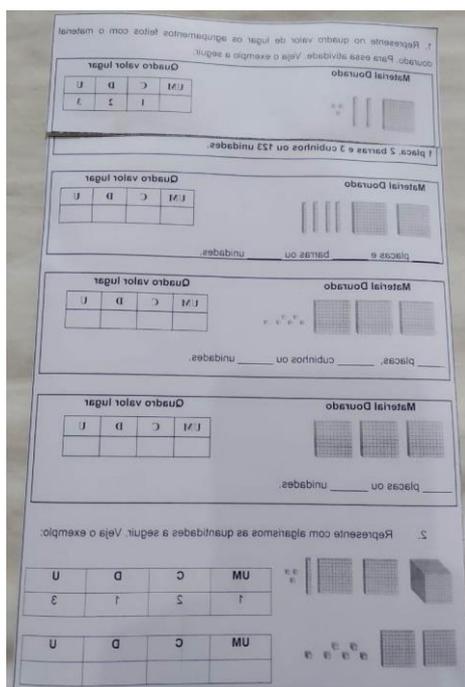
F - AVALIAÇÃO: resolução de atividades no caderno.

G - REFERÊNCIAS:

JÚNIOR e RUY. A conquista da Matemática, Ensino Fundamental. 4.ed. SP: FTD.2018

PARANÁ, SEED. Referencial Curricular do Paraná: Princípios, Direitos e Orientações. 2018

Atividade proposta:



PLANO DE AULA V

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXXX
 Professor da disciplina: XXXXX
 Professor de Educação Especial: XXXXXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Ciências

B – SÉRIE/ TURMA: 6ª série

C - UNIDADE TEMÁTICA: Matéria e Energia

| Objetos do conhecimento (conteúdo): | Objetivos de aprendizagem: |
|--|--|
| Substâncias e misturas. Misturas homogêneas e heterogêneas. Técnicas de separação de materiais. Materiais sintéticos. Transformações químicas. | PR. EF06CI01. s.6.10 Classificar como homogênea ou heterogênea a mistura de dois ou mais materiais (água e sal, água e óleo, água e areia etc.). |

D – RECURSOS: copo ou recipiente transparente), água, sal, areia, querosene, vinagre, etanol, óleo de soja, óleo de coco, éter de farmácia, glucose de milho, três corantes líquidos solúveis em água (três cores diferentes) e três recipientes de plástico.

E – DESENVOLVIMENTO: Após ter sido abordados (na aula anterior) aspectos que fazem parte da temática misturas homogêneas e heterogêneas, referentes a uma das habilidades de Ciências, como retomada realizaremos a etapa mão na massa, onde os alunos prepararão uma mistura heterogênea e uma homogênea com várias fases líquidas e com cores diferentes.

Obs: O aluno com diagnóstico de deficiência intelectual, realizou a mistura e conseguiu perceber as misturas possíveis e suas transformações.

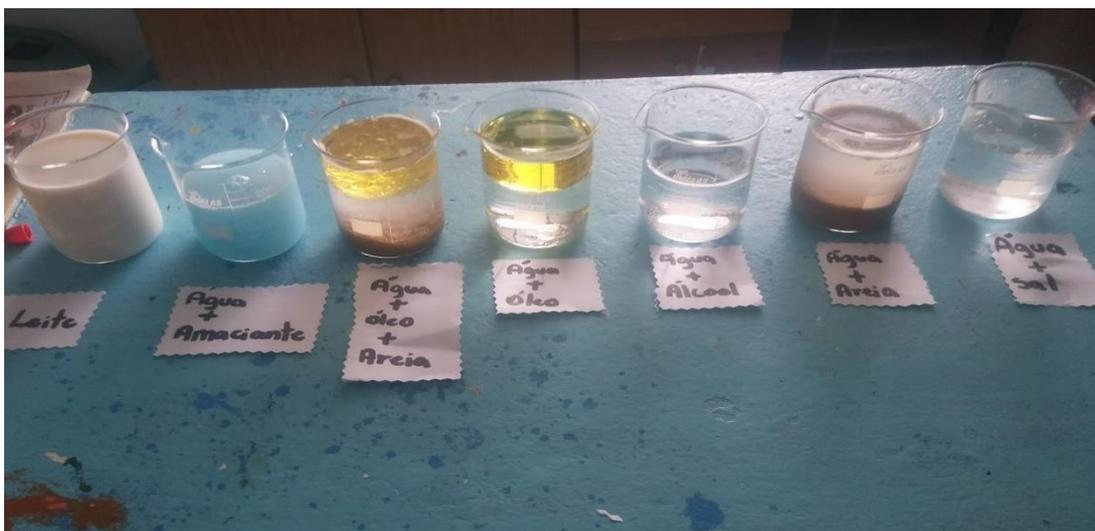
F – AVALIAÇÃO:

- Participação da aula expositiva;

- Análise das atividades práticas dos alunos, com questões propositivas orais no coletivo e registro no relatório da aula prática.
- Observação sistemática e contínua

G – REFERÊNCIAS:

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Paraná. **CREP-** Currículo da Rede Estadual Paranaense. Paraná, 2021. Disponível em: <<https://professor.escoladigital.pr.gov.br/crep>> acesso em 21 mar 2022.



PLANO DE AULA VI

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição: XXXXXXXXXXXX.

Professora: XXXXXXXXXXXX

Professora de Educação Especial: Não houve parceria.

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR: GEOGRAFIA

B – SÉRIE/ TURMA: 1º ENSINO MÉDIO

C - UNIDADE TEMÁTICA:

| Objetos do conhecimento | Objetivos de aprendizagem: |
|--|--|
| <p>Geografia: (EF03GE08) Relacionar a produção de lixo doméstico ou da escola aos problemas causados pelo consumo excessivo e construir propostas para o consumo consciente, considerando a ampliação de hábitos de redução, reuso e reciclagem/descarte de materiais consumidos em casa, na escola e/ou no entorno.</p> | <p>Possibilitar que os alunos compreendam o papel das embalagens e a importância de evitarmos seu uso e descarte indiscriminados. Apresentar possíveis ações cotidianas para uso consciente e descarte adequado das embalagens, a partir dos 4 Rs (repensar, reduzir, reutilizar, reciclar).</p> |

D – RECURSOS:

- Computador
- Data show
- Imagens e vídeos
- Embalagens

E – DESENVOLVIMENTO:



As fotos mostram embalagens usadas que foram encontradas intactas no ano de 2016 em ambientes costeiros. Chame a atenção dos alunos para o ano em que as

embalagens foram produzidas: a primeira em 1976 e a segunda em 1986; e também para o local em que elas foram encontradas: era o local correto? Explique aos alunos que as embalagens são grandes aliadas, já que facilitam o transporte, a conservação e a identificação do que consumimos. Mas precisamos refletir sobre a forma que as utilizamos: 80% delas são descartadas após um único uso, e, se descartadas de forma incorreta, além de desperdiçar os recursos naturais que foram utilizados para a sua produção, também poluem o meio ambiente, causando prejuízos em nossas vidas e na de todos os seres vivos. Pergunte aos alunos quais embalagens utilizamos diariamente, para incentivar a atividade você pode citar algumas, como embalagens de alimentos, medicamentos, roupas e calçados, brinquedos, eletrônicos etc. Peça aos alunos que separem em casa algumas embalagens para levarem para a escola. É importante que essas embalagens não estejam sujas, bastando limpá-las minimamente com um pouco de água ou guardanapo usado.

No dia combinado com a turma, junte os materiais coletados em um local que seja visível a todos. Divida a turma em cinco ou seis grupos, cada grupo deverá escolher entre duas e três embalagens. Na sequência, exiba para a turma a animação sobre os 4 Rs: Repensar, Reduzir, Reutilizar, Reciclar (<https://youtu.be/PckAgY6stqU>).

Converse com os alunos sobre o que entenderam a partir da animação. Você pode registrar na lousa as principais ideias. Depois peça para cada grupo analisar as embalagens que escolheram e responder as seguintes perguntas:

- a) Ela era uma embalagem necessária ou dispensável? Por quê? Você pode citar como exemplo de uma embalagem dispensável os saquinhos plásticos ou papéis que envolvem talhares e guardanapos em restaurantes.
- b) O uso dessa embalagem poderia ter sido evitado? Como?
- c) Essa embalagem poderia ser feita de outro material? Isso seria melhor ou pior? Por quê? Ex.: uma garrafa plástica de água mineral poderia ser de vidro, o que pode ser considerado melhor, porque possibilita que ela seja utilizada muitas vezes para armazenar água, apesar de acabar ficando mais pesada.
- d) Essa embalagem poderia ser reutilizada de alguma forma? Como?
- e) Essa embalagem pode ser reciclada?

F - AVALIAÇÃO:

Para finalizar a atividade, pergunte aos alunos se eles gostaram de aprender mais sobre as embalagens e sobre os 4 Rs. Peça para cada grupo apresentar quais as embalagens escolhidas, o que conversaram sobre cada pergunta e a quais respostas chegaram.

A forma de avaliação é criar histórias em quadrinhos. Depois de prontas, a turma pode reuni-las em um gibi e fazer algumas cópias para compartilhar com as outras turmas e os familiares. Outra ideia semelhante é realizar uma intervenção pelo uso consciente de embalagens em um corredor da escola. Usem a criatividade e mobilizem toda a comunidade escolar para conhecer e colocar em prática os 4Rs!

G - REFERÊNCIAS:

<https://edukatu.org.br>

PLANO DE AULA VII

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXXX

Professor da disciplina: XXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Prática de Formação

B – SÉRIE/ TURMA: 1º ano

C - UNIDADE TEMÁTICA: A formação da identidade do professor, conduta ética e profissional

| Objetos do conhecimento | Objetivos de aprendizagem: |
|---|--|
| <p>O papel do professor no processo de ensino aprendizagem.</p> | <p>- Observar os contextos diferentes do trabalho do professor na Ed. Infantil e Anos iniciais do Ensino Fundamental, refletindo sobre seu papel no processo ensino aprendizagem.</p> <p>- Importância de se trabalhar as datas comemorativas de maneira contextualizadas aos conteúdos propostos.</p> |

D – RECURSOS:

- Textos impressos
- Vídeos sobre o papel do professor/Confecção de materiais
- Material para realização de atividade prática

E – DESENVOLVIMENTO:

A turma da 1ª série do curso de Formação de Docentes neste ano de 2022 são alunos que tiveram aulas presenciais normais somente quando estavam no sétimo ano do Ensino Fundamental devido à pandemia causada pelo vírus da Covid 19. Desta forma nota-se grande defasagem de conteúdos, bem como, grande número

de alunos com crises de ansiedade e dificuldade em se concentrarem nas atividades mais teóricas. Sendo assim, na proposta de elaborarmos esta atividade do Curso Colaborativo, eu e a professora Acácia que ministramos aulas de Prática de Formação na mesma turma pensamos em uma proposta de atividade em que pudéssemos possibilitar atividades mais práticas para que os alunos pudessem colocar “mão na massa” e assim despertar maior interesse dos mesmos nos conteúdos propostos e atingirmos também os alunos que demonstram ansiedade e dificuldade de concentração.

Diante da Ementa da disciplina escolhemos o conteúdo: O papel do professor no processo de ensino aprendizagem abrindo o leque para as datas comemorativas, com o seguinte questionamento: Datas comemorativas trabalhar ou não com os alunos das séries iniciais?

Iniciamos a aula com o vídeo- Papel do professor, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>, do educador Rubem Alves, propiciando a reflexão inicial, sobre a alegria de pensar e ensinar. Buscar os conhecimentos prévios sobre a importância do papel do professor fazendo os seguintes questionamentos:

- 1- Como incentivar a leitura?
- 2- A missão do professor é provocar espantos, curiosidade, o que seria isso?
- 3- Dialogar sobre a aprendizagem significativa em sala de aula através de produções:
- 4- Conceituar numa roda de conversa qual o papel do professor, diante do vídeo exposto e também buscando o conhecimento que os alunos já trazem consigo.

Na sequência, será disponibilizado aos alunos texto sobre as datas comemorativas fazendo a leitura coletiva e explicando, que o professor deve sim trabalhar datas comemorativas, porém de relevância para os alunos e sempre de maneira contextualizada com os conteúdos e não somente com a intenção de ‘enrolar’ a aula, de maneira solta e sem contextualização nenhuma com os conteúdos propostos na matriz curricular.

Como estávamos na semana do Dia Internacional da Mulher foi proposta aos alunos a pesquisa sobre a história da comemoração do dia internacional da mulher e quais os fatores que levaram a comemorar esta data, bem como história de mulheres relevantes em nossa sociedade em todas as áreas (saúde, educação, política... deixando livre também ao grupo que quisesse retratar a luta de mulheres

que fazem parte de seu dia a dia como mãe, avó, tia etc. Após a apresentação dos trabalhos pesquisados e de toda contextualização com a importância do papel do professor no trabalho com atividades em relação às datas comemorativas foi proposto à confecção de flores em papel crepom para que no futuro possam ensinar as crianças que gostam bastante de atividade onde elas mesmas produzem os “mimos” para as mães ou alguma outra figura feminina que são importantes para elas, pois o papel do professor vai muito além de mostrar conhecimento aos estudantes. Os docentes também são responsáveis por ensinar as crianças e adolescentes a trabalhar em grupo, estimular a criatividade e o pensamento crítico e dar o auxílio necessário para que os estudantes alcancem seus objetivos.

Atividade:

Após explicarmos o que iríamos fazer, foi apresentado para os alunos um vídeo que ensina como fazer a flor de crepom de maneira bem simples. Depois de assistirem ao vídeo foi disponibilizado pedaços de crepom de várias cores para que escolhessem a cor desejada, palito de churrasco, tesouras e colas.

Nota-se neste momento bastante entusiasmo principalmente dos alunos que apresentam dificuldades de concentração para outras atividades mais teóricas propostas durante as aulas de prática, uma vez que vale ressaltar que este tipo de atividade favorece aos alunos (as) que possuem TDAH e também outros públicos da Ed. Especial, pois o fazer aprimora os conteúdos e alunos com essa condição produzem melhor construindo, colocando em prática os conhecimentos repassados.

Após a confecção das flores cada aluna relatou ao grupo para quem entregaria a flor e por que a pessoa mencionada merecia a mesma. Foi um momento bem proveitoso para todo o grupo e também para mim, como professora, pois se percebe que os alunos compreenderam o significado da importância do papel do professor na vida dos alunos e também da necessidade de se trabalhar estes momentos referentes a datas comemorativas de maneira contextualizada e de proporcionarem aos alunos momentos como estes para que eles mesmos produzam as lembrancinhas a serem direcionadas a alguém, uma vez que isto se torna mais significativo para a criança, pois é uma produção dela e não recebida pronta feita pela professora.

Também foi destacado que esta é uma maneira de envolver os alunos que tenham dificuldades de aprendizagem, deficiência ou transtorno por ser uma atividade manual que favorece a concentração e acalma os mais agitados.

F – AVALIAÇÃO:

Os (as) alunos (as) foram avaliados através da sua participação e compreensão do conteúdo, mediante as atividades propostas. Os instrumentos serão a participação nas discussões em relação ao tema proposto e também durante a confecção de material didático pedagógico. Os critérios avaliativos serão: Compreender a importância do papel do professor no processo ensino aprendizagem; aprender a importância de se produzir atividades práticas em sala de aula para melhor compreensão dos conteúdos.

G – REFERÊNCIAS:

<https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU&t=301s>
<https://www.youtube.com/watch?v=JXho-OhlbVg>

Anexo

Fotos das produções:



PLANO DE AULA VIII

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXX
 Professor da disciplina: XXXXX
 Professor de Educação Especial: XXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

B – SÉRIE/ TURMA: 1º TAI- A

| C - UNIDADE TEMÁTICA: Figuras de Linguagem: Função Emotiva. | |
|--|--|
| <p>Objetos do conhecimento.</p> <p>- Função Emotiva</p> | <p>Objetivos de aprendizagem:</p> <p>- Compreender e analisar a função emotiva no contexto da qual é apresentada (textos líricos, biografias, depoimentos, memórias, frases).</p> <p>- Atuar mutuamente expressando ideias de forma oral, escrita e em LIBRAS, aprimorando a capacidade comunicativa.</p> |

D – RECURSOS: Livro Didático, cartolina.

E – DESENVOLVIMENTO: A professora do componente curricular, fez questão que o aluno surdo participasse integralmente da atividade incentivando-o a pesquisar e falar sua opinião para todos na sala, que ele pode e deve estar inserido igual aos amigos. A professora compartilhou comigo sua preocupação de entendimento do aluno surdo, como ele iria apresentar, e qual seria a melhor forma de apresentar, e que ficaria a critério da dupla, de forma que se sentissem seguros e acolhidos na turma, questionamos o aluno, ele disse que tudo tranquilo que iria fazer a atividade de boa. O aluno surdo realizou a atividade juntamente com outra amiga da sala. Após distribuição do tema “Função Emotiva”, fomos pesquisar qual significado e como o tema é apresentado no contexto da Língua Portuguesa e suas características. Os alunos decidiram em apresentar uma frase de incentivo escrita na cartolina, onde a

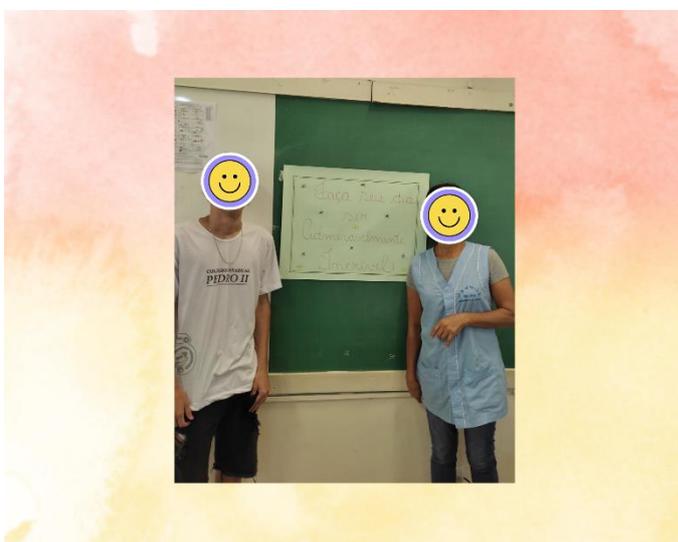
aluna explicaria o significado da “Função Emotiva” e o aluno surdo faria LIBRAS da frase escolhida, juntamente com Intérprete fazendo voz.

Frase:” faça seu dia ser admiravelmente incrível.”

F - AVALIAÇÃO: -Participação e interesse na realização da atividade.
- Comunicação com os colegas de sala.

G - REFERÊNCIAS: Livro didático e mídias de comunicação.

Apresentação



PLANO DE AULA IX

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXX

Professor da disciplina: XXXXXXXX

Professor de Educação Especial: XXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Matemática

B – SÉRIE/ TURMA: 8º ano

| C - UNIDADE TEMÁTICA: Círculo e Circunferência | |
|--|--|
| <p>Objetos do conhecimento (conteúdo): EF08MA19 Círculos e Circunferências.</p> | <p>Objetivos de aprendizagem: Reconhecer círculos e circunferências, identificando o diâmetro de tamanhos diferenciados dos objetivos apresentados na aula.</p> |

D – RECURSOS: Embalagens em formato de círculos (latas de leite em pó, café solúvel, latas de biscoito, bambolês, tampas de panelas e embalagens plásticas etc.), barbantes, régua, fita métrica, trena, tesoura, caneta, papel sulfite para registro.

E – DESENVOLVIMENTO: Diálogo: Levantamento dos conhecimentos prévios sobre o entendimento das figuras geométricas e especificamente sobre os círculos e as medidas de circunferências. Após o diálogo, os estudantes escolherão um objeto (tampas, latas, bambolês etc.), onde deverão utilizar o barbante para medir a circunferência do mesmo, cortar o barbante na medida exata e, por fim, verificar a medida, com auxílio da régua, fita métrica ou trena. Após a verificação da medida, o estudante deverá fazer o registro na folha de sulfite. Em seguida os estudantes deverão trocar de objeto com os amigos e repetir o procedimento. Ao final, a professora elaborará um gráfico com os dados apresentados pelos estudantes, onde eles analisarão as medidas e relacionarão os objetos por ordem de tamanho

(crescente/decrescente). Também serão orientados a relatarem verbalmente a experiência (avaliação discente).

F - AVALIAÇÃO: A avaliação será mediante a participação sobre a realização das atividades propostas, bem como sobre o levantamento das limitações ou dificuldades na realização das mesmas.

G - REFERÊNCIAS:

AUSUBEL, David. P. **A aprendizagem significativa:** a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

AUSUBEL, David. P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos:** Uma Perspectiva Cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010b.

JABUTICABEIRA. Colégio Estadual – Ensino Fundamental e Médio. **Projeto Político Pedagógico**, Umuarama, 2021.

UNESCO, **Declaração de Salamanca:** Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994. Disponível em Acesso em 03/10/2014

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação da Aprendizagem:** práticas de mudança por uma práxis transformadora. 9ª ed. São Paulo: Libertad, 2008.

ZABALA, Antoni. **A Prática educativa:** como ensinar.trad. Ernani F. da F. Rosa – Porto Alegre: ArtMed, 1998

PLANO DE AULA X

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXX
 Professor da disciplina: XXXXXXX
 Professora de Educação Especial: XXXXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR: Matemática

B - SÉRIE/ TURMA: 6º ao 9º ano (EJA)

C - UNIDADE TEMÁTICA: Números

| | |
|---|--|
| <p>Objetos do conhecimento:</p> <p style="text-align: center;">Números</p> | <p>Objetivos de aprendizagem:</p> <p>Habilidade: EF01MA01 - Utilizar números naturais como indicador de quantidade ou de ordem em diferentes situações cotidianas e reconhecer situações em que os números não indicam contagem nem ordem, mas sim código de identificação;</p> <p>Levar o aluno a refletir sobre a importância dos números no dia a dia.</p> <p>Proporcionar atividades e situações que favoreçam essa compreensão.</p> |
|---|--|

D – RECURSOS:

- Material dourado;
- Grãos;
- Painel de números;
- Bingo numérico;

E – DESENVOLVIMENTO:

Utilizar inicialmente da oralidade para realizar a exposição do conteúdo números.

Na sequência será exibido o vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gb-88hbgAfY>. Acesso em 23.mar.2022, após a exibição, será conversado sobre a importância do número para e em nossas vidas.

Para compreensão e aquisição do conhecimento sobre os números será utilizado material concreto (material dourado).

Ainda será distribuído cartelas de bingo e a professora irá fazer o jogo com os alunos, eles deverão marcar as cartelas com grãos de feijão.

F - AVALIAÇÃO:

Será realizada através da observação, de maneira contínua através da realização das atividades propostas e interação com o grupo.

G - REFERÊNCIAS:

<http://www.referencialcurricular.doparana.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=104>

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/caderno_expectativas.pdf

Documentos norteadores do processo pedagógico da Escola (PPC, PPP)

PLANO DE AULA XI

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXXX
 Professor da disciplina: XXXXXXXX
 Professor de Educação Especial: XXXXXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Língua Portuguesa

B – SÉRIE/ TURMA: 9º ano

| | |
|---|--|
| C - UNIDADE TEMÁTICA: Produção de texto - Conto | |
| <p>Objetos do conhecimento (conteúdo): Produção de texto: Conto</p> | <p>Objetivos de aprendizagem: Produzir texto do Gênero Conto</p> |

D – RECURSOS:

- Texto como modelo do tema Conto.
- Internet.
- Figuras de revistas
- Lápis e caderno

E – DESENVOLVIMENTO:

Após a explanação da professora sobre o tema. Os alunos pesquisarão sobre alguns contos que em seguida farão a leitura. A professora do componente curricular, sorteará qual conto será lido pela turma. Depois de entrarem em contato com o assunto será explicado e passado no quadro as características do gênero abordado e em seguida os estudantes serão divididos em grupos de 3 pessoas e deverão produzir um conto seguido as características do gênero.

O grupo que o aluno com necessidades educativas especiais estava inserido, optou por utilizar figuras, palavras, desenhos, para desenvolver o conto.

F - AVALIAÇÃO:

Será avaliado a produção, se está de acordo com o tema proposto. Identificação dos erros ortográficos e gramaticais, coerência, coesão e criatividade.

G - REFERÊNCIAS:

COSTA VAL, M. Graça. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (8º e 9º ano.)

DELL'ISOLA. Leitura: inferências e contexto sociocultural. Belo Horizonte: Formato, 2010. (8º e 9º ano)

PLANO DE AULA XII

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXX

Professor da disciplina: XXXXX

Professor de Educação Especial: XXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Matemática

B – SÉRIE/ TURMA: 1º ano integral

C - UNIDADE TEMÁTICA: Medidas de comprimento

| | |
|--|---|
| <p>Objetos do conhecimento (conteúdo): Medidas de comprimento</p> | <p>Objetivos de aprendizagem: (EF02MA16) Reconhecer e relacionar medidas de comprimento, capacidade e massa, relacionando medidas padronizadas ou não. Compreender ideias de medidas de comprimento, massa e capacidade com unidades padronizadas ou não em diferentes situações do cotidiano. .</p> |
|--|---|

D – RECURSOS: Fita métrica, trena, cronômetro, caneta, papel sulfite para registro.

E – DESENVOLVIMENTO: Inicialmente conversamos como as unidades de medida foram utilizadas e desenvolvidas ao longo do tempo. Falamos também, sobre as medidas caseiras (fora do sistema de medida) que são utilizadas no cotidiano em diversas situações corriqueiras do dia a dia.

Na aplicação da atividade, fomos (professora de Educação Especial e professora do componente curricular matemática), até uma área da escola e os alunos foram indagados sobre a medida de comprimento daquele espaço. Nesse momento alguns logo desenvolveram uma maneira de calcular esta medida, alguns contaram os passos, outros quantos pisos tinha naquele espaço, outros simplesmente imaginaram qual a medida, em seguida, registramos as conclusões. Logo em seguida, com uma trena medimos a distância utilizando a medida base de medida de comprimento (metro) e comparamos com os resultados sugeridos pelos alunos. Com o auxílio de

um cronômetro medimos o tempo gasto para percorrer este trajeto de diversas formas, caminhando ou correndo, cada um da maneira que acha mais adequada. Os resultados também foram registrados e em seguida retornamos à sala de aula.

Os valores registrados foram organizados no quadro e os alunos levados a calcular a velocidade (metros por segundo) que cada um percorreu o trajeto, valores obtidos através dos cálculos foram discutidos e analisados com os mesmos.

F - AVALIAÇÃO: A avaliação será mediante a participação sobre a realização das atividades propostas, bem como sobre o levantamento das limitações ou dificuldades na realização das mesmas.

G - REFERÊNCIAS:

AUSUBEL, David. P. **A aprendizagem significativa:** a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

AUSUBEL, David. P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos:** Uma Perspectiva Cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010b.

Tiradentes. Colégio Estadual – Ensino Fundamental e Médio. **Projeto Político Pedagógico**, Umuarama, 2021.

UNESCO, **Declaração de Salamanca:** Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994. Disponível em Acesso em 03/10/2014

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação da Aprendizagem:** práticas de mudança por uma práxis transformadora. 9ª ed. São Paulo: Libertad, 2008.

ZABALA, Antoni. **A Prática educativa:** como ensinar. trad. Ernani F. da F. Rosa – Porto Alegre: Art Med, 1998



PLANO DE AULA XIII

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXXXX

Professor da disciplina: XXXXXXXXX

Professor de Educação Especial: Não teve colaboração.

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Prática de Formação

B – SÉRIE/ TURMA: 1º ano

C - UNIDADE TEMÁTICA: A formação da identidade do professor, conduta ética e profissional

| Objetos do conhecimento | Objetivos de aprendizagem: |
|---|--|
| O papel do professor no processo de ensino aprendizagem | - Observar os contextos diferentes do trabalho do professor na Ed. Infantil e Anos iniciais do Ensino Fundamental, refletindo sobre seu papel no processo ensino aprendizagem. |

D – RECURSOS:

- Textos impressos
- Vídeo sobre o papel do professor
- Material reciclável para realização de atividade prática

E – DESENVOLVIMENTO:

Iniciar a aula com o vídeo- Papel do professor, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>, buscando a reflexão inicial, sobre a alegria de pensar e ensinar. Buscar os conhecimentos prévios sobre a importância.

Fazer os questionamentos:

- 5- Como incentivar a leitura?
- 6- A missão do professor é provocar espantos, curiosidade, o que seria isso?
- 7- Dialogar sobre a aprendizagem significativa e através do concreto:

8- Conceituar numa roda de conversa qual o papel do professor?

Na sequência, a professora irá conceituar o papel do professor para que todos registrem a informação.

O papel do professor vai muito além de mostrar conhecimento aos estudantes. Os docentes também são responsáveis por ensinar as crianças e adolescentes a trabalhar em grupo, estimular a criatividade e o pensamento crítico e dar o auxílio necessário para que os estudantes alcancem seus objetivos. <https://www.youtube.com/watch?v=gjyNv42q2XU&t=301s>, acesso em 15-03.

Após, o texto de Içami Tiba, tipos de professores será lido coletivamente, visando que o aluno do primeiro ano do Curso Formação de Docentes, aprenda a observar os perfis existentes, bem como entendê-los de acordo com cada momento histórico e sua influência em cada etapa de ensino.

Atividades:

- 1- O grupo de alunos será dividido em quatro grupos e cada grupo irá fazer a representação teatral do perfil recebido. O momento irá oportunizar uma visão mais ampla e real dos perfis estudados.
- 2- Momento mão na massa: Esta atividade tem como foco pensar no papel do professor da Ed. Infantil, primeiro voltar a reflexão sobre o vídeo: “professor de espantos, de criatividade, para a criança ler é necessário ler...” Sendo assim a professora irá ler a história “Festa no Céu, da autora Ângela Lago, sugerindo a mesma para ser apreciada em uma sala de aula da ed. Infantil.
- 3- Para finalizar o momento mão na massa, cada aluno (a) irá produzir com material reciclável o personagem principal da história A festa no céu que é a tartaruga com uma parte da garrafa pet e também EVA. A proposta tem por objetivo resgatar a importância da confecção, do lúdico, da significação de trabalhar conteúdos com momentos de produção.

Vale ressaltar que neste momento, a atividade favorece os (as) alunos (as) que possuem TDAH e também outros públicos da Ed. Especial, pois o fazer aprimora os conteúdos.

F - AVALIAÇÃO:

Os (as) alunos (as) serão avaliados através da sua participação e compreensão do conteúdo, mediante as atividades propostas. Os instrumentos serão a representação teatral e a confecção de material didático pedagógico. Os critérios avaliativos serão: Compreender a importância do papel no processo ensino aprendizagem; aprender a importância de se produzir atividades práticas em sala de aula para melhor compreensão dos conteúdos.

G - REFERÊNCIAS:

<https://ces.g12.br/conteudo/livro-festa-no-ceu.pdf>

<https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU&t=301s>

<https://www.construirnoticias.com.br/alunos-e-professores-os-tipos-mais-comuns/>

PLANO DE AULA XIV

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXX
 Professor da disciplina: XXXXXXX
 Professor de Educação Especial: XXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Matemática

B –SÉRIE/ TURMA: 6º ano

| C - UNIDADE TEMÁTICA: Números | |
|---|--|
| <p>Objetos do conhecimento (conteúdo):</p> <p>Operações (adição, subtração, multiplicação, divisão e potenciação) com números racionais.</p> | <p>Objetivos de aprendizagem:</p> <p>Resolver e elaborar problemas com números racionais positivos na representação decimal, envolvendo as quatro operações fundamentais e a potenciação, por meio de estratégias diversas, utilizando estimativas e arredondamentos para verificar a razoabilidade de respostas, com e sem uso da calculadora.</p> |

D – RECURSOS:

Para desenvolver esta atividade utilizei primeiramente as aulas que estão no Registro de Classe Online:

- Multiplicação: Ideia e algoritmo da multiplicação;
- Multiplicação: Propriedades da multiplicação I e II;
- Multiplicação: Situações-problema I e II;

Fiz a explanação de todo o conteúdo aula por aula, e por fim fizemos uma atividade lúdica com a tabuada e um ditado também envolvendo a tabuada.

40 verde escuro
64 rosa ou Pink

48 azul claro
72 roxo

56 azul escuro
80 laranja

Ela me explicou que faria a adaptação na atividade para uma folha A3, e que os lápis de cor do aluno também já eram adaptados para ele, os lápis apresentavam as marcações das cores em braile.

Esta atividade foi desenvolvida durante duas aulas, o aluno compreendeu direitinho o que precisava ser feito, assim como interagiu com os amigos a respeito da atividade, se mostrou muito contente, pois ele gosta muito de matemática.

Abaixo segue a atividade desenvolvida pelo aluno.



É importante ressaltar que este aluno não tem professora da Educação Especial que o acompanha ainda, pois o Colégio já fez todos os encaminhamentos para o Núcleo Regional da Educação, e ainda não foi liberado este professor. A

professora Rosana nos dá o suporte necessário, pois trabalha no CAEDV do colégio no mesmo turno que o aluno estuda.

F - AVALIAÇÃO:

Durante a atividade fui observando como os alunos faziam o processo da tabuada, se faziam mentalmente, com a ajuda dos dedos ou com a ajuda do caderno, se tiveram facilidade ou dificuldade para desenvolvê-la.

Fui percebendo a atenção e concentração com o qual desenvolviam e executavam a atividade proposta.

Para finalizar fizemos um ditado da tabuada, onde eu ditava a continha da tabuada e eles na folha de caderno respondiam as perguntas.

Neste momento, como era o primeiro ditado da tabuada que estavam fazendo, para os alunos se sentirem seguros e confiantes, fiz o ditado de tabuadas com valores baixos, mas já os orientei que na próxima vez, faremos também das tabuadas com valores maiores.

O resultado de toda a turma foi excelente.

Segue o modelinho da folha que eles tinham que deixar pronta antes de começarmos o ditado da tabuada. A parte colorida é a que eu fui ditando e os alunos iam memorizando e colocando apenas o resultado na sua folha.

Nome: _____ Nº: _____ Série: _____

Ditado da Tabuada: Valor 1,0 pontos.

1 – 3 x 4

2 – 2 x 7

3 – 5 x 3

4 – 4 x 4

5 – 9 x 2

6 – 5 x 5

7 – 8 x 3

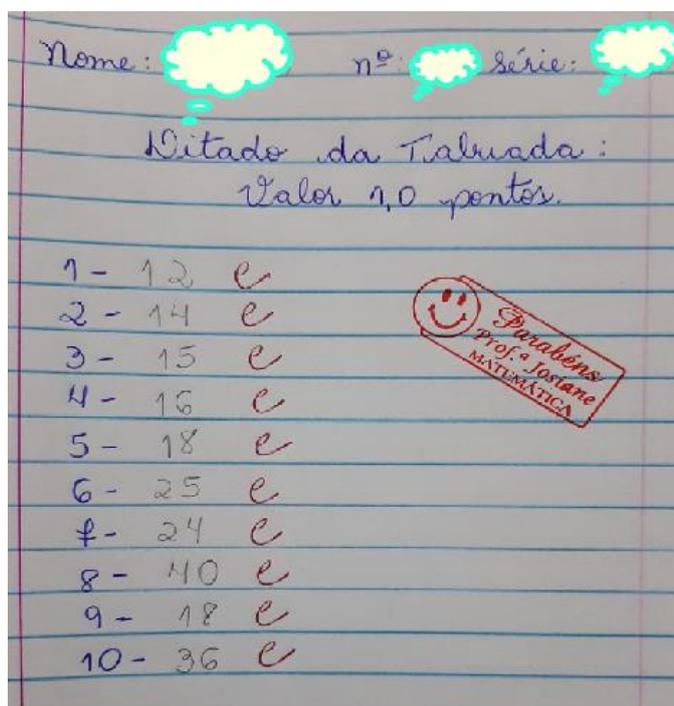
8 – 4 x 10

9 – 6 x 3

10 – 9 x 4

Sentei-me ao lado do aluno e ele foi respondendo oralmente as perguntas, eu fui anotando o resultado que ele me falava.

Segue a foto com o resultado da atividade dele.



G - REFERÊNCIAS:

<https://docs.google.com/presentation/d/1luBjAYb-dOochXiCrZh0r5UHQBv45UN/edit?usp=sharing&oid=108484283712025567524&rtpof=true&sd=true>

https://docs.google.com/presentation/d/10Xj8e_S_O7xsB1cEKKPVgYhr9rli2kAw/edit?usp=sharing&oid=108484283712025567524&rtpof=true&sd=true

https://docs.google.com/presentation/d/1QZZZ3J7nsPS3RGw3YT_cXsJmXlstU0P9/edit?usp=sharing&oid=108484283712025567524&rtpof=true&sd=true

<https://docs.google.com/presentation/d/1SkGAPU4mInz7sWugQ18NtDcYfNZDOGJp/edit?usp=sharing&oid=108484283712025567524&rtpof=true&sd=true>

<https://docs.google.com/presentation/d/1WNNd1Yoy6c-0eif9WyuVowMm8Gjg8ARP/edit?usp=sharing&oid=108484283712025567524&rtpof=true&sd=true>

<https://atividadespedagogicas.net/2017/10/atividades-educativas-de-multiplicacao.html>

GIOVANNI Júnior, José Ruy. **A conquista da matemática**: 6º ano: ensino fundamental: anos finais / José Ruy Giovanni Júnior, Benedicto Castrucci. — 4. ed. — São Paulo: FTD, 2018

PLANO DE AULA XV

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXXX
 Professor da disciplina: XXXXXXXX
 Professor de Educação Especial: XXXXXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR- Geografia

B. – SÉRIE/ TURMA: 7º ANO - B

| | |
|---|--|
| C - UNIDADE TEMÁTICA: Território brasileiro | |
| Objetos do conhecimento: Biodiversidade brasileira, rios brasileiros. | Objetivos de aprendizagem: - Compreender o que é um rio. - Reconhecer a importância dos rios. |

D – RECURSOS:

Data Show;
 Slides com imagens dos rios;
 Músicas, Riacho do Navio (Luiz Gonzaga);
 Livro didático;
 Mapas impressos;
 Lápis de cor;
 Lã;
 Cartolinas.

E – DESENVOLVIMENTO:

Nesta sala há quatro alunos que frequentam a sala de recursos multifuncional, 03 com diagnósticos de TDAH e 01 com TEA.

A professora iniciou a aula fazendo a retomada dos conteúdos utilizando slides, textos e imagens. Fez a problematização, levantando os conhecimentos prévios dos alunos tais como: O que eles sabiam sobre os rios brasileiros? Quais os principais rios brasileiros? Onde estão localizados o maior e o menor rio brasileiro?

A aula foi muito interessante todos participavam, perguntando e dando exemplos de suas experiências.

Ao final da retomada dos conteúdos, foi trabalhada uma música que fazia uma análise dos rios brasileiros, com ênfase no Rio São Francisco.

Depois de explorado todo conteúdo, a professora dividiu a sala em grupos, levando-os a outro ambiente, para realizar as atividades práticas. Foram distribuídas atividades com mapas para os alunos localizarem e pintarem os principais rios brasileiros. Na sequência eles criaram legendas das cores utilizadas.

Em seguida professora distribuiu desenhos com a nascente e foz de um rio e seus afluentes. Neste momento foi solicitado aos alunos para colarem pedaços de lã coloridas, recortes de cartolinas para destacar os afluentes do rio e sua nascente.

Nesta aula observou-se que professora utilizou metodologias ativas, envolvendo a participação de todos os alunos.

F - AVALIAÇÃO:

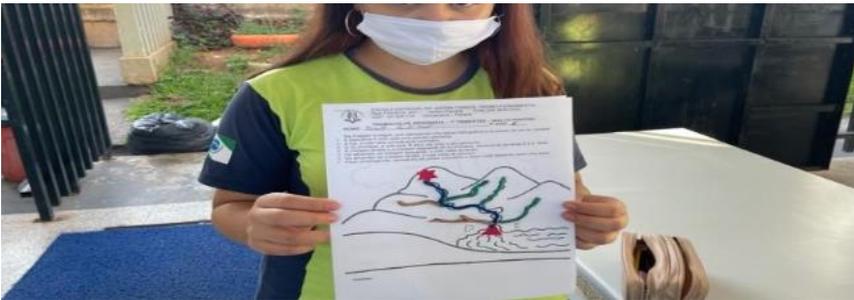
- Participação da aula expositiva;
- Análise das atividades práticas dos alunos.

G - REFERÊNCIAS:

https://www.youtube.com/results?search_query=m%C3%BAsica+riacho+do+navio+-
acesso – março de 2022

<https://caminhoslanguages.com/br/blog/rivers-of-brazil/> - acesso – março de 2022





PLANO DE AULA XVI

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXX

Professor da disciplina: XXXXX

Professor de Educação Especial: executou a atividade com o aluno.

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Ciências

B – SÉRIE/ TURMA: 7ºB

| | |
|--|--|
| C - UNIDADE TEMÁTICA: | |
| <p>Objetos do conhecimento (conteúdo):</p> <p>Compreensão da célula como unidade básica da vida.</p> <p>Conceitos sobre a ideia de ser vivo/não vivo.</p> | <p>Objetivos de aprendizagem:</p> <p>Construção/materialização de um modelo de célula procarionte, animal e/ou vegetal por meio de aula expositiva.</p> |

D – RECURSOS:

Lousa, giz, Datashow, materiais recicláveis.

E – DESENVOLVIMENTO:

- Aula expositiva em sala sobre célula e seus tipos, partes e funções.
- Levantamento de seres vivos e tipos de células que se adequam a cada ser vivo diverso e suas peculiaridades.
- Proposta de construção de célula (procarionte, eucarionte vegetal/animal).

F - AVALIAÇÃO:

Produção/confecção de vídeo sobre os conteúdos estudados a respeito de célula, (procarionte ou eucarionte animal/vegetal) em formato de maquete sem uso de isopor, expondo conteúdo e apontando em sua maquete (partes e funções). Capacidade de exposição do tema, entendimento, articulação e organização quanto ao material.

G - REFERÊNCIAS:

KRASILCHIK, M. Reformas e realidade: o caso do ensino de ciências. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BIZZO, N. Ciências: fácil ou difícil? 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRABALHO REALIZADO (Produção do aluno com a professora da Sala de Recursos).



PLANO DE AULA XVII

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXXX

Professor da disciplina: XXXXXXXX

Professor de Educação Especial: XXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Matemática

B – SÉRIE/ TURMA: 6°

C - UNIDADE TEMÁTICA: Geometria

| Objetos do conhecimento | Objetivos de aprendizagem: |
|---|--|
| Prismas e pirâmides: planificações e relações entre seus elementos (vértices, faces e arestas) | (EF06MA17RS-2) Identificar e explorar as planificações de alguns poliedros e as figuras planas que os compõem, para desenvolver a percepção espacial. |

D – RECURSOS: Jornais, revistas, tesoura, cola, cartolina, régua e transferidor.

E – DESENVOLVIMENTO: Para apresentação do conteúdo usaremos aula expositiva. Na sequência, os alunos farão coleta de imagens de figuras tridimensionais em jornais e revistas, organizando painéis para se familiarizar com as formas e fazer a identificação de faces, vértices e arestas nas figuras pesquisadas e suas relações. Na sequência será disponibilizado folha sulfites coloridas para que os alunos, os mesmos deverão utilizar o transferidor, tesoura e cola para fazer a planificação e a montagem dos sólidos geométricos.

F - AVALIAÇÃO:

- Participação da aula expositiva;
- Análise das atividades práticas dos alunos, como o aluno conseguiu montar os sólidos.
- Observação sistemática e contínua.

G - REFERÊNCIAS:

GIOVANNI, José Ruy; BONJORNIO, José Roberto; JR., José Ruy Giovanni- Matemática Fundamental - Uma Nova Abordagem, Volume único- São Paulo, Editora FTD

IMENES, L. M. Vivendo a Matemática: Geometria das dobraduras. São Paulo: Scipione, 1988.

GÊNOVA, Antonio Carlos. Origami 1, São Paulo: Global editora, 1990.

PLANO DE AULA XVIII

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXXXX

Professor da disciplina: XXXXXXXX

Professor de Educação Especial: XXXXXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Língua Portuguesa

B – SÉRIE/ TURMA: 8º K

C - UNIDADE TEMÁTICA:

**Objetos do conhecimento
(conteúdo):**

Conto



Objetivos de aprendizagem:

Ler e compreender com certa autonomia, o gênero literário, conto: “O Gato de Botas”, desenvolvendo o gosto pela leitura, bem como revisar os elementos da narrativa.

Reconhecer o efeito de sentido no uso das reticências na fala das personagens.

Produzir um mapa mental colaborativo, que contenha as partes principais da história.

Registrar no caderno, a história “O Gato de Botas”, identificando a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

D – RECURSOS:

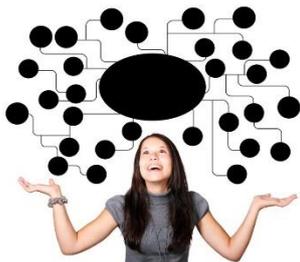
1. Apresentação de slides para leitura oral e coletiva: O Gato de Botas.

Disponível em: <https://portal.educacao.go.gov.br>. **Adaptado**. Acesso em: 1 mar 2022.

2. Mapa mental colaborativo: Como fazer um mapa mental colaborativo com desenhos diferentes, cores, ilustrações para você conseguir associar as partes do conto que acabou de ler e os elementos da narrativa.

Podemos utilizar o modelo abaixo, para um esboço no caderno.

Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/dicas-de-estudo/como-fazer-um-mapa-mental/> .Acesso em 16 Mar de 2022.



Ou então, utilizar na internet o modelo abaixo, para criar coletivamente.
Disponível em: <https://www.mindmeister.com/pt> . Acesso em 18 de Mar de 2022.

E – DESENVOLVIMENTO:

Iniciar uma conversa com os estudantes, a partir de uma ilustração do conto: “O Gato de Botas”, como parte da problematização em sala e observação do quanto os estudantes conhecem a respeito do conto, dos personagens e também do desenvolvimento e desfecho da narrativa.

O Gato de Botas é um conto de fadas de autoria do escritor francês Charles Perrault, incluído no livro *Les contes de ma mère l’Oye*, publicado em 1697.

O conto narra a história de um caçula de três irmãos que recebe como herança de seu pai um gato de estimação. Depois de ganhar um par de botas, o gato consegue convencer um rei muito poderoso de que pertence a um fidalgo chamado Marquês de Carabás, e consegue ao seu dono a mão da princesa em casamento.

Realizar no grande grupo, um mapa mental colaborativo, formado pelas partes que compõe a história e pelos elementos da narrativa: Coloque o tema do seu resumo no centro. A dica é fazer algum desenho, símbolo ou gráfico bem marcante. Faça conexões a partir desse elemento central. Uma ideia é puxar setas para representar cada nova associação. Use palavras-chave para seu material ficar resumido e objetivo. Complete o seu resumo com todas as informações importantes, destacando os personagens, enredo, elementos da narrativa detalhes entre outros. Não tenha receio de colocar ou tirar informações. Utilize os vários elementos para estimular seu cérebro e representar o conteúdo estudado.

Agora que você já treinou como fazer o mapa mental, vamos criar um mapa mental colaborativo, através do link abaixo:

Disponível em: <https://gitmind.com/app/doc/20a9586218> . Criado em 21 de Mar de 2022.

F - AVALIAÇÃO:

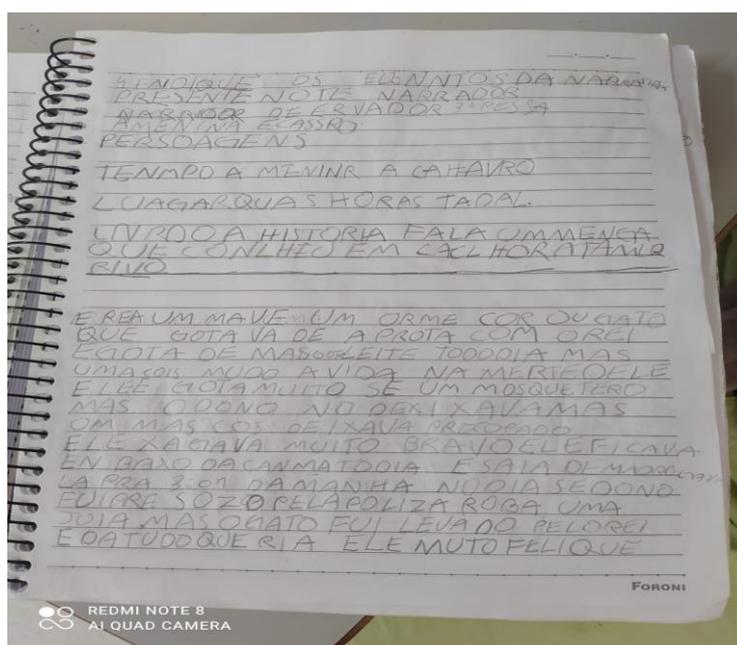
Reescrita do conto: O Gato de Botas no caderno, como forma de registro dos conteúdos trabalhados.

G - REFERÊNCIAS:

Disponível em: <https://portal.educacao.go.gov.br>. Adaptado. Acesso em 1 março 2022
 Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/dicas-de-estudo/como-fazer-um-mapa-mental/>. Acesso em 16 Mar de 2022
 Disponível em: <https://www.mindmeister.com/pt>. Acesso em 18 de Mar de 2022
 Disponível em: <https://gitmind.com/app/doc/20a9586218> : Criado em 21 de Mar de 2022.

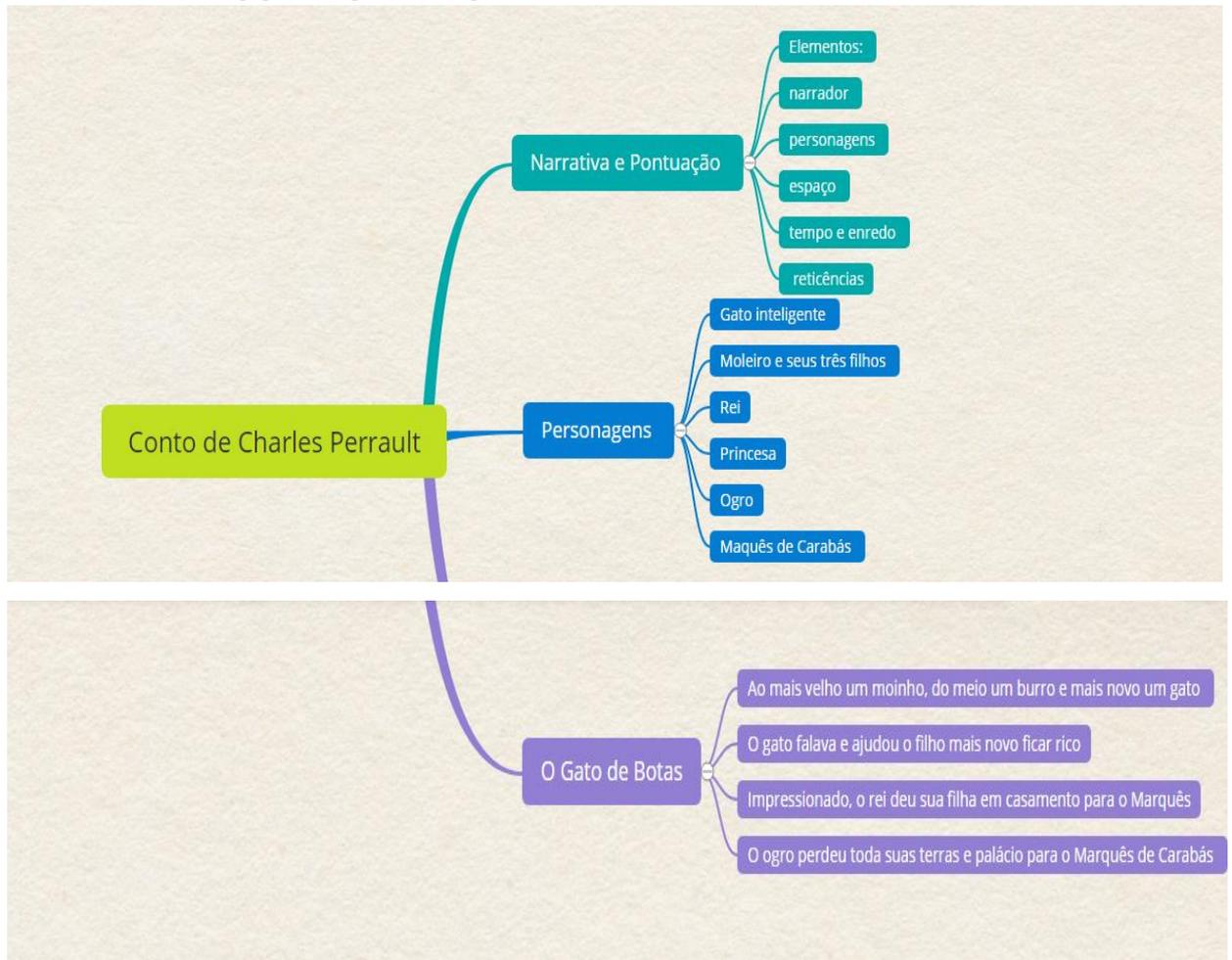
ANEXOS

Produção do estudante: registro da história lida e comentada



Página do caderno do estudante com a produção de texto

MAPA MENTAL COLABORATIVO



PLANO DE AULA XIX

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXX

Professor da disciplina: XXXXX

Professor de Educação Especial: XXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Língua Portuguesa

B – SÉRIE/TURMA: 9ºK

C - UNIDADE TEMÁTICA: LINGUAGEM ORAL E ESCRITA – “Problema Educacional”

– Millôr Fernandes

Objetos do conhecimento (conteúdo): Leitura, oralidade e produção textual –

Gênero - Fábula

Objetivos de aprendizagem:

- Ouvir histórias para ampliar o conhecimento;
- Desenvolver a capacidade de falar e ouvir;
- Ampliar a atenção visual e concentração dos alunos;
- Identificar os vícios de linguagens presentes na oralidade;
- Reconhecer e analisar elementos linguísticos responsáveis pelo estabelecimento da coesão textual.

D – RECURSOS:

Texto de apoio – Fábula: O PROBLEMA EDUCACIONAL (OU SACRIFÍCIO DE MÃE)

de Millôr Fernandes

Pesquisa online - <https://metaforas.com.br/1999-03-27/o-problema-educacional-ou-sacrificios-de-mae.htm>

E – DESENVOLVIMENTO:

Serão selecionados dois estudantes da sala para fazer uma leitura silenciosa da Fábula “Problema Educacional”, os mesmos desenvolverão uma técnica para recontar a história para os demais alunos. No momento da apresentação os alunos ouvintes vão observar a comunicação oral e fazer anotações importantes daquilo que não

achou adequado no momento da fala como; repetição de cognitivos, gírias, erros ao pronunciar algumas palavras, falta de sequência de ideias/coesão e coerência, linguagem formal e informal e uso de figuras de linguagem como metáfora e ironia.

No segundo momento a professora regente selecionará algumas anotações pertinentes dos estudantes que foram escritas no caderno durante a apresentação e assim, escrever no quadro fazendo a correção das mesmas. Neste momento a professora também explicará sobre a importância de falar corretamente e dizer que a linguagem corporal também faz parte de uma boa oralidade.

Na sequência será entregue o texto original para que os alunos possam fazer a comparação da escrita e da fala. Com relação a interpretação do texto, cabe a professora fazer uma explanação sobre o que eles entenderam e qual o significado da moral da Fábula, também poderá ser desenvolvido um debate sobre “convivência familiar”, onde os alunos podem relatar qual a conduta deles com relação a família, dar ênfase as questões de respeito, limites e obrigações.

F – AVALIAÇÃO:

A avaliação acontecerá de forma contínua iniciada nas perguntas orais diagnósticas no início das aulas. Posteriormente, a atenção dos alunos na escuta da história contada, interesse pela participação ao observar a apresentação dos colegas. Reflexão sobre os trabalhos realizados e o aprendizado da turma com a experiência vivenciada.

TEXTO DE APOIO – O problema educacional (ou Sacrifícios de Mãe)

Data de publicação:
27/03/1999

A pobre mãezinha levou o filhinho ao psicanalista porque ele era incapaz de comer qualquer coisa. Ou coisa alguma. Só gostava de comer o impossível. O médico examinou o crescimento mental do menino e recomendou à mãe (dele) que não forçasse o menino a comer o que ele não gostasse.

Percebia-se nitidamente que era um juvenzinho de formação extravagante a quem se deveriam oferecer apenas pratos ímpares. Assim foi que a mãezinha, muito da psicanalítica, chegou à casa e perguntou ao filhinho o que é que ele gostaria de comer. O menino nem titubeou. Disse logo:

- "Uma lagartixa".

Com grande repugnância e não menor dificuldade, a mãe(zinha) conseguiu caçar uma lagartixa e deu-a ao menino. O menino olhou a lagartixa com igual ânsia, um olho pra cá, outro pra lá, os dois olhos parando lá em cima e exclamou:

- "Como é que a senhora pretende que eu coma essa porcaria assim crua: não tem sequer manteiga dupla?"

A mãe, sempre mãe, e mais mãe porque psicanaliticamente orientada, pegou a lagartixa, pô-la na frigideira e fritou-a como o menino desejava.

- Está bem agora? - perguntou ao menino.

- Não, respondeu a peste, - parte ao meio.

A mãezinha tão Kleiniana, coitada! Fez o que o menino mandava. O menino olhou a mãezinha, a mãezinha olhou o menino, o menino mexeu um olho, a mãe baixou a cabeça meio centímetro, o menino mexeu o outro olho, a mãe voltou com a cabeça à posição anterior e aí o menino impôs:

- Eu só como a lagartixa se a senhora comer metade.

- Então come que depois eu como - disse a mãe.

- Não, você tem que comer primeiro - disse o menino.

A mãezinha sentiu uma golfada de nojo, mas, que ia fazer? Mãe é mãe e, além do mais, ela tinha tantas raízes junguianas! Fechou os olhos e, para não sentir, com um gesto rápido, jogou metade da lagartixa dentro da goela, engoliu. O menino olhou-a firme, olhou a metade da lagartixa dentro na frigideira e começou a chorar:

- "Ah, ah, ah!... A senhora comeu exatamente a metade que eu gosto. Essa daí eu não como de jeito nenhum."

Moral: Quando você tiver de engolir um sapo, não há o que escolher. Mas quando tiver que engolir metade do sapo escolha sempre a metade que coxa.

Submoral: Dizem alguns historiadores que a mãe pegou e deu uma bruta surra no garoto. Mas os historiadores que abraçam essa versão não sabem os terríveis traumas (ai, freudianos) que causam na infância esses choques físicos morais provocados por espancamentos. Todas as mães modernas preferem comer lagartixas.

Do livro: Fábulas Fabulosas Millôr Fernandes

PLANO DE AULA XX

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXX

Professor da disciplina: XXXXXXXX

Professor de Educação Especial: XXXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Estudo Orientado
Matemática

B – SÉRIE/ TURMA: 6º K

C - UNIDADE TEMÁTICA:

Multiplicação (Tabuada)-

Metodologia Ativa - DINÂMICA ADAPTADA- “BATATA QUENTE DA TABUADA”

Objetos do conhecimento (conteúdo):

Levantamento prévio do conhecimento adquirido pelos alunos.

Objetivos de aprendizagem:

Verificar o conhecimento geral ou adquirido pelo aluno relacionado ao conteúdo da multiplicação.

D – RECURSOS:

1 bola pequena ou média

E – DESENVOLVIMENTO:

1º- PASSO: Em roda, sentados no chão, os participantes passam a batata quente (que pode ser uma batata, uma pedra, uma bola de meia etc.) de um para o outro, enquanto alguém de costas para eles canta os versos abaixo.

Batata quente, quente, quente

Quente, quente, queimouuuu

2º PASSO- Quando parar de cantar, quem estiver com a "batata" na mão levanta-se e vai para o meio da roda, o colega que passou a batata para ele faz a pergunta referente a tabuada exemplo: 9x5.

3º PASSO- Quem irá dar o feedback é o colega que fez a pergunta se estiver correto a resposta o aluno que ficou com a batata na mão volta para seu lugar.

Se estiver errada o aluno que perguntou terá que responder, quem irá dizer se sua resposta está correta são os demais participantes.

Acertando também volta para seu lugar na roda, caso erre ele sai do jogo.

Se os dois (Quem perguntou e quem respondeu) errarem os dois saem do jogo. Ganha quem ficar por último.

Em vez de cantar, vale também ligar o som ou o rádio. Quando a canção parar (ou quando alguém pausar a música), quem tem a batata na mão responde a tabuada.

OBS: O papel do professor nesta dinâmica é de orientar e conduzir o jogo, deixando as respostas para os participantes dando apenas o seu veredito final.

F – AVALIAÇÃO:

A avaliação acontecerá de forma contínua iniciada nas perguntas orais.

O desempenho da turma será repassado ao professor da disciplina.

PLANO DE AULA XXI

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXX
 Professor da disciplina: XXXXX
 Professor de Educação Especial: XXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR: Matemática

B – SÉRIE/ TURMA: 6º ano

C - UNIDADE TEMÁTICA: NÚMERO E ÁLGEBRA

| Objetos do conhecimento | Objetivos de aprendizagem: |
|----------------------------------|---|
| Potenciação com Números Naturais | <ul style="list-style-type: none"> - Conceituar potenciação - Calcular uma potência - Resolver situação problema por meio de potência. |

D – RECURSOS: Slides, quadro de giz, giz, atividades impressas.

E – DESENVOLVIMENTO: Observar através de questionamentos os conhecimentos prévios dos estudantes.

Na sequência o conteúdo será explicado com o auxílio dos slides referente a aula 29 do 6º ano disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/12LIWuUw0cC3yJUuWGeyvLv6m1Xv6g9yl/view>

Potenciação: ideia de Potência. Envolvê-los na aula com questionamentos, sanar possíveis dúvidas, trabalhar individual e em grupos com material impresso e no caderno. A aluna da sala de recursos (DI), realizará as atividades impressas com explicação complementar, e em grupo a estudante.

A aluna com necessidades educativas especial, poderá utilizar a tabuada e auxiliar os amigos bem como ser auxiliada pelos colegas da turma.

F - AVALIAÇÃO: Avaliar a participação, resolução das atividades individual e em grupo.

G - REFERÊNCIAS:

https://docs.google.com/presentation/d/1JDGi4shscvM84mvn6LmybwU_L8Ao74ig/edit#slide=id.p1

<https://www.youtube.com/watch?v=uvpqf70ykiY>

https://docs.google.com/presentation/d/1JDGi4shscvM84mvn6LmybwU_L8Ao74ig/edit#slide=id.p17

<https://br.ixl.com/matematica/6-ano/calculas-potencias>

[https://ro.pinterest.com/pin/827255025279787730/?amp_client_id=CLIENT_ID\(_\)&mweb_unauth_id={{default.session}}&simplified=true](https://ro.pinterest.com/pin/827255025279787730/?amp_client_id=CLIENT_ID(_)&mweb_unauth_id={{default.session}}&simplified=true)

<https://www.youtube.com/watch?v=fp-BQ22csyA>

<https://www.youtube.com/watch?v=cWL3FjgLhOM>

PLANO DE AULA XXII

I. IDENTIFICAÇÃO

Professora de Arte: XXXXXXXXX
Professora de Educação Especial: XXXXXXXXX
Turma: 8.º Ano Ensino Fundamental

II. PLANO DE AULA:

A. OBJETO DE CONHECIMENTO: Cinetismo: o movimento em/na arte

B. OBJETIVO DE APRENDIZAGEM:

- Compreender a tridimensionalidade.
- Entender as etapas do processo criativo
- Enxergar os desenhos rupestres como parte da história e sua representatividade de movimento.
- Compreender o que é Arte Cinética, seus contextos, práticas e processos de criação;
- Analisar e compreender a relação entre a Arte Cinética e a Op Art
- Produzir uma obra a partir das técnicas da Arte Cinética.

C. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS:

1. Entregar a cada aluno o conteúdo de estudo sobre a Arte Cinética:

Mas o que significa cinética? O termo cinético ou cinética está ligado à ideia de movimento.

Desde os primórdios, o ser humano tenta traduzir o movimento por meio de desenhos. A pintura rupestre exemplifica esta ideia. Tais pinturas representam principalmente animais e seres humanos, muitas vezes em cenas de caça.

As técnicas de pintura eram complexas. Como as pinturas encontradas na Caverna de Chauvet, na França, feitas entre 30 mil e 15 mil anos atrás.

É possível perceber técnicas de sombreamento das figuras que seriam usadas novamente apenas na época do Renascimento. Noções de perspectivas e



Na atualidade, também temos a representação do movimento por meio de códigos inseridos na imagem.

Observe a imagem.



Estes traços que foram inseridos na ilustração anterior são chamados de “Linhas Cinéticas”.

Elas constituem o elemento comunicativo que ajuda no reconhecimento visual dos objetos representados. As linhas podem representar um objeto ou o contorno do objeto; podem criar um relevo ou superfície, dar ideia de luminosidade, além de **representar ações concretas e movimentos**.

As linhas cinéticas são utilizadas com qual objetivo?

O termo é efetivamente incorporado ao vocabulário artístico em 1955, por ocasião da exposição *Le Mouvement* (O Movimento), na galeria parisiense Denise René, com obras de artistas de diferentes gerações: Marcel Duchamp, Alexander Calder, Vasarely, Jesus Raphael Soto Yaacov Agam, Jean Tinguely, Pol Bury, entre outros.

Na tradição artística, é possível localizá-la, por exemplo, no Manifesto Realista de Antoine Pevsner e Naum Gabo, em escritos de László Moholy-Nagy e nas páginas da revista de arte argentina *Madí*.

A especificidade da arte cinética, dizem os estudiosos, **é que nela o movimento constitui o princípio de sua própria estruturação**.

O cinetismo rompe assim com a condição estática da pintura, apresentando a obra como um objeto móvel, que não apenas traduz ou representa o movimento, mas está em movimento.

Um exemplo de arte cinética é o móvel. Nas artes visuais, a noção é usada para nomear esculturas, em geral abstratas, compostas de materiais leves, suspensos no espaço por meio de fios. As peças, movimentadas pelo ar, se caracterizam pelo equilíbrio, leveza e harmonia.

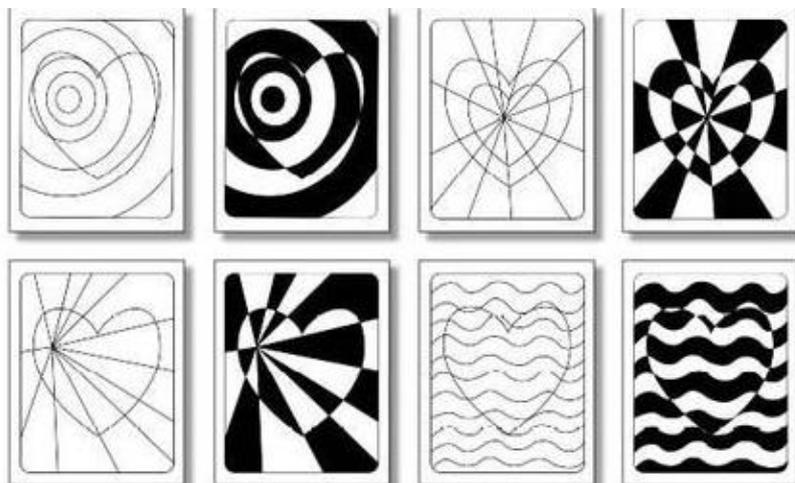
Mas, a Arte Cinética não se restringiu às esculturas. O movimento também é composto pela pintura.

Alguns críticos de arte como Frank Popper tendem a alargar o sentido do termo abrigoando em seu interior conjuntos muito diversos de trabalhos: não apenas os que lidam com o movimento real, mas também aqueles que implicam em movimento ótico. A partir desse sentido ampliado, pode-se pensar na **Op Art** como parte da arte cinética.

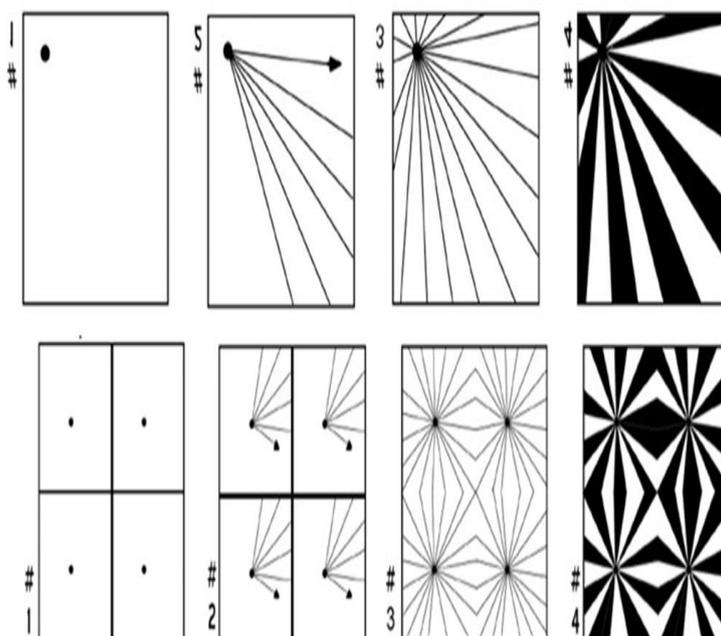
Mas, o que é Op Art? Os trabalhos da Op Art enfatizam a percepção a partir do movimento do olho sobre a superfície da tela. Nas composições - em geral, abstratas - linhas e formas seriadas se organizam em padrões dinâmicos, que parecem vibrar, tremer e pulsar. O olhar, transita entre a figura e o fundo, passeia pelos efeitos de sombra e luz produzidos pelos jogos entre o preto e o branco ou pelos contrastes tonais, é fisgado pelas artimanhas visuais e ilusionismos.

2. Explicar o conteúdo entregue

3. Apresentar exemplos da OP ART e como funciona o seu processo de realização.



© Eyvindsson Monkeu 2016



4. Solicitar que os alunos

Escolha um modelo representado e desenhe, utilizando 75% de uma folha de seu caderno de arte, sua obra deverá estar dentro de uma moldura e conter duas cores contrastantes em seu colorido (vermelho-verde / laranja-azul / amarelo-púrpura).

5. Prática na Tridimensionalidade

O aluno deverá levar massinha de modelar e fios, a partir desse material criar uma escultura (altura, largura e profundidade), após concluída a escultura o aluno deverá representar a imagem através de um desenho de observação em seu caderno de cartografia.

OBS: Nas atividades práticas os alunos da Educação Especial deverão formar grupos com outros alunos da sala, para que o professor possa interagir com eles numa explicação na carteira e no intuito de que haja interação e colaboração entre eles no realizar dos trabalhos.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de maneira contínua e sistemática, observando sua participação, habilidade, compreensão e realização dos trabalhos propostos.

Os instrumentos avaliativos serão a realização de todas as atividades propostas.

Os critérios avaliativos serão:

- Apropriação do conteúdo Arte Cinética, Op Art e Movimento em Arte.
- A compreensão do aluno quanto a questão tridimensionalidade – altura, largura e profundidade.
- O entendimento do aluno em relação ao cinetismo no desenho, tendo como exemplo a História em Quadrinhos em comparação com a Pintura Rupestre.

REFERÊNCIAS

FERRARI, Solange dos Santos Utuari. Por toda parte: Arte 8º ano ensino fundamental: manual do professor. São Paulo: Editora FTD, 2018.

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo353/arte-cinetica>

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9891/abraham-palatnik>

PLANO DE AULA XXIII

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXXX

Professor da disciplina: XXXXXXXX

Professor de Educação Especial: XXXXXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

B – SÉRIE/ TURMA: 6º B

| | |
|---|--|
| C - UNIDADE TEMÁTICA: Leitura, oralidade e escrita | |
| <p>Objetos do conhecimento:</p> <p>Parlendas (rimas)</p> | <p>Objetivos de aprendizagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Levar os alunos a compreenderem o que são rimas e parlendas; - Localizar e descrever em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), - Promover maior socialização através da leitura de parlendas e trabalhos em grupos. |

D – RECURSOS:

- Cartolina
- Fita adesiva
- Lápis de cor
- Canetinhas coloridas

E – DESENVOLVIMENTO:

- Convidar os alunos para sentarem-se em círculo.
- Iniciar a aula com a contextualização das palavras que rimam.
- Em seguida, tentar sondar o conhecimento dos alunos sobre parlendas (rimas).
- Depois, adentrar nas parlendas. Dizer o que são e dar exemplos.
- Levar para a sala de aula os principais exemplos de parlendas escritos em cartolinas, dois ou três bastam.
- Pedir aos alunos que recitem coletivamente as parlendas exemplificadas.
- Após a recitação, conversar com os alunos sobre a estrutura, as sequências das palavras e a versificação dessas parlendas.
- Frisar que as rimas deverão estar bem destacadas em parlendas criativas.
- Essas parlendas serão construídas em sala.
- Supervisionar a produção das parlendas. Dar dicas e boas sugestões, mas tentar não tirar a autonomia dos alunos.

- Distribuir cartolinas e dizer que as produções devem ser registradas nelas, pois serão expostas nas paredes da escola.
- Ao terminar, pedir para cada grupo ler suas parlendas.
- Observar a marcação das rimas.
- Depois, expô-las nas paredes da escola. Servirá de incentivo à leitura!

F - AVALIAÇÃO:

Será considerada como nota extra a produção das parlendas e a participação dos alunos.

Participação do Projeto Varal Literário- Desenvolvimento da Linguagem Oral e Escrita.

Projeto Parlendas.

G - REFERÊNCIAS:

SECRETÁRIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Currículo Priorizado – Ensino Fundamental. Curitiba-PR. 2021.
PPP/PPC.

PLANO DE AULA XXIV

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXXX
 Professor da disciplina: XXXXXXXX
 Professor de Educação Especial: XXXXXXXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Matemática

B – SÉRIE/ TURMA: 6º ano

| | |
|--|---|
| C - UNIDADE TEMÁTICA: NÚMEROS E ÁLGEBRA | |
| <p style="text-align: center;">Objetos do conhecimento</p> <p>Números Naturais.</p> | <p style="text-align: center;">Objetivos de aprendizagem:</p> <p>Resolver e elaborar problemas, extraídos de diferentes contextos, que envolvam cálculos (mentais ou escritos, exatos ou aproximados) com números naturais, e/ou expressões numéricas, por meio de estratégias variadas, com compreensão dos processos neles envolvidos com ou sem uso de calculadora.</p> |

D. RECURSOS:

Panfletos de supermercados, farmácia, loja de departamentos.
 Caderno
 Lápis
 Borracha
 Calculadora

E. DESENVOLVIMENTO

Sabe -se que prática escolar se distingue de outras práticas educativas, como as que acontecem na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nas demais formas de convívio social, por constituir-se um órgão intencional, sistemático, planejado e continuado para crianças e jovens durante um período constante e extenso de tempo. Na escola procuramos encontrar vários recursos, metodologias, estratégias pedagógicas para que os alunos se apropriem dos conteúdos. Os alunos estavam com dificuldade na compreensão das operações e de sua utilidade no cotidiano, demonstrando desinteresse para aprendizagem. Assim a forma planejada para que

eles tivessem acesso e realizasse as atividades propostas foi através de material concreto e de acesso comum a todos.

A matemática é considerada por muitos alunos como uma disciplina extremamente difícil e sem aplicações no cotidiano. A pergunta mais frequente feita pelos alunos é: Onde eu uso isso na minha vida? E diante dessas considerações tornam-se alunos desinteressados e retraídos na aquisição do saber matemático, culminado no não entendimento do conteúdo. Acredita-se que esse fato está relacionado com a forma como o assunto é introduzido em sala de aula, geralmente de forma tradicional e mecanizada. O trabalho realizado com os alunos tem como objetivos, através do recurso didático (panfletos de supermercados, farmácias) e com a mediação da professora, levá-los a observar que a matemática está em todo lugar e que a utilizamos no nosso dia a dia, despertando o interesse a capacidade de resolver soma e subtração de números decimais; desenvolver o raciocínio e reconhecer os números no contexto diário.

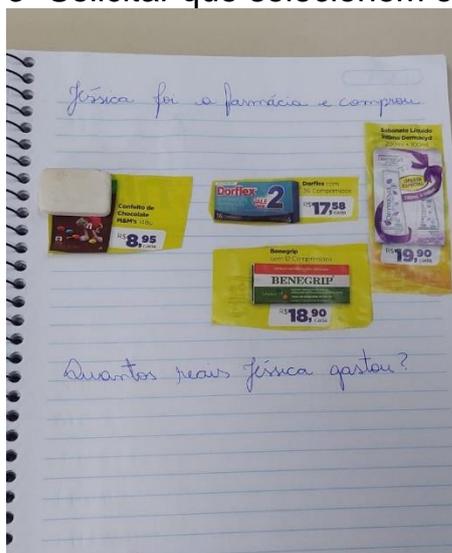
1º Apresentar a aluna folders de farmácia e solicitar que os alunos manuseiem.



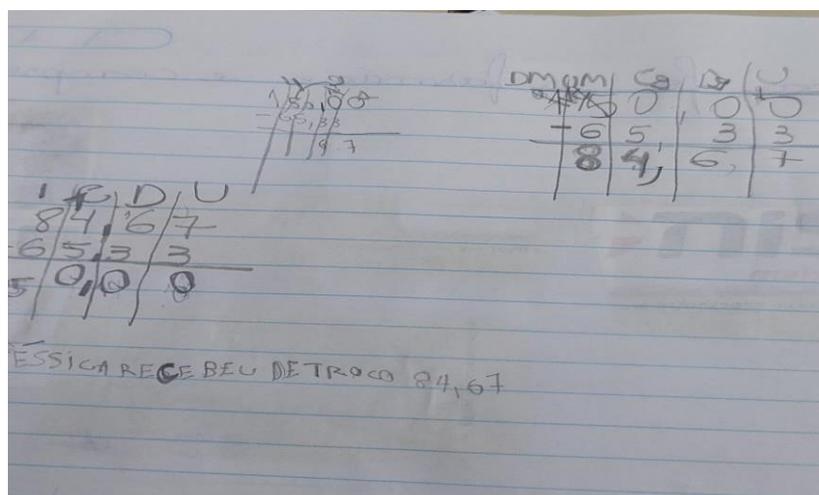
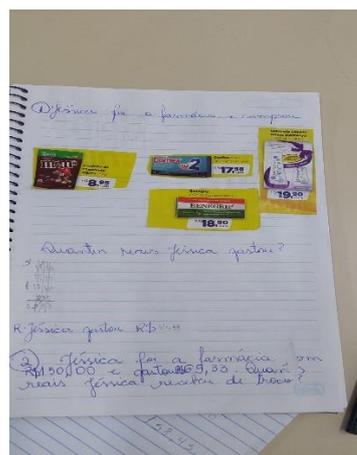
2º Na sequência perguntar aos alunos o que comprariam das imagens que constam no folder.



3º Solicitar que selecionem os itens e quantidades.



4º A partir de suas escolhas realizar a problematização utilizando quantidades e operações.



F. AVALIAÇÃO:

Se dará através da observação da participação e resolução das situações problemas e dos cálculos realizados pelos alunos com objetos de seu interesse e de seu dia a dia.

G. REFERÊNCIAS:

LIMA, E. S. de; NEVES, J. E. da S.; LIMA, W. M. P. B. de. **Panfletos de supermercado: um recurso didático no ensino dos números decimais.**

Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/4081-matem%C3%A1tica>. Acesso em: 24. março.2022.

PLANO DE AULA XXV

I. IDENTIFICAÇÃO

| | |
|-----------------------------------|---|
| ESCOLA | XXXXXXXXXXXX |
| ALUNO | C. J. B |
| DATA DE NASCIMENTO | 14/09/2008 |
| IDADE | 13 ANOS |
| TURMA: | 7º ANO |
| TURNO: | MATUTINO |
| PROFESSOR I: Portuguesa | XXXXXXXXXXXX |
| PROFESSOR II: Especialista | XXXXXXXXXXXX |
| OBJETO DE CONHECIMENTO: | Análise linguística, leitura e escrita e produção |
| OBJETIVOS: | Socialização – interação – aceitação entre os pares |

II. PLANO DE AULA

A. ÁREA O CONHECIMENTO: linguagens

B. COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

C. UNIDADE TEMÁTICA: Prática de linguagens (leitura/escuta, produção de textos e oralidade)

D. OBJETO DE CONHECIMENTO: Análise linguística, leitura e escrita e produção

E. Duração: 4 aulas

F. RECURSOS PEDAGÓGICOS

- Tecnologias educacionais digitais
- Textos impressos;
- Vídeo: Expressões racistas que você precisa eliminar do vocabulário (5'41")
- Gêneros textuais impressos;
- Celulares;
- Materiais pedagógicos de uso comum ao aluno (cadernos, lápis, tesouras, colas etc.)
- Computadores (sala de informática)

G. DESENVOLVIMENTO

O presente plano foi planejado pela professora da sala regular de ensino, professora especialista e pedagoga da escola, foi realizado na hora atividade concentrada de língua portuguesa (5h), decidiu-se após conversa que a prática de linguagem neste primeiro momento seria a leitura, interpretação e escrita utilizando o gênero notícia, objetivando explorar como os meios de comunicação interagem com os seus leitores, a fim de apreender modos sociais adequados de participação nesses espaços de divulgação de informações, bem como por meio de conteúdos possam ser trabalhados os temas bullying e a necessidade de não contribuir com notícias falsas ou fake News e o respeito aos pares, aproveitando assim para tratar sobre a interação entre as pessoas e a necessidade de não discriminarmos ninguém e a possibilidade de criar conceitos e atitudes entre os alunos para que aceitem as diferenças e possam inserir a todos nos grupos escolares e de maneira sutil já trabalhar com a socialização do nosso aluno Carlos, para tanto preparamos atividades e metodologias para a 4 (quatro) aulas com a turma do sétimo ano em língua portuguesa, sendo duas aulas diárias de 50 minutos cada.

O planejamento atividades de leitura e interpretação textual com o gênero notícia, será realizado nas primeiras aulas (duas consecutivas neste dia) a professora do ensino comum explicará a pauta da aula e como se daria o trabalho, organizaremos os alunos em duplas e logo após projetará a imagem no quadro de uma pessoa negra e que utilizem um celular para acessarem o aplicativo *Jamboard* que é um quadro interativo do google e que escrevessem no aplicativo os adjetivos das pessoas que veem na imagem e será auxiliado pelos professores na utilização do aplicativo e os registros serão compartilhado entre todos os alunos da sala e professores. Após os registros, cada dupla irá ler seus registros e a professora da turma irá elencando no quadro aquelas que não se repetem, depois serão feitos questionamentos aos alunos sobre o que registraram. Em seguida realizaremos levantamentos prévios sobre o que os alunos sabem em relação a discriminação e notícias fakes.

Logo após distribuiremos aos alunos uma notícia vinculada ao *facebook* sobre a pessoa da imagem que foi alvo de comentários racistas, pediremos

para que realizem a leitura, sendo neste período as professoras mediadoras irão passar nos grupos para auxiliarem as dificuldades dos alunos. Após a leitura silenciosa dos alunos a professora especialista realizará a leitura do texto em voz alta a todos os alunos, explicando que a notícia é um gênero textual que apresenta um relato integral de um fato ocorrido recentemente e suas decorrências e que o objetivo da notícia é estruturar um texto que corresponda ao seu público-alvo e de recepção é atingi-lo a contento, mantendo a sua audiência informada e atualizada.

Em seguida será feita a interpretação oral do texto com os alunos enfatizando a necessidade do respeito ao próximo, assistiremos um vídeo intitulado: “Expressões Racistas que você precisa extinguir do seu vocabulário” de Jéssica Carneiro (5:30min) e faremos uma discussão sobre ele e suas peculiaridades, sempre incentivando a todos a se expressarem e de forma especial incentivar o aluno que tem dificuldade para falar em público. Avaliaremos oralmente as aulas e daremos *feedback* aos alunos de suas participações e compreensão no decorrer das aulas, isto será feito oralmente e de forma geral, dando um enfoque maior aos acertos e as participações.

Nas próximas aulas (duas aulas consecutivas) iremos revisar com os alunos o que foi trabalhado na aula do dia anterior e depois iremos ao laboratório de informática pesquisar palavras ou imagens que refletissem o desrespeito, esta pesquisa também será em duplas enquanto um aluno pesquisa no google o outro registra as informações, tendo os professores como mediadores, as palavras serão registradas e as imagens impressas com o auxílio das professoras. Em seguida voltaremos a sala e elaboraremos cartazes com o material que haviam coletado e os alunos poderão se organizar em grupos de quatro alunos para socializarem os materiais e as informações e elaborar sua produção em forma de cartaz.

As professoras explicarão como será a elaboração dos cartazes e auxiliarão no decorrer da produção dos alunos, depois faremos uma socialização das produções de cada equipe e o que aprenderam com esta atividade, suas dificuldades e êxitos e exporemos os trabalhos no mural

escolar. A avaliação transcorrerá de forma contínua por meio das atividades elaboradas nas aulas e a participação dos alunos em cada atividade.

As atividades e ações serão organizadas da seguinte forma:

| ATIVIDADES | AÇÕES |
|------------------------------|---|
| Organização da sala | A sala será dispostas em grupos de trabalhos onde os alunos poderão junto aos seus professores, organizar seu processo de aprendizagem de forma a suprir suas necessidades educativas, sempre contando com o apoio de seus professores (regular e especializado), sendo um espaço compartilhado entre os dois professores para que se possa trabalhar o ensino colaborativamente. |
| Instruções para todo o grupo | As instruções serão dadas aos grupos para que se organizem em duplas, em alguns momentos e em grupos em outros de forma que todos possam compartilhar os materiais disponíveis para pesquisa e trabalho e possam discutir estratégias para a resolução das atividades de forma que todos possam participar. Na conclusão da atividade informar ao aluno o que vai acontecer na próxima atividade. |
| Agrupamento | Os agrupamentos serão pensados anteriormente de forma que haja em todos os grupos alunos de diversos níveis de aprendizagem para que possa haver colaboração entre os pares, para isso haverá a decisão dos alunos e a intervenção das professoras. |
| Localização do professor | Os professores (regular e especializado) terão o espaço da sala para auxiliar os alunos no decorrer das atividades de forma que possam suprir as dúvidas, que surgirão, bem como fornecer as informações necessárias. |

H. AVALIAÇÃO

A avaliação levará em consideração a aprendizagem dos conteúdos e a apreensão dos mesmos pelos estudantes, não sendo atribuído notas ou valores de desempenho, mas uma análise da apropriação do conhecimento e reflexões entre os atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que "... o professor deseja que os próprios aprendizes resolvam os conflitos dos seus grupos,

assim como as questões de participação.” (MATTHEWS et al., 1995). Contribuindo assim para que os alunos sejam estimulados a uma “...socialização no processo de ensino-aprendizagem, em que indivíduos em grupos solucionam problemas em comum e, acima de tudo, constroem conhecimento socialmente relevante” (IRALA, 2005).

I. REFERÊNCIAS

CARNEIRO, j. Expressões Racistas que você precisa eliminar do seu vocabulário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkU8MX24HOc>. Acesso em março de 2022.

IRALA, E.A.F. **A comunicação mediada por computador no ensino-aprendizagem da língua inglesa: uma experiência com o programa AMANDA de discussões eletrônicas.** Curitiba, 2005. 250 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

MELLO, Alessandra de Fatima Giacomet; HOSTINS, Regina Célia Linhares. **Construção mediada e colaborativa de instrumentos de avaliação da aprendizagem na escola inclusiva.** *Revista Educação Especial*, v. 31, n. 63, p. 1025-1038, 2018.

MENDES, E.G.; VILARONGA, C.A.R. **Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores.** *Rev. bras. Estud. pedagog.* (online), Brasília, v. 95, n. 239, p. 139-151, jan./abr. 2014.

RABELO, L. C. C. **Ensino colaborativo como estratégia de formação continuada de professores para favorecer a inclusão escolar.** 200 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2012.

SCHNEIDER. Márcia Sueli Pereira da Silva. **O Planejamento De Aula Em Dois Contextos: Do Institucional Ao Colaborativo** (PUC-SP/CAPES). Disponível in http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CBLA_VII/pdf/036_schneider.pdf pesquisa realizada em 12/10/2021.

MATTHEWS, R.S.; COOPER, J.L.; DAVIDSON, N.; HAWKES, P. Building bridges between cooperative and collaborative learning. *Change*, v. 27, p. 35-40, 1995. Disponível em: TORRES E IRALA. **Aprendizagem colaborativa: teoria e prática.** Acessado em 20. out. 2021

MENDES, E.G.; VILARONGA, C.A.R. ZERBATO, A.P. (2014). **Ensino Colaborativo como apoio à inclusão escolar – unindo esforços entre educação comum e especial.** São Carlos: Eufscar. 2014

PLANO DE AULA XXVI

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino:
 Professor da disciplina:
 Professor de Educação Especial:

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): **Língua Portuguesa**

B – SÉRIE/ TURMA: 8º ano

| | |
|--|--|
| C - UNIDADE TEMÁTICA: PRODUÇÃO DE TEXTO | |
| <p>Objetos do conhecimento (conteúdo):</p> <p>Produção de Textos: Crônicas</p> | <p>Objetivos de aprendizagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o olhar para as diferentes temáticas em diferentes crônicas exploradas. - Identificar características de uma crônica. - Construir uma crônica conjuntamente (grupo) e uma individual (áudio). |

D – RECURSOS:

Humanos: professora do AEE-I e de Língua Portuguesa

Materiais: quadro negro, celular, fone de ouvidos, diferentes crônicas.

E – DESENVOLVIMENTO:

Em um primeiro momento, a especialista do AEE- I construiu o Plano de Desenvolvimento Individualizado- PDI do estudante autista do 8º ano, em colaboração com a professora de Língua portuguesa e eu, técnica do NRE.

O conteúdo escolhido pela docente foi o gênero narrativo “Crônica”.

O estudante possui maior foco e atenção quando está com o fone de ouvido, visitando os conteúdos, assistindo vídeos ou lendo os textos em seu celular.

Direcionamento ao estudante do link https://escrevendoofuturo.org.br/caderno_docente/pagina_cronica/introducao-ao-genero, via WhatsApp, para reconhecimento do gênero textual. Após sua primeira observação, a professora verificará como o estudante internalizou o conteúdo, através de revisão e questões chaves para que o estudante verbalize o que entendeu.

Em seguida, será disponibilizado, outro link https://escrevendoofuturo.org.br/caderno_docente/pagina_cronica/sobre-a-cronica para melhor especificações do conteúdo ao estudante, também com suporte do professor, ao final da leitura do estudante.

Para finalizar, o estudante, juntamente com os outros estudantes, pois será projetado na tela da sala de aula algumas crônicas com diferentes temáticas, identificarão as crônicas de diferentes autores, com leituras dinâmicas, disponíveis no link: https://escrevendoofuturo.org.br/caderno_docente/pagina_cronica/coletanea/

A atividade da sala de aula será a construção dinâmica de um conto, através de construção coletiva, onde a professora da Língua Portuguesa será a escriba, com registro no quadro negro.

Importante reconhecer:

Fernando Sabino escreveu que “crônica é tudo o que o autor chama de crônica”.

F - AVALIAÇÃO:

O estudante será avaliado através da construção de uma crônica, oralmente, utilizando o celular na produção de um áudio, além da avaliação de todo o processo educacional que o estudante tenha desenvolvido.

G - REFERÊNCIAS:

Olimpíada de Português. **A ocasião faz o escritor: sobre crônicas.** Disponível em: https://escrevendoofuturo.org.br/caderno_docente/pagina_cronica/sobre-a-cronica/ Acesso em 05 abril 2022.

Olimpíada de Português. **A ocasião faz o escritor: Introdução ao gênero.** Disponível em: https://escrevendoofuturo.org.br/caderno_docente/pagina_cronica/introducao-ao-genero/ Acesso em 05 abril 2022.

Olimpíada de Português. **A ocasião faz o escritor: coletânea.** Disponível em: https://escrevendoofuturo.org.br/caderno_docente/pagina_cronica/coletanea/ Acesso em 05 abril 2022.



PLANO DE AULA XXVII

I. IDENTIFICAÇÃO

Instituição de Ensino: XXXXXXXX
 Professor da disciplina: XXXXXXXX
 Professor de Educação Especial: XXXXXXXXXX

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Língua Portuguesa

B – SÉRIE/ TURMA: 1º ano do Ensino Médio

| C - UNIDADE TEMÁTICA: Discurso como Prática Social | |
|--|---|
| <p>Objeto do conhecimento</p> <p>Artigo de Opinião.</p> | <p>Objetivos de aprendizagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Efetuar leitura compreensiva, global, crítica e analítica de textos verbais e não verbais; • Identificar o tema/tese do texto; • Identificar as informações principais e secundárias no texto. |

D. RECURSOS:

- Texto impresso
- Caderno
- Lápis
- Borracha
- Notebooks

E. DESENVOLVIMENTO

Aula 1 – Duração 50 min.

Primeiro a turma será dividida a turma em duplas, cada dupla irá receber um texto impresso - artigo científico: Vantagens e desvantagens das novas tecnologias - Hadassa Silva e Rosane Lia Ravache.

Em dupla deverão ler e identificar no texto as vantagens e desvantagens do uso da tecnologia e anotar no caderno.

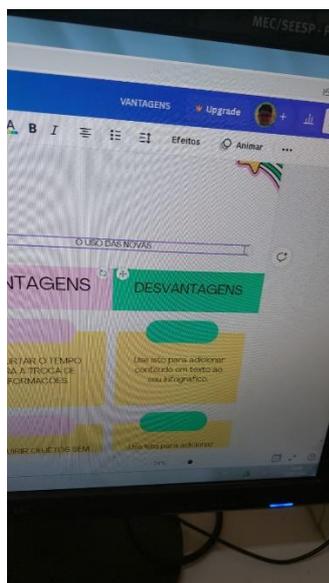
Aula 2 – Duração de 1h e 40 min

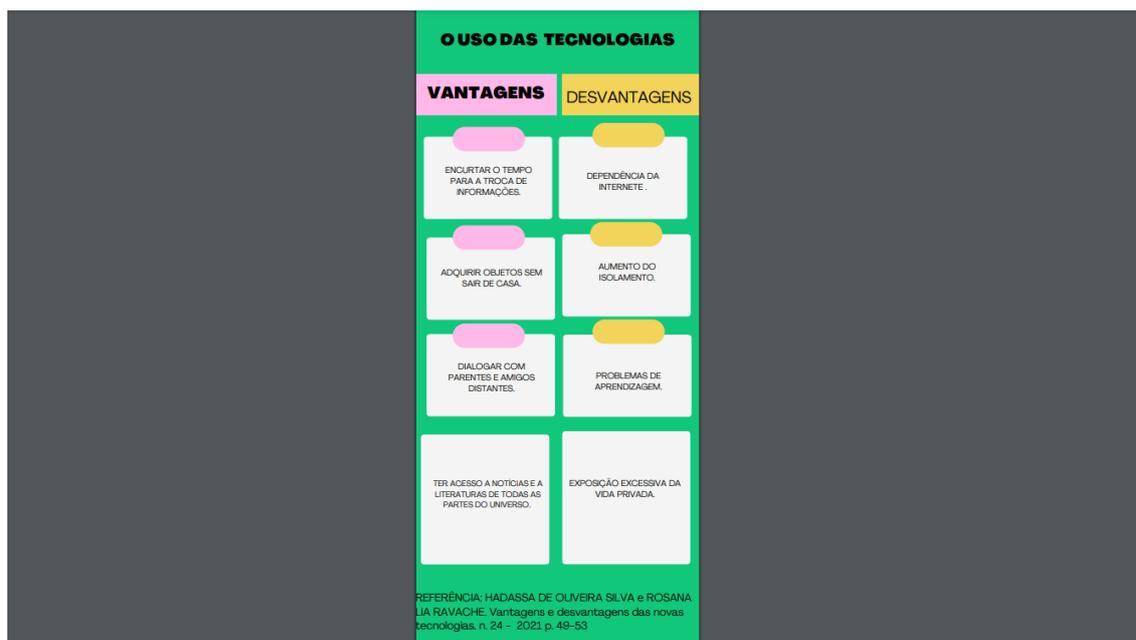
Nessa segunda aula, os alunos irão socializar em voz alta e com a ajuda da professora as vantagens e desvantagens identificadas no texto. Nesse dia também será explicado a atividade da próxima aula que será realizada no laboratório de informática utilizando a plataforma Canva (plataforma de design gráfico que permite aos usuários criar gráficos de mídia social, apresentações, infográficos, pôsteres e outros conteúdos visuais) de um infográfico com as vantagens e desvantagens do uso da tecnologia.

Na aula seguinte já no laboratório, todos os alunos irão sentar-se em dupla em frente aos computadores e utilizarem a plataforma Canva, a professora do componente curricular língua portuguesa e a professora de apoio a aprendizagem do aluno com diagnóstico do Espectro Autista em parceria com a irão mediar as atividades para que construam um infográfico.

Aula 4 – Duração de 50 min

Nesta aula as duplas irão socializar com foi a realização da atividade e o que compreenderam do artigo. A professora irá projetar em sala de aula o material produzido pelos alunos (Infográfico) e reforçará a importância e os cuidados na utilização da tecnologia.





F. REFERÊNCIAS:

ILVA, H. de O.; RAVACHE, R. L. **Vantagens e desvantagens das novas tecnologias.** Revista Eletrônica do UNIVAG - Connectionline n. n24. 2021, p. 49-53.

TEIXEIRA, C. M. F. **INOVAR É PRECISO: CONCEPÇÕES DE INOVAÇÃO EM EDUCAÇÃO DOS PROGRAMAS PROINFO, ENLACES E EDUCAR.** FLORIANÓPOLIS, 2010.

PLANO DE AULA XXVIII

I. IDENTIFICAÇÃO:

| Dados de identificação | |
|--------------------------------------|--------------|
| Instituição: XXXXXXXX | |
| Turma: 6º Ano A | Turno: tarde |
| Disciplina: Língua Portuguesa | |
| Docente: XXXXXX | |
| Docente de Educação Especial: XXXXXX | |

II. PLANO DE AULA

A - COMPONENTE CURRICULAR (disciplina): Língua Portuguesa

B – SÉRIE/ TURMA: 6º ano

| C - UNIDADE TEMÁTICA: Discurso como Prática Social | |
|---|---|
| <p>Objeto do conhecimento: Leitura, oralidade e escrita: Gênero textual - Fábula</p> | <p>Objetivos de aprendizagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Efetuar leitura compreensiva, global; • Identificar o gênero do texto; • Identificar as informações principais e secundárias no texto. |

D. RECURSOS:

Livro de literatura – A cigarra e a formiga;
Notebook;
Aparelho multimídia;
Folha sulfite;
Fita crepe;
Lápis de cor.

E. DESENVOLVIMENTO

Será trabalhado o conteúdo fábulas, pois as mesmas são uma **composição literária** em que os personagens são **animais e que apresentam características humanas, tais como a fala, os costumes**, etc. Estas histórias são geralmente feitas para crianças e terminam com um ensinamento moral de caráter instrutivo.

A aula terá início com a leitura da Fábula: A Cigarra e a Formiga – a professora contará a história mostrando as gravuras do livro. Em seguida as crianças serão organizadas em um grande círculo, em que o livro passará de mão em mão, para que todos possam manuseá-lo. Enquanto o livro circula pela mão dos alunos serão questionados: Vocês conhecem pessoas que trabalham muito, para não deixar faltar nada em casa? Conhecem pessoas que não se preocupam com o futuro, pois sabem que alguém vai sempre as ajudar na hora que necessitar? Já pensaram o que serão no futuro? Quem estava certo, a cigarra que ficou cantando o verão inteiro ou a formiga que ficou trabalhando?

Após a reflexão da história e interpretação oral, será possibilitado aos alunos que façam a leitura e interpretação de texto. Os alunos receberão um texto da autora Ruth Rocha da fábula, estes ler em voz baixa e após alguns minutos, será solicitado para alguns alunos que leiam o texto em voz alta para professora e colegas.

A CIGARRA E A FORMIGA

A CIGARRA PASSOU TODO O VERÃO CANTANDO,
ENQUANTO A FORMIGA JUNTAVA SEUS GRÃOS.
QUANDO CHEGOU O INVERNO, A CIGARRA VEIO À CASA
DA FORMIGA PARA PEDIR QUE LHE DESSE O QUE COMER.
A FORMIGA ENTÃO PERGUNTOU A ELA:
_ E O QUE VOCÊ FEZ DURANTE TODO O VERÃO?
_ DURANTE O VERÃO, EU CANTEI. _ DISSE A CIGARRA.
È A FORMIGA RESPONDEU:
_ MUITO BEM, POIS AGORA DANCE!
FÁBULAS DE ESOPÓ, RUTH ROCHA, FTD

- 1_ O TEXTO É UM:
 POEMA
 LENDA
 FÁBULA



2- ESCREVA O TÍTULO DO TEXTO.

3- QUEM SÃO OS PERSONAGENS?

4- QUEM DISSE CADA UMA DESTAS FRASES?

_ DURANTE O VERÃO, EU CANTEI.

_ MUITO BEM, POIS AGORA DANCE!

5- DÊ A SUA OPINIÃO A RESPEITO DE CADA PERSONAGEM
DESTA FÁBULA

Após a leitura do texto os alunos deverão responder as perguntas solicitadas.

Será exibido um recorte da fábula A Cigarra e a Formiga, retirada <https://www.youtube.com/watch?v=rZ3YzDYxvqY>

Para finalizar o trabalho, os educandos deverão ilustrar o que entenderam da fábula. E suas ilustrações serão expostas em sala de aula.

F. AVALIAÇÃO:

Avaliação será de forma contínua e sistemática, ou seja, através da oralidade, desenhos e da participação será observado se houve apropriação do conhecimento científico pelos alunos.

G. REFERÊNCIAS

<https://www.youtube.com/watch?v=rZ3YzDYxvqY>

PLANO DE AULA XXIX

I. IDENTIFICAÇÃO

PROFESSOR DE QUÍMICA: XXXXXXXX

PROFESSORA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL: XXXXXXXX

DISCIPLINA: Química

NÚMERO DE AULAS: 1 – (50min).

TRIMESTRE: 1º ANO LETIVO: 2021 TURMA: 1º ANO - ENSINO MÉDIO

II. PLANO DE AULA

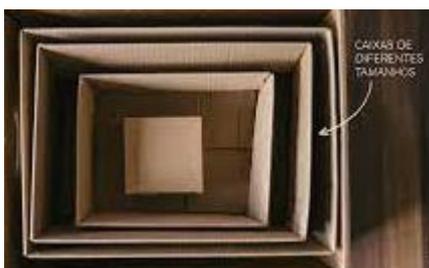
CONTEÚDO: A estrutura da matéria - O átomo e a escala microscópica.

ÁREA: Ciências da Natureza e suas Tecnologias (CNT)

OBJETO DE CONHECIMENTO: Constituição da Matéria

HABILIDADE DA ÁREA: EM13CNT201 - Analisar e discutir modelos, teorias e leis propostos em diferentes épocas e culturas para comparar distintas explicações sobre a constituição dos átomos.

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS: Inicialmente, o professor deverá preparar uma caixa média na qual será inserida outra caixa de tamanho menor e assim sucessivamente, perfazendo o total de 4 caixas uma dentro da outra. Dentro da última caixinha o professor colocará diferentes objetos. Conforme a figura abaixo.



Fechando uma caixinha dentro da outra, o professor terá no final uma única caixa.

Em sala de aula o professor irá dispor os alunos em círculo e ao centro colocará a caixa preparada anteriormente.

O professor inicia a discussão sobre o método científico e como os cientistas realizam seus ensaios experimentais, observações e como relatam as conclusões. Nesse momento é exposto a questão problema: “Como os cientistas podem desenvolver hipóteses e relatar conclusões sobre algo que não se vê?”

Com a questão problema, o professor conduz os alunos a observarem a caixa e

amplia o problema: “O que tem dentro da caixa?”

Nesse momento é solicitado aos alunos que relatem suas observações como: cor, tamanho, massa, odor.

Em seguida, passando a caixa nas mãos de cada aluno, é solicitado que observem e sintam para responder as perguntas levantadas pelo professor:

- Existe algo dentro da caixa?
- Quantos objetos existem dentro da caixa?
- O objeto rola?
- O objeto tem som?
- O Objeto tem odor?
- Pode ser metal?

Após a discussão e coleta de dados, o professor explica a relação existente entre o estudo do átomo e a caixa. Com isso, ele abre a caixa e revela uma nova caixa com outras cores e novos detalhes.

Na sequência, o professor explica que a curiosidade e o questionamento são partes fundamentais para a prática científica e instiga os alunos a coletarem novos dados para que em seguida consiga abrir a caixa.

Ao final da prática, antes de abrir a última caixa, os alunos devem apresentar suas hipóteses sobre como deve ser os objetos dentro da caixa, assim como os cientistas realizam para descrever o átomo microscopicamente.

O importante dessa prática é a possibilidade de o aluno usar seus sentidos e principalmente sua capacidade de observação.

É uma atividade pensada, para atender a todos os alunos. Colocando o estudante como protagonista do desenvolvimento do conhecimento, pois ele participa ativamente na construção do saber.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua e sistemática.

O instrumento avaliativo utilizado é a atividade em grupo, cujo objetivo é verificar os conceitos e elaborações feitas pelo próprio aluno.

Os critérios avaliativos: verificar se os objetivos propostos foram atingidos, bem como o grau de dificuldade sobre o conteúdo.

REFERÊNCIAS:

Projeto Político Pedagógico e Proposta Pedagógica Curricular da Instituição de Ensino – PPP/PPC

PLANO DE AULA XXX

I. IDENTIFICAÇÃO

PROFESSOR: XXXXXXXXXXXX

PROFESSORA DE AEE: Intérprete de Libras

TURMA: 1.º Ano Ensino Médio

DISCIPLINA: Educação Financeira

NÚMERO DE AULAS: 1 – (50min).

II. PLANO DE AULA

A. OBJETO DE CONHECIMENTO:

Educação Financeira - Integração do aluno com o mundo do trabalho.

B. OBJETIVO DE APRENDIZAGEM:

Por meio do material preparado para toda a turma, que envolvia a leitura de um texto que continha diversas possibilidades de gerar renda por meio de trabalho lícito.

C. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS:

- Apresentar material com várias possibilidades de os alunos escolherem uma modalidade de trabalho e justificá-la;
- Após a leitura do material os alunos deveriam escolher uma profissão e fazer um relato de como iria conduzir as atividades da profissão;
- O aluno deveria analisar os ganhos, o tempo disponível de trabalho e os recursos necessários.

D. AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de maneira contínua e sistemática, observando sua participação e compreensão do conteúdo, através da realização das atividades e trabalho proposto.

Os instrumentos avaliativos serão a realização das atividades propostas (participação da aula, desenho, execução do questionário).

Os critérios avaliativos serão:

- Apropriação do conceito de geração de renda.
- Análise crítica a respeito das escolhas do aluno.

OBSERVAÇÃO: O aluno surdo participou e deu sua opinião e sugestões através da língua brasileira de sinais e a professora intérprete traduziu para os demais colegas. Na sequência fez o registro no caderno.

E. REFERÊNCIAS:

Me Poupe! / Nathalia Arcuri. Rio de Janeiro: Sextante, 2020

Pai rico, pai pobre para jovens: o que a escola não ensinou sobre o dinheiro / Robert T. Kiyosaki; tradução de Alexandre Feitosa Rosas. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

<https://blog.estacio.br/futuro-profissional/tipos-de-emprego/>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio_\(agenda\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio_(agenda)).

F. ANEXO

